

O que eles não imaginam é que
o terror está prestes a recomeçar

(Im)Perfeição

Helena Souza



Helena Souza

(Im)Perfeição

Publicação independente

2ª Edição

Copyright © 2016 *by* Helena Souza

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento, distribuição ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível -, sem o consentimento da autora.

Descobri que o processo de criação de livro é como o preparo para uma maratona e a corrida nela. Você começa com muita animação, mas algum tempo depois aquilo começa a te desgastar. Mas te faz tão bem! Então, quando você finalmente termina, fica tão contente que mal espera para a próxima vez. Obrigada Barbara Herdy, Sofia Sampaio e Jorge Castro por serem meus “personal trainers”.

Para as empresas campo-grandenses: Auto Posto Vilaça, Moda Brasil Baby, Ótica Okulares, Colchão.com e FVV Locadora de Veículos LTDA, meu mais sincero agradecimento por ter investido em mim. Sem a ajuda, seria quase impossível realizar esse sonho. Obrigada!

Capítulos

- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [O Final](#)
- [Carta da autora](#)
- [Autora](#)



Capítulo 1

Poderiam me encontrar, nesse exato momento, em qualquer outra cidade mais avançada do que Forest Hill. Como por exemplo, algum grande ateliê fazendo jus ao meu diploma em Artes Visuais da Universidade do Estado da Flórida. Também poderiam me encontrar na cama com meus mais belos sonhos. São cinco horas da manhã e, na realidade, estou saindo do banho. Não que eu esteja reclamando de tomar banho, do meu emprego ou da minha cidade, nada disso, estou aqui porque eu quero, eu escolhi. Mas algumas vezes gosto de ficar imaginando coisas que poderiam acontecer se *o agora* não fosse a minha realidade. É como se eu fosse a “garota ‘e se’”, não a do tipo que perde oportunidades que a vida dá, mas sim a que consegue enxergar tantas que simplesmente não consegue agarrar todas. Se não me sentisse tão responsável por minha família, certamente seria a típica pessoa acusada de querer abraçar o mundo com as pernas e que sempre rebateria isso justificando que meus braços eram muito curtos.

Hoje acordei mais animada, é o meu último dia no emprego antes das férias. Não que eu queira ficar longe da minha chefe, até porque isso seria impossível, já que trabalho com a minha mãe. Pode soar um tanto estranho quando falo que trabalho com ela, ainda mais por ser uma área que não tem nada a ver com minha formação. Durante meu tempo na universidade, recebi muitos conselhos de professores para que eu fizesse mestrado ou aceitasse alguma proposta de emprego, e claro, muitas reações negativas quando disse que precisava voltar para minha cidade a fim de ajudar minha mãe.

As Fields têm uma padaria, trabalho nela desde quando foi aberta, há dez anos. Até os meus vinte ajudava nas vendas no balcão, então entrei na universidade, passei quatro anos fora e, agora que voltei, trabalho com as entregas. Minha mãe é Bonnie Fields, tem o cabelo castanho-claro, quase puxado para o loiro, os cachos caem contornando seu rosto comprido, sua feição é séria, fazendo com que muitos achem que ela é sempre carrancuda, mas a realidade é que ela é uma pessoa que ri por qualquer coisa, inclusive com a simples frase “não ria”. Sério, Chloe e eu já fizemos esse teste, ela realmente ri se você falar para ela não rir.

Fui para meu quarto e abri a janela, vi que o sol ainda não havia nascido, apesar de alguns raios começarem a aparecer. A rua estava parada, não se ouvia nada além de uma ou duas buzinas bem ao longe. Forrest Hill não era uma cidade pequena, mas também não era uma cidade enorme, ela conseguia encontrar o equilíbrio perfeito entre esses dois extremos. Terminei de me arrumar enquanto discutia comigo em pensamento se eu tomaria café ou não, tendo em vista a minha mania de sempre chegar atrasada nos lugares. Para não ser fonte de reclamações, decidi pegar qualquer fruta que estivesse em cima do balcão e que depois correria até a padaria, onde certamente os primeiros pães já começavam a ficar prontos.

Desci as escadas e Chloe já estava em pé, bom, tecnicamente, já que se via somente um ser esparramado no sofá com os cabelos ainda desgrehados. Ela é a minha irmã mais nova, tem 16 anos e é a perfeita junção de todos da família: tem o maxilar quadrado de

meu pai, minhas bochechas grandes e o cabelo de minha mãe, sendo o de Chloe totalmente loiro.

— Vê se não perde o horário hoje, não dá para você ficar sendo barrada nas aulas por causa de atrasos — falei pegando uma maçã e tentando ignorar o quão isso soava errado por ser eu quem dizia a frase. A rainha dos atrasos alertando a irmã sobre não os cometer. Olhei para o sofá e vi somente um polegar sendo levantado.

Assim como eu, Chloe costumava chegar tarde nos lugares, mas com uma diferença: ela chegava porque queria. Se dissesse para estar às 8h na escola, ela chegaria apenas 8h30min, mas, se dissesse para chegar às 9h no shopping, por exemplo, era o relógio marcar 8h30min que Chloe já estaria esperando todos no local combinado.

Sem esperar por qualquer outro tipo de interação ou reação com respeito a ela, andei apressadamente até o quintal, subi na minha bicicleta e fui para a padaria. Minha mãe já estava por lá desde as 4h da manhã, ela gosta de abrir mais cedo para ter um momento somente dela e de seu negócio. Faz tipo um ritual todos os dias, dentro da cozinha da padaria ela fecha os olhos e fica relembrando as coisas boas que aconteceram em sua vida até aquele dia. Eu, de certa, forma consigo entender isso, Bonnie já passou por muitas dificuldades na vida. Meu avô foi operário de uma fábrica, se aposentou por invalidez devido a um problema na coluna causado no local de trabalho e minha avó foi dona de casa durante toda sua vida. Então, para o lar em que moravam mais quatro filhos ter uma condição decente, minha mãe e seus irmãos começaram a trabalhar desde cedo. E ainda havia a história de meu pai... mas nessa eu não quero pensar no momento. Ou melhor, pensar o menos possível durante o resto de minha vida.

Dei bom dia para uma ou duas pessoas conhecidas que já estavam na rua, coisas que acontecem quando você mora na mesma casa desde quando nasceu. Era quase seis da manhã e o canto dos pássaros preenchia o silêncio dos veículos. Mais um motivo para acrescentar na lista de “Motivos pelo qual Sophie Fields voltou para Forest Hill”, se eu continuasse em Tallahassee, era bem provável que não escutaria isso no bairro que moraria.

Coloquei minha bicicleta no beco que ficava entre a padaria e uma loja de sapatos, ali tinha uma entrada lateral que dava diretamente na cozinha, escolhia sempre entrar por lá pelo simples fato de ser o caminho mais curto para pegar um pão. Uma das vantagens de sua mãe ser dona de um negócio de alimentos. Peguei um daqueles pães compridos cobertos de queijo, uma das especialidades da minha mãe, nenhuma outra padaria da região fazia algo tão gostoso quanto esses pães. Modéstia à parte, claro.

— Já estava pensando que deveria fazer outra leva — ouvi aquela voz tão conhecida por mim e meus olhos foram diretos para a porta que dividia a parte comercial da padaria e da cozinha, minha mãe estava escorada na parede, com os braços cruzados.

Eu, que estava mastigando, parei na hora e dei um sorriso sem-graça para ela. Coloquei o pão na mesa e terminei de engolir, limpando minhas mãos em um pano de prato que estava ali perto.

— Não precisa, já cheguei. — disse como uma típica cara de pau. A primeira entrega era para ser realizada daqui a meia hora, um tempo menor do que demorava a chegar até o primeiro local — Bom dia! — completei com um sorriso e o peito estufado, reunindo um

bom humor que até o momento eu não sabia direito se ele já estava pronto para ser usado ou não, mas tinha a certeza de que Bonnie estava imaginando onde guardaria tanto óleo de peroba.

Fui até o balcão pegar todas as encomendas, Louise já estava ali e parecia ter acordado em um bom dia. Ela é uma recém-contratada, quando chegou em Forest Hill, Louise não tinha moradia, emprego e também não conhecia ninguém, o passado dela é do grupo dos complicados. Há seis meses veio pedir trabalho e minha mãe deu um por pena. Apesar de sua aparência atípica para os moradores conservadores da região, ela conseguiu se adaptar bem.

Louise tem um modo de se vestir agressivo que se contrasta com seu rosto de boneca, o cabelo loiro cortado no estilo *joãozinho* com uma franja lateral na altura da orelha divide a atenção com as bochechas rosadas naturalmente e seu nariz delicado. Tatuagens variadas estão espalhadas em seu corpo, todas que saem com o tempo porque, apesar da pose, Louise morria de medo de agulhas, e o batom vermelho destaca seus lábios carnudos.

— Bom dia, Louise — falei acenando de longe para ela e indo até a cesta que já estava com os produtos separados.

— Bom dia Sophie, perdeu o Sr. McBrian hoje – ela me respondeu com um tom risonho.

McBrian era um senhor que ia todos os dias na padaria e ficava cerca de vinte minutos olhando todos os pães, fila por fila, tipo por tipo, decidindo qual levar, como se tivesse opção nova ou se do nada surgisse alguma. Louise e eu costumamos fazer apostas sobre qual ele iria escolher no dia.

— E como foi hoje? – perguntei, normalmente era ela quem acertava as escolhas dele.

— Hoje ele ia bater o recorde, ficou quase trinta minutos, então chegou a Sr^a. Martinez e pediu pão árabe. Adivinha o que ele escolheu comprar — ela agora tentava conter uma risada, Rosa Martinez era uma mulher por quem McBrian tinha uma queda, ele procurava vir nos mesmos horários que ela costumava aparecer por aqui. Outro motivo para a escolha demorar tanto: ele esperava pela chegada dela.

— Estou indo, até mais Louise — disse em meio a uma risada que não consegui segurar. Talvez um dia ele finalmente fale alguma coisa para ela, quem sabe.

— Boas férias! — escutei me responder enquanto eu saía pela porta da frente.

Não costumo ir de bicicleta para fazer as entregas porque (1) a primeira parada era no limite da área urbana e (2) não dá para uma pessoa, que vez e outra está atrasada, se arriscar com uma. Coloquei a cesta no banco de trás do carro da padaria e mentalmente fiz o roteiro daquela manhã: primeiro o casal Rickenter, em seguida a mercearia perto de minha casa e, por último, o departamento de polícia.

O casal Rickenter era quase sexagenário, morava em uma casa que ficava entre a área urbana e rural da cidade, ela era próxima a um pântano da região, somente os dois residiam ali, eu ainda não sabia muita coisa sobre eles, há pouco tempo comecei a fazer entregas no endereço deles.

Para chegar até a casa é preciso passar por uma subida com pedras e, para uma pessoa que

geralmente se confunde nas marchas do carro, esse era o momento que eu considerava como de total superação. A sr^a Rickenter já me esperava na varanda, ela estava sentada em sua cadeira de balanço, fazendo seu tricô. Eles me lembravam aqueles típicos avôs que vemos em filmes, apesar das rugas estarem aparecendo somente agora.

Eu tinha uma forte impressão de que eles na verdade criavam essa situação de “casal idoso que mora afastado de todos”, talvez o modo de vida que eles levavam antes fez com que esse desejo surgisse, apesar de ainda não saber onde que costumavam a trabalhar.

Parei o carro próximo a casa deles, mas não muito perto, sentia que eles poderiam ficar incomodados caso fizesse isso. Invasão de privacidade ou algo parecido.

— Bom dia, sr^a Rickenter – a cumprimentei ao me aproximar da varanda, o sol começava a esquentar e comecei a sentir gotículas de suor surgindo na minha testa, apertei o passo para que chegasse mais rápido até a sombra.

— Bom dia, pequena, como tem passado? – ela perguntou, se levantando da cadeira.

Meu rosto automaticamente iria fazer uma careta, mas percebi a tempo para poder contê-la. Não me importo com apelidos fofos, mas me chamar de pequena já acho que não seja muito apropriado, tenho 1,73m, isso não é ser pequena. Mas encarei com tranquilidade, a sr^a Rickenter tinha essa mania de ficar me chamando de apelidos do tipo, como se eu fosse neta dela.

— Estou muito bem, e a senhora? Não vejo o sr. Rickenter hoje na varanda – disse olhando por cima dos ombros dela, o marido sempre costumava estar sentado em uma cadeira com almofadas que ficava ao lado da cadeira de balanço.

— Ele deu uma saída, estamos achando que algum animal está querendo se aventurar fora dali. – ela disse apontando para a floresta – Venha, entre, você deve estar um pouco cansada de ter que ficar mexendo com volante, pedais e câmbio – a sr^a Rickenter apontou para sua casa e em seu rosto havia um sorriso sereno.

Arregalei meus olhos e sorri agradecendo o gesto dela. Ainda com a cesta em meus braços, a segui para dentro da casa, era a primeira vez que entrava ali, era pequena, mas parecia que caberia tudo o que o casal tivesse vontade de colocar. A cozinha ficava do outro lado do corredor que nós estávamos atravessando, havia uma estante no meio do caminho, nela estavam várias fotos, em uma rápida olhada consegui ver um pouco da história desse casal. Tinha uma em que ambos estavam acompanhados por policiais em frente ao departamento de polícia e em outra estavam com um garotinho que vestia um macacão e estava com o boné virado para o lado, aparentemente foi tirada em um piquenique. Perguntei a fim de puxar algum assunto com a Rickenter

— Vocês têm um filho? – havíamos entrado na cozinha, onde os armários eram de madeira e tinha uma grande mesa no centro dela.

— Não, apenas uma filha – ela olhou para mim, sentando-se sem pressa alguma em uma das cadeiras da mesa.

— É que vi uma foto de vocês com um garotinho – disse enquanto pegava o pão dela, era um dos caseiros famosos de minha mãe, e o colocava na mesa.

Percebi que a sr^a Rickenter me deu um sorriso forçado, sabe, aqueles sorrisos em que a

pessoa curva somente os lábios e que o olhar vai mudando de direção por cada segundo a mais que a gente fica olhando para ela tentando saber o motivo desse tipo de reação. Não entendi o porquê de ela ter ficado dessa maneira, mas não insisti, já era uma grande novidade eu ter sido convidada para entrar na casa. A senhora foi até a pia, onde pegou uma faca e em seguida algumas coisas para comer com o pão, permaneci no mesmo lugar desde quando entrei na cozinha.

Pensava se já era hora de eu ir, afinal, tinha mais entregas para fazer, mas ela foi mais rápida e fez outro convite – que eu tinha certeza de que era mais por educação do que por querer mesmo

— Não quer ficar um pouco? Tem bolo e café, caso preferir – ela me ofereceu gentilmente.

Achei estranho isso, se bem que, sei que como os vejo quase todos os dias, alguma hora haveria de ter o começo de alguma amizade, coleguismo, seja lá como chamem a relação entre cliente e entregadora. Já estava para abrir minha boca a fim de recusar, agradecendo o convite, quando ouvi um barulho de porta abrindo violentamente, era a da cozinha que dava para os fundos da casa. A sr^a Rickenter e eu olhamos imediatamente para a direção dela e vimos um sr Rickenter bravo, com uma respiração pesada e uma espingarda na mão, imediatamente dei um passo para trás, ver ele naquele estado foi como estar naquelas cenas de filme de terror onde os jovens fogem de algum psicopata. Ok, talvez esteja exagerando um pouquinho, mas eu tinha mesmo levado um susto.

— Santo Cristo, Margareth! – ele exclamou ferozmente olhando para a esposa.

Para mim, mais uma informação sobre o casal Rickenter: o nome da esposa era Margareth. Quem diria que o dia de entregas de hoje iria render tantas surpresas.

Margareth olhou sem entender para o marido e assim fiz eu também, só então que ele notou a minha presença ali. Por poucos segundos Rickenter não disse nada, apenas intercalava seu olhar entre sua esposa e eu, como se estivesse se comunicando telepaticamente com ela, perguntando o que eu estava fazendo na cozinha. Só depois ele decidiu continuar com seu esbravejo

— Esse animal está me deixando louco! Não encontrei uma pata incomum sequer! Mas se ele está rondando aqui nesses últimos dois dias pensando que vai comer as minhas galinhas, ele está muito enganado! – o sr Rickenter andava de um lado para o outro enquanto Margareth balançava sua cabeça negativamente.

— Você tem que fazer uma armadilha para ele, Robert – Pronto, agora eu já sabia o nome de ambos – Deve ser algum animal grande, o barulho que ele faz com as folhas não é o que animal pequeno costuma fazer – ela estava mesmo preocupada.

Eu conseguia ver a tensão de Margareth, esse animal estava colocando medo nela. Completamente absorta no assunto dos dois, quase já ia esquecendo do meu horário quando um alarme apitou, era um aviso para que Margareth tomasse algum remédio.

— Gosh! Preciso ir – disse surpresa com o horário, já eram sete horas da manhã, eu já deveria estar saindo da mercearia! – Muito obrigada sr e sr^a Rickenter, e boa sorte com esse animal, espero que o encontrem logo – me despedi deles, pegando minha cesta e, com passos rápidos, voltei para o carro.

Mal escutei a despedida deles, estava muito concentrada repetindo sem parar as palavras “Como pude, como pude, como pude!”, não me preocupava com o fato de Joe achar ruim o atraso, parecia que ele nunca notava essas coisas, mas me preocupava com esses lapsos que eu costumava ter.

O ponto negativo de usar um carro para entrega é que, em casos como esse, em que eu estava atrasada, não poderia fazer alguma imprudência como quando fazia em cima de minha bicicleta. Tinha que equilibrar minha atenção no trânsito com a minha necessidade de chegar o mais rápido possível.

Estacionei o carro bem na frente da mercearia, as ruas já começavam a encher de pessoas. Meia dúzia delas estava fazendo compras, dei bom dia para elas, novamente eram conhecidos de vista. Joe estava apoiado atrás do balcão do caixa, folheando despreocupadamente uma revista que parecia ser de carros. Ele era uma pessoa que eu achava ser estranha de se lidar, apesar de ter uma aparência bonita: era alto, magro, cabelos negros e um nariz que, bom, tinha certo tamanho avantajado. Ele não demonstrava má vontade ou mau humor, mas não deixava de ser reservado. Não sabíamos muita coisa sobre ele, apenas que era Joe Sherman, já foi casado, tem seus 40 anos e também tem alguma ligação com o estado de Colorado – ninguém sabe o que aconteceu com ele lá, apenas foi encontrada algumas cartas em que o remetente morava naquele estado. Ele tinha essa imagem meio misteriosa que faz com que a gente sinta uma mistura de medo e de curiosidade.

— Bom dia, Joe – disse tentando um sorriso, mas a vergonha pelo meu super atraso falhava com minha intenção.

Joe fechou a revista e a colocou embaixo do balcão, já pegando algumas cédulas. Ele me olhou e sorriu

— Bom dia Sophie, quer sentar? Tomar água? – perguntou quando confundiu meu semblante envergonhado com um de cansado.

— Eu agradeceria imensamente se me desse um copo de água, daqueles bem grandes, sabe? – disse com humor e exagerando com as mãos o tamanho do copo, a fim de que ele continuasse com essa impressão, se ele não estava se importando com meu atraso, eu que não iria importuná-lo com isso.

Joe fez um sinal de ok com as mãos e sumiu no fundo da mercearia, mas em pouco tempo voltou com dois copos cheios de água, meus olhos saltaram com a surpresa

— Muito obrigada Joe, te adicionarei na minha lista de pessoas bondosas – brinquei com ele, não demorando a tomar em grandes goles aquela água.

— Será? – ele disse entrando na brincadeira – Olha que vou ver isso depois.

Ri com o bom humor, como havia dito, Joe sempre fora um cara reservado, mas quando conversava comigo ou com Chloe, parecia se soltar um pouco mais. A não ser quando tentávamos descobrir alguma coisa de seu passado, então ele voltava a manter uma distância figurativa de nós. Chloe e eu já conversamos sobre isso e a nossa teoria é de que ele esteja se interessando por nossa mãe, ainda mais com o fato de que a mercearia está na minha rota de entregas.

Coloquei o último copo em cima do balcão e me despedi de Joe. Agora aquela cesta estava mais leve, restava apenas fazer a entrega no departamento de polícia e o meu dia estaria livre, então iria para o trabalho de Emily e a atormentaria até que ela decidisse tirar uma folga durante a parte da tarde. É dessa maneira que a gente sempre funcionou, ela a certinha e eu a que ficava enchendo a cabeça dela de ideias.

No meio do caminho entre a mercearia e a polícia, fica a minha casa. Sempre dou uma rápida passada nela antes de terminar o meu trajeto. Já deveria ser por volta da oito da manhã, Chloe provavelmente já estava na escola e eu costumava a aproveitar para me recompor, sabe, trocar a blusa, ajeitar o meu cabelo. Ficar apresentável. Havia um motivo especial em toda essa minha preocupação e ele tinha nome e sobrenome: Josh Sanders.

Desci do carro e brincava de ficar jogando a chave no ar enquanto atravessava o quintal, parecia despreocupada, mas notei algo estranho. Algo muito estranho. Não era comum ter uma bicicleta ao lado de casa, ainda mais uma que eu nunca havia visto. Fui até ela para ver se encontrava algo que serviria para identificar o dono ou o motivo de ela estar ali, mas nada, não havia como saber de onde veio ou de quem era. E se alguém estivesse invadido a casa? Se neste exato momento estivessem jogando minhas coisas dentro de uma mochila grande e preta? Não poderia deixar que levassem nada.

Paralisei e considerei por alguns segundos o que eu iria fazer. Peguei um rastelo, que estava escorado na cerca que dividia as propriedades, e o segurei firmemente na altura de meus ombros, o segurava como se estivesse com um bastão de baseball, mas claro, de cabeça para baixo, a fim de que a parte de ferro acertasse de primeira, caso eu tivesse o infortúnio de encontrar o invasor. Abri a porta cuidadosamente, meus dedos se mexiam com o intuito de disfarçar o nervosismo e, ao mesmo tempo, procurar uma maneira que não houvesse alguma possibilidade daquele rastelo cair da minha mão.

Fui até a sala e tudo estava intocável, assim como estava na cozinha. Escutei passos apressados no piso de madeira do andar de cima, respirei fundo e comecei a subir a escada. Tenho total consciência de que o que estou fazendo é arriscado, mas não poderia deixar que um estranho entrasse na minha casa e roubasse minhas coisas. Quando eu estava já no andar de cima, ainda decidindo qual quarto entraria primeiro, uma corrente de ar fechou a porta da entrada. Eu havia esquecido aberta, estava muito preocupada com o intruso para que lembrasse pelo menos de encostar a porta.

— Merda! – reclamei em um sussurro.

No mesmo momento escutei um barulho vindo do quarto de Chloe. Presumi que o intruso estava por ali e fugiu assustado com a porta se fechando, por isso corri até o cômodo e abri a porta de supetão. Gritei e o rastelo em minha mão se mexia continuamente, mas o que era para ser um grito assustador para o ladrão, acabou saindo como um grito assustado. Chloe estava em pé, perto da janela e gritou pior do eu quando ela viu a porta ser aberta e o rastelo em minha mão

— Você quer me matar, Sophie? – ela perguntou, levando uma mão em seu coração, conferindo a rapidez de seus batimentos cardíacos.

— Acho que é você quem quer me matar – respondi, abaixando meus braços e deixando o rastelo de lado – O que você está fazendo aqui?

— O que você está fazendo com esse rastelo? Enlouqueceu? – Chloe me olhava assustada e sem entender o motivo de eu estar ali.

— Eu é que faço as perguntas aqui. – o susto já havia passado e eu estava me recompondo aos poucos – Você não deveria estar na escola? – perguntei estreitando meus olhos, minha irmã estava diferente nesses últimos dias, alguma coisa não estava certa.

— Deveria, mas decidi não ir – ela me respondeu despreocupadamente, sentando na beira da cama e esticando as pernas.

Cruzei meus braços e a fitei. Como assim “decidi não ir”? Na escola em que Chloe estava aprendendo, eu já havia me formado há tempos. Tanto literalmente, como, no caso agora, figurativamente.

— Mas e você? – ela voltou a perguntar.

Eu não sabia direito o que responder, apenas sabia que não iria falar a verdade para ela.

— Eu? – perguntei – Eu estava passando na frente e vi uma bicicleta aqui ao lado. Ou você esqueceu que entre a mercearia e o departamento de polícia existe a nossa casa?

Chloe deu um sorriso amarelo e um silêncio pairou no ar. O olhar dela ia e voltava do chão para o teto, pensei em tentar tirar algo a mais, mas não ia dar tempo. Com ela temos de ser insistentes para conseguir a verdade, e no momento não estou com muito tempo para ser insistente. A olhei de cima a baixo e me virei para retomar meu caminho.

— O rastelo! – a ouvi gritar. Dei meia volta e o peguei.

Antes de descer as escadas e voltar para a entrega final, passei no banheiro e arrumei meu cabelo. Fiz o mínimo que poderia no momento, sem que desse motivo para Chloe fazer alguma pergunta. Essa queda por Josh era algo que quase ninguém sabia e eu pretendia manter assim.

Já fora da casa, coloquei o rastelo no lugar que o peguei e notei que a bicicleta não estava mais ali. Chloe e eu teríamos uma longa conversa no fim do dia, até porque, agora eu iria para a minha última parada. E a mais esperada.

Não demorou mais do que dez minutos de minha casa até o departamento de polícia. Como sempre, havia muitos carros chegando e saindo e um e outro grupo de policiais conversando. Passei por eles e os cumprimentei com um movimento da cabeça, eu os via aqui na frente sempre que vinha fazer entregas. Entrei no prédio e me esquivei de alguns recém-detidos que eram levados pelo braço por policiais carrancudos, tinha uma mulher mais velha sentada em um dos bancos, ela parecia triste e desacreditada, talvez fosse mãe ou esposa de alguém que passou a noite em uma das celas, senti um pouco de pena.

Me aproximei do balcão e lá estava Ryan, ele havia acabado de sair da academia de polícia, cuidava da parte de informações, e quando me viu já sorriu. É estranho quando as pessoas te associam com comida.

— Bom dia, Ryan – disse colocando a cesta em cima do balcão. Naquele momento da manhã ela já estava quase vazia e por isso muito mais fácil para ficar levando de um lado para o outro.

— Bom dia, Sophie. – respondeu olhando para mim, mas logo voltando sua atenção para o

trabalho que estava fazendo no computador – Pediram para deixar no lugar sempre, a salinha da cozinha.

E agora era o momento em que tinha certeza de que sou mesmo sinônimo de comida. Mas até que os entendo, qual outro motivo eu teria para aparecer frequentemente por aqui? Bom, tinha um em especial que me peguei imaginando, mas não acho que um dia isso vá realmente acontecer. Ou talvez aconteça, não é isso que essas revistas feitas para *mulheres modernas* vivem dizendo? Que não é mais tabu a mulher chamar um cara para sair? Antes que eu enlouquecesse com meus pensamentos a mil, respondi um “ok” qualquer para Ryan e fui até a tal salinha da cozinha.

Quanto mais me aproximava, mais o cheiro de café invadia o ar, causando uma resposta de meu estômago. Ainda estava com fome. Onde eu estava não conseguia mais ouvir o barulho das pessoas indo e vindo, apenas atravessava por poucos policiais que estavam em seus minutos de folga ou então os que estavam chegando agora para o turno. Passei na frente de algumas salas e dos vestiários masculino e feminino, sempre que a entrega era para ser deixada naquela imitação de cozinha, me perguntava o motivo de ser tão longe, tenho a certeza de que se Chloe estivesse aqui ela faria aquela típica comparação de que essa salinha ficava em Nárnia.

Não havia ninguém ali, pelo menos desde dez segundos atrás para ser mais exata, já que quando estava entrando dois policiais saíram rindo alto e com xícaras de café na mão. Coloquei a cesta na mesa e retirei os pães e as caixinhas de cookies. Ouvi alguns passos e meu coração acelerou, não o acelerado de medo, de estar fazendo coisa errada ou de estar no local errado, era um tipo diferente. É o que venho sentindo ultimamente quando apareço por aqui. Essa ansiedade, nervosismo, meus pensamentos unicamente em Josh, coisas como “Será que vou encontrá-lo ao sair de alguma sala?”, “Será que é ele ali no fundo?”, “Hoje ele chega que horas?” e coisas do tipo. Parecia que eu estava mesmo apaixonada por ele. Que situação.

Minha vida nunca foi propícia para paixonites. Desde meus quinze anos ajudo minha mãe na criação de Chloe e na padaria, meu pai é um assunto muito delicado que nem mesmo eu gosto de ficar lembrando. Em seguida, quando entrei na universidade e achei que finalmente estava livre para aproveitar todo esse lado despreocupado da vida, aconteceu essa tragédia em Forest Hill. As notícias rodaram rapidamente pelo estado e pelos estados vizinhos. Esse é outro assunto que odeio ficar trazendo à tona, me faz lembrar dos longos meses que eu não podia fazer nada a não ser ficar me convencendo todos os dias de que nada iria acontecer com minha família. Era um sentimento horrível de inutilidade, a expressão “de mãos atadas” nunca havia feito tanto sentido para mim.

Afastando essas péssimas memórias da minha cabeça, notei que os passos tinham silenciado, hesitei um pouco, mas finalmente olhei para trás, e lá estava ele: moreno, alguns centímetros a mais do que eu, o cabelo castanho que tinha o tamanho suficiente para saber que era ondulado e um sorriso incrivelmente bonito. Josh Sanders. No exato momento em que o vi, foi como se eu estivesse sido colocada no topo da mais alta montanha e o ar estivesse rarefeito, eu tentava balbuciar algumas palavras, mas todas as tentativas eram em vão.

Eu até conseguia escutar as risadas de Emily se ela estivesse presenciando a cena, e ainda

ouviria um “A garota cheia de coragem perdeu a fala? É?” vindo dela, motivo esse que me fez decidir que ela não ficaria sabendo de todos os detalhes do encontro de hoje. O semblante sorridente de Josh agora havia mudado para um que demonstrava preocupação

— Não, não, me desculpe Sophie, não era minha intenção te deixar assim, – ele disse se aproximando de mim com as mãos indo de um lado para o outro no ar – não queria te assustar.

Pronto, agora ele achava que tinha me assustado e que eu me amedrontava facilmente. Balancei minha cabeça e dei um sorriso meio sem graça

— Você não me assustou Josh, é que... – eu procurava uma explicação racional-não-apaixonada para minha primeira reação ao vê-lo na porta, mas após alguns gaguejos ele soltou um riso e me interrompeu

— Não precisa se explicar Sophie, sei que algumas vezes posso ter essa facilidade em pegar alguém de surpresa, mas saiba que nem em todas elas são de propósito – ele disse indo até a cafeteira.

O acompanhei com o olhar e com o corpo, me virando conforme ele andava. Mas como se um enorme ponto de interrogação aparecesse em cima de minha cabeça, me perguntei se ele quis dizer que havia feito de propósito agora isso comigo ou se havia sido somente uma impressão minha. Josh encheu uma xícara com café e se virou, apoiando suas costas no balcão e, enquanto bebericava, dizia

— Eu estava saindo do vestiário e te vi passar, sabia que se não viesse logo atrás de você, o pessoal que está chegando da ronda iria acabar com todos esses cookies – o olhar dele foi para uma das caixinhas do biscoito.

Peguei uma dessas caixinhas, abri e ofereci um para ele

— Não seja por isso – estendi meu braço a fim de que Josh alcançasse o cookie que estava dentro da caixa.

— Obrigado – ele agradeceu, mantive meu olhar no dele por mais alguns segundos.

Segundos esses que pareceram uma eternidade, uma eternidade que não me preocuparia em passar dessa maneira. Foram nesses segundos que eu notei que havia chances de Josh me olhar da mesma maneira que eu o olhava, e em que uma voz dentro de mim crescia cada vez mais dizendo “Pode ir garota, pegue ele pra você”.

Mas isso também poderia ser maquinação da minha imaginação. A conversa animada de uma dupla de policiais fez com que o momento acabasse e nós dois olhássemos para eles, ambos nos deram bom dia e os respondemos. Eu já deveria ir embora, me surpreendia o fato da minha mãe ainda não ter me ligado, ela tinha crises com atrasos, ainda mais por eu ter me atrasado na chegada. Peguei minha cesta vazia e já ia saindo

— Até qualquer esbarrão, então – disse me despedindo.

Quando já estava quase fora daquele lugar híbrido de cozinha e sala, ouvi Josh perguntar

— Para quando marcaram a próxima entrega?

Parando na porta, me virei para ele

— Não sei, hoje é meu último dia, entrarei de férias.

Eu podia jurar que o canto dos lábios de Josh desceu por um pouco quando me ouviu dizer aquelas palavras.

— Ah, então... – ele começou a dizer, mas logo parou. Fiquei curiosa e dei um passo para frente, arqueando minhas sobrancelhas para fazê-lo terminar a sentença – Bom. – essa enrolação para falar fez com que os batimentos de meu coração ficassem de uma maneira assustadoramente assustadora.

— Continue Josh – disse, encorajando-o, para que terminasse o que tinha começado a falar.

Funcionou e o que ele disse confesso que realmente não imaginaria escutar, apesar de anteriormente já ter inventado esse momento de várias maneiras em minha cabeça

— É que, não sei se está sabendo, mas ontem um circo chegou aqui na cidade. Não aquele com animais e palhaços escrachados, mas aqueles com piruetas e malabarismos no ar. – ele imitava com uma das mãos no ar os movimentos de rodopios e giros – E quero saber se você está livre hoje à noite – eu ri da tentativa de descrição manual dele e aceitei o convite.

Me segurei, de uma maneira que nunca imaginei que seria necessária, para não sair pulando até o lado de fora. Enquanto um enorme sorriso estampava a minha cara, Eve saiu, cheia de papéis, de uma das salas que eu pensava ser a de cópias, por pouco não esbarro nela. Ela franziu o cenho quando percebeu o que poderia ter acontecido. Não gosto da Eve, por mais que ela tenha uma beleza estonteante com seus cabelos pretos, olhos azuis como o céu em seu rosto redondo, chegando a ter um toque meio sombrio, a detetive nunca mostrava simpatia ou dizia mais do que duas frases.

— Bom dia, Eve – a cumprimentei em uma tentativa de socialização com a detetive esquisita.

— Bom dia – ela me respondeu secamente.

Percebendo que dali eu não conseguiria mais nada, dei um passo considerável para o lado a fim de dar espaço suficiente para ela passar. Eve passou e eu retomei meu caminho, dei tchau de longe para Ryan e voltei para a padaria.



Capítulo 2

Um sorriso teimava em não sair do meu rosto, mesmo achando que já estava totalmente recuperada da alegria que o convite de Josh me causou. É, não estava insistindo muito para que ele desaparecesse. Entrei pela parte da frente da padaria e vi Louise colocando no balcão uns muffins que acabaram de sair do forno, fechei os olhos e respirei profundamente, o cheiro daqueles bolinhos perfumava o ar. Louise me olhou com uma careta engraçada e perguntou

— O que te causa o bom humor? Aposto que não são somente esses muffins.

E ela estava certa, não eram somente os muffins que me faziam sorrir naquele momento. Mas dizem que não podemos espalhar nossa felicidade, pois quando fazemos isso, o perigo de algo dar errado é enorme, por isso dei de ombros e respondi despreocupadamente

— Cheguei atrasada, mas consegui entregar quase que na hora todas as encomendas e as que atrasei, não reclamaram. Há motivo maior para ficar feliz do que ficar sem ouvir a dona Bonnie encrencar conosco? – perguntei retoricamente, mostrando a língua para Louise, ela sabia tanto quanto eu que minha mãe era perfeccionista e sempre estava atrás de quem não fazia seus deveres corretamente.

Louise sorriu e balançou negativamente a cabeça enquanto passava um pano no balcão ao redor do prato com muffins. Olhei para o relógio e vi que ainda eram nove horas. Esse era o lado ruim do meu trabalho: o horário em que as pessoas normalmente estão começando a pegar o ritmo do serviço, já é o horário que eu estava saindo do meu, geralmente passava o resto do dia ajudando um pouco aqui, um pouco ali, organizando o financeiro, ou seja, sendo o braço extra.

Fui para a cozinha e vi minha mãe explicando para um novato como se faz a massa de um pão italiano, resolvi não atrapalhar e deixei minha cesta no canto de sempre, quando eu estava saindo para ir conversar com Louise, ouvi a voz de Bonnie

— E como foi? Chegou a tempo? – ela perguntou com uma voz que não demonstrava nenhuma emoção fora do comum, era somente... curiosidade, talvez.

Então aproveitei que aparentemente ela não estava se importando muito com o horário e comecei a contar sobre o que aconteceu pela manhã

— Bom, hoje a sr^a Rickenter me convidou para entrar na casa pela primeira vez – dizia enquanto beliscava um pão doce que havia acabado de ficar pronto – e fiquei sabendo que eles estão com um problema com um animal lá na propriedade deles, me disseram que tem alguns dias que eles escutam barulhos vindos da floresta...

— A floresta do pântano? – ela me interrompeu com uma expressão séria, olhei primeiramente meio desentendida, mas depois eu fiquei da mesma maneira que ela.

— Sim, mas... Não mãe, claro que não. Deve ser algum animal que algum sem-noção

matou a mãe, ou o bando, e ele está perdido – eu tentava consertar, pois a ideia que minha mãe soltou sem dizer uma palavra não era algo aceitável considerar como tendo possibilidade de acontecer.

É inconcebível, para mim, aceitar isso como se existisse uma chance de ser real. O Maníaco do Pântano voltar? Não, não, ele sumiu, deveria aproveitar que nunca fora encontrado para que parasse com isso e se mudasse para longe. Porque era isso que todos nós de Forest Hill imaginávamos: que ele está em algum estado do outro lado do país aproveitando sua maldita impunidade.

Foi com essa ideia que a cidade conseguiu retomar seu ritmo. E nem mesmo fazia sentido o Maníaco estar rondando a propriedade dos Rickenter, eles não eram jovens e Margareth não era loira. Além do fato de que todas as polícias reuniram forças e reviraram o pântano em busca de uma pista do serial killer, mas não encontraram nada que apontasse quem era o culpado.

Me aproximei de Bonnie, colocando minhas mãos em seus ombros e, com os meus olhos fixos nos dela para transmitir segurança, disse com total certeza

— Não é isso o que você está pensando, fica tranquila, Chloe e eu não precisamos nos preocupar.

Minha mãe colocou uma das mãos em cima da minha e suspirou, comprimindo os lábios antes de me responder

— Eu sei, mas é que foram horríveis aqueles meses com notícias que apenas pioravam conforme o passar dos dias, eu, principalmente por ser mãe, ficava aterrorizada quando assistia imagens das mulheres desoladas que perderam suas filhas, apesar de não ter me preocupado muito com Chloe na época porque ela era muito nova, então não se encaixava nos padrões que a polícia divulgou, e nem com você, que estava longe, estava segura. Mas o pensamento de isso acontecer agora volta a me aterrorizar, dessa vez, triplamente.

Olhei ternamente para ela, o desespero estava em seus olhos, sei que com mãe não há como tranquilizar ou dizer o contrário, elas sempre vão acreditar mais nelas mesmas, então apenas a abracei. Queria que naquele abraço ela sentisse que tudo estava tranquilo, todo o grande mal já tinha ido embora, que Chloe e eu estávamos bem e assim continuaríamos.

Ela me abraçou de volta, de uma maneira que me fez ficar com falta de ar e eu estava certa de que havia escutado alguma parte das minhas costas estralar. Olhei de relance para o novato que observava quietamente toda aquela cena. Bonnie se afastou de mim e me puxou para baixo, me dando um beijo na testa, o que foi um tanto estranho visto que sou quase quinze centímetros mais alta do que ela.

— Acho que Louise está precisando de sua ajuda lá na frente – a ouvi dizer enquanto eu recebia leves tapas no ombro.

Fiz uma careta dramática de quando alguém está sendo enxotado de algum lugar, ainda mais depois desse momento sensível que nós duas tivemos na cozinha.

— Wow mãe, claro, estou a salva então serei uma escrava vendedora de pães – brinquei enquanto saía de lá.

— Escrava nada, seu nome está na lista de pagamento de todo o começo de mês – ouvi minha mãe gritando lá da cozinha e gargalhei com o que ela havia dito.

No momento em que Louise me viu, ela já apontou para que eu ficasse no caixa enquanto pegava um pano para limpar as mesas que tinha no centro da padaria. Eu conferia a quantidade de dinheiro com as notas de vendas realizadas até o momento daquela manhã quando ouvi ela falar

— Ande, conte logo.

Eu a olhei estranhamente, não sabendo que ainda estava tão visível minha ansiedade pelo encontro com Josh.

— Contar o que? – preferi me fazer de desentendida, pois a regra das chances de a felicidade dar errado me seguia. Isso significa que quanto mais eu espalhasse minha felicidade e/ou o motivo dela, as chances para que todos os planos deem errados, aumentam. E muito. Repetindo isso apenas para manter gravado em minha cabeça.

— Contar o que está fazendo você olhar para essas notas de dinheiro como se fossem as coisas mais preciosas do mundo. Não que dinheiro não seja algo para admirar. – ela se corrigiu rapidamente e continuou – Mas falar o que está fazendo você dar esses suspiros involuntários e seus olhos brilharem como se repentinamente os tivessem transformados em lâmpadas de camarins – sem dificuldade alguma Louise conseguiu descrever o quão idiota eu poderia estar parecendo naquele momento, ela parecia até mesmo sentir certo prazer em falar.

Guardei o dinheiro na caixa registradora e desci do banco, apoiando minha cabeça em minhas mãos no balcão ao lado. Decidi contar para ela, estava certa de que aquela mulher não ia largar de mim enquanto eu não falasse.

— Aconteceu, finalmente! – eu disse sem conseguir medir a felicidade – Josh me chamou para sair! – finalizei com um pouquinho de culpa por ter contado primeiro para ela e não para Emily.

Louise me olhou de boca aberta, parecia que não acreditava no que eu havia acabado de falar. De livre vontade eu nunca havia contado nada para ela a respeito desse assunto, mas a garota era esperta e descobriu sozinha os sentimentos que eu tinha em relação a Josh e claro, ela me pressionou até eu falar o que acontecia, por isso já sabia tão bem o quanto essa mulher conseguia ser insistente.

— Mentira! – ela exclamou ao sentar na cadeira que havia acabado de limpar.

— Sim, vamos ao circo! – eu tenho certeza que nesse exato momento, estrelas se formavam em meus olhos ao imaginar nós dois juntos – Hoje à noite – completei.

Então comecei a contar para ela tudo o que havia acontecido naquela manhã. Louise não teve a mesma reação que minha mãe teve quando disse sobre o animal que rondava o casal Rickenter, apesar da garota não ser daqui ela havia chegado na época em que os assassinatos começaram a aparecer, presenciando o pânico que havia se instalado na cidade. Então a explicação para a reação da minha mãe era que simplesmente havia sido uma *reação de mãe*.

Trabalhamos o resto da manhã em um ritmo tranquilo. Durante o período do meio da

manhã até o final da tarde, o movimento de clientes caía, retornando somente quando as pessoas começavam a voltar para suas casas e passavam na padaria para pegar algum lanche.

Havia colocado meu celular para despertar às catorze horas, que é o horário em que planejei ir até o trabalho de Emily. Se antes queria a companhia dela nesta tarde, depois do acontecimento com Josh, isto se tornou indispensável e até mesmo urgente. Tanto sei que, ao contar para ela o que aconteceu, Emily irá imediatamente pedir uns minutos de folga para sua mãe.

Eu estava sem muito serviço quando o alarme do meu celular tocou, então minha mãe e Louise não ligaram de eu sair naquela tarde. A distância da loja da mãe de Emily é curta, fica cerca de quatro quadras de distância. É uma loja modesta de roupas e, visto que a família de Emily é conservadora, digamos que as roupas que vendem lá nem todas as adolescentes fazem questão de comprar.

Emily foi uma daquelas crianças que você facilmente encontraria sentada em uma cadeira com as pernas cruzadas, um sorriso angelical no rosto, cabelo loiro enrolado pelos dedos da mãe, com um vestido rodado na cor rosa bebê e por cima dele um pequeno e delicado bolero branco. Ainda não sei direito o que me fez aproximar de Emily. Nós duas somos tão diferentes! Mas eu imagino que seja aquela história de pessoas que se completam, que nossas vidas deveriam se cruzar mesmo, afinal, estamos juntas desde o maternal.

Ao entrar na loja me deparei com a senhora Moore. Ela não era aquele tipo de mãe da amiga que faz questão de criar laços com a gente, mesmo após tantos anos de amizade com Emily, a única coisa que ela queria era que não tornássemos uma má-influência para sua filha. Eu poderia ser um bocado levada quando criança e adolescente, mas nunca fui do tipo *má influência*, porém, em todo caso, se há respeito entre nós duas, não ligo muito para o resto. Ela me deu um cumprimento com a cabeça e disse que Emily estava organizando o estoque, que ficava no andar de cima. Acenei com a cabeça e subi até ela, entre caixas e plásticos, ouvi um som de dedos baterem incessantemente em teclas de calculadora antiga, procurei com o olhar, mas não achei nada que indicava onde Emily estaria.

— Emily? – perguntei na esperança de ser ela mesma quem estava trabalhando com a calculadora.

— Sophie? – ouvi aquela voz em resposta e segui a direção em que ela vinha.

Encontrei Emily sentada no chão entre três pilhas de caixas, todas indicavam conter mais outras caixas de sapatos dentro delas.

— Já estou terminando aqui. Ontem recebemos essas mercadorias e eu tenho que contar para incluir em nosso estoque – ela respondeu a dúvida que até o momento permanecia somente em minha cabeça.

— Ah sim, espero – disse despreocupadamente enquanto ia até uma escada móvel para me sentar em um de seus degraus.

Achava um pouco estranho a maneira que os Moore contabilizavam estoque, eu não era uma especialista em comércio, mas tinha quase certeza de que computadores eram usados para incluir e contar. Muito provavelmente isso era alguma maneira utilizada para que

Emily ficasse por mais tempo trabalhando ali.

Olhava de um lado para o outro, observando aquela parte da loja em que estive um tempo considerável com Emily. Quando crianças, nós costumávamos subir aqui e brincar de esconde-esconde e até mesmo como se estivéssemos uma loja de verdade em que eu às vezes era a vendedora e em outras, a cliente. Agora, subimos aqui para Emily trabalhar.

Não demorou muito tempo e ela terminou o seu trabalho, guardou os papéis em que anotava e a calculadora que usava, enquanto eu ainda estava a esperando naquela escada.

— Não vai me dizer que hoje tenho que sair com você porque eu mereço uma tarde de folga? – Emily me perguntou com uma voz que eu conhecia muito bem, significava que ela estava zombando de mim.

Fiz uma falsa cara de ofendida e disse

— Não Emily! – tudo bem que eu tinha planejado fazer isso mesmo, mas o dia ficou diferente do que eu imaginava – Quer dizer, eu ia fazer isso mesmo, mas... digamos que aconteceu algo surpreendente hoje – disse com um sorriso sapeca no canto dos lábios.

Emily arqueou as sobrancelhas quando ouviu o que eu disse, me pegou pelos pulsos e puxou até um canto mais afastado da porta para que, se houvesse alguém curioso com a nossa conversa, esse alguém não escutaria nada.

— O que aconteceu? – ela me perguntou curiosa.

Comprimi os lábios fazendo com que um sorriso não escapasse. Emily me deu um tapa no braço, dizendo, de uma maneira quase ordenando, para que eu falasse logo o que tinha para dizer.

— Então, – comecei a contar animada – você não vai acreditar, mas Josh Sanders me chamou para sair hoje à noite.

Os olhos de Emily arregalaram e ela colocou suas mãos na boca para evitar que um grito saísse.

— Sério? Tipo, sério mesmo? Sophie, – ela pegou em meus braços e me olhou nos olhos – você não está brincando, certo? – não pude conter uma risada ao ver a reação dela e, quando a risada saiu, estava misturada com a ansiedade do encontro também.

— Sério tipo sério. – disse sorrindo – Ele me chamou hoje quando eu disse que iria entrar de férias.

Emily se afastou e começou a andar de um lado para o outro, eu percebia que sua mente já estava cheia de maquinações. Ela poderia ser quieta e tímida para os outros, mas eu sou a única que conhece quem ela é, uma das únicas que ela permite se abrir completamente.

— Se ele fez isso, é porque já estava pensando sobre o assunto nas outras vezes que você foi lá – dizia com um semblante de quem estava profunda em seus pensamentos.

— Pode ser, mas eu nunca percebi algo que indicasse isso – repliquei.

— Sophie, você mais do que ninguém sabe que há pessoas que conseguem esconder seus verdadeiros desejos, – olhei para Emily e pensei no que ela havia acabado de dizer, não consegui saber se ela estava referindo a mim ou a ela mesma – além do que,

convenhamos, às vezes você pode ser meio lerdinha.

— Ma – comecei a falar, mas fui interrompida

— *Mas* coisa nenhuma, vamos agora sair para ver alguma coisa para você vestir hoje à noite – ela me disse empolgada e me puxando para fora da sala de estoque.

Ao passar por sua mãe que estava no caixa, Emily avisou que surgiu um assunto importante, ela por sua vez nem falou alguma coisa porque sabia que não iria adiantar, então apenas meneou a cabeça e observou nós duas deixarmos a loja com certa pressa. Fomos até uma loja de roupa que ficava duas quadras de distância, nessa loja havia várias jovens com pilhas de roupas em seus braços. Todas loucas por um provador disponível.

— Quero usar um vestido – logo adiantei meu gosto, o visual que eu imaginava ser perfeito para a ocasião deveria ser do tipo *me olhe*, mas passando longe de qualquer roupa vulgar. Não fazia o meu estilo.

— Por favor Sophie, deixe comigo – Emily me respondeu cheia de segurança e eu confiava na escolha dela.

Com as mãos habilidosas e uma rapidez considerável, ela passava de cabide em cabide procurando pela roupa ideal, enquanto eu apenas circulava em volta dela contando como havia acontecido o convite. Como já havia planejado, não falei sobre o momento em que eu perdi a fala quando me deparei com Josh. Quando estava contando sobre o meu quase esbarrão em Eve, ouvi um alto e claro “Achei!” de Emily, me calei imediatamente ao ver o vestido que ela segurava na minha frente.

— Emily... – eu dizia ainda com os olhos no vestido – Ele é lindo – eu o peguei e vi de perto, era acinturado e a saia rodada, a cor era um roxo puxado para o vermelho e a manga curta.

— Então experimente! – ela disse com um sorriso orgulhoso no rosto.

Logo procurei por um provador vazio, o que foi difícil, e o coloquei. Havia ficado perfeito, mais uma vez Emily acertou na primeira tentativa. Saí e fui até ela para mostrar como o vestido ficou. Com o dedo ela pediu para que eu desse uma volta, coloquei então as mãos na cintura e fiz isso, me sentindo a garota mais bonita da loja, Emily acenou positivamente, o aprovando, e em quinze minutos eu já estava no caixa finalizando a compra.

Pelas minhas contas, faltava ainda cerca de quatro horas até o encontro. Emily queria ir a inúmeros lugares comigo. Eu me senti aquelas mulheres encalhadas que quando conseguiam algum encontro tinham que fazer mil preparativos para se lembrarem de que todo encontro é tipo um ritual. Essa empolgação da Emily me fazia ficar dividida entre ficar do mesmo jeito que ela ou então me sentir uma grande perdedora que conseguiu seus cinco minutos de alegria.

Depois de algumas lojas e de muito insistir com ela, acabamos por passar em uma sorveteria, onde compramos um pote de sorvete em tamanho digno sabor chocolate. Já eram quase quatro horas da tarde, ou seja, duas horas até Josh me buscar em casa. Ter esse sentimento dentro de mim faz com que eu tenha quinze anos novamente, mas dessa vez é como se eu fosse essas garotas que vez e outra eu vejo nos filmes que Chloe costuma

assistir, posso liberar esse meu lado, não é? Ao menos nessa situação em que tenho um encontro com o cara que sou apaixonada desde o momento em que voltei de Tallahassee, há 1 ano.

Literalmente quando pisei para fora do ônibus na estação rodoviária, essa paixão por Josh me pegou. Parece estranho e irreal, mas é a verdade. Ele e outro detetive estavam conversando com um cara qualquer sentado no banco próximo do local de desembarque, o parceiro fazia as anotações enquanto Josh, as perguntas. E foi assim. Paixão a primeira vista.

Meus olhos não saíram dele nem quando o motorista retirava minhas malas do ônibus e nem quando minha mãe fez um pequeno escândalo por eu ter finalmente voltado para casa. Bom, foi nesse momento que nossos olhares cruzaram pela primeira vez. Com o grito que minha mãe deu, a atenção de alguns foram para nós, inclusive a do cara sentado e de Josh. Quando isso aconteceu, eu apenas sorri e ele sorriu de volta, foi o momento que precisava para eu sentir as borboletas em meu estômago. Foi algo assustadoramente novo e... tranquilizante.

Mas não durou muito tempo, logo minha mãe começou a me abraçar e a beijar todo o meu rosto e Josh voltou a falar com o cara, sorte minha, se ele continuasse a observar a cena em família que minha mãe estava protagonizando, certamente ele não iria querer me ver tão cedo. Mas era um tanto engraçado minha mãe apertando todo o meu corpo para ver se eu estava inteira e tentando fazer com que Chloe demonstrasse alguma emoção. Na época minha irmã estava passando pela fase de *adolescente estranha que não gosta de se envolver na família*. Não que a atual estivesse muito diferente.

Bonnie fez questão de carregar até o carro a metade de minhas malas enquanto Chloe ficou com uma de mão e eu com as poucas que sobraram. Passamos por Josh e seu parceiro, eles já tinham terminado de falar com o cara e estavam conversando entre si, olhei discretamente para ele e o vi olhando para mim com um sorriso de canto. Um sorriso que fez meu coração bater um pouco mais rápido que o normal.

Eu sinceramente achei que nunca mais o encontraria novamente, que havia sido somente aqueles momentos em que você se sente atraída por alguém que nunca tinha visto antes e que não veria depois. Algo momentâneo. Então é de imaginar a minha surpresa quando Bonnie disse, no primeiro dia como entregadora, que algumas semanas antes da minha volta o departamento de polícia passou a fazer parte da rota de entregas, e também quando vi que Josh estava lá no horário em que eu costumava chegar com as encomendas.

Emily entrou primeiro em casa, desta vez ela estava realmente vazia, parece que Chloe foi para escola, ou então estava matando aula em algum canto da cidade. Subi a escada em uma velocidade que era equivalente a minha ansiedade, Emily veio logo atrás de mim. No meu quarto colocamos imediatamente em cima da cama a sacola com a roupa, enquanto eu esticava o vestido e retirava suas etiquetas, Emily desceu até a cozinha para buscar colheres. Prendi meu cabelo em um coque e abri todas as gavetas em que eu guardava brincos, pulseiras e maquiagem, comecei a roer minha unha e, para aliviar o nervosismo, coloquei meu celular no dock station dando play na música Now Is The Start da A Fine Frenzy.

Comecei a dançar pelo quarto e cantar a música em voz alta. Não percebi quando Emily

chegou e nem quando ela começou a fazer o mesmo, apenas sei que a peguei pelos braços e comecei a rodar com ela, no fim da música sentamos no chão devido ao cansaço que sentimos.

— Isso não é um bom sinal – ouvi de Emily enquanto ela deitava no chão.

— Isso o quê? – perguntei sem entender direito o motivo de ela ter dito aquilo.

— Sentarmos no chão, cansadas, após dançarmos apenas uma música.

Eu ri e joguei um dos meus travesseiros nela.

— Ok, então vou levantar e começar a me arrumar – disse toda pomposa enquanto pegava algumas coisas para meu banho.

Fiquei meia hora no chuveiro e mais dez minutos secando meu cabelo. Quando saí do banheiro escutei Ellie Goulding tocando em um volume consideravelmente alto. Emily tinha esse encantamento pela cantora e havia descoberto minha playlist com músicas dela. O resultado de alguém tentar mudar de pasta enquanto Emily se divertia com as músicas seria desastroso. Para a própria pessoa, claro.

No minuto seguinte já estava tentando colocar o vestido.

— Me ajuda aqui – pedi apontando para o zíper do vestido que ia da cintura até próximo a base nuca.

— Prontinho – ela disse quando terminou de fechar.

Olhei no espelho e fiquei me encarando por alguns segundos, pensava coisas como “Você conseguiu. Finalmente. Vê se não estraga” e imaginava como iria ser aquele encontro. Voltei do meu devaneio quando senti meu cabelo sendo puxado

— Ai! – reclamei com uma careta, olhando para Emily pelo espelho.

— Vamos arrumar esse cabelo, deixá-lo perfeito – ela disse sem dar espaço para eu cortar suas palavras ou impedir suas mãos em minha cabeça.

— O que você pretende fazer?

— Não sei, ainda estou pensando. Tem que ser um penteado que faça você parecer romântica, delicada, mas que também chame atenção para o seu *eu mulher* – ela dizia toda cheia de si.

— Uma trança?

— Bom... – ela estava com um semblante pensativo – Não pode ser qualquer trança... Que tal espinha de peixe? Nós a colocamos na lateral e deixamos com alguns fios frouxos.

Acenei positivamente com a cabeça e em alguns minutos a trança já estava pronta. Somado ao tempo que gastei me maquiando, escolhendo sapato e acessórios, quando finalmente fiquei pronta faltavam apenas quinze minutos para o horário que havia combinado com Josh. Saímos do quarto para ir até a sala, entre risos e conversa passamos por Chloe que subia a escada com uma aparência desanimada e mal olhando para nós duas, Emily e eu trocamos olhares e a deixamos passar, hoje havia sido um dia estranho para minha irmã. Pelo menos na minha visão. Ouvimos um barulho vindo da sala de visita e não precisei pensar muito para saber quem estava lá: minha mãe e Margot.

Margot Stone é amiga da minha mãe desde quando me entendo por gente. Quando eu era menor e curiosa com tudo o que acontecia, pedi para que me contassem como se conheceram, elas então disseram que foi em um minicurso de jardinagem que minha mãe começou a fazer logo após eu nascer e que desde essa época são melhores amigas. E quando eu digo que são melhores amigas é porque não se desgrudam. Nunca. Margot vive aqui em casa conversando e fofocando com Bonnie, vivem trocando mensagens e ligações telefônicas. Sabe o estereótipo de mulher matraca? As duas se encaixam perfeitamente nessa visão.

— Oi filha – minha mãe disse quando eu atravesssei na frente da sala.

Me virei e acenei com a cabeça para as duas.

— Oi mãe, oi Margot. Desculpe, mas já tenho que ir – disse diminuindo o tempo em que as quatro ficariam se encarando.

Fiz isso não porque não gosto dela, eu gosto. Mas o maior problema é entre Margot e Emily. Emily não gosta de Margot. É que a amiga da minha mãe vive dando cutucadas e conselhos não solicitados, ela diz que ambas são muito parecidas, visto que a amiga da minha mãe também nasceu em um lar muito fechado. Minha mãe não conta muito sobre o passado da amiga, mas sei que Margot já estudou em um internato só para garotas durante a adolescência e que fugiu de lá, passando a seguir bandas de rock da época. Depois disso não sei de muita coisa.

— Você também vai sair com Sophie? – ela perguntou para Emily.

— Não, eu não tenho um encontro hoje.

— Ah bom, e não seria certo você sair assim nesse horário – ela disse com sarcasmo.

Emily abaixou a cabeça e ficou em silêncio, por mais que eu tentasse repassar a história de Margot para ela, tentando explicar que provavelmente o que a amiga da minha mãe queria ao dizer aquelas palavras era que Emily começasse a planejar o que queria, ela sempre se deixava abater pelas palavras que ouvia.

— Vamos lá fora? – sugeri ao segurar nos ombros de Emily e a direcionando para a porta – Até mais tarde – me despedi.

Emily sentou no degrau da varanda e apoiou seu rosto em sua mão, olhou para mim talvez percebendo minha preocupação em como ela poderia estar agora.

— Não se preocupe, frequento sua casa há mais tempo do que consigo lembrar – ela disse com um sorriso fraco no canto do rosto.

Sentei ao seu lado.

— Mas mesmo assim, por mais que ela tenha as razões dela para agir dessa maneira, sei lá... não é certo.

— Sabe de uma coisa? – ela me perguntou dando um suspiro – Talvez ela esteja mesmo certa. Eu tenho que viver da maneira que desejo, não é? Já que esse é o sentindo da vida ser *minha* – a olhava com um olhar estreito, Emily nunca me disse algo parecido, ela sempre se mostrou passiva com relação a como era tratada por todos em sua volta.

Por mais que houvesse muito amor entre a família Moore, Emily sempre foi considerada

alguém que não conseguia ter opinião do que queria ou não para a vida dela. Eu sempre soube que havia uma grande personalidade dentro dessa Emily que todos pensam conhecer, agora de certa forma fiquei feliz por ter escutado essas palavras dela, por mais que tenha me pegado de surpresa.

Coloquei minha mão em seu joelho e disse

— Você tem que encontrar o seu caminho, Emily. Não pode ficar para sempre trabalhando na loja da sua família sendo que não é isso que você quer, não pode se sentir presa mesmo se estiver andando livre na rua, não se limite no que os outros impõem para você. Você é especial e sabe disso.

O sorriso que ela deu fez com que um surgisse em meu rosto, o momento foi cortado quando senti alguém parando ao meu lado. Foi quando, por um milésimo de segundo, senti meu coração parar de bater.

Posso ser teimosa, curiosa ou o que mais os outros desejam me rotular, mas o que senti desde quando Josh me buscou em casa foi estranho. Completamente estranho. Quando o vi sorrindo para mim com uma mão estendida, olhei para Emily, que disse para eu ir logo, e minha visão e memória começaram a funcionar como se fossem montadas em flashes. Não lembro direito em qual estação ele sintonizou o rádio – ou eu que tinha ligado?

Não lembro direito como foi nossa conversa, pois eu estava com uma enorme sensação de irrealidade. Ainda não tinha decidido se isso era bom ou ruim, visto que não gostava dessa sensação de tudo acontecer como em um sonho. Eu gosto de momentos inteiros, memórias completas. Dizem que as garotas costumam sentir esse nervosismo em seus primeiros encontros em que já existe algum sentimento e eu não tinha dúvidas sobre o que sentia por Josh.

A multidão na entrada do circo me fez ficar um pouco tonta, mas não demonstrei isso para Sanders, eu apenas o olhava, trocamos sorrisos e conversamos.

Durante a apresentação comentamos sobre os acrobatas e sobre o medo que ele tinha de palhaços na sua infância. Entre gestos em que apontavam os pulos e saltos que eram mostrados na apresentação e a nossa surpresa ao achar que um movimento sairia errado, nossas mãos se tocaram em alguns momentos, rapidamente se afastando – como se estivesse recebido algum tipo choque – nas primeiras vezes. Mas após algum tempo elas começaram a se encostar de propósito até que nós dois entendêssemos que era da vontade de ambos que nossas mãos se entrelaçassem. Quando enfim senti a mão de Josh completamente na minha, olhei para ele e puxei um sorriso de canto, sendo imitada por ele em seguida.

Na saída fomos pegos de surpresa ao ver o quanto o estacionamento do circo estava lotado, não havíamos gravado em que ponto do lugar o carro havia sido deixado.

— Acho que está para lá – apontei confiante para meu lado esquerdo, meu senso de direção é exato.

— Não, não. – ele estava com o dedo na frente dos lábios enquanto apoiava um braço no outro — Eu o deixei daquele lado. – o vi apontar reto, como se estivesse na nossa direção, mas só que mais distante — Quer ver? – ele perguntou enquanto erguia um dos braços e apertava o alarme do carro, mas nada aconteceu — Merda.

— Não é porque estamos longe?

— Não, esqueci que há dois dias ele não está funcionando direito. Fiquei de levar amanhã para arrumar. Mas ainda acho que está para lá – ele finalizou voltando a apontar para onde havia feito antes.

— Olha, meu senso de direção não me engana – disse certa de minhas palavras.

— Então façamos assim, cada um procura onde acha que está. O perdedor...

— O perdedor irá pagar toda a despesa da nossa próxima parada – o interrompi e disse na maior velocidade que eu conseguia fazer as palavras saírem da minha boca. Além de ter arriscado ao propor que o encontro se estendesse por mais algum tempo.

— Feito. – ele disse e ainda continuou em um tom provocador — Espero que você tenha uma boa quantidade de dinheiro na sua bolsa. – suas palavras saíram acompanhadas de um olhar desafiador e que mexia com a *Sophie competitiva* que existe dentro de mim.

— Começando – me contive no tom de voz usado para não demonstrar o quanto fiquei contente por ele ter aceitado a minha proposta.

— Não se esqueça de que eu sou o detetive aqui.

— Detetive que perdeu o carro no estacionamento de um circo – o provoquei.

Ele disse qual era a placa do carro e cada um seguiu o caminho que pensava ser o certo. Passei fileira por fileira analisando os carros, eliminando primeiro a cor – procurava por um carro preto –, o modelo – Accord – e por último verificando a placa. Tive três carros “alarme falso”, que seriam os que batiam com todas as características, mas ao aproximar da placa, via que não era o procurado. Retirei os meus sapatos, apesar de eles não serem muito altos, estava começando a ficar chato andar com eles na grama.

Algumas pessoas começaram a retirar seus carros e começava a ficar mais fácil visualizar todos eles. Aquela procura estava muito difícil, não sabia quando que todos esses carros tinham chegado ali. Após meia hora, vi Josh vir até a mim com uma feição desanimada, não resisti em fazer uma brincadeira com o estado dele.

— Já desistiu, detetive?

— Não está para lá, revirei cada fileira e não encontrei nada.

Olhei por cima do ombro e, coincidência ou não, encontrei um Accord preto.

— Espere um momento. – disse ao ir até o carro e ouvi Josh logo atrás de mim.

Era mesmo o carro dele. Eu havia acabado de encontrar. Dei poucos passos até chegar nele e, ficando na ponta dos pés, o provoquei

— Bom, penso que você é quem deverá pagar a conta.

— Então me diga para onde quer ir – ele disse em uma mistura de falsa tristeza com uma expectativa mal disfarçada.

— Há o parque de diversão... – minha voz gradualmente diminuía de volume.

— Há o parque de diversão – ele repetiu logo após.

— Sim!

Nossos olhos estavam como sendo puxados por imãs, era impossível tentar desviá-los, eu não senti que estava me aproximando até a hora em que minha mão encostou na dele. Esse era o momento em que deveríamos nos beijar. Deveríamos e iríamos se não fosse por um alarme que começou a soar no momento em que estávamos tão próximos que sentia a respiração dele tocar meu rosto. Nos afastamos imediatamente ao ouvir aquele barulho. Josh pigarreou e eu esfreguei uma das mãos em minha nuca, entortando levemente os lábios, descontente com o maldito alarme.

—É melhor irmos agora.

— Sim, claro – respondi sem na realidade dizer o que eu realmente achava.

Que era algo do tipo “Não, vamos tentar novamente o beijo em 3, 2...”.

Entramos no carro e aquele nervosismo que eu estava sentindo no começo de repente não estava mais lá. Agora eu me sentia completamente presente dentro do carro e a sensação de irreabilidade havia sumido. Eu mesma sintonizei em uma estação pop e cantava mentalmente A Thousand Miles da Vanessa Carlton, fazendo um ou outro movimento com as mãos. Perto do refrão eu comecei a ouvir um “Na na nã” no ritmo da música, olhei para o lado e Josh cantou o que sabia

— And now I wonder...

— If I could fall, into the sky, do you think time would pass me by... – cantei a próxima parte quando percebi que ele havia se perdido na letra da música.

Cantamos juntos o refrão e, próximo do final da música, ele desligou o rádio, olhei-o com um semblante de protesto, pois queria ouvir por inteira. Josh então disse jocoso

— Gostei do nosso dueto, mas já estava começando a imaginar nós dois em uma cena de As Branquelas – se estremeceu como quem faz quando sente um arrepio passar pelo corpo ao pensar em algo assustador.

— Ei! Não fale assim do meu filme! – protestei – E não se preocupe, sua personalidade não é nada igual da que o personagem do Terry Crews tem – garanti, soltando uma risada em seguida.

Em poucos minutos chegamos ao parque de diversão, quando Josh estacionou me certifiquei de gravar onde o carro estaria, e ainda o provoquei um pouco

— Espero que o detetive não perca o carro novamente.

— Não irei, descobri que tenho uma companhia com um ótimo senso de direção – ele disse me olhando de soslaio.

Arqueei uma das sobranceiras com o que havia escutado. Fomos até a entrada do parque, a fila da bilheteria estava curta, havia apenas dois casais e três famílias.

— O perdedor paga, então começamos aqui na bilheteria. – disse quando chegou nossa vez, ele respondeu apenas com uma careta me fazendo rir.

Entramos e fiquei encantada com todas aquelas luzes. Pode parecer bobo, mas uma das coisas que eu mais acho lindo é o parque de diversão durante a noite. Fica mais romântico.

— Tem alguma ideia de onde quer ir primeiro? – Josh perguntou, fazendo com que meus pensamentos fossem interrompidos.

— Hm... – olhei para os lados procurando onde poderíamos ir e logo uma barraca de jogos me chamou atenção – Tiro ao alvo, topa?

— Minha especialidade – ele respondeu com um ar sabichão.

Na barraca de tiro ao alvo comprei, quer dizer, Josh comprou cinco tiros e eu já estava de olho em um pinguim de pelúcia que seria meu se conseguisse acertar pelo menos três das cinco latas. Meu primeiro tiro foi horrível, mirei na lata e acertei o pano que fica ao fundo, nem mesmo passei perto do metal, foi pelo menos uns 20 centímetros acima dela. Respirei fundo e tentei novamente, Josh, que estava ao meu lado, apenas observava todo o meu “dom” em atirar nas coisas. Resultado da segunda tentativa? Errei. Bufe quando vi a rolha passar mais uma vez longe da lata. Josh balançou a cabeça e foi até a mim, se inclinou para que ficasse um pouco menor do que eu, seu braço direito passando sobre o meu braço direito e o seu esquerdo sobre o meu esquerdo.

— Assim você nunca irá conseguir. – ele sussurrou no meu ouvido, fazendo com que um arrepio passasse por todo o meu corpo – Você não pode atirar confiando na sua arma, não aqui no parque, pelo menos.

Olhei para ele, afastando um pouco a minha cabeça já que estava próxima demais da dele

— Então como faço? Tenho que acertar os próximos três tiros.

Ele continuou com os sussurros

— Percebeu que quando você mira na lata acaba acertando muito acima dela? Não confie na mira da arma, use a sua própria. – ele disse no mesmo tempo em que pegou em cima da minha mão e abaixou a arma em alguns centímetros – A lata que você está tentando acertar é ligeiramente maior do que as que estão do lado. Isso faz com que, sem que perceba, sua atenção vá para ela e isso é um mau sinal, já que ela pode estar presa em algo e então você nunca irá fazê-la cair – ele moveu a arma para a esquerda, fazendo com que mudasse o alvo, eu não falava nada, sentir seu cabelo roçar em meu ombro a cada movimento que ele fazia com a cabeça já me fazia calar – Agora vamos tentar novamente. – disse e permaneceu no mesmo lugar para me ajudar com o tiro.

E acertamos.

Olhei para ele sorrindo e disse

— Obrigada, detetive.

— Ainda temos mais dois tiros – ele respondeu, então refizemos todos os passos e acertamos os outros dois que faltavam.

O rapaz da barraca tentou esconder um descontentamento ao me entregar o pinguim, parece que entregar prêmios é algo que ele não faz com tanta frequência. Agarrei o bicho de pelúcia enquanto procurávamos por mais algum brinquedo.

— E essa sua experiência em barracas de tiro ao alvo?

— Meu pai e eu costumávamos vir muito aqui, aquela barraca era quase uma obrigação para mim. Via meu pai na polícia e queria estar também, na cabeça de um garoto de 11

anos isso faz muito sentido. Então com o tempo fui pegando as manhas e conhecendo os recursos que as barracas usam para não ter ganhadores toda hora. Para onde vamos agora?

— Roda-gigante, claro – respondi como se fosse algo óbvio. Se para Josh a obrigação era ir até a barraca de tiro ao alvo, para mim era ir pelo menos uma vez na roda-gigante.

Não demorou para que entrássemos no brinquedo e nem para que todos se acomodassem nele, então, com sua lentidão ela começou a funcionar. Pouco a pouco o chão ficava distante de nós e o céu parecia que ficava mais perto, a vista da cidade era linda, apoiei meus braços na barra de proteção enquanto ainda segurava o pinguim e olhei para Josh

— Forest Hill parece ser tão tranquila, não é?

— Parece mesmo – ele me respondeu com um ar pensativo.

Ficamos em silêncio naquela primeira volta, como se a vista estivesse nos hipnotizando. Mas durante a segunda, Josh começou a falar

— Vai fazer alguma coisa nessas férias?

— Não sei ainda, queria ir para Tallahassee visitar alguns amigos, mas nada ainda está muito certo.

— Amigos... – ele disse meio vagamente olhando para os prédios e avenidas.

— Não acho que passo mais do que uma semana fora – continuei, ignorando qual seria o motivo de Josh ter falado daquela maneira.

A roda-gigante parou de repente, estávamos quase no topo, olhamos para baixo e vimos uma criança com medo do brinquedo e que não queria se mover de jeito algum para sair dele, eu estava com a impressão de que a mãe demoraria para convencer a criança de que estava seguro ela se mexer para sair dali.

— Crianças... – disse com um sorriso de canto.

— Crianças... – Josh repetiu o que eu havia dito, mas ele parecia diferente, parecia que ele estava evitando alguma coisa... ou seria medo de altura? Principalmente por estarmos parados aqui em cima...

— Está tudo bem Josh? – perguntei preocupada – Daqui a pouco a criança sai e a gente pode descer – completei para que ele ficasse tranquilo.

— Não... Não é isso...

— O que é então?

— Lembra do seu primeiro dia de entrega no departamento?

— Lembro...

— Você tentou disfarçar sua expressão de surpresa quando me viu. – ao ouvir isso de Josh, tive a certeza que minhas bochechas ruborizaram, eu acho estranho quando alguém fala que percebeu algo que tentei esconder, é como se eu estivesse falhado em uma missão, no caso, a missão era para que ele não desconfiasse da minha paixãoite – Mas a verdade é que também fiquei surpreso quando te vi por lá, me lembrava de você. Foi na rodoviária que nos vimos, não é? – ele olhou para o horizonte – Estava com a senhora Fields e a

menina mais nova dela, pensei que você fosse alguma prima, sobrinha, mas no dia seguinte descobri que era filha. Então, poucos dias depois você apareceu fazendo as entregas. Eu tive que me aproximar. Sabe quando você sente que algo vai acontecer mais cedo ou mais tarde? Eu tive essa sensação quanto a te conhecer. Não sabia de que maneira você me enxergava, mas eu sempre soube muito bem como *eu* te enxergava.

Josh olhou para mim com um sorriso bobo no rosto e eu continuei estática sem conseguir mover um músculo do meu corpo

— Então quando você me disse que iria entrar em férias, e agora quando disse sobre *amigos*, me fez ter um sentimento um tanto estranho, bom, não acho que eu tenha que esconder mais alguma coisa. — ele deu uma pequena pausa e colocou sua mão em cima da minha, ainda com aquele sorriso no rosto, ele continuou a falar em seguida — Sophie, eu não consigo parar de pensar em você, um dos meus horários preferidos do dia é quando você aparece na porta com sua cesta e com um sorriso de quem sente que o mundo é um lugar seguro, fazendo com que o meu fique tranquilo.

Eu não conseguia acreditar no que ouvia de Josh Sanders. Sério. Nunca imaginaria que algo assim aconteceria comigo em algum momento da minha vida. Uma declaração inesperada em uma roda-gigante? Ainda estou tentando pensar se existe alguma coisa mais romântica.

Eu devo ter ficado com alguma expressão muito estranha ou ter demorado demais para respondê-lo, pois ouvi um “Não me deixe no vácuo” saindo quase sem som dos lábios dele. Eu sorri ainda meio sem saber como reagir, é como se eu quisesse muito um presente e, quando finalmente ganho, fico tão feliz que travo.

— Eu também não consigo parar de pensar em você — foi o que consegui balbuciar.

— Ótimo, porque eu queria muito fazer isso — Josh disse, me beijando logo em seguida.

Sim, Josh Sanders me beijou. Foi tudo muito rápido. Em um minuto eu estava sem saber como reagir. Coloquei o pinguim de pelúcia preso entre as minhas pernas para que eu pudesse me aproximar de Josh, as pontas dos dedos dele passavam pelas minhas costas e isso me fazia arrepiar, como se eu estivesse suscetível a qualquer coisa. O brinquedo começou a funcionar no meio do beijo e, por mim, ele pararia novamente só para que esse momento não acabasse. Nos demos as mãos e apoiei minha cabeça em seu ombro na última volta da roda-gigante. Eu ainda estava tentando processar tudo o que havia acontecido.

Antes de irmos embora ainda passamos em mais alguns brinquedos e barracas de jogos, na saída ele comprou um algodão-doce para mim. Seu braço estava em volta de meus ombros e segurava o pinguim

— Casa? — ele me perguntou.

— Estou morta de cansaço, então, casa — respondi, sentindo ele dar um beijo no topo da minha cabeça.

Conversamos sobre assuntos variados durante a volta, nem senti o tempo passar, com Josh todos os assuntos pareciam ser interessantes. Conversamos um pouco sobre coisas que aconteciam, nossos trabalhos e família, fiquei triste quando ele me contou que sua mãe

morreu há poucos anos, vítima de câncer, mas ele não deixou o clima pesado durante a viagem, trocou de assunto ao dizer que ele e o pai ficaram unidos e também ao contar histórias que os dois passaram a ter após essa tragédia.

Ele estacionou em frente de casa, já estava tudo apagado, somente o quarto de Chloe estava com a luz fraca da luminária que ficava perto da cama dela. Fitei Josh por alguns segundos antes de dizer

— Obrigada pela noite.

— Eu é que agradeço você ter aceitado o convite.

Sorri e abaixei a cabeça

— Então... – disse – Tchau – voltei a olhar para ele.

— Até mais – ele pegou na minha mão e nossos olhares permaneceram um no do outro.

Me aproximei dele e ele fez o mesmo comigo, dando outro beijo, nos olhamos como se concordássemos com a mesma coisa, como se estivéssemos pensando na mesma frase. Que seria algo como “estamos nos despedindo, mas quero te ver novamente”.

— Podemos nos ver no domingo? – ele perguntou, ainda com seu rosto quase colado ao meu.

— Claro, mande uma mensagem amanhã para mim – disse, me despedindo.

Desci do carro e ouvi Josh falar

— Você esqueceu o Frederick!

— Frederick? – me virei e vi Josh balançando no ar o pinguim que ganhei na barraca de tiro ao alvo – Ah sim! – fui até o carro e me abaixei até a janela – Mas... Frederick?

— E por que não?

— Ok, por que não? Não é? – soltei uma risada que pensava não ser tão alta, mas pela expressão de Josh, foi um pouco mais do que eu pensei – Frederick então – confirmei o nome.

Peguei o pinguim de pelúcia e, dando alguns passos para trás, acenei em despedida para Josh e observei o carro funcionar e desaparecer ao virar na rua seguinte.



Capítulo 3

A casa estava em total silêncio, provavelmente minha mãe já deveria estar em seu décimo sono e Chloe com seu tablet na mão e fone de ouvido em volume máximo. Evitei fazer algum barulho, não queria chamar atenção das duas. Fui direto para o meu quarto, tomei um banho e vesti apenas um camisão, era o mais confortável. Não conseguia dormir, estava abraçando o Frederick e os momentos da noite passavam e repassavam em meus pensamentos, estava muito extasiada para conseguir fechar os olhos. A noite havia sido perfeita, o espetáculo do circo, o parque, o beijo... Pude conhecer quem era Josh Sanders, o Josh pessoa e não apenas o detetive.

Havia se passado um bom tempo e eu estava começando a ficar sonolenta, decidi tentar dormir. Fechei os olhos e deixei minha mente vagar com calma até onde ela quisesse para que conseguisse descansar. Já estava naquele estágio em que perdemos a consciência do que está acontecendo em volta, mas se algum barulho maior acontecesse, acordamos. E eu ouvi um barulho. Ele vinha da lateral da casa, levantei rapidamente da cama e fui até a janela do meu quarto, vi um cara correndo com a bicicleta para fora de nosso quintal, indo na direção da rua. Bufei de raiva. Com passos duros fui até o quarto de Chloe e a vi apagar as luzes. Andei de um lado para o outro, não sabendo como lidar com ela. O que havia acontecido?

Ela definitivamente estava querendo testar todos em casa. Primeiro falta aula para um namorico escondido e agora isso? Precisava conversar seriamente com minha irmã. Não que eu esteja determinada a acabar com qualquer coisa que ela está vivendo no momento, mas aqui em casa temos uma única regra: sinceridade. Bonnie não era aquela mãe que proibia tudo em nossa vida, ela sabia escutar e entender o que queríamos. Então não consigo entender qual a necessidade desse teatro que Chloe estava fazendo.

Por duas vezes ameacei bater na porta do quarto dela, já imaginando meu discurso e exigindo explicações, mas isso poderia somente acordar Bonnie. O que não era a opção correta para o momento. Dei meia volta e fui para meu quarto, conversaria com ela no dia seguinte, daquele dia essa história não iria passar. Tentei dormir novamente, limpando de meus pensamentos qualquer coisa que envolvesse Chloe e também o encontro com Josh. Até que finalmente adormeci.

Se há uma coisa que me incomoda, é quando sonhamos e ao acordar não lembramos nem mesmo sobre o que era, fazendo com que a única coisa que nos foi deixada para o dia seguinte seja uma sensação gostosa de o que você sonhou foi algo bom. E foi isso o que aconteceu comigo. Sentei em minha cama pela manhã e enquanto esfregava meus olhos com as mãos, tentei lembrar como havia sido meu sonho, mas não consegui. Coloquei um roupão e preendi meu cabelo em um coque que não houve esforço algum para ser bem feito.

Desci as escadas parecendo um zumbi, e, quando eu digo parecendo é que tanto meu semblante quanto minha disposição e aparência estavam dignas de um episódio de The

Walking Dead. Era sábado e eu tenho minha consciência tranquila quanto a isso, já que este dia é um que nós podemos liberar nosso lado grotesco sem ter que lidar com muitos julgamentos – porque a pessoa ao lado provavelmente estará tão desarrumada quanto nós.

— Mamãe foi na casa da Margot, vai voltar para o almoço – ouvi Chloe falar.

Eu não estava ainda em seu campo de visão, então o barulho do meu caminhar rastejado havia me entregado.

— Bom dia para você também – disse com uma voz ainda meio preguiçosa.

— Bom dia – ela me respondeu, mordendo um generoso pedaço de torrada em seguida.

Andei até a cafeteira e enchi a xícara com aquele líquido pouco escuro que, se fosse Chloe a pessoa que fez o café, bom, o nome certo da bebida não teria que ser café, mas sim algo como... *chafé*, de tão fraco que costumava ficar eu acabava comparando com um chá. De todos os dotes que uma pessoa poderia ter, ela apenas dominava os musicais.

— Patty vai vir hoje? – perguntei e fiz uma careta ao mesmo tempo, aquela bebida definitivamente havia sido feita por ela.

— Não sei, acho que sim – a resposta foi dada em um tom meio vago.

Minha irmã fazia aulas de violão com Patty, uma mulher na casa de seus quarenta anos, cabelo preto e ondulado que caía graciosamente nos ombros, olhos tão azuis quanto os de Eve, seu rosto já entregava a personalidade forte que ela carregava. Era conhecida pela cidade inteira, famosa por organizar protestos desde a época do Massacre do Pântano. Conseguia conciliar essa vida ativa com a tranquilidade que uma de professora particular de música poderia fornecer.

Coloquei minha xícara no balcão perto da pia, de uma maneira disfarçada para que Chloe não percebesse que eu não iria terminar de tomar aquele *chafé* e sentei em um banco do balcão que ficava no centro da cozinha, a fim de que ficasse de frente para ela. Peguei um pão e comecei a dividi-lo em pedaços.

— Chloe, nós... Precisamos conversar – disse olhando diretamente para ela, a garota rolou os olhos e entortou os lábios.

— Sobre o que? – perguntou em um tom de desinteresse.

— Você sabe sobre o que é. – dizia enquanto comia os pedaços do pão que havia dividido
— O que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada, Sophie. Para de tentar ficar procurando coisas.

Eu não estava procurando coisas, ambas sabíamos muito bem que algo estava acontecendo, eu apenas precisava saber o que era antes que alguém tenha problemas. Ela era a típica garota que se não se cuidasse, entraria em algo que poderia se arrepender depois, ainda mais agora nessa fase conturbada entre se desfazer de sua meninice e ter de encarar o mundo como uma mulher.

Balancei negativamente a minha cabeça antes de voltar a falar algo.

— Não. – disse enfaticamente, mas sem parecer grossa – Não é a primeira vez que você mata aulas, Chloe, mas é a primeira vez que entro nesta casa, penso estar sendo invadida e

logo em seguida vejo um cara saindo de bicicleta do nosso quintal. É a primeira vez que eu vejo alguém no nosso quintal durante a noite.

Disse de uma só vez tudo o que havia visto nessas últimas horas, não iria ficar enrolando, nunca chegaria a qualquer lugar dessa maneira. Enquanto permanecia com meu olhar no dela, a garota ficava em silêncio, tomava o que ainda restava de seu café. Eu sei que sou responsável por fazer isso, de exigir explicação, cuido de Chloe desde quando fomos abandonadas pelo meu pai, me sinto como uma segunda mãe para ela e sei que ela também me vê dessa maneira. Talvez seja por isso que ela esteja agindo assim comigo no momento.

— Ontem vieram entregar uma corda para meu violão, pedi para deixarem perto da garagem que hoje de manhã eu pegaria. — ela foi até a sala e pegou a corda no sofá, a balançou em sua mão, voltou para a cozinha e, com sua feição entediante, finalizou — E daí?

— “E daí” Chloe? Você sabe que não precisa ficar escondendo nada de nós. Se você arranhou algum namorado, sabe que é livre para nos apresentar. Eu não quero que você se torne essas adolescentes que fazem tudo às escondidas, principalmente porque não há motivos para isso — terminei de falar e coloquei minha mão em seu braço, demonstrando compreensão e confiabilidade.

— Terminou? — ela perguntou seca.

Me endireitei no banco e pisquei algumas vezes seguidas.

— Ach-acho que sim.

— Ok, estou indo para a casa da Jéssica — ouvi dela que mal disse essas palavras e já se pôs de pé e subiu as escadas.

Afundi meu rosto em minhas mãos e grunhi de raiva. Chloe estava dificultando algo que não precisava ser dificultado, eu apenas queria nome e apresentação. Era só isso que eu pedia. Ou será que o garoto era tão ruim a ponto de não poder ser apresentado? Ou eu e Bonnie seríamos as ruínas da história? Não... Essa última pergunta já foi descartada, apesar de não sermos a típica família da propaganda de margarina, nos entendemos e apoiamos umas as outras. Enquanto terminava de comer, escutava alguns barulhos vindos do andar de cima e logo vi Chloe parada em frente a cozinha, a olhei e esperei por algo

— Paul. O nome dele é Paul. E ele veio mesmo só me entregar a corda do violão, mas como todo mundo já estava dormindo ele teve a ideia louca de ficar jogando pedrinhas e falando pela janela, como se estivesse em algum filme dos anos oitenta ou noventa. — ela disse com uma leve careta — E se arrume decentemente, temos um novo vizinho — saindo em seguida.

Eu esperava por algo vindo dela, mas pelo tom usado antes, não imaginava que ela daria o nome do garoto e nem que me contasse o que havia acontecido, achei mesmo que precisaria de mais insistência minha. Acenei com a cabeça até mesmo depois que ela já havia saído de casa, essa garota era um tanto imprevisível.

Terminei de arrumar a cozinha, subi, tomei um banho e “fiquei decente”, como Chloe havia pedido. Peguei meu celular e vi que havia uma mensagem, era de Emily.

Me conte tudo. Não falte com nenhum detalhe!

Te vejo na minha casa, beijinhos,

Emily ♥

Sorri quando li o que ela havia me mandado, foi como se tudo o que aconteceu ontem no encontro com Josh estivesse sido repassado em meus pensamentos. Ouvi um barulho de caminhão estacionando na frente de casa e desci rapidamente até a porta, era um de mudança. Três homens retiravam os móveis e os carregavam para dentro da casa ao lado. Perto da cerca que dividia as casas estava um homem que aparentava não ter mais do que trinta anos, seu rosto era marcante, o maxilar quadrado junto com os olhos puxados tinha culpa nisso. Ele estava com os braços cruzados e olhando atentamente seus pertences sendo colocados dentro da casa. Seguindo as maneiras da boa vizinhança, fui até ele para me apresentar.

— Bom dia! – disse empolgada e recebi apenas uma olhada e um leve aceno com a cabeça, mas mesmo assim continuei – Me chamo Sophie Fields e parece que irei ser sua vizinha. – continuei sem ouvir alguma resposta do homem que voltava a olhar para mim a cada final de sentença – Você é parente do casal Hashimoto? – aparentemente, se ele fosse, seria neto deles.

Esse casal morou na casa ao lado desde quando me entendo por gente, eles eram imigrantes japoneses, se mudaram para cá na época da Segunda Guerra Mundial e disseram que de Forest Hill nunca saíram. Apesar de serem reservados, o casal era educado e sempre disponível para ajudar os vizinhos tanto quantos nós os ajudávamos. Infelizmente, logo quando voltei de Tallahassee a senhora Hashimoto faleceu de causa natural e seu marido não durou mais do que algumas semanas.

O homem concordou com a cabeça e se apresentou

— Sou Sean Lee – seu modo de falar não era o que chamamos de fluente, como se ele fosse nativo, notei que havia ainda algo japonês na maneira que ele falava.

Percebi que não iria conseguir mais palavras de Sean, então me despedi.

— Bom, moro aqui – disse apontando para a minha casa – qualquer coisa pode ir lá falar com a gente – me afastei dele e soltei um “estranho” apenas com os movimentos dos lábios.

Sean Lee era mesmo um cara estranho. E sim, estou julgando-o através da primeira impressão. Quer dizer, o cara mal olhou para mim e ainda respondeu de modo curto. Quais outras impressões eu poderia ter?

Sem muito mais para fazer além de ir até a casa de Emily durante a tarde, fui passar um tempo na padaria. Nessas últimas duas semanas Louise foi encarregada pela minha mãe para tomar conta do local durante os fins de semana, isso significava que a garota já era de confiança e que Bonnie estava começando a ficar cansada da rotina corrida de uma padaria. Ainda mais quando ela está sozinha no comando há dez anos.

Louise estava lendo uma revista atrás do balcão, parecia que nada a preocupava. Pigarreei ao entrar e ela rapidamente fechou a revista e sorriu educado, pensando ser algum cliente ou até mesmo minha mãe. Mas, ao me ver, mudou sua postura e abriu um sorriso

verdadeiro, me pegou pelo braço e sentamos em uma das cadeiras que havia no meio da padaria.

— Me conte tudo Sophie! Como foi ontem?

Sorri como uma menina levada ao fazer alguma arte, mesmo eu não tendo feito arte alguma. Então contei para ela, claro que não contei todos os detalhes, mas contei sobre o circo, o carro perdido e nosso primeiro beijo. Beijo que não me sai do pensamento um segundo sequer, que me faz ficar com um sorriso bobo no rosto e com uma sensação boa no peito. Louise parecia encantada enquanto ouvia a minha história. Ela era a única que sabia quantos suspiros e olhares sonhadores eu já dei ao contar como havia sido a entrega do dia. Ficamos conversando o resto da manhã, falamos sobre nada e sobre tudo.

Ela me contou sobre quando fugiu de casa, aos quinze anos, sobre um cara que conheceu em seus tempos de nômade e em como eles se separaram, contou também sobre a vez em que invadiu o apartamento de um ex-namorado enquanto estava sob efeito de substâncias que ela havia deixado no passado. Ok, a conversa saiu do rumo inicial, mas eu não me importava, as histórias de Louise sempre prendiam nossa atenção e faziam com que nem mesmo lembrássemos como que havia se iniciado.

Me despedi dela ainda pisando em nuvens, já havia recebido umas três mensagens de Emily perguntando onde eu estava que não era contando tudo o que aconteceu no dia anterior. Ela estava sozinha em casa, a mãe ainda estava na loja e o pai trabalhando. Quando bati na porta, ela mal abriu e já foi me puxando pelo braço, me levando até o quarto dela. Emily me jogou na cama e trancou a porta, seus olhos pareciam famintos por novidades.

— Me conte tudo, não esconda nada! – ela ordenou com aquela postura que se outras pessoas imitassem, com certeza seria muito intimidadora, mas que em Emily não conseguia nem mesmo retirar aquele ar angelical que tinha.

E para Emily contei tudo.

Todos os detalhes.

Tudo.

Minhas mãos não cessavam em gestos e minha boca pronunciava mais palavras do que pensava conseguir falar. Mas eu sabia que ela estava conseguindo me acompanhar, seus olhos diziam tudo. Contei como até mesmo o vento que batia em nós no momento facilitava com que eu me encantasse por Josh, trazendo o perfume dele toda vez que ele se virava para mim, ainda mais com o sorriso largo, branco e genuinamente feliz.

Disse sobre a minha vontade de encher de beijos e agradecimentos aquela criança que fez com que a roda-gigante parasse por alguns minutos e aquele dono da barraca de tiros, que se não fosse por sua vontade de trapacear nunca faria com que eu ficasse tão próxima de Josh. Até mesmo ao mundaréu de pessoas que foram ao circo com seus carros, fazendo com que perdêssemos de vista o dele.

Comparei nosso encontro com os que são escritos em contos de romance, onde todos os acontecimentos fazem com que os protagonistas vejam que há química entre eles, que o certo é eles ficarem juntos, ou pelo menos tentarem. Emily é uma grande fã de livros,

principalmente os escritos por Meg Cabot, ela tem certa fixação pela autora, então a cada pausa que eu dava ela já começava a falar em como a história poderia ser um ótimo livro feito pela escritora. Essa era uma das coisas que eu gostava na personalidade dela, Emily por mais que crescesse, parecia que sempre guardaria esse lado sonhador e juvenil em algum lugar dentro de si.

Dei uma pequena pausa em meu *blábláblá* quando ela disse que havia deixado um bolo no forno e que se demorasse mais algum minuto, era perigoso queimar. Gosto de afirmar e reafirmar sempre que posso o quanto a admiro, ela é aquela garota que toda mãe sonha em ter como filha e que as pessoas desejam ter ao seu lado. Sei que por mais que eu esteja do lado de Margot quando o assunto é “Seja você mesma, não deixe *ninguém* te definir”, o tipo de criação que Emily teve fez com que ela desenvolvesse essa personalidade que, ao meu ver, é linda.

Logo senti um cheiro de laranja, não muito depois ela entrou no quarto com um prato enorme e cheio de fatias do bolo, ficamos ali até quando o sol começou a se pôr. Novamente meu celular começou a receber sms e dessa vez era de Chloe falando para não demorar mais porque Bonnie já estava no meio do preparo do jantar. Passei pela sala e, mesmo que estivesse de saída, cumprimentei os pais de Emily. Antes de fechar a porta, ela me fez prometer contar tudo o que fosse acontecer.

Não tive muita pressa para chegar em casa, apesar de ter várias mensagens de Chloe surgindo a cada minuto. Comecei a estranhar. Deixei minha bicicleta na frente de casa e notei que a porta estava entreaberta, entrei com um cuidado extra, mesmo ouvindo a voz contente de Bonnie e a de um homem que eu não conhecia, mas que me era familiar. Senti um puxão me levando para perto da porta do lugar onde guardávamos casacos.

— Meu Deus, Sophie! — Chloe disse um pouco alterada — Estou te mandando mensagens há séculos para vir logo!

— O que aconteceu? — perguntei olhando desentendida para ela.

— Mamãe chamou o vizinho novo para jantar, como um ato de boas-vindas.

— Ok, e? — sabia que Bonnie faria algo do tipo, ela sempre faz essas coisas, por isso não sabia qual era o desespero de Chloe.

— E? E que Joe também foi convidado para jantar e a nossa mãe está sem saber para quem dar atenção.

— Ah, sim, vejo o problema — disse não muito espantada com a presença de Joe aqui em casa, ele durante essas últimas semanas está sempre aqui em casa com a desculpa de trazer alguma coisa da mercearia como presente para Bonnie, como agradecimento ela o convidava para jantar.

Encontrar outro homem, ainda mais desconhecido, jantando na casa de quem você está tentando ter algo há meses? Certamente Joe está em cima de Bonnie para ter um maior espaço. Mas, voltando ao que eu havia escutado logo quando cheguei, aquela voz era de Sean? Então ele conseguia pronunciar mais palavras do que o próprio nome?

— Pare de ficar remoendo pensamentos e vá logo para a sala de jantar fazer algo a respeito — Chloe foi me empurrando até eu aparecer onde eles estavam.

Os olhares dos três foram até a mim. Fiquei um pouco constrangida e acenei para eles. Vi um olhar aliviado de minha mãe sobre mim, isso me deu a impressão de que Chloe não estava ajudando muito.

— Sophie, que bom que chegou! – ela disse se levantando e me conduzindo até a cozinha, ao chegar, ela sussurrou – Ah, que bom que está aqui, Chloe apenas remexia a comida no prato e tentava disfarçar risadas.

Até o momento eu imaginava que poderia ser mesmo uma situação estranha, mas confesso que comecei a pensar que elas estavam exagerando.

— Mas por que vocês estão dessa maneira? Ainda me surpreende que o vizinho tenha aceitado seu convite.

— Bom... eu tive que insistir muito para isso. – Bonnie admitiu em uma voz baixa. Revirei os olhos, isso era mesmo típico dela – Mas ao contrário do que deve estar imaginando, o problema da situação não é todos falando, é o contrário, o assunto não está rendendo – ela disse.

Estranhei isso, normalmente um assunto sempre rendia nas mãos de Bonnie Fields e eu de fato escutei a voz de Sean, talvez então tenha sido ele respondendo alguma pergunta, em que os olhos dos outros ficaram fixos nele.

— Tudo bem, vou lá e tentarei pensar em algo – eu disse pegando qualquer colher como desculpa da ida até a cozinha.

Minha mãe concordou com a cabeça e tomou o caminho até a sala de jantar, onde estava Chloe em um canto mexendo na sua comida, Sean e Joe trocando vez e outra olhares embaraçados.

— Que bom que aceitou o convite de minha mãe, Sean – sentei ao lado de Joe enquanto olhava para o vizinho.

— É, ela insistiu muito.

— Sim, conheço a dona Bonnie, ela pode ser muito persistente.

Ela me olhou arqueando uma das sobrancelhas e eu dei de ombros, se queria que eu arrumasse assunto, falaria do primeiro que viesse à mente. Servi um pouco de comida no meu prato e continuei a falar

— Já deu uma olhada na vizinhança? E você Joe, o que te traz aqui hoje? – perguntei alternando meu olhar em cada um segundo as perguntas.

— *Olho* sim já – evitei uma careta quando escutei a resposta dele, esse definitivamente não é o jeito comum que as pessoas costumam responder essa pergunta. Percebi que não consegui disfarçar bem porque Sean virou rapidamente seu olhar para o prato e deu duas garfadas seguidas.

— Eu vim trazer para a sua mãe umas mercadorias que vieram a mais nesse mês – Joe respondeu quando percebeu um silêncio tomaria o local se ninguém falasse mais alguma coisa.

— Ultimamente essas mercadorias estão vindo muito a mais, não é? – o provoquei para ver qual seria a sua reação.

— Pois é, problemas de comunicação com o distribuidor – ele deu uma resposta qualquer e também começou a dar garfadas no prato.

Segurei minha risada e olhei para Chloe que estava também segurando uma, ela nem mesmo atentava olhar para todos da mesa, sabia que iria deixar escapar o riso. Bonnie olhou sério para ela, e Chloe disse que iria subir para o quarto, então se despediu de todos e sumiu. Minha vontade era de ter subido junto e ir para o meu. Aquela noite foi entediante. Podemos considerar um fiasco.

Sean não dizia muita coisa, apenas respondia o que lhe era perguntado, Joe tentava interagir, mas sempre que questionávamos sobre a vida dele, as respostas eram evasivas, logo desistimos de tentar manter um assunto. Mal chegamos na vez do vinho, que é aquele momento onde a conversa flui na sala enquanto a taça está com a bebida e as horas correm de tal maneira que não é percebido, e o primeiro a ir embora foi Sean, dizendo que deveria acordar cedo para resolver assuntos em aberto, nem nos atrevemos em perguntar, ele não nos responderia.

Joe ficou mais alguns minutos, não sei o que ele e minha mãe conversaram, fiquei arrumando a cozinha, dando um pouco de privacidade para eles. Apenas a escutei se despedindo dele e fechando a porta, soltando um suspiro aliviado.

— Por que tão complicados? – ouvi Bonnie perguntar retoricamente ao ir me ajudar a secar os pratos.

Sorri para ela e terminei de arrumar o que ainda faltava. Certamente não foi uma noite comum para minha mãe, esses jantares que costumava a convidar as pessoas normalmente iam até madrugada com conversas, risadas e ainda terminavam com os convidados marcando outro encontro com ela. Imagino o desapontamento que ela poderia estar sentindo.

— Isso poderia não ter acontecido se você não tivesse convidado Joe para entrar. Você sabe que de um jeito particular dele, ele está tentando se aproximar da gente, ou melhor, de você. – eu disse com sinceridade – E Sean, bom, conversei, ou melhor, tentei conversar com ele hoje pela manhã e não me pareceu alguém que costuma a conversar muito com outros.

Bonnie balançou negativamente a cabeça e disse que estava morta de cansaço e que já subiria, dei boa noite para ela e a segui no caminho para o andar de cima, eu era outra que estava querendo mais do que tudo uma cama e travesseiros. Sim, no plural. Em questão de minutos já havia tomado um banho, colocado um pijama qualquer e caído na cama.

Um Hotel California muito mal executado estava cada vez mais invadindo meu sonho enquanto as imagens dele vagarosamente iam ficando embaçadas. Até que percebi que não estava mais sonhando e o pior, já estava acordada. Isso, Chloe achando que era uma expert no violão tentava tocar a introdução de Hotel California em plena nove horas da manhã. O som apenas não era pior porque vinha da sala. Me revirei na cama umas quatro vezes tentando ignorar aquele barulho, mas era impossível. Ela começou a fazer essas aulas há quatro meses, pelo menos uma vez por semana com Patty Williams, reconheço que era uma aluna esforçada, Chloe estava empenhada em saber todos os truques do violão.

Desci até a sala e dei bom dia para ambas, Bonnie estava na cozinha preparando alguns

biscoitos para Sean que, claro, não fazia ideia da gentileza que iria ser oferecida em sua porta daqui alguns minutos.

— Para que tanto esforço com Sean? – perguntei realmente curiosa com essas atitudes dela.

Bonnie se aproximou de mim e quase em sussurros me disse

— Ontem a tarde conversei com algumas amigas do salão de beleza e elas comentaram que o motivo dele estar aqui é por causa do casal Hashimoto, parece que há uma herança para ele receber. Parece também que ele era casado, e não sei se você notou, mas ele está sem a esposa.

— Ela pode ter ficado onde quer que eles morassem antes, ele usa aliança ainda, não sei se você notou – usando algumas palavras que ela havia dito, tentei rebater as fofocas que minha mãe sempre gostou de se manter antenada.

— Sean pode não ter aceitado muito bem a separação. Ninguém sabe. De qualquer maneira, quero que ele se sinta confortável, foram acontecimentos estressantes.

Levei uma de minhas mãos até a cabeça e balancei negativamente, nunca fui muito a favor dessas especulações que Bonnie gostava tanto.

Fora essa conversa, a minha manhã não foi muito agitada. Sean demorou para aceitar os biscoitos feitos para ele, somente fez isso quando percebeu que não adiantaria ficar negando, pois Bonnie não voltaria para casa com eles. Chloe mudou sua lição para uma música que eu não consegui identificar, mas pelos elogios de Patty, conclui que eu é que não conhecia. Mas havia uma coisa que me incomodava demais: Josh não me mandou uma única mensagem após nosso encontro.

Não me importei com isso durante o dia anterior, mas hoje isso já começava a me deixar chateada, a cada segundo me perguntava se somente eu é que estava encantada com o que havia acontecido, se Josh, apesar de eu ter visto claramente seu interesse em mim, não havia gostado tanto assim do encontro, se ele se comportou daquela maneira apenas porque havia o *clima* de romance que os encontros costumam ter. Enquanto estava tendo um mini-ataque mental sobre o que realmente aconteceu com Josh Sanders, a aula de Patty acabou e ela começou uma conversa com Bonnie. Minha atenção foi para elas.

— Já é a terceira vez que me cobram isso – Patty dizia com uma voz cheia de suspiros pesados.

— E você vai dar algum jeito? – minha mãe perguntava interessada no assunto que até o momento eu não havia conseguido identificar.

— Vou ter que dar, eles esperam isso de mim.

— Vai conseguir, Patty Williams sempre consegue estremecer Forest Hill – só então imaginei que estavam conversando sobre mais algum protesto liderado por Patty. Minha mãe era uma admiradora dela, ela gostava de ver alguém que era a favor da voz ativa e ainda mais que tinha uma na comunidade.

— Melhor então eu ir fazer os preparativos – Patty disse com um sorriso e começou a arrumar suas coisas.

— O que vai acontecer? – perguntei querendo saber o que ela planejava.

— Assista o jornal amanhã – ela me respondeu diretamente e saindo de casa logo após.

Olhei de maneira questionadora para minha mãe.

— Nem me pergunte – Bonnie disse fazendo um sinal de *zip* com o dedo por cima da boca. Revirei os olhos com o tanto de mistério que estavam fazendo.



Era a terceira vez em menos de cinco minutos que eu pegava o meu celular, começava a digitar algo, apagava e voltava a guardá-lo. Eu não sabia o que escrever direito e quanto mais o tempo passava, mais achava que as palavras deveriam ser escolhidas com muito mais cuidado. Quando você ainda está levado pelo calor do momento é fácil escrever um “Gostei do nosso encontro” ou então “Topa outro?”, mas a cada hora que passa, e o que você viveu apenas fica mais concreto em sua memória, parece que se mandar qualquer palavra a mais, tudo pode dar errado.

Já se passaram dois dias desde o encontro que tive com Sophie. Já se passaram dois dias que eu tentava mandar algo para ela, mas não conseguia. Não sei o motivo de eu enrolar tanto, sempre tive facilidade em falar com outros, mandar mensagens... me relacionar. Mas Sophie é diferente. Ela não é essas garotas comuns que costumo ver em qualquer outro lugar, meu sentimento a faz diferente, ela tem uma ingenuidade, uma inocência que nem a universidade e os problemas de sua vida conseguiram tirar. É como se ela fosse uma bonequinha que eu deveria cuidar e não deixar nada de mal acontecer. É um sentimento novo que eu ainda estou tentando entender.

Mandar flores então? Isso, mandar flores soa como algo ótimo.

— Fala, bro! – senti um soco amigável no meu ombro e a voz logo indicou quem era, me virei e retribuí o soco

— Thomas!

Thomas Santiago está ao meu lado desde o colegial. Fomos parceiros no basquete durante a época da escola e agora trabalhamos no mesmo departamento como detetives. Ele tem o famoso sangue latino, sua mãe é mexicana, puxou completamente os traços dela.

— Chamado! Chamado! – ouvi um dos policiais gritarem e outros saírem correndo para suas viaturas.

— O que aconteceu? – eu não estava entendendo o que acontecia ali.

— Duas palavras: Patty – Thomas fez o sinal de *um* com o dedo – Williams – mudando o sinal para o número *dois*.

Nós detetives não somos chamados para quando há manifestações, esse trabalho fica com a polícia, eles devem acalmar os ânimos dos presentes, evitando que haja violência e que algo saia de controle. Mas esse era liderado por Patty Williams, a mulher era famosa na polícia e prefeitura, eu sempre fico por perto para saber o que ela faz, por isso pedi para Thomas me acompanhar até a prefeitura, local onde fiquei sabendo que ela estava com mais alguns cidadãos.

Seguindo as viaturas chegamos rapidamente. Umas trinta pessoas estavam fazendo panelaço com Patty. Andavam de um lado para o outro com panelas nas mãos, batendo umas nas outras. Uns estavam mais revoltados do que os outros.

— Vou ver sobre o que é – ouvi Thomas dizer e logo sumir do meu lado.

Fiquei observando a atenção que eles queriam chamar. O barulho estava alto demais, alguns chegaram com apitos que rapidamente foram espalhados entre os manifestantes. Não muito tempo depois Thomas voltou.

— O policial Hanks disse que são moradores de um bairro que semana sim semana não fica sem luz por algumas horas. Há duas semanas eles fizeram um acordo com a companhia de luz juntamente com a prefeitura falando que em uma semana tudo estaria tranquilo, mas semana passada faltou luz de novo.

— Então Patty tomou as dores deles – cruzei os braços e olhei para Thomas.

— Dessa vez não. Dessa vez foram os moradores que ficaram atrás da Patty até ela concordar. Ela virou tipo uma heroína para eles, a mulher que resolve tudo.

Franzi o cenho com essa última informação. Isso não era o costumeiro dela.

A vi pegar um megafone, subir as escadas da prefeitura e falar com as pessoas ali presentes

— Não vamos mais tolerar essa falta de respeito! Você! – apontou para alguém entre eles – Você! – mudou de pessoa – Nós! – ela fez um gesto geral, essa mulher sabia mesmo como tocar as pessoas – Não vamos mais tolerar nenhum desrespeito conosco e com os acordos que são feitos! – sua voz era autoritária e as pessoas ali a ovacionavam – Prefeito! – ela gritou no megafone, se virando para a prefeitura – Nós estamos aqui e queremos o seu pronunciamento! Existem falhas nessa companhia de luz que são imperdoáveis! Porque apenas o bairro deles é que sofre com isso? Não deveria acontecer nada disso! – algumas pessoas começavam a gritar coisas como “É isso mesmo!”, “Desce prefeito!” e “Queremos explicações!” – Chega de irresponsabilidade! Temos comércio! Temos geladeira com perecíveis! Tudo isso está causando danos aos bolsos dos moradores!

Aos poucos aumentava o número de pessoas ali presentes, o que antes foi considerado apenas a junção de alguns moradores, agora era uma pequena multidão formada. Patty deu o megafone para o líder do bairro para que ele acrescentasse outras informações, mal desceu as escadas e uma moradora já colocou um copo de água em sua mão e um círculo de pessoas se formou em volta dela. Olhei para o lado e Thomas havia desaparecido, não percebi em que parte do discurso da mulher ele havia saído. Quando me preparava para ir embora também, vi Patty saindo da multidão, parecia que ela estava dando desculpas para ir embora, logo que se virou para todos, seu semblante ficou sério, como se ela quisesse sair dali logo. Esse era o preço de se mostrar tão acessível. Não que eu fosse contra coisas do tipo, mas essa era uma das consequências que ela sabia que existia de ser vista como salvadora pelos da sua volta.

Não muitos passos depois, um grupo de quatro jornalistas cercou-a. Vi Patty comprimir os lábios e tentar sair das perguntas, as respondendo rapidamente. Não vi quanto tempo ela ainda ficou por ali, resolvi ir embora, ainda teria um longo dia de trabalho.

Mas antes decidi passar em uma floricultura.



Capítulo 4

Me preparei muito antes do combinado. Não queria chegar atrasada no nosso encontro. Antes de sair, dei uma última olhada no buquê de rosas vermelhas que ganhei duas semanas atrás. Elas já não estavam como no dia em que Josh apareceu na porta da minha casa, o vermelho havia ido embora e o aroma também, mas não conseguia jogar fora aquelas flores. Parecia ser errado. Seria eu me desfazendo de um afeto dele.

Então decidi que aquele buquê ficaria em cima da cômoda até o dia em que ele próprio se desmanchasse por completo. Aí minha consciência não pesaria.

Há duas semanas eu estava sentada em minha cama imaginando que nunca mais poderia ter alguma oportunidade com Josh. Me perguntando se eu havia feito ou falado algo desagradável sem perceber. Mas, quando menos esperava, ele apareceu na minha porta com essas flores, pedindo desculpas por não ter dado qualquer sinal de vida. E desde então nós estamos conversando todos os dias. Acho que estamos namorando. Ele não fez a proposta oficial, mas sei que isso vai acontecer em breve, acho que hoje vai ser o dia.

Nossos encontros estão sendo em um local um tanto diferente. Para que não haja algum chamado inconveniente para ele, decidimos nos encontrar no pântano. Quer dizer, não na parte tenebrosa e meio selvagem do lugar, que fica em volta do rio, mas sim na trilha, a caminhada que fazemos é bem tranquila. Me sentia um tanto aventureira, apesar de vez e outra encontrar com alguém que também tirou um tempo para andar por ali. Lá é um dos poucos locais que o sinal de celular não pega. Ou seja, o lugar perfeito para quem busca um pouco de paz.

Hoje é a segunda vez que vamos nos encontrar ali.

E estou mais preparada. Na primeira vez havia ido com uma sandália rasteira e vestido, o que percebi ser muito pior do que imaginava, então desta vez escolhi jeans e bota. Não voltarei com os pés sujos e picadas de mosquitos novamente. Enquanto fazia meu caminho até o ponto de encontro, pensava em Chloe. Ela estava cada dia pior, começou a chegar tarde em casa. Minha mãe já não sabe o que fazer, ela finge que não liga muito, mas já a vi andar no quarto dela de um lado para o outro. E eu? Cansei de tentar ter uma conversa com a minha irmã, ela sempre desconversa ou então responde no tipo curta e grossa.

Pode ser um pouco precipitado, mas Josh está começando a se integrar como minha base. Ele faz com que meus pensamentos se aquietem, minha ansiedade se dissipe e com que, mesmo momentaneamente, eu pense que tudo está tranquilo. O mais importante: agora estou livre para alimentar esse sentimento. Muitos acham que não devemos nos entregar tanto em um relacionamento, que sempre devemos manter um pé atrás para que um dia, caso tudo acabar, o sofrimento não seja tão avassalador. Eu tenho pensado muito sobre isso ultimamente. Cheguei à conclusão de que se sempre for pensado dessa maneira, nós nunca aproveitaremos tudo. E se esse for o relacionamento que vai durar? Isso significa que eu nunca vou viver ele plenamente. E sinceramente? Não quero isso para mim. Quero

criar expectativas agora que sou permitida a fazer isso.

Estacionei o carro perto da entrada de uma das trilhas da floresta, caminhei até começar a sentir a umidade no ar, isso significava que o pequeno e silencioso rio não estava tão longe, apesar de também não estar tão perto. Mesmo em uma distância considerável, havia pequenas lagoas e poças formadas pela água da chuva e pelo terreno úmido, por isso conseguia escutar o barulho de um e outro sapo. Há quem diga que existem muitos perigos nesse local, eu não contrário, existem sim crocodilos e serpentes, mas eles ficam mais próximos do rio e a cada ano que passava, mais difícil era encontrar esses animais. Então até mesmo Sophie Fields, no caso eu, sentiria pouca tensão. Mas claro que cuidado redobrado nunca é demais.

Sentei em uma pedra que estava próxima de onde eu estava e esperei por Josh. Mexia com minhas unhas quando escutei passos por cima das folhas secas, levantei o olhar e o vi com as mãos no bolso da jaqueta marrom e a barra do jeans suja de barro. Mesmo eu não tendo dado atenção ao que poderia ter acontecido, ele se explicou, mas sei que foi mais para começar assunto do que para realmente me informar.

— Quando voltar você tem que tomar cuidado, tem uma pequena poça de lama ali atrás – ele disse meio sem jeito apontando com o dedão para trás, mas sem se virar.

Me levantei da pedra e sorri, o bom humor do Josh era algo que eu prezava. Passei meus braços pelo pescoço dele e o beijei.

— Ok, irei ter cuidado – falei entre um beijo e outro.

Nós andamos de mãos dadas por alguns metros até encontrar um banco de madeira que havia sido improvisado por alguma pessoa que andava frequentemente por ali, Josh sentou virado para o lado e quando sentei ele me puxou de maneira com que seus braços passassem como em um abraço por cima dos meus ombros e minha cabeça ficasse apoiada em seu peito. Me contou como esses últimos dias tinham sido no trabalho e em como o casal Rickenter a cada dia que passava ficava mais paranóico naquele rancho.

Eve estava sempre sendo chamada para verificar as redondezas, já que as armadilhas de Robert até hoje não capturaram um animal sequer. Olhei curiosa para Josh e perguntei

— Por que é Eve sempre a chamada?

Josh me olhou não entendendo o motivo de eu fazer essa pergunta.

— Eve é filha deles. Você não sabia?

Fiquei em silêncio apenas por alguns instantes e me lembrei da última vez que estive com o casal, havia visto uma foto deles com um garotinho e Margareth ficou nervosa quando perguntei se eles tinham um filho. No meu achar, ela não precisaria agir daquela maneira, era apenas responder normalmente. Mas agora que penso em Eve, naquele jeito grosseiro dela e em como não havia outras fotos deles com alguma menina, talvez... Talvez aquele *garotinho* seja Eve? Isso explicaria muitas coisas que eu tenho me perguntado sobre ela desde quando comecei a fazer entregas no departamento de polícia.

— Josh, como ela cresceu? – queria saber se o que eu imaginava tinha chance de ser algo real ou se somente era minha cabeça pensando muito.

— Isso é um pouco complicado. — ele me garantiu, mas logo hesitou em continuar a falar — Mas se você não se importar, não quero comentar sobre isso.

Acenei com a cabeça em sinal de que estava tranquilo se ele não quisesse falar nada. Uma fase da minha vida também não havia sido boa e eu odiaria que alguém saísse contando por aí algo que era minha privacidade. Não o forcei a contar qualquer vírgula que fosse. Se for para descobrir algum dia, descobriria.

— E Chloe? Como ela está?

Quando ouvi essa pergunta, segurei um longo suspiro.

— Está do mesmo jeito. Não a vejo pela manhã e nem pela noite, muito menos sei se ela realmente está indo para a escola — disse desanimada.

— Sem este assunto também então — ele falou segurando uma de minhas mãos e me apertando fortemente.

— É... — soltei quase em um sussurro.

— Ontem passei o dia pensando em você — senti o queixo dele repousar no topo da minha cabeça e um gelo tomar conta do meu estômago.

— Passou? — perguntei tentando mascarar excitação com a curiosidade.

— Na verdade, percebi que você me trouxe um lado que eu não sabia que tinha. Antes achava que ser detetive era a maior e única paixão que eu poderia sentir, mas então você me mostrou o quão apaixonante é uma tarde de cinema seguida de sorvete, uma madrugada de insônia com trocas de mensagens, um dia chuvoso com escritas no vidro embaçado, uma sessão de *selfies* no meio de uma trilha, um dia quase que inteiro andando sem destino e cheio de conversa boba...

Virei para ele e senti meus olhos marejarem, nunca ninguém havia me falado algo do tipo, eu não esperava ouvir isso, sim, eu esperava um pedido de namoro, mas não imaginava esse texto dito por ele. Passei minha mão no contorno de seu rosto e ele logo colocou a dele sobre a minha.

— Eu posso ter mais de uma paixão na vida e descobri que, das recentes, você é a maior delas.

Meus olhos estavam inquietos, talvez tentando evitar que lágrimas caíssem. Me aproximei do rosto dele e o beijei. Lentamente ele terminou aquele momento, mas não afastou muito de mim, ainda de maneira com que eu sentisse aquele típico imã natural que existe em casais apaixonados, ele disse

— Preciso fazer isso de maneira formal, mesmo sentindo que já chegamos de maneira calada nesse ponto. — eu escutava cada palavra dita por Josh, o fitava de maneira ansiosa. Ele pegou minha mão que estava em seu rosto e a segurou — Sophie Fields, aceita namorar comigo? — perguntou antes de mover minha mão até seus lábios e dar um leve beijo nela.

Não consegui mais conter minha alegria quando minhas expectativas não foram frustradas.

— Mas é claro! Claro, claro que aceito! — comecei a repetir as palavras e a dizê-las fora de ordem, ainda distribui beijos pelo rosto de Josh, ele apenas ria.

— E quando vou falar com sua mãe? – ele perguntou quando eu finalmente aquietei.

— Você vai conversar com ela?

— Vou sim, ou você pensa que sou um qualquer que sai namorando sem fazer do jeito certo? – o ouvi falar com um tom de brincadeira, mas que no fundo havia verdade.

— Desculpa sr. Das Antigas.

— Hmmmm... não desculpo não – Josh disse virando a cabeça de lado e fechando os olhos enquanto fazia um biquinho que eu achei ser a coisa mais linda no momento.

Me virei completamente para o lado dele, o abraçando pela cintura, com uma voz toda manhosa falei

— Desculpa detetive Sanders, não era de minha intenção te magoar – passei meus dedos entre o cabelo dele, fazendo minha mão pousar em seu ombro.

Josh virou seu rosto para mim e desfez a pose.

— Não consigo competir com isso! Pare de ser fofa! – dizia, me pegando pelo maxilar e dando um beijo.

Não vimos a hora passar, era sempre assim, não importava qual assunto era a conversa.

Quando o sol começava a descer no horizonte, Josh me levou até o carro que havia estacionado não muito longe dali. Ficamos conversando por mais uns cinco, dez minutos quando o telefone dele tocou. O sinal naquela região era falho, mas as chances de ter em algum ponto da estrada eram maiores. O semblante dele mudou, o sorriso deu lugar para uma expressão séria, ele soltava frases curtas, algumas vezes respondendo apenas um “ok” e um “entendo”. Quando finalmente desligou o celular perguntei o que era e tive como resposta apenas um “era do trabalho” seguido de uma despedida e que mais tarde me ligaria para ver se estava tudo bem.

Josh deu beijo em minha testa e em alguns segundos entrou no carro e foi embora. Não entendi o que havia acabado de acontecer, até onde eu sabia, ele tirou folga nessa tarde, então para ele ser chamado algo muito de ruim aconteceu. E eu comecei a ficar preocupada. Entrei no carro e procurei não ficar especulando o que poderia ter acontecido. Quando estava entrando na cidade, passei por uma viatura da polícia, ela estava em alta velocidade e indo na direção contrária da que eu estava.

Novamente vi a já famosa bicicleta na lateral de casa, logo pensei que Paul estaria. Hoje eu o flagraria em casa e tirava essa história a limpo. Não estacionei o carro no quintal, fiz isso duas casas a frente. Abri a porta sem fazer barulho e em silêncio subi até o quarto de Chloe. Bonnie estava trabalhando e minha irmã deveria estar na escola, era quase hora dela voltar. Parei na frente do quarto da minha irmã e me perguntei novamente qual seria o motivo para que ela preferisse essa infantilidade do que nos apresentar formalmente.



Minha cabeça está a mil. Finalmente pedi Sophie em namoro e confessei para ela a mudança que a paixão causou em mim. Estava pensando que tudo estava na calmaria, pois tanto meu pessoal quanto profissional estavam indo bem. Mas acabaram de me dizer uma notícia terrível. Thomas me ligou avisando que receberam uma denúncia anônima sobre uma invasão do rancho Rickenter e que Eve havia sido a primeira a chegar no local, então eu teria que correr para ver o que de fato havia acontecido e como ela estava. Pelo retrovisor vi mais duas viaturas atrás mim, parecia algo muito sério.

Parei meu carro próximo a casa do casal Rickenter, ali estavam outras duas viaturas, uma ambulância e o carro de Eve. Dois policiais estavam com pranchetas na mão enquanto os outros dois vasculhavam as redondezas, me aproximei dos que estavam parados e perguntei para quem me respondesse primeiro

— O que aconteceu? – ambos se entreolharam como se um entregasse para o outro a responsabilidade de me responder – O que aconteceu? – repeti a pergunta, mas dessa vez minha voz estava mais imponente.

— Recebemos um alerta...

— Isso eu já sei! Agora quero me respondam o que aconteceu aqui! – interrompi o policial que começou a me responder, eu já estava impaciente.

— Quando chegamos encontramos a sr^a. Rickenter desacordada no chão da sala com uma ferida na cabeça. Encontramos um abajur próximo a ela, na base havia sangue, certamente é o objeto que foi utilizado para fazê-la ficar inconsciente. Os peritos não encontraram digitais.

— E Robert? – novamente os policiais trocaram olhares quando perguntei – Mas que merda! Vocês são policiais ou não? – me exaltei com a falta de culhões para responder corretamente uma pergunta.

— Ele foi encontrado gravemente ferido no chão da cozinha, sua pulsação estava muito fraca. Foi somente o tempo de Eve chegar que... que ele veio a óbito.

Fiquei paralisado com o que ouvi, balançava negativamente a cabeça e repetia em sussurros a palavra “não”, isso não poderia estar acontecendo, eu não conseguia acreditar. Nunca trabalhei com o casal, logo que entrei para a polícia eles se aposentaram, mas meu pai, Zachary, era muito próximo deles, foram colegas de profissão durante vinte anos! Ainda existe o fato de ser o pai de Eve. Minha parceira de trabalho há dois anos, data de quando ela chegou transferida de Tallahassee, e minha amiga desde quando éramos crianças.

Andei apressadamente até dentro da casa para procurá-la, ouvi uma intensa movimentação vinda da sala, Margareth estava sentada em uma cadeira de madeira, envolta por um cobertor, olhando para o vazio sem alguma expressão no rosto enquanto os paramédicos faziam os procedimentos para verificar seu estado. Eve andava de um lado para o outro e quando me viu foi até a cozinha, eu então a segui.

— Você está bem? – perguntei tentando saber qual era a reação dela nesta situação já que saber como ela agiria não era algo fácil se tratando de Eve Rickenter.

— Robert foi atacado de frente e de baixo para cima com a faca – parecendo que não

notava minha presença no local ela repetia a cena em que seu pai falecera, mas se referindo a ele pelo nome, para não deixar a intimidade interferir na análise.

— Você não precisa fazer isso, temos um pessoal especialista – eu continuava insistindo.

— Talvez a pessoa quisesse olhar nos olhos dele e o ver agonizar enquanto morria, por isso se aproximou tanto. – ela andou de uma ponta a outra, chegando perto da maçaneta da porta que dava para os fundos da casa e girando-a por várias vezes – A porta não foi arrombada, então, ou a pessoa conhecia a vítima ou a vítima foi descuidada em não deixar fechada.

Eve demonstrava uma frieza tamanha, ela era uma mulher forte e durona, mas isso que estava fazendo era inacreditável, a mãe dela estava neste exato momento na sala sendo preparada para ser levada ao hospital e o pai acabara de falecer. Ou a ficha ainda não tinha caído ou estava no estado da negação.

— Deixe com a perícia, Eve. Eles vão analisar cada centímetro deste lugar. Dois policiais já estão fazendo buscas por pistas na região, se o assassino deixou para trás algo nós vamos encontrar. O que podemos fazer neste momento é companhia para Margareth e esperar pelos resultados forenses.

— Cala boca Josh! – Eve gritou – Eles acabaram de sair, não encontraram mais do que uma única digital na faca que foi utilizada e ainda a digital nem estava completa! Não havia sangue, fios de cabelo, pegadas ou sequer Robert tentou lutar contra seu assassino, então sem DNA sob as unhas também. Estamos zerados de evidências!

Ouvimos o soar da ambulância e como esse barulho ficava cada vez mais longe, era sinal de que Margareth já estava a caminho de um hospital.

— Agora temos que esperar Margareth ficar estável para a interrogarmos – ela continuou falando após alguns segundos de silêncio – Não há casas ou sinal de vida humana em um raio de dois mil metros, quem o matou pegou a estrada e deve ter sumido.

Um dos policiais que avistei logo quando cheguei entrou na cozinha e nos disse que nenhum canto da casa havia sido vasculhado e furtado pelo intruso. Passei a mão em minha nuca, já estava começando a ficar exausto.

— Pedi prioridade na análise da digital, por isso vamos ter o resultado em breve, e então juntamos com o que for encontrado pelos que estão lá fora procurando. Vou pedir que três viaturas sejam liberadas hoje a noite para fazerem uma ronda na cidade e procurar por qualquer um que for suspeito. Enquanto isso, irei ver outras coisas. – Eve disse sem olhar muito para nós dois e saiu sem maiores explicações.

Fiquei por mais poucos minutos conversando com o policial sobre detalhes do que havia acontecido, mas Eve não saía do meu pensamento, eu precisava ver para onde tinha ido e como ela estava. Fui embora da cena tão rápido quanto ela, eu tentaria alcançá-la. Enquanto pensava nos possíveis lugares que poderia ter ido, parei no semáforo e vi o carro dela passando pela minha frente, não me importei em furar o sinal e a segui. Eve entrou no estacionamento do hospital e, em uma distância segura, continuei a segui-la. Então ela estava aqui para ver a mãe. Senti certo alívio por saber que Eve não era tão fria quanto aparentou ser. Fui até a recepção e pedi o número do quarto de Margareth mostrando o distintivo que me identificava como detetive da polícia, subi pelas escadas até o terceiro

andar e procurei pelo quarto.

O encontrei e, pelo vidro do quarto, assisti ao ato mais sensível que já vi de Eve.

Ela estava em pé, grudada na beirada da cama, Margareth havia sido sedada. Eve segurava a mão da mãe como se não quisesse nunca mais soltar. Apesar de estar de costas para mim, imaginei aqueles olhos azuis tentando penetrar nos da mãe, mesmo que fechados, fazendo com que ela acordasse logo. Uma enfermeira passou por mim e eu a segurei pelo braço

— Como está o quadro desta paciente?

A enfermeira olhou quem era e me disse

— Ah, a que acabou de chegar, está estável, mas vai ficar em observação para verificarmos qual foi a gravidade da lesão que o impacto causou. Ela chegou com sintomas de traumatismo craniano moderado, quem a acertou tem força e conhecimento. Acabamos de injetar um sedativo nela porque logo que a filha entrou a paciente teve um ataque de pânico, então foi diagnosticado amnésia, ela não reconheceu a filha. Só o tempo dirá se será permanente ou não – a enfermeira terminou sua fala olhando para Margareth e seu semblante era pesaroso.

— Quais são as outras sequelas que ela poderá ter?

— Isso depende, nós temos que esperar para ver, mas ela pode recuperar-se totalmente, como também pode ter amnésia permanente, como havia dito, e até mesmo ter que lidar com limitações motoras, tonturas e dores de cabeça.

Agradei a enfermeira e fiquei observando Eve com a mãe. De repente me vi no lugar dela, quando há três anos eu é que estava na beira da cama do hospital onde minha mãe dava seus últimos suspiros. Lembro que naquela hora o que eu mais queria era um abraço amigo me dizendo que tudo ficaria bem. Eu então entrei no quarto e passei meus braços em Eve, a abraçando, de início ela resistiu tentando se desfazer do abraço, me dando alguns socos, então beijei o topo de sua cabeça e a abracei mais forte, eu não pretendia dizer coisa alguma, o momento não precisava de palavras, Eve finalmente se entregou e tirou a armadura emocional que havia colocado e me abraçou de volta. Foi assim que, pela primeira vez, vi Eve Rickenter chorar.



— CHLOE FIELDS! – esbravejei quando entrei no quarto, não estava acontecendo nada demais, mas o fato de ter sido a primeira vez que o via fez com que eu ficasse um tanto brava.

Os dois estavam deitados de barriga pra baixo na cama, cada um com um lado do fone de ouvido e Chloe mexia no notebook, pelo que vi estavam escutando bandas.

— Calce isso agora – disse séria, apontando para o sapato no chão e olhando agora para o garoto que eu supunha ser Paul, como se eu tivesse o poder de expulsá-lo apenas com o olhar.

Parece que ele entendeu o meu desejo e após colocar o sapato saiu do quarto, seu olhar era desafiador e seu sorriso cínico. Respirei fundo por umas cinco vezes na tentativa de fazer com que me acalmasse. Sentia Chloe me fulminando com o olhar.

— Que foi Chloe? Você realmente acha que está no direito? – perguntei lutando para manter o meu controle.

— Sai da frente – ela disse me empurrando enquanto descia atrás do garoto. Chloe gritava frases dizendo que iria ligar para ele mais tarde.

— Hey! Apresentar ele para nós nem pensar, mas trazer ele para cá sem avisar tudo bem?

— Cai fora Sophie! Você não tem um namorado para cuidar? Uma amiga para fofocar? Você acabou de estragar tudo para mim! – Chloe estava exaltada e seus gritos estavam muito próximos do meu rosto.

— Está na hora de você crescer e criar consciência! – eu disse enquanto ela entrava no quarto, segui, mas a porta bateu na minha cara, dei três batidas seguidas e continuei – Abre aqui, Chloe! Vamos conversar! – dizia ainda batendo na porta e girando a maçaneta como se fosse funcionar a qualquer momento – Chloe? Chloe?

Não ouvi mais nenhum barulho vindo do quarto dela, revirei os olhos e suspirei agressivamente. Eu não iria contar para Bonnie, se Chloe quisesse falar algo ela que faria isso.

Nessa hora eu até já havia esquecido o que havia acontecido, com o que eu estava preocupada e até mesmo contar para Emily o que deveria. Somente quando anoiteceu é que peguei meu notebook e procurei ver se ela estava online.

FEE-FEE: Ems, está por aí?

FEE-FEE: Ems?

FEE-FEE: ...

EMSMOORE: Ah, desculpa Sophie, eu estava ajudando minha mãe aqui em casa e deixei isso aqui aberto :x demorei muito?

FEE-FEE: Não, só 40 minutos, rs

EMSMOORE: OH GOD, desculpa hehe

EMSMOORE: Pela milésima vez, acho legal que você ainda esteja usando Fee-Fee, mas ainda prefiro seu nome inteiro Sophie ☺

FEE-FEE: Lembranças do ensino médio, melhor deixar assim

EMSMOORE: Mas porque você estava com todo aquele desespero me chamando?

FEE-FEE: Aconteceram tantas coisas...

EMSMOORE: Tipo...

FEE-FEE: Josh me pediu em namoro

EMSMOORE: COMO ASSIM? E VOCÊ NÃO ME LIGA PRA CONTAR ISSO? E AINDA ME FALA NESSE TOM SEM ALGUM EMOTICON FESTEIRO?

FEE-FEE: Wooooooooooooooooooooow! Calma senhorita!

EMSMOORE: Calma nada! Se você não me contar agora T-U-D-O o que aconteceu, vou fazer greve de amizade!

FEE-FEE: Não ouse!

EMSMOORE: Experimente u.u

FEE-FEE: Não vou correr esse risco haha

Então contei para Emily como havia sido o encontro e o pedido de namoro, inclusive, contei sobre a saída inesperada e urgente dele.

EMSMOORE: E ainda não ligou para ele?

FEE-FEE: Não sei se ele já desocupou...

EMSMOORE: Ué, tente pelo menos uma vez

FEE-FEE: Ok, vou fazer isso agora, estou saindo

EMSMOORE: Beijos

FEE-FEE: Beijos

FEE-FEE se desconectou

Peguei meu celular e liguei para Josh, tentei duas vezes, mas a ligação caía por ninguém atender. Então digitei uma mensagem de texto, perguntando se ele estava bem e se alguma coisa séria havia acontecido, esperei por tempo suficiente para perceber que naquele dia eu não iria mais conseguir falar com ele.

Ouvi minha mãe chegar, contei para ela somente as coisas positivas que aconteceram no dia, ela perguntou onde estava Chloe, respondi que ela chegou falando que estava muito cansada e que após um banho iria cair direto na cama, Bonnie não perguntou mais nada sobre ela. Ainda bem, eu não estava com disposição para falar mais sobre a irmã-mais-nova-que-está-se-comportando-de-maneira-estranha.

Apenas para não passar batido, mandei uma última mensagem para Josh antes do dia terminar. Novamente, sem resposta.



Capítulo 5

O grito de um garoto seguido do choro de uma mulher me acordou repentinamente, olhei para os lados esfregando meus olhos para me situar, então, como uma avalanche, todos os acontecimentos dessas últimas doze horas voltaram para os meus pensamentos. Virei minha cabeça levemente para o lado direito e vi Eve dormindo sobre meu ombro, sua mão segurava a de Margareth. Tentei pegar meu celular que estava no bolso da minha calça de uma maneira que não acordasse a detetive. Pelo horário, daqui a pouco o sol iria nascer. Duas ligações perdidas de Sophie (sem caixa-postal) e duas mensagens, minha boca se encheu para soltar algum palavrão aleatório, mas não disse nada.

Com cuidado tentei afastar a cabeça de Eve do meu ombro, ela naturalmente se mexeu, virando-se para o outro lado do sofá. Levantei, peguei meu casaco e saí do quarto.

Digitei rapidamente uma mensagem de desculpa para Sophie, tempo de chegar até o balcão de informações daquele andar do hospital.

— Por favor, qualquer novidade, mesmo que mínima, no quadro daquela paciente, – falei para a mesma enfermeira que havia conversado na noite anterior, apontando para o quarto onde estava Margareth – me avise – entreguei meu cartão e, antes de ir para o trabalho, fui até a casa de meu pai.

— Josh, Josh – ouvi aquela voz grossa e antiga do meu pai enquanto ia até a sala de estar.

— Bom dia pai – falei com meio tom de incerteza quando vi o semblante triste dele.

— Sente aqui – apontou para a poltrona na frente da que ele estava.

Notei que Zachary estava com o jornal na mão, quando sentei ele colocou o papel ao lado. Ele olhava para o chão, parecendo procurar as palavras e esconder o que realmente sentia. Meu pai sempre foi assim. Após a morte de minha mãe ele tentava não transparecer sua tristeza, mas para mim isso não fazia diferença, de alguma forma eu sentia o que ele estava tentando disfarçar. Deve fazer parte disso que as pessoas costumam falar que existe de mais intrínseco e instintivo na relação *pai e filho*. Eu sabia que ele estava arrasado agora, não precisei das palavras “Detetive aposentado” que li na manchete rapidamente antes de ele colocar o jornal ao seu lado.

— Você precisa prometer uma coisa para mim, filho.

— O que?

— Você vai fazer de tudo para prender o filho da mãe que matou Robert – seus olhos estavam fixos nos meus, seu indicador apontava para o jornal com veemência e sua voz era autoritária. Isso era raiva reprimida.

— Não preciso prometer, ele matou um de nós. O caçarei até o fim do mundo.

Eu precisava encontrar o assassino. Era questão de honra. O principal: deveria fazer com que meu pai, Margareth e Eve ficassem em paz sabendo que quem praticou este crime

hediondo teria o que realmente merece.

Quando falei que estava no horário de ir embora, meu pai se levantou da poltrona e disse para eu esperar, fiquei parado o observando vir até a mim. Zachary me abraçou e eu retribuí o gesto, seja por qualquer motivo que ele tenha tomado esta atitude, eu senti que fosse como se ele transmitisse apoio e encorajamento.

O clima na delegacia era pesado, mais do que normalmente é. Alguns policiais me pararam perguntando sobre Eve, perguntando como ela estava lidando com a perda, eu evitava dar detalhes, como costumava ser reservada, ela não gostaria de ver que todos do departamento sabiam como se sentia, pelo que conheço da detetive ela se sentiria super exposta.

— Resultado da impressão digital – Thomas interrompeu uma conversa que eu estava tendo com um dos policiais e me puxou até uma sala.

— Olá Josh – Tom, o responsável no departamento pelas análises forenses, me cumprimentou com uma expressão séria.

— Bom dia – respondi um pouco seco, mas ansioso para ouvir o que ele tinha para falar.

— Como Eve havia me pedido, fiz da impressão digital a minha prioridade, mas o resultado não bate com nenhuma outra que está no banco de dados da polícia.

— Então nosso criminoso nunca foi fichado... – pensei alto.

— Não há registros dele em nenhuma prisão do país.

Fechei os olhos para conter meu desgosto, a única coisa que poderia ajudar a identificar não iria ajudar em coisa alguma! Não havia pegadas, qualquer tipo de amostra de DNA... nada!

Estamos no escuro total.

A não ser que Margareth tenha visto o assassino.

Mas só seria possível o reconhecimento se ela recuperasse a memória.

O mais breve possível, de preferência.

— Conversei com o médico legista hoje pela manhã.

— Ele disse alguma coisa que pode nos ajudar? – perguntei com uma pequena esperança crescendo dentro de mim.

— É melhor você ir até ele, Archibald poderá explicar melhor.

Agradei Tom e, com Thomas, fui direto para a sala de necropsia que ficava na parte subterrânea do departamento. O local tinha sua temperatura mais baixa, mas sabia que o arrepio do meu braço não era somente por causa disso, ver o corpo de Robert sem vida me causava rebuliços no estômago.

— Archibald?

— Detetive Sanders! Detetive Santiago! – o ouvi e logo o vi saindo de uma sala, colocando luvas de silicone – Por aqui – ele nos encaminhou até a mesa em que estava Robert.

— O que descobriu?

— Passei horas estudando os golpes e pensei em algumas hipóteses... Está vendo este corte? – Archibald apontou para um corte grande e inclinado, na lateral do corpo, localizado dois dedos abaixo da última costela – Apesar de não se saber completamente qual foi a sequência de todos os golpes, creio que este fora o primeiro.

— Por quê?

— Está vendo que todos os outros cortes são retos? Somente este aqui é que está com uma leve curvatura, que começa neste ponto e sobe cerca de dois centímetros. A vítima estava de costas e quando sentiu o primeiro golpe, ela se virou, fazendo com que a faca se movesse para cima.

— Para a faca ter essa facilidade em cortar, ela deveria estar extremamente afiada. Então quem fez isso com Robert tinha mesmo a missão de matá-lo somente. Talvez liquidar até Margareth – conclui.

— E também o assassino era maior do que a vítima, Robert tinha 1,67 metros, você está procurando alguém com pelo menos 1,70 metros.

Não era muita coisa, mas ao menos já poderíamos excluir ou incluir suspeitos com base na altura.

— E qual foi o golpe fatal?

— Este aqui na carótida. Ele sangrou até morrer.

Nós da polícia somos treinados para sempre que estivermos a serviço, separemos nossa vida pessoal da profissional. Na teoria isso é simples, até mesmo se estamos lidando com estranhos, afinal eles são meros desconhecidos que foram vítimas das injustiças da vida ou da “*justiça*” das ruas. Ver corpos inertes, sem vida, é algo comum, ainda mais para nós que a principal função é procurar por quem comete essas atrocidades. Mas quando se trata de alguém que conhecemos e que até mesmo trabalhamos juntos (ainda há um ou dois ativos na polícia que eram do tempo Rickenter), a situação muda e nossa visão muda igualmente. Sabia que estava encarando demais o corpo quando ouvi Archibald pigarrear

— Se quiser posso mandar o relatório para o Thomas.

Eu estava tão tenso que nem mesmo percebi quando que Thomas sumiu, pensando bem, só senti sua presença quando Archibald nos cumprimentou, mas não notei se ele entrou junto comigo ou não. Thomas deve ter ido para algum chamado.

— Claro, mande sim. Vou preencher uma papelada que havia deixado para depois e em seguida irei ver como Margareth está.

— Detetive Sanders... – ouvi do legista quando estava para sair – O corpo vai ser liberado no período da tarde. Todos os exames já foram feitos.

Fiquei encarando Archibald e o corpo por um momento, no fundo eu fazia a promessa de que a identidade do assassino não iria ser levada para o túmulo junto com Robert. Só então me retirei.

Entre uma papelada e outra ouvi passos se aproximando da minha mesa de trabalho e uma chave foi jogada em cima de uma pequena pilha de documentos. Olhei para cima e vi

certo latino com um brilhante sorriso no rosto

— Lembra daquele “Te devo uma” que ouvi há algumas semanas quando você recebeu de última hora a ordem de fazer os relatórios ficarem prontos e serem entregues no mesmo dia em que você teria o seu primeiro encontro com *uma tal garota chamada Sophie*?

Segurei uma risada e me aproximei da mesa com o braço cruzado, mas com uma das mãos no meu queixo, como se eu estivesse encorajando-o a terminar logo o que queria dizer, mesmo já desconfiando o que ele queria.

— E seu grande parceiro aceitou o pedido de um babaca apaixonado e ficou até 1 hora da manhã escrevendo e revisando relatórios no lugar dele?

— Me lembro vagamente... – disse com uma cara de pensativo, brincando com a situação.

— Pois bem, é melhor você lembrar e muito bem agora, preciso que desta vez você fique no meu lugar. Não tenho muito serviço, não demorará nem quarenta minutos, é que realmente preciso sair mais cedo hoje. Por isso estou te dando chave da minha mesa, para caso precise de algo.

— E eu posso saber o motivo dessa sua pressa?

— Vamos apenas dizer que o acaso nos traz surpresas.

— Ok senhor-todo-misterioso, faço isso por você.

— Obrigado, bro!

Assim como eu, Thomas era um cara muito focado no trabalho, raramente o via com alguma companhia. Ele conversava sobre taxa de homicídio, futebol, baseball e tipos de cerveja, mas nunca sobre alguém que ele possa ter conhecido. Como está longe de ser uma pessoa retraída, se ele estivesse indo em encontros, sei que falaria tranquilamente, assim como fez agora. Então suponho que isso ele não tinha um há algum tempo. E não era do meu feitio impedir esse acontecimento que eu diria ser um dos grandes.

Uns minutos a mais no trabalho durante aquela noite não fariam tanta diferença.



Não falava com Josh havia dois dias. Depois que recebi a mensagem de desculpas procurei não ir ter com ele, sabia que estava muito ocupado e se eu aparecesse querendo atenção poderia acabar o atrapalhando. Então quando ele estivesse com um tempo livre, estaria o esperando. Mas hoje nós vamos nos encontrar, não porque ele tinha esse tempo, sim por um motivo trágico, Robert havia sido assassinado. Descobri essa notícia assistindo aos noticiários, Josh não me contou, penso que ele não sabia como fazer isso. Eu até agora não acredito que isso aconteceu, sempre que tinha entregas no rancho do casal ele me passava a sensação de ser tão forte e astuto, parecia ser algo irreal essa morte. Logo quando descobri que ele era pai de Eve...

Eve.

Eu iria hoje ao enterro para conversar com ela também. Eve tem esse jeito fechado e grosso, mas sei o quanto dói. Eu me considerava órfã de pai, para mim ele havia morrido então sei como é perder um pai de uma hora para outra, assim, sem avisos e sem nada, mas confesso que não sei o que é ter a mãe hospitalizada.

Fui visitar Margareth hoje pela manhã, ela parecia melhor, a enfermeira disse que aos poucos a memória está voltando, já consegue reconhecer a filha e se recorda de acontecimentos recentes, bom, não de todos. Parece que ainda ela ainda não se lembra do que exatamente aconteceu naquele dia, mas mais cedo ou mais tarde ela conseguirá.

Infelizmente Margareth ainda não está em condições de sair do hospital, muito menos para ir dar o último adeus ao marido. Apesar da enfermeira me garantir que Eve sempre estava por lá fazendo companhia para a mãe, eu não a vi em nenhum momento. Talvez não fosse a hora certa para nos encontrarmos.

Me aproximava do cemitério, meu vestido de cor preta se contrastava com a grama surpreendentemente verde, meu sapato fazendo o mesmo. Minhas mãos estavam envoltas por uma luva delicada e meus olhos escondidos atrás de um óculos. Meu cabelo com leves ondas se destacava perto de meu *look* inteiramente escuro. Odiava vestir preto. Odiava o luto. É muita dor, o sentimento de perda é imensurável.

Já conseguia ver Eve, Josh, alguns policiais e detetives que eu encontrava quando ia fazer as entregas. Ela estava de calça social e terninho, Josh vestia uma camiseta manga longa e calça social. Todos estavam com a cor preta. Meu coração já estava se apertando, e a sensação piorou quando eu pude ver o caixão. Uma vontade de chorar me veio quando imaginei o sr. Rickenter ali dentro.

Horrível.

Fiquei ao lado de Josh, apenas acenamos com a cabeça no lugar de falarmos “oi”, segurei a mão dele em apoio e escutamos o tenente terminar o discurso. Após isso teve uma homenagem do departamento de polícia, eles cantaram o hino não-oficial do DPFH (Departamento de Polícia de Forest Hill)

Um irmão é um irmão,

Com ou sem razão.

Nosso objetivo é prender ladrão

E não deixar assassinatos sem solução.

Um irmão é um irmão,

Sendo de sangue ou não,

Parceria e proteção.

Nós do DPFH nunca nos deixamos na mão!

UNI-ÃO! UNI-ÃO! UNI-ÃO!

Já conhecia esse hino de trás para frente, por duas vezes Josh havia me levado para o bar que os do departamento costumam frequentar após o expediente, por várias vezes eles começaram a cantar aparentemente sem motivo algum, apenas para celebrar essa relação deles. Ainda estou para conhecer grupo mais unido do que policiais.

Agora essa cantoria era triste, um grupo de dez policiais estava em posição de sentido e olhavam para o caixão ao cantar, havia pesar nos olhos de cada um deles. Olhei para Josh e seus lábios se movimentavam como se estivesse realmente cantando, mas não havia som saindo entre eles.

O caixão foi colocado dentro da cova e um por um os presentes ali colocaram uma flor em cima dele. A filha foi uma das últimas, uma ação que entendi como se ela estivesse querendo adiar o inevitável. Logo depois que eu joguei a minha, fui procurar por Eve, ela havia sumido e como Josh estava conversando com o tenente, decidi que era justo e lógico ir procurá-la.

Não andei por muito tempo no cemitério até a encontrar, foi fácil reconhecer aquele rosto extremamente branco ganhando mais destaque devido à coloração da roupa. Eve e eu nunca tivemos uma conversa, ela era sempre tão curta e direta comigo que houve época em que cheguei a duvidar se ela tinha ou não sentimentos. Agora que a vi limpando uma lágrima ao me ver chegar, tive a certeza de que tinha tanto quanto eu.

— Oi Eve. — falei um pouco retraída, recebendo apenas uma olhada como resposta — Escuta, se você quiser alguém para conversar, estou aqui, ok? Sei que você não deve gostar muito de mim, mas qualquer apoio nessas horas é sempre bem-vindo.

— Conversar sobre o que? Sobre “ah, eu imagino como você se sente, mas aos poucos essa dor vai aliviar”? Se for isso, pode sair daqui, não preciso de mais um desse para colocar em minha coleção. Você não sabe pelo que estou passando, você e seu mundinho colorido.

Fiquei perplexa com a reação de Eve, eu que estava apenas com o intuito de ajudá-la recebo essas palavras? Essa grosseria? Eu não tinha ideia do que é ficar sem um pai? A partir do momento em que um pai abandona você e sua família e nunca mais volta, você o considera morto.

— Realmente, Eve, eu não sei pelo que você está passando. Mas sei pelo que eu passei, foram acontecimentos diferentes, mas o sentimento é o mesmo. Ou melhor, pelo menos você conviveu até os trinta anos com o seu pai.

— Acredite em mim Sophie Fields, minha vida teria sido bem melhor se eu não tivesse convivido nem cinco com ele! — Ela me disse isso de maneira seca, pelo seu tom eu pude

perceber que o maior problema no momento não era eu, na verdade tinha certeza que não havia qualquer coisa relacionada a mim e minha vontade de ajudar, esse comportamento estava inteiramente relacionado a ela e ele. Somente os dois. – Agora que ele se foi, não sei como me sentir. Nem sei o motivo de estar conversando com você. Adeus.

E foi assim, sem mais nem mesmo, que Eve Rickenter virou as costas para mim e foi embora. Eu não soube como agir, fiquei ali parada observando cada vez mais ela se afastar até eu a perder de vista.

— O que aconteceu? – senti a mão de Josh em minha cintura.

— Na...da. Não houve nada – balbuciei ainda tentando entender o que havia acabado de acontecer.

— Se Eve foi grossa com você, o que não duvido, tente não levar para o pessoal, ela está muito estressada, e quando está assim seu nível de sensibilidade se iguala a zero, nível esse que não é muito alto nem mesmo em seu estado normal.

Eu fiquei sem responder. Ele apenas me colocou no meio de seu abraço e deu um beijo no alto de minha cabeça.

— Estava com saudades – Josh disse com sinceridade explícita.

— Eu também – respondi o abraçando ainda mais forte.

— Vem cá, quero te levar para um lugar – pegou meu braço e me guiou até seu carro.

Entrei no carro sem fazer muitas perguntas, aos poucos começava a reconhecer o caminho que ele estava fazendo, estávamos indo para a floresta que dava para o pântano, o local onde nos encontramos algumas vezes. Descemos do carro e, me pegando pela cintura, me guiou até o ponto em que nos encontramos da última vez. Se aproximando de mim, Josh começou a falar

— Em nosso último momento juntos, começamos algo especial, que infelizmente foi finalizado com uma notícia terrível. Agora, em um dia pesado, quero terminar ele com a nossa coisa especial – Josh se aproximou mais e me beijou, passei meus braços pela nuca dele e a paixão, que no momento era tão intensa que se ela se materializasse eu não acharia estranho, melhorou um pouco o clima triste que estávamos.

Sentamos no mesmo banco e conversamos sobre o futuro de Margareth. Josh me contou que Eve planejava mudar a mãe para Tallahassee, onde ela não ficaria sozinha e poderia ter acompanhamento médico melhor do que de Forest Hill. Apesar de estar interagindo e preocupada com o assunto, a breve conversa que tive com a detetive não saía da minha cabeça, eu queria perguntar a Josh o que eu estava supondo no momento, mas não sabia nem como fazer isso, então decidi ser direta na primeira oportunidade que tive

— Josh... Eve não tinha um bom relacionamento com o pai dela, não é mesmo?

Ele parou por um segundo, talvez se perguntando onde eu queria chegar com isso.

— Eles não eram muito próximos – me respondeu vagamente, senti que esse era assunto para lidar como se estivesse pisando em ovos.

— Quero que você seja sincero comigo...

— Ok – ele disse disfarçando sua hesitação com um afago em minha cabeça.

— Na última vez que fui fazer entregas na casa dos Rickenter, vi fotos de um garotinho com eles, Margareth me falou que eles não tinham um garoto... Era Eve nas fotos, certo?

Josh suspirou, olhou para a direção do pequeno rio que passava a alguns metros dali, e depois confirmou

— Era ela sim.

Arqueei minhas sobrancelhas com a surpresa

— Eles a tratavam como um garoto? Por isso ela é daquele jeito? Imagina o trauma que a garota passou quando entrou na adolescência!

Percebi que comecei a falar demais e calei subitamente.

— Tudo bem Sophie. Eve foi a única filha que Margareth conseguiu ter, mas Robert sempre a tratou como um garoto, exigia que sua esposa não o contrariasse, já que não pôde dar o filho que ele tanto queria. – fiquei assustada com o que escutei, mas permaneci quieta, escutando Josh – Nós brincamos muito quando criança, mas naquela época ser menino ou menina não importava, fui entender direito como era a situação quando eles a mandaram para a capital, onde passou um tempo com outros parentes e viu especialistas em comportamento.

Não sabia se Josh iria responder todas as dúvidas que estavam rondando em minha cabeça, mas não custava tentar

— Mas qual era o motivo para a tratarem dessa maneira? Era mesmo só porque ela nasceu mulher e isso desagradou o pai?

— Não, Sophie, não–

— Por favor, Josh. Preciso entender Eve, ela é sua amiga e eu quero me importar com ela – o interrompi. Por mais que eu estivesse o fazendo falar, nenhuma das minhas palavras eram falsas.

Ok, nunca fui uma grande fã da detetive, mas após descobrir um pouco mais de sua vida e saber que ela era de grande importância para meu namorado (ainda estou tentando acreditar nessa nova designação para nós dois), percebi que talvez existisse alguma pessoa bacana, que apenas se mostra durona e grossa para apagar traumas do passado. As aulas de psicologia que participei quando caloura me fazem entender isso. E meus anos de experiência lendo livros e assistindo filmes, claro, se isso ajuda em algo. Ele pegou na minha mão, fazendo com que eu me virasse completamente em sua direção

— O pai dela sempre quis *mesmo* um garoto, mas como disse, Margareth só conseguiu dar uma menina para ele. Sistemático do jeito que era, ele a criou como um, quando digo criou, não estou falando de apenas roupas, mas sim de tudo. Eve acreditava que era aquilo que ele dizia, mas daí chegou a puberdade, junto com todos os hormônios, confusões e vontades, ela entrou em uma grande crise e só então a mãe dela conseguiu mandá-la para Tallahassee para se tratar. Eve coloca medo em todos da polícia, mas eu sei como é por dentro daquela casca grossa, desse jeito que ela inventou de se defender.

Estava gostando de Josh confiar em mim, mas não nego que senti ciúmes quando começou

a falar dessa maneira sobre ela. Respirei fundo e mentalmente tentava me convencer *Ele está com você, você, então não precisa ter ciúme algum*. Ouvindo aquilo, de modo sutil, balancei negativamente a cabeça

— Você acha que um dia ela irá superar tudo isso?

Josh entortou levemente os lábios

— Não sei, acho que ela se acostumou a viver dessa maneira, pensa que não precisa mudar... Acha que está normal. Mas isso só o tempo vai dizer.

— É... – pigarreei antes de começar a falar – Você e ela...?

Pronto! Perguntei! Agora não tinha como voltar, esperei várias reações dele, algo como uma surpresa seguida de um “O que você está pensando?!” ou então que ele admitisse que já havia acontecido algo. Eles são parceiros de trabalho e amigos há muito tempo, é compreensível até certo ponto. Mas eu definitivamente não esperava a reação que de fato ocorreu.

Josh soltou uma risada — Sophie! Eve e eu? – ele perguntou, logo caindo na risada novamente – Não, não, somos amigos apenas.

— Mas algum dos dois já sentiu alguma vez algo pelo outro? – tentei não soar controladora, insegura ou algo parecido, mas essa curiosidade misturada com ciúmes era algo que eu não estava me saindo muito bem quando a questão era conseguir controlá-las.

— Não acredito que fui namorar uma ciumenta! – Josh gargalhava.

Franzi o cenho e mostrei a língua para ele. Atitude um tanto infantil. Ele deu um suspiro para parar as risadas e me respondeu

— Não vou mentir, quando Eve voltou da capital senti certa atração por ela sim, mas absolutamente nada aconteceu.

Fiz um biquinho com a declaração dele. Não fiquei exatamente feliz, mas me contentei com a sinceridade dele.

— Ah... O que foi Sophie? Não vai me dizer que...

— Não, está tudo bem, tudo certo...

— Vem aqui. – ele me puxou para perto dele com um abraço e sussurrou em meu ouvido – Só tem uma garota que ocupa meus pensamentos, só uma que eu quero passar o resto dos dias junto.

Sorri e me aconcheguei em seus braços e, mesmo não sendo necessário para me tranquilizar, Josh completou

— E é você, Sophie Fields.



Capítulo 6

É assim: para a vida se manter em equilíbrio, sempre que algo estiver dando certo outra coisa vai afundar. Sempre. Já se passaram três semanas desde o enterro do detetive Rickenter, e novamente eu estava lidando com um funeral. Ou quase.

— Chloe! – batia novamente na porta – Chloe!

— Sophie! Por favor, tente novamente – minha mãe dizia do meu lado, ela andava de um lado para outro, roendo as unhas.

— Fique calma, Bonnie Fields!

Como se não bastasse o meu nervosismo, ainda tinha que tentar controlar o dela.

— Você sabe que ela não quer você aqui, é melhor descer para ficar com Margot e atender Patty. As duas estão lá embaixo e tem apenas uma adolescente birrenta dentro desse quarto – sussurrei.

Ela parou e pensou no que eu disse

— Você acha que é melhor...

Arregalei meus olhos e com um gesto das mãos fiz com que ela finalmente descesse.

— Pronto, Chloe, mamãe desceu. Pode me atender ago—

Antes de eu terminar a palavra, a porta foi aberta e finalmente vi o estado em que minha irmã se encontrava: rosto inchado, olhos vermelhos e em sua bochecha havia uma mistura de rímel, blush e lágrimas. Nada muito agradável. Quando ela me deu um espaço entrei no quarto, aquele barulho que escutamos logo depois de Chloe ter chegado correndo e chorando foi explicado com vasinhos decorativos e um abajur quebrados, além do criado-mudo derrubado.

— Chloe, você pode me falar o que está acontecendo? – perguntei enquanto dividia minha atenção com o quarto bagunçado e ela fechando a porta, sentando na cama em seguida.

— Eu... Eu estou muito envergonhada, Sophie – ela mal conseguia dizer as palavras, o choro a obrigava a repetir algumas delas mais de uma vez.

Sentei ao seu lado e a abracei. Passei minha mão em sua cabeça e beijei o topo

— Pode falar, não vou te julgar.

A mão de Chloe apertou um de meus braços e ela chorou mais ainda. Ficamos daquela maneira por algum tempo, dez ou quinze minutos, até que ela conseguiu se recompor

— Paul, aquele babaca! – ela dizia enquanto limpava as lágrimas e a meleca que virou a mistura de maquiagem em sua bochecha – Ele não apareceu nesses últimos quinze dias na escola, não me respondeu e quando fui até a casa dele – Chloe gesticulava muito – descobri que o bonitinho decidiu viajar!

— Mas isso foi só uma falha na comunicação.

Chloe levantou e começou a gritar

— Não foi, Sophie! – ela colocou as mãos sobre o rosto e eu fiquei quieta, esperando o que mais poderia vir – Olha... *Grrr!* Nem todo mundo tem um relacionamento que funciona, tá legal? Eu sei que ele está me evitando, eu sei que ele fugiu! O motivo? Não sei, Sophie, eu não sei!

— Aquele dia que eu vi ele aqui... Vocês não se falaram depois?

— Meu Deus, Sophie! Desde aquele dia ele está estranho comigo. Foi sua culpa? Minha culpa? De quem?!

Chloe estava desesperada, as lágrimas ameaçaram voltar a cair, me levantei rapidamente fui até ela a abraçar, abracei bem forte, um daqueles abraços que a gente recebia da nossa mãe quando algo ruim acontecia.

— Se tem algum culpado nessa história, é ele, Chloe, e somente ele. Nada do que eu fiz ou que você possa ter feito dá o direito daquele garoto agir dessa maneira.

— Mas eu o amava tanto e ele dizia que me amava também! – ela falou voltando a chorar, dessa vez no meu ombro.

Pobre criança, isso não é amor. Amor não te faz sofrer dessa maneira, o amor não te abandona. Queria falar tantas coisas para ela, como por exemplo, que haverá outras chances ainda na vida, que ninguém merece sofrer dessa maneira por alguém, ainda mais quando esse alguém se mostra um tremendo imbecil, que ela era mais do que essa miséria momentânea. Mas era o primeiro coração partido dela, essa poderia ser uma das piores dores que uma adolescente pensa que existe. Parece o fim do mundo. Sei disso porque na minha época de escola tive várias amigas com esse desespero.

Resolvi ficar em silêncio, murmurando um e outro “Vai ficar tudo bem, você é mais forte do que imagina”. Deitei na cama e fiquei passando a mão em sua cabeça até que ela pegasse no sono.

O som da conversa na sala foi diminuindo a cada passo que eu dava ao descer na escada, mal apareci e Bonnie já veio até a mim

— Falou com ela? O que ela te falou? Como ela está? Ainda está chorando? Alguém na escola importunou? Aquele menino... Paul, Paul é o nome dele, correto? Ele fez alguma coisa? Ou ele sabe de algo? Ele está vindo para cá? E se eu subir para checar como ela está? Ela est—

— Mãe! Mãe! – peguei no ombro dela e a fiz olhar para mim – Calma, ela está melhor, eu a coloquei para dormir. E quanto ao Paul, melhor nunca mais tocar no nome dele.

Bonnie arqueou as sobrancelhas e assentiu com a cabeça

— Ok, ok, venha então na sala para conversar um pouco.

Concordei e a segui. Cumprimentei Margot e Patty, sentando ao lado da professora de música de Chloe

— Então Sophie, hoje eu vim para ver se ela iria querer repor a aula da semana passada,

mas parece que não.

— Hoje não Patty, volte daqui uns dois dias ou faça uma aula dupla na próxima vez. Mas, qual o motivo de você ter sumido semana passada?

Patty pegou a xícara de chá e tomou um bom gole antes de me responder

— Eu precisei viajar, sabe como é, apresentações de ex-alunos, essas coisas...

— Ah sim...

Não que seja ruim fazer sala para elas, mas é que não é exatamente a faixa etária que costumo conversar, na maior parte do *blablabla* elas falaram sobre os anos 80 e 90, eu sorria e comentava sobre o que eu lembrava e/ou sabia da década em pauta. Margot relembrava de quando seu tempo era gasto atrás de bandas como The Cure e Alice in Chains, suas preferidas, sendo levada até mesmo atrás da grunge Nirvana. Patty não deixou de ser simpática, mesmo não falando muito sobre esse assunto. Pouco tempo depois ela disse que precisava ir embora, mas antes perguntou

— Posso subir para falar um pouco com Chloe?

— Claro, só não a acorde se ela ainda estiver dormindo – Bonnie pediu.

Então Patty subiu as escadas e foi para o quarto de Chloe. Mal ela saiu da sala e Margot já começou com suas fofocas

— Sabe o que ouvi da sua vizinha daqui da frente?

— Cath?

— Essa mesma! Eu estava no mercado e ela estava conversando com outra mulher sobre seu vizinho novo, qual é mesmo o nome dele... É... Sean Lee! Isso, Sean! Ela disse que ele era casado e que apesar da mudança, está aqui apenas para pegar a herança dos avós e sumir no mundo.

— E como ela soube disso? Sean é a pessoa mais reservada que conheço!

— Não sei, Bonnie, mas ela disse que ele veio escondido da mulher e que quando colocar as mãos no dinheiro vai embora até mesmo para longe da esposa.

Notei o rumo da conversa e para segurar uma risada, comecei a recolher as xícaras e colheres que estavam na mesa de centro, antes de chegar na cozinha ainda pude ouvir Margot dizer

— Esse Sean é muito estranho, – e com uma voz que simulou um sussurro, ela disse – desconfio e tenho medo dele.

Abanei a cabeça e sorri quando pensei na capacidade de cuidar da vida alheia que as pessoas podem ter. Enquanto ainda pensava sobre isso, escutei Patty descendo com velocidade a escada e indo direto para a porta. Deixei as duas conversando e fofocando e subi para o meu quarto, antes passei pelo de Chloe, bati levemente duas vezes até ela falar

— Estou acordada.

Abri um pouco a porta e coloquei somente minha cabeça dentro do quarto

— Está melhor?

— Um pouco – me respondeu ainda deitada na cama.

— Ok, qualquer coisa estou no meu quarto, tudo bem? – disse já fechando a porta, quando Chloe me chamou – Alguma coisa?

— O que Patty veio fazer aqui?

— Ela queria te perguntar que dia é o melhor para repor a aula que não pôde dar.

— Ah sim, é que quando acordei a vi na porta, me observando, depois sem mais nem menos ela foi embora.

— Deve ter achado que te acordou, mamãe disse para não fazer isso – respondi com humor na voz.

Fechei a porta do quarto e fui para o meu, separei algumas roupas e mandei uma mensagem para Josh perguntando se estava confirmado nosso encontro amanhã no lugar de sempre, preferi manter o mesmo, pois eu ainda gostava da sensação de encontro às escondidas. Enquanto esperava a resposta dele, tomei banho, um longo banho. Ele me respondeu confirmando, fui dormir ansiosa para o dia seguinte.

Animada, minha ansiedade me fez chegar primeiro no nosso ponto de encontro, fui até onde sempre sentamos e fiquei esperando por Josh. Queria contar para ele sobre Margot e suas fofocas que de tão loucas chegavam a ser hilárias, também sobre a ligação que tive com Chloe no dia anterior. Mesmo sendo um pouco abafado, úmido e um tanto distante, eu ainda conseguia sentir o rio que passava a poucos metros, talvez isso aconteça por ser um local silencioso. No meu campo de visão tinha duas pequenas lagoas que se formaram com a água da chuva. Fiquei esperando por Josh, ele provavelmente não iria demorar.

Estralava os dedos e andava de um lado para o outro, Josh estava atrasado meia hora e até agora não havia respondido a mensagem que enviei, perguntando o motivo de ele não ter chegado até o momento, eu estava começando a ficar nervosa. Não via problema em esperar por ele aqui, mas cada minuto a mais sozinha, meu nervosismo aumentava. O coaxar dos sapos, o barulho dos outros insetos e animais passando pela vegetação estimulavam o surgimento da ansiedade. Balancei meus ombros como se eu conseguisse me livrar de tudo isso. Comecei a andar pela região, procurando algum ponto em que eu conseguisse ver se ele já estava por aqui ou não, ia de um lado para o outro, mas não via nada, nesse momento meu coração começou a acelerar e comecei a ficar brava com a situação. Já tinha quarenta minutos. Escutei meu celular tocar, era uma mensagem de Josh

Não vou poder ir, uma investigação se mostrou

maior do que parecia.

Depois a gente se fala.

No momento em que terminei de ler, joguei longe meu celular e respirei fundo “Ele pode ter demorado, e muito, mas te avisou. Polícia em primeiro lugar” dizia para mim mesma a fim de me acalmar. Depois de uns cinco minutos fiquei mais calma e percebi a burrada que fiz ao jogar o celular

— Merda! – exclamei quando vi que teria que procurar o aparelho entre as folhas.

Fui passando o meu pé pelo chão, não iria arriscar colocar minha mão no meio delas.

Lembro que ao jogar ele parou perto de um dos pequenos lagos, então fui até lá. Enquanto procurava pelo celular, um reflexo vindo do lago começou a incomodar meus olhos, achei estranho, na natureza não há nada metálico que provoque isso, decidi me aproximar e vi um pedaço de fita azul, franzi o cenho e segui com o olhar, ele ia para o mesmo lugar que o reflexo começava. Com as mãos afastei a planta que tampava a minha visão e gritei quando descobri o que havia ali.

Nesse momento se tem alguma coisa que eu mais odeio, com certeza é a curiosidade humana. Para que ela serve? Sempre que você é curioso demais, alguma coisa dá errado. As consequências podem ir desde a uma festa surpresa arruinada, passar por um relacionamento desfeito e até mesmo chegar onde eu cheguei, que, na minha opinião, é a pior coisa que ela pode trazer.

Saí dali rapidamente, voando, se posso dizer isso. Parei no meio do caminho apenas para vomitar. Aquela imagem não saía da cabeça, ficava passando e passando e passando...

Ela era loira, deveria ter por volta dos 24 anos, estava com as mãos cruzadas segurando seu pescoço, não tinha pálpebras, então foi como se estivesse me encarando, em sua barriga havia um “X” enorme pintado, apenas duas faixas azuis cobriam suas partes.

Eu havia acabado de encontrar um cadáver.



Capítulo 7

— **Sophie, Sophie, – as mãos de Josh** estavam segurando meu rosto, fazendo com que eu prestasse atenção no que ele queria me falar e não no local em que eu estava – precisamos que você diga novamente como encontrou o corpo.

— Não, Josh, não – eu repetia chorando.

Não aguentava mais ficar cercada por policiais, eu estava naquela sala de interrogatório há mais de uma hora, havia contado uma vez como que aconteceu, então eles me deixaram sozinha aqui, vi o semblante sério de alguns policiais e escutei um detetive falando que precisavam chamar Zachary Sanders, pai de Josh. Já que ele estava pedindo para que eu contasse novamente, provavelmente o detetive aposentado havia chegado.

Eu sabia o que eles estavam imaginando, sabia o motivo de terem chamado Zachary. Não havia como não saber, isso era exatamente como um fantasma que assombrava cada habitante dessa cidade, é um medo adormecido, porém, de sono leve. Sei que todos pensavam no Maníaco do Pântano.

Esse meu desespero não era apenas por ter encontrado um corpo com partes retalhadas, o que já bem apavorante por si só, mas também por ter em mente que o passado obscuro de Forest Hill poderia ter voltado. Não imagino que estava exagerando ao pensar nessas coisas, hoje ao sair de casa eu não imaginava que iria me deparar com uma jovem morta, então para mim agora tudo é possível. Infelizmente.

A porta da sala se abriu e Josh voltou sua atenção para ela, eu mudei a direção do meu olhar para o chão. Ele se levantou e pude escutar dizer

— Não acho que ela vai repetir a história novamente, está bem abalada.

— Deixe isso agora comigo – Zachary respondeu batendo no ombro do filho.

Ele sentou na cadeira que ficava na minha frente, mas do outro lado da mesa.

— Oi Sophie.

Cruzei os braços e levantei o olhar para ele

— Oi – murmurei.

— Estou aqui para te ajudar, não quero te forçar a nada e nem pretendo, mas preciso que me conte tudo o que aconteceu, cada detalhe que viu no pântano pode ser importante para que possamos encontrar quem fez aquilo.

Passei a língua nos lábios e suspirei, contei até três e respondi um “Ok”.

— Tudo bem, seu depoimento vai ser gravado por esta câmera, assim não vai mais ser preciso você ficar revivendo isso, ok? – ele disse apontando para a câmera que estava na mesa virada para mim – Vamos começar com uma pergunta básica, que precisa ser feita. O que você estava fazendo no local?

— Eu tinha um encontro marcado com Josh. — olhei para o vidro que ficava na parede em minha frente, eu poderia não conseguir ver quem estava no outro lado, mas sabia que Josh estava assistindo, não sabia se sentia raiva ou desgosto por ele não ter ido me encontrar, se ele tivesse ido, não teria achado o corpo e nada disso estaria acontecendo, não era culpa dele, mas mesmo assim... — Ele não apareceu, me respondeu somente quarenta minutos depois, fiquei muito brava e joguei meu celular longe.

Percebendo que minha pausa estava demorando mais do que o normal, Zachary incentivou que eu continuasse

— E?

— Depois de ter me acalmado, percebi que havia feito uma besteira jogando meu celular no meio das folhas e raízes. Fui procurar e lembrei que ele havia caído perto de uma das pequenas lagoas que se formaram com a água da chuva, cheguei perto e, enquanto procurava, um reflexo incomodou meus olhos, achei estranho e me aproximei, notei que no chão havia um pedaço de fita azul e que essa fita vinha da mesma direção que o início do reflexo.

— Então você querendo saber o motivo se aproximou mais ainda?

Tentava conter meu choro ao lembrar do corpo, minhas mãos tremiam. Eu nunca gostei de ver uma única cirurgia, sempre passava mal, minha reação para isso estava justificável.

— Havia um pequeno arbusto atrapalhando minha visão, então o retirei e.. e... vi o corpo — meus olhos se fixaram na mesa, naquele momento eu não conseguia mover meu pescoço ou qualquer outra parte do meu corpo, mas minha voz estava mudando de tom, soava como início de desespero.

— Tudo bem Sophie, não precisa se alterar — Zachary fez um sinal com a mão e em poucos segundos um policial com um copo de água apareceu na sala, ele o colocou na minha frente — Obrigado. — disse para o policial — Aqui está um pouco de água se você quiser. Estamos no seu tempo.

Tomei dois goles da água e continuei

— Ela estava com as mãos no pescoço como se estivesse se esganando, — minhas mãos repetiam a cena que eu descrevia, minha voz havia abaixado um tom e eu voltei a olhar para a mesa, não conseguia olhar para Zachary — seus olhos estavam me encarando, ela não tinha pálpebras — um arrepio passou pela minha espinha — suas partes estavam cobertas com a fita azul, a barriga inteira estava ocupada com um desenho enorme de um “X”. Sua boca estava aberta como se estivesse pedindo por ajuda.

— Encontrou alguma outra coisa na área que não pertencia ao local? Ouviu algum som? Ou algo parecido.

Parei para pensar, analisei tudo o que eu lembrava, mas não tinha algo de diferente, havia ficado tão absorta no fato de ter encontrado um corpo que não consegui reparar em mais nada.

Balancei negativamente minha cabeça olhando para Zachary.

— Muito obrigado por nos ter contado tudo, Sophie. Está liberada, sua mãe e irmã estão te

esperando lá fora.

Antes de ir fiz a pergunta que estava na cabeça de todos

— Zachary, você acha que o Maníaco do Pântano voltou?

Ele respirou fundo e entortou levemente os lábios, sua expressão séria fez com que mais rugas aparecessem entre as sobrancelhas

— Não sei, Sophie, não sei.



Não aguentei o olhar que ela mandou pelo vidro, eu tentava me manter na pose de detetive focado que a única coisa que importava era ouvir o que a testemunha tinha a dizer e após isso começar a investigar o assassinato. Mas a culpa me derrubava por dentro, se eu estivesse com ela naquele momento ela não iria encontrar o corpo, alguma outra pessoa iria. Isso soa egoísta, mas não posso mentir para mim mesmo, eu não queria que ela passasse por alguma situação que envolvesse o meu trabalho, mesmo se fosse algum pequeno furto que ela pudesse sofrer. Sei o quanto é perigoso e desejava que a única aparição de Sophie no departamento de polícia fosse para entregas da padaria, ou melhor, para me ver.

Logo quando ela foi dispensada por meu pai, saí da sala de observação e fui até o local em que Bonnie e Chloe foram indicadas para esperar. A mãe dela veio correndo até a mim quando apareci

— Josh! Onde que a Sophie está? Ela está bem? Não está machucada? Vai demorar muito? Cadê ela?

— Calma Bonnie, – eu disse enquanto a guiava de volta para a cadeira, a coloquei sentada e me sentei ao lado dela – ela está relativamente bem, quer dizer, não está machucada, mas está abalada com o que viu.

— Ai meu coração! Coitada da minha filha! Josh, Josh, ela não deveria ter ficado lá sozinha.

Engoli seco e respondi

— Me desculpa.

— Não, não, eu é que peço desculpas, não posso querer colocar a culpa em alguém. Nenhum de nós planejava isso.

Chloe não dizia nada, o semblante dela estava mais carrancudo do que o usual. Ela estava mais fechada do que costumava ser. Provavelmente deve ser preocupação disfarçada pela irmã, nós não tínhamos uma relação muito achegada, pois a garota não costumava falar muito. Estava fazendo companhia para as duas quando Sophie apareceu, ela mal olhou para mim

— Por favor, mãe, me tire logo daqui, não aguento mais.

Bonnie se levantou rapidamente e passou seu braço pelos ombros dela

— Vamos sim filha.

Chloe levantou em seguida e foi atrás das duas, surpreendentemente me dando um aceno de tchau enquanto eu apenas observava em silêncio a cena e as assistia indo embora. Perto da porta Sophie ainda se virou e me deu uma olhada, mas foi rápido demais, não deu tempo de nem de dar algum aceno.

Fui direto para a dispensa, onde ninguém poderia me ver, lugar em que eu poderia extravasar, pelo menos um pouco, o meu descontentamento. Chutei um balde, dentro dele havia uma garrafa de desinfetante, eu a chutei contra a parede. Derrubei a vassoura que estava apoiada na estante e dei um soco na parede, encostei minha testa ali e tentava me acalmar, ouvi o barulho da porta abrindo, mas nem me dei o trabalho de ver quem era.

Não queria saber, não queria companhia.

— Não adianta quebrar tudo aqui.

Aquela voz feminina evitou com que eu soltasse qualquer ofensa que estivesse na ponta da minha língua.

— O que você quer, Eve? – perguntei sem sair da posição em que estava.

Senti suas mãos em meus braços, ela logo me virou para ficar de frente

— Eu quero que você pare de agir como um idiota-culpado-apaixonado e passe a agir como um detetive durão. A sua menina não morreu, ela só viu um corpo. E daí? A gente vê isso todos os dias e estamos bem até hoje.

— Sophie não é como a gente, Eve, ela não vive o nosso mundo, não está acostumada a encontrar cadáver!

— Tá, mas encontrou. Supere! Do que adianta ficar destruindo tudo quando você tem uma investigação inteira pela frente?

— Você não está entendendo, Eve. Ouviu o depoimento dela? Viu o corpo? Eve, é o mesmo *modus operandi* do Maníaco do Pântano!

— Nós não sabemos se é ele ou se é algum louco querendo aterrorizar a cidade apenas por diversão. Mais um motivo para você focar na investigação – ela me olhava de maneira firme, dando uma bronca.

— Mas e se for? Não sei se você notou, mas Sophie se encaixa perfeitamente no perfil de vítima.

— Se for, nós devemos detê-lo antes que ele faça de Sophie ou de qualquer outra garota inocente dessa cidade uma vítima. Além do mais, você não poderia impedir que ela encontrasse o corpo, lembra o que estava fazendo na hora?

Suspirei e concordei com a cabeça. Realmente, eu não poderia ter ido ao encontro e nem mesmo respondido Sophie mais cedo. Minutos antes de sair para o encontro, uma mulher aparentando meia-idade entrou desesperada, chorando sem parar e exigindo que falasse com algum Sanders. Eu lembrava vagamente dela antes do dia de ontem, a mulher já havia dado muito trabalho para o departamento, era uma das que protestava contra o fato da polícia ainda não ter conseguido prender o Maníaco na época. Também há umas duas semanas eu a vi aqui, fiquei sabendo que sua filha havia sumido e como não encontraram pistas, diminuíram a velocidade da investigação.

A levamos para a sala de interrogatório, Eve e eu. Perguntei qual o motivo de ter pedido especificamente para que eu a atendesse. A mulher, que se apresentou como Annabeth, disse que ao organizar o quarto da filha naquela manhã, encontrou o diário dela. Eve perguntou se havia algo que indicava o motivo do desaparecimento e ela disse para lermos as últimas páginas que foram escritas.

Elas datavam entre o mês passado e o começo desse mês, a diferença entre um registro e outro era de cinco dias cada, mas todos falavam a mesma coisa. Que ela, Katherine, sentia desconforto quando andava pela rua, tinha a sensação de que estava sendo observada, havia acordado no meio da noite durante alguns dias com a impressão de que estavam

jogando algo em sua janela do quarto e que, por três vezes, apareceram em seu armário escolar bilhetes escritos “BOOMM!”, como a onomatopéia, cada vez com um “O” a mais e em todas com a escrita de letras recortadas de revista, todos os dias em que escreveu ela terminava dizendo que sentia muito medo.

Perguntei para a mãe o motivo de Katherine não ter falado sobre isso na época para ela e Annabeth disse que a elas não estavam se relacionando muito bem nos últimos meses devido ao divórcio dela e do pai de sua filha, isso fazia com que ela ficasse mais focada em sua banda e, quando precisava de algum responsável, ela recorria ao irmão mais velho.

A mãe da vítima não parava de nos perguntar se isso nos trazia em mente alguém, algum criminoso, nós no momento não fazíamos ideia, ela começou a ficar exaltada, se lembrando do Maníaco do Pântano. Deve ter sido por isso que ela pediu por um Sanders. Eve me puxou em um canto e disse para não levarmos a sério essa ideia, concordei com ela, pois nós dois havíamos trabalhado no caso e sabíamos que o assassino não deixava bilhetes, foi nesse momento que vi a mensagem de Sophie a respondi.

Somente após a tranquilizarmos é que conseguimos ir embora, mas quando chegamos no departamento Thomas veio correndo me contar que Sophie havia encontrado um corpo. Foi quando comecei a ficar preocupado.

— Lembro, mas e se tudo estiver ligado, Eve? A garota era loira, jovem, bonita, desapareceu há duas semanas e foi encontrada morta no pântano.

— Vamos esperar o legista terminar de analisar o corpo da vítima. Falando em Katherine, alguém já avisou a mãe dela para ir reconhecer o corpo?

— A investigação do desaparecimento era de Thomas, ele já deve ter avisado.

Eve assentiu e iria começar a falar alguma coisa quando eu a interrompi

— Tem falado com a sua mãe?

— Tenho – me respondeu secamente e foi embora.

Ela me deixou encarando a porta da dispensa por alguns segundos, então decidi escutar o que havia me dito e saí para procurar saber se Annabeth já havia recebido o pedido.

— Filho, – ouvi meu pai me chamar e virei em sua direção – Sophie se mostrou abalada com o que aconteceu, aconselho não ficar falando do assunto com ela ou perto dela.

— Falar sobre isso com ela definitivamente não está nos meus planos.

— Ela me perguntou se isso pode se tratar a respeito do Maníaco do Pântano. Fiquei preocupado, não muito com a possibilidade de ser, mas com a possibilidade de isso vazar e deixar a cidade com boatos e totalmente em pânico.

— Tudo bem, o departamento sabe lidar com discrição – afirmei.

Ele bateu no meu ombro e, antes de ir embora, disse com uma voz cansada

— Se isso for a volta do Maníaco, só peço misericórdia para que ele não acabe com essa cidade.



— Sophie, já passou, estamos indo para casa – ouvia minha mãe falar comigo, mas a única coisa que eu conseguia fazer era olhar para fora da janela.

— Deixa ela por enquanto, mãe – Chloe, no banco de trás, disse enquanto fuçava no seu celular.

— Você quer que eu te leve em algum psicólogo? – perguntou, eu sentia o quanto ela estava preocupada comigo; poderia até mesmo afirmar que por dentro, Bonnie Fields estava desesperada e chorando, mas ela era uma mulher incrível e tentava manter a calma para que eu não me perdesse – Eu vou te levar em um.

— Sophie, Emily e Louise estão te esperando lá em casa – ouvi minha irmã falar, mas o que me surpreendeu, fazendo até que eu me encolhesse, foi quando senti a mão dela em meu ombro, Chloe não costumava fazer essas coisas a não ser quando era mais nova.

Ninguém disse mais nada no carro, mas nem precisava, logo Bonnie virou a esquina e já pude ver nossa casa e Emily junto com Louise sentadas na frente, nos esperando. Mal desci do carro e Emily veio correndo me abraçar

— Oh Sophie! Está tudo bem? Digo, você está melhor?

— Estou sim – de certa maneira não era mentira, eu realmente estava melhor do que algumas horas atrás.

Louise, que até então ainda permanecia na escada, se aproximou e arrumou a mecha de cabelo que estava em meu rosto

— Nós estamos aqui para fazer você melhorar.

Ela se mostrava ser uma amiga incrível.

Entramos em casa e fomos para a sala, na tentativa de fazer com que eu esquecesse tudo, mesmo que por algumas horas, elas me contaram o que fizeram ultimamente, histórias engraçadas que já viveram (mesmo que com Emily a maioria começasse com “Hey Sophie, você se lembra daquela vez em que...”).

Elas fizeram um bom trabalho, até mesmo Chloe estava com a gente e rindo da situação. Louise foi embora quando anoiteceu, Emily disse que iria dormir comigo naquela noite, ninguém mais tocou no assunto sobre o acontecimento, assistimos um pouco de TV, mas nenhum noticiário falou algo sobre o corpo encontrado, parece que a polícia conseguiu mesmo colocar panos quentes no assunto.



Estava na sala de evidências encarando meu celular, esperando por algum sinal de vida de Sophie, havia mandado um “Ela está melhor?” ontem à noite para Chloe e recebi apenas um “Está” como resposta. Sei que a resposta que recebi foi exatamente como Sophie havia pedido para a irmã me enviar. Eu queria muito saber se estava brava comigo ou se era apenas por estresse do que ela estava passando.

— Caramba, Josh! Te procurei pelo prédio inteiro! – Eve me assustou, ela estava com uma voz muito brava – O resultado da necropsia de Katherine já está pronto, Archibald me avisou.

Olhei para Rickenter e guardei o celular

— Ok, já estou indo.

— Nós, você quis dizer, não é? Esse caso é nosso. E fique longe desse celular, você não precisa ter mais algo para se preocupar a não ser a solução desse assassinato.

— Eve, Sophie é minha namorada e está em choque.

— Cala boca, Josh! Quem está em choque é Annabeth. Sophie só encontrou o corpo, estava todo arreventado? Sim, mas Annabeth também vai ter que ver o cadáver para fazer o reconhecimento, se quer ver como alguém está, veja a mãe de Katherine!

Eve foi dura em suas palavras e senti como se ela tivesse jogado água fria em mim. Querendo ou não, a detetive estava falando a verdade, eu deveria focar mais no meu trabalho, cuidar para solucionar esse caso antes que de alguma forma ele vaze para a imprensa

— Odeio admitir nesse momento, mas você está certa.

— E quando é que não estou, Sanders?

Sáimos dali imediatamente e fomos até a sala de necropsia, Archibald estava cobrindo um corpo e retirando as luvas quando entramos.

— Sanders, Rickenter, vocês não vão acreditar no que eu tenho aqui.

Troquei olhares com a detetive e acompanhamos o legista até uma das gavetas em que são guardados os corpos, ele a abriu e vimos o corpo de Katherine

— Fazia tempo não via esses mesmos cortes e machucados! – ele dizia com certa animação na voz, não por ter gostado do que viu, mas por ter reconhecido – Olhe, – apontou para os tornozelos – essas marcas significam que quem a matou amarrou-a antes, na horizontal para ser mais exato, devido às outras torturas infligidas. – ele subia seus dedos conforme descrevia o que havia sido feito pelo corpo da garota – Uma faca foi usada para fazer esses cortes nas coxas da vítima, como alguns já estavam em processo de cura, posso afirmar que eles foram feitos enquanto ainda viva. Por todo corpo há queimaduras de primeiro e segundo grau causadas por uma faca esquentada no fogo. – no corpo de Katherine havia marcas da lateral de uma faca, quanto mais Archibald falava, mais Eve e eu prendíamos a respiração com o pensamento que nos inundava – Os cortes feitos no colo da vítima também foram causados enquanto ainda viva. As mãos foram colocadas no pescoço simulando uma esganadura, autoinfligida, logo após a garota falecer, fazendo com que o processo em que o corpo entra em rigidez a mantivesse dessa

maneira. Comecei a necropsia hoje de madrugada – agora estava explicado o porquê de Archibald estar tão ativo e gesticulando, deve ter tomado copos e copos de café e energético – e percebi que o *rigor mortis* já estava entrando em processo de reversão, então incluí no relatório que a vítima foi assassinada na tarde do dia anterior ao que foi encontrada, provavelmente entre 15 e 16h.

— E qual foi a causa da morte? – perguntei olhando para o rosto da vítima, o legista havia educadamente colocado um tecido em cima dos olhos sem pálpebras.

— Justamente o que as mãos escondiam. – ele apontou para o pescoço do cadáver, havia marcas em volta – A *causa mortis* foi asfixia por estrangulamento, encontrei no pescoço, na parte que não entrou em contato com a água, fibras da corda utilizada no ato.

— A retirada das pálpebras não teve alguma ligação com isso?

— Não, detetive Rickenter, elas foram retiradas após a morte. Sabe outra coisa interessante? Ao contar quantos cortes e queimaduras a vítima teve, obtive 25 de cada.

Por uns dois segundos nós três encaramos o corpo inerte, cada um com seu pensamento, mas que de certa forma se ligavam.

— Vocês sabem quem tinha exatamente esse mesmo *modus operandi*, não sabem? – Archibald quebrou o silêncio.

— O Maníaco – respondi entre os lábios.

— Mas você tem certeza que é isso mesmo que aconteceu? Nada te deixou em dúvida?

— Detetive, eu trabalho como legista há 14 anos, sei muito bem como uma pessoa morreu e o que ela sofreu antes – ele disse francamente para a Eve.

— Nós vamos ter que incluir na nossa lista de suspeitos – falei sem muita alternativa.

— O primeiro, você quis dizer.

Estávamos sem onde ir nesse caso até o momento. Não tínhamos suspeitos, talvez alguns surgissem durante o dia que é quando começaríamos a fazer as perguntas. Agradei o legista e quando estávamos de saída passei por uma mesa com alguns sacos plásticos transparentes, eram pertences.

— Qual é o da vítima?

— Esse que está na sua direita – Archibald me respondeu.

Não havia nada nele além de um colar de coração, objeto que fez o reflexo visto por Sophie. Percebi que ele abria. Dentro tinha uma foto de Annabeth com o ex-marido e do outro lado tinha uma foto de Katherine com um homem que aparentava ser um pouco mais de cinco anos mais velho do que ela. Me virei para Eve e disse

— Pronto detetive, alguém para começarmos a interrogar.



Capítulo 8

Jake Martin, 24 anos, vendedor em uma loja de roupas masculinas e ex-namorado de Katherine. Annabeth foi bem solícita quando perguntamos sobre quem era o rapaz da foto, ela disse que eles terminaram há oito meses e que Katherine não aceitava o rompimento.

Quanto ao resto preferimos saber do próprio Jake. Eve e eu entramos na loja que ele trabalhava, outro rapaz veio nos atender e a detetive mostrou seu distintivo

— Polícia de Forest Hill, queremos falar com Jake Martin.

— Ouch... – o homem respondeu surpreso – Ele está no estoque pegando mercadoria para mostrar pro cliente.

— Eu acho que você pode muito bem fazer isso e deixar ele conosco – ela foi curta e firme, fazendo o rapaz arregalar os olhos e sumir atrás de uma porta que ficava no fundo da loja.

Não muito tempo depois, um homem alto, barba rala e cabelo escuro apareceu se identificando como Jake e perguntou o motivo de estarmos atrás dele. Peguei uma foto de Katherine, da época do colegial, e mostrei

— Conhece Katherine Rice?

Ele me olhou desentendido e respondeu que sim

— Precisamos que você nos acompanhe.

— O que? Por quê?

Eve o pegou pelo braço e disse

— Algo sério aconteceu.

O rapaz não teimou e nem ficou fazendo várias perguntas, ele apenas entrou no carro e ficou quieto olhando pela janela, lancei um olhar questionador para a detetive, ela me respondeu com uma careta e um aceno negativo da cabeça querendo dizer que não tinha ideia do que estava acontecendo com ele naquele momento. Descemos e peguei Jake pelo braço encaminhando-o até a sala de interrogatório

— Ok Jake, vamos para o que interessa, – comecei a falar enquanto sentava do outro lado da mesa, Eve sentou na ponta – Katherine estava desaparecida há algumas semanas, e-

— Sério?! Oh, é por isso que eu estava tão sossegado!

Franzi o cenho ao ouvir essa declaração

— Como assim?

— Aquela maluca me perseguia desde quando terminamos, me mandava cartas, escrevia e ficava me enchendo em todas as redes sociais antes de bloquear ela, ficava atrás dos meus amigos e sempre ia até a loja. Vocês sabiam que quase fui despedido por causa dessa

stalker?

— Então você começou a ficar irritado percebendo que perderia seu emprego e sanidade, começou a devolver na mesma moeda ao persegui-la, mandar bilhetes e, não se controlando, a matou? – Eve dizia essas palavras com os olhos fixos nos de Jake, o intimidando de uma maneira forte.

— Eu matar Kate? Nunca! Ela poderia ser louca de pedra, mas não a mataria.

— Tem certeza disso? – perguntei – Tem certeza que não sentiu em nenhum momento vontade de cortar a stalker que te aporrinhava? – coloquei na mesa uma fotografia da perna de Katherine – Deixar seu lado obscuro mostrar para a louca quem é que mandava na situação? – por cima daquela foto coloquei outra que mostrava a parte superior cheia de cortes e o encarei.

O semblante de Jake estava horrorizado, ele empurrou as fotos para longe fazendo com que elas caíssem, Eve levantou da cadeira, mas sem sair do lugar disse

— Onde você estava sábado durante o período da tarde?

— E-eu estava na loja, chegou mercadori-ria nova e fui cadastrar no sistema. – ele respondeu um pouco gago devido ao nervosismo, olhei para a direção do vidro e fiz um gesto para que um dos policiais que assistiam a cena fosse confirmar o álibi – Eu quero chamar meu advogado!

— É o seu direito – Eve disse e pegou um celular para que ele ligasse.

Enquanto esperávamos pela confirmação do álibi e pela chegada do advogado, Jake não disse mais alguma palavra, ficou em total silêncio obedecendo o que havia sido dito para ele. Em torno de dez minutos o policial apareceu batendo no vidro, Eve foi até ele enquanto eu fiquei cuidando de quem agora era considerado suspeito.

A porta abriu de supetão, um homem alto e consideravelmente acima do peso entrou na sala dizendo

— Sem perguntas, sem respostas. Meu cliente não fez nada, sem prova para condená-lo ele não precisa mais perder seu tempo aqui. Venha comigo – ele estendeu a mão sinalizando para que Jake levantasse.

— Ei, ei, ei, espera aí, voc-

— Deixe-o ir, Josh. – Eve apareceu na porta – O álibi do cara confere.

Fechei meu semblante e observei os dois irem embora, o advogado rindo e conduzindo o caminho para Jake.

Quando a porta foi fechada dei um soco na mesa e fiquei parado encarando o móvel

— Agora não temos ninguém!

— Na verdade, Josh, agora temos que ir sair perguntando e procurando. É isso que nós fazemos.

Olhei por sobre meu ombro para ela, começava a sentir o descontrole, eu estava com essa ânsia de encontrar logo o assassino.

No departamento, os que tinham conhecimento do caso pensavam no Maníaco, eu pensava nele. Não queria que ele voltasse, o medo de falhar para com a cidade me rodeava, não queria decepcionar novamente, odiaria ver as manchetes do tipo “Maníaco no Pântano, em sua nova fase, faz sua 4ª vítima e polícia não avança”, não aguentaria ver mais familiares chorando a perda precoce de suas filhas.

Meu mundo se tornaria um caos se Sophie entrasse na lista do Maníaco. Eu iria até mundos e fundos para encontrar o assassino, eu poderia estar me enganando nesse exato momento, mas queria acreditar que o culpado não era quem todos pensavam ser. Não poderia ser. Não aceito que seja o Maníaco do Pântano.

— Você tem que estar centrado e imparcial, se desapegar de tudo que te impede de continuar com a cabeça somente na investigação, sabe disso.

Eve não estava me julgando, me manipulando, nem nada do tipo, esse é um dos momentos (raros) em que mostra a verdadeira pessoa que tem dentro dela, por isso levei a sério o que ouvi. Ela estava certa, estava mais do que certa.

Minha preocupação pela segurança de Sophie poderia me ajudar a ficar mais empenhado na investigação, mas se ela fosse excessiva... se eu a colocasse nessa situação iria mais me atrapalhar do que ajudar. Eu tinha que manter distância dela, somente até encontrarmos o verdadeiro criminoso, quanto mais eu ficasse perto, mais sentiria vontade de protegê-la, de deixá-la segura e isso iria me atrapalhar.

Mais calmo, fui até Eve e disse

— Tudo bem, estou bem agora.

No caminho até o carro, enquanto a detetive verificava o celular, conversávamos

— Elizabeth foi ontem para o local que encontraram o corpo da vítima e voltou hoje para reanalisar, visto que havia anoitecido e o pântano é um local perigoso se não tomar os devidos cuidados.

— Temos que ir para lá, então – respondi.

— Vamos sim.

Entramos no meu carro e fomos até o local ainda interditado, havia poucos policiais e Elizabeth Mehra, eu ainda não havia conhecido-a, chegou recentemente em Forest Hill, apenas ouvi o nome dela, era nossa nova profiler. Eve me contou que ela trabalha com isso há cinco anos e que veio transferida não por sua própria vontade.

Pude logo notar o rosto indiano característico, seus olhos verdes, cabelos longos e vermelhos, aparentava ter 35, 36 anos.

— Bom dia detetives – mesmo que bem leve, ainda havia sotaque na voz dela.

— Bom dia – respondemos em uníssono.

— Vou ser bem direta com vocês e explicar o meu modo de trabalho, visto que ainda não nos conhecemos pessoalmente. Eu, como profiler, devo ficar por dentro dos detalhes da investigação, mas não gosto de me sentir presa dentro do departamento, então eu venho para a cena do crime, ou no caso, a cena em que o corpo foi encontrado, recolho informações de vocês e em casa monto o perfil do assassino.

— Isso quer dizer que mal a veremos? – perguntei.

— Basicamente – me respondeu com certeza.

— Vi fotos do corpo e já analisei o local, agora falta saber de vocês tudo o que já descobriram sobre o crime.

Eve e eu sabíamos o mesmo tanto, então deixei ela conversando com a profiler, fui até um dos policiais e perguntei se encontraram algo, ele me respondeu negativamente

— A equipe que subiu o rio já voltou? – perguntei sobre os três policiais que em um barco ficaram de fazer o caminho de subida, o objetivo era tentar localizar o local em que o assassinato aconteceu.

— Não, mas acabei de receber o aviso de que já estão voltando, aparentemente não encontraram nada que possa ajudar.

Assenti com o que o policial disse e fui procurar outros para conversar, anotava em meu bloco tudo o que me diziam e o que eu observava também. Ao ler o que escrevi, uma ideia começou a insistir em minha cabeça. A casa dos Rickenter fica a poucos quilômetros daqui, será que os crimes tinham alguma relação? Meu instinto policial estava completamente dividido quanto a essa possibilidade, Robert não tinha o perfil de vítima do assassino, ele havia se desligado completamente da polícia e levava uma vida pacata com sua esposa. Deixei isso anotado em um canto, com um asterisco ao lado que era uma observação do tipo “não considero no momento, mas no futuro, quem sabe”.

O mesmo policial que eu havia acabado de conversar, me chamou novamente e me entregou um celular, respondi que sabia a quem pertencia, era de Sophie, ele me deu e eu guardei

— Josh – ouvi Eve me chamar e fui até ela – Encontraram alguma coisa?

Com certa decepção, respondi

— A não ser o celular de Sophie, não, aqui está totalmente limpo. Os policiais que subiram o rio para achar o local de origem estão voltando sem pista alguma.

— Elizabeth ficou de nos mandar amanhã o perfil que consegue montar até agora.

— Ok. Precisamos agora ir conversar com as amigas de Katherine, o pai dela e quem mais for necessário.



— Mãe! Mãe! – Chloe gritava tão alto que da varanda eu conseguia escutar.

Passei esses últimos dias sentada em uma cadeira que um dia havia sido de minha avó, olhando o movimento da rua, conversando com Emily, Louise e não desgrudando do meu celular. A última vez que vi Josh foi quando veio entregar o celular, ele me mandou algumas mensagens depois disso, mas como estava com estresse não conseguia conversar direito com ele, suas mensagens diminuíram conforme os dias passaram. Já fazia um pouco mais de uma semana desde quando tudo isso aconteceu, eu me perguntava o que poderia ter acontecido com ele, suas respostas eram sempre “Estou muito ocupado, desculpa”, “Se cuida” e “Não posso, estou no meio da investigação”. Ok, eu entendia sua dedicação, mas ainda não achava justo não o ver.

— Sophie! – minha mãe gritou, suspirei e fui até a sala ver o que estava acontecendo, não era surpresa Margot também estar lá.

— Vazou – ela dizia com os olhos grudados na televisão e o dedo indicador apontando para o aparelho.

Na tela estava uma repórter na frente do departamento, a legenda dizia “Corpo encontrado no pântano: por que o mistério?”, a mulher falava

Nessa manhã recebemos a informação de que a polícia de Forest Hill está trabalhando em um misterioso caso. Ultimamente notamos a maior presença de viaturas e policiais nas ruas, o que pensamos ser uma decisão para que os moradores tenham maior segurança, é, na verdade, uma investigação policial. Segundo moradores, há pouco mais de uma semana foi encontrado o corpo de uma jovem brutalmente assassinada. Fontes disseram que a vítima se chamava Katherine Rice, tinha 18 anos. Uma coisa interessante: ela era loira e foi encontrada no pântano da cidade. Várias perguntas assolam os moradores da cidade: será que o Maníaco do Pântano voltou? Ou será algum fanático pelo caso que aterrorizou a cidade? Nossa produção tentou entrar em contato com a polícia, mas ninguém do departamento quis se pronunciar. Qual seria o motivo desse mistério?

Voltaremos a qualquer momento que surgir mais alguma novidade.

Rachel Rooney para o Forest Notícias.

Quando a notícia terminou, Bonnie estava abraçando Chloe enquanto Margot tampava a boca com uma das mãos. Estávamos surpresas pela notícia ter vazado, agora a cidade iria ficar assustada a cada noticiário, pensando que ele irá anunciar alguma nova vítima, ainda mais pela repórter ter tocado no assunto Maníaco do Pântano, *definitivamente ela fez isso para mais audiência*, pensei. Margot saiu de trás do sofá e foi para o espaço vazio entre minha mãe e eu

— Quem sabe agora a polícia seja pressionada pelos cidadãos e eles prendam quem fez esse absurdo. Eu ainda acho que o culpado é alguém da vida da menina.

Bonnie suspirou

— Eu espero que seja, Margot, eu espero que seja.

Dezenas de coisas passavam pela minha cabeça, incluindo como que Josh estaria com

todo mundo perguntando para ele sobre o caso. Balancei minha cabeça na tentativa de tirar esses pensamentos e mudei de assunto

— Bom, nós não podemos fazer alguma coisa válida a respeito desse assunto, então acho que é hora de comermos aquele bolo que Margot acabou de tirar do forno – esse era o nível de intimidade, ela era como uma moradora da casa.

Até mesmo eu estranhei meu nível de frieza ao mudar o assunto tão rapidamente, mas não fiquei pensando muito nisso, apenas fiquei grata por ter conseguido. A campainha tocou, estávamos ocupadas com a “hora do bolo”, então pedi para Chloe ir atender. Ela melhorou muito nessas últimas semanas, seu humor estava bom, até sorria, e sua companhia voltou a ser agradável, parecia que finalmente estava superando aquele garoto babaca, quer dizer, Paul.

Agora era ela que fazia visitas até o meu quarto durante a noite, às vezes ficávamos conversando sobre a vida, ela me perguntava sobre nosso pai (eu era totalmente sincera e dizia que para mim esse assunto não existia mais), eu falava sobre meus dias em Tallahassee, outras vezes apenas conversamos bobagens e dividíamos a cama para dormir. A qualidade da nossa relação deu um imenso salto positivo.

— Sophie, é a Emily! – ela gritou da porta.

Não era necessário falar que podia entrar, Emily é outra que é como se fosse uma moradora da casa, em poucos segundos já estava na cozinha

— Sophie! Eu vi o noticiário e vim correndo para cá! – apenas depois de soltar a frase é que ela olhou em volta e deu oi para todas, ao chegar em Margot ela cumprimentou um pouco hesitante.

— Eu não mordo, Emily, só falo a verdade. Já pensou no que eu te disse da última vez que nos vimos?

Margot se referia há quatro dias, ela encorajou Emily a seguir seu sonho, ser uma cirurgiã-dentista, mesmo que isso significasse mudar de cidade por alguns anos e não seguir os planos que os pais dela tinham para ela (de herdar a loja). E ela realmente tinha pensado, em nossas trocas de mensagens um dos assuntos mais tocados foi esse. Eu não tinha como discordar, achava mesmo que ela deveria fazer o que queria fazer, se livrar do peso que acha que carrega e ir buscar o que iria deixá-la satisfeita.

— Pensei.

— E?

— Ainda não cheguei a uma conclusão.

— Você está perdendo tempo.

— Ok gente, ok, todos entendemos – interrompi a conversa das duas, sabendo que a qualquer momento Emily poderia sair dali quase chorando devido a sua sensibilidade.

E não deu outra, quer dizer, ela saiu, não chorando, mas saiu. Foi direto para sala, eu respirei fundo e fui atrás dela. A encontrei sentada, de pernas cruzadas e o braço apoiado no sofá, fiquei de frente para ela e, antes de falar qualquer coisa, Emily começou

— Não aguento mais a Margot, mas também não aguento mais saber que ela está certa –

ouvi e observei um revirar de olhos, sua mão que antes estava apoiada no sofá agora estava em sua testa demonstrando desapontamento.

— Olha Emily, se você não falar o que realmente pensa, o que realmente passa dentro dessa sua cabecinha, sua situação vai ficar pra sempre dessa maneira. Margot é amiga da minha mãe desde quando eu ainda usava fraldas, elas são iguais, não irão parar de falar até algo ser feito.

— Então vamos ser o contrário delas e parar logo de falar sobre isso? – Emily sugeriu demonstrando um pouco de impaciência.

Assenti com a cabeça e fiquei calada.

— Eu vim aqui para falar com você sobre você. Eu realmente fiquei muito preocupada com esse vazamento do assassinato. Você sabe que se quem a matou quiser saber quem encontrou o corpo, essa pessoa pode encontrar rapidinho o nome Sophie Fields, certo?

Mordi meu lábio inferior e olhei para baixo, sabia muito bem que isso poderia acontecer, na verdade, sabia tanto que nem quis ficar pensando no assunto, isso me deixava aflita.

— Sophie, estou falando sério. E se for o Maníaco mesmo? – senti sua mão em cima da minha.

— Aí só me resta esperar e torcer para que a polícia chegue nele primeiro...

Emily não acreditou no que eu disse, e com uma voz determinada, falou

— Ah, claro! Você, garota, na faixa dos vinte anos, loira e bonita, vai esperar a competência de uma polícia que falhou dois anos atrás?

Me senti um pouco ofendida e automaticamente retirei minhas mãos, ela deu a entender que Josh era incompetente!

Percebendo o que eu havia acabado de entender, ela se desculpou

— O que estou querendo dizer é: você se encaixa totalmente no padrão e tem uma polícia que não conseguiu prender um assassino completamente perigoso.

Comecei a respirar mais depressa e a pensar da maneira que ela queria que eu pensasse, eu estava correndo mais perigo do que imaginava se esse assassinato for realmente do Maníaco!

— Então eu devo ficar trancada em casa e colada na televisão procurando o dia em que a Rachel Rooney vai falar que a polícia conseguiu capturar o serial killer?

— Não Sophie, apesar de isso não ser uma má ideia. – ela tentou amenizar o clima pesado que causou – O que estou querendo dizer é para você tomar mais cuidado, como por exemplo, não vá a esses encontros com o Josh em lugares tipo a *região do pântano* – ela frisou bem, como se já não fosse óbvio. *Se eu pelo menos o visse...*, pensei – e fique mais atenta a tudo e todos em seu redor.

Peguei meu celular e comecei a digitar o número de Josh

— O que está fazendo?

— Vou ver com Josh como o departamento está com esse vazamento de notícia e como

ficarei em relação a isso.

A ligação chamou uma vez... duas... três... quatro... cinco... até que

*Aqui é Josh Sanders, detetive do departamento
de polícia de Forest Hill. No momento não posso atender a
sua ligação, mas deixe um recado e retornarei
o mais breve possível.*

Ignorei o peso que instantaneamente apareceu dentro de mim e desliguei o celular sem deixar algum recado. Emily me observou por alguns segundos antes de voltar a falar

— Você sabe que eu sempre apoiei você ir atrás do Josh, tentar algo com ele e quando entrou no relacionamento em nenhum momento eu disse algo contra. Eu quero a sua felicidade, Sophie, nada mais e, pelo que observei ultimamente, Josh, que costumava ser o motivo do seu bom humor, seu sorriso, agora virou motivo da sua feição séria e cabisbaixa. Você tem parar de depender dele, Sophie, se ele está muito ocupado para você, então se ocupe com outras coisas. As prioridades dele, aparentemente, agora são outras, então as suas também devem ser. Zele pela sua segurança, não espere que ele te traga um cobertor quando você mesma pode ir buscá-lo, entende?

Comprimi os lábios e pensei no que ela disse, por mais que uma parte de mim não quisesse aceitar, quisesse na verdade gritar com Emily e falar que ela estava errada, a parte racional me dizia com todas as forças que minha amiga estava certa. Eu não deveria esperar que alguém fizesse algo por mim, nunca esperei, qual o motivo de esperar agora? Se eu deveria me importar que o meu (suposto) namorado é detetive da polícia? Talvez, mas não posso ficar parada esperando que ele resolva todos meus problemas e preocupações. Foi então que um estalo apareceu em minha cabeça

— E se eu comesse a procurar também?

Emily riu

— Para! Estou falando sério.

Ela parou imediatamente

— Você está pensando direito? Você não é da polícia, é na verdade formada em Artes Visuais!

— E daí? Sempre fui boa em lógica e procurar pistas.

— Isso é verdade, mas mesmo assim não deixa de ser uma pessoa comum.

— Emily Moore, a senhorita plantou essa ideia na minha cabeça e agora me chama, mesmo que em pensamento, de louca?

— Eu não quis dar a entender isso...

— Tarde demais! Além do que, se eu não encontrar algo, pelo menos tentei. Muito melhor eu saber que estou fazendo algo que pode fazer a diferença do que ficar sentada na minha cama torcendo para que nenhum assassino venha atrás de mim.

Emily ficou quieta. Antes de eu falar qualquer coisa que a faria voltar a se manifestar, ouvi

passos correndo e em seguida Chloe subiu rapidamente na escada.

— Liga para a Patty e pergunte se ela pode adiantar a aula hoje, já que iremos ter convidado no jantar – Bonnie, que ainda estava na cozinha, gritou para Chloe.

Nós duas trocamos um olhar de curiosidade. Quem iria vir jantar? Sean não era, visto que ele andou desaparecido nessas últimas semanas, poderia ser Joe... ou então qualquer outra amiga de minha mãe. Vai saber...

Logo em seguida Margot apareceu na sala se despedindo, dei um tchau comum e Emily apenas deu um silencioso, parecia que as duas estavam um pouco acanhadas, acho que minha mãe deve ter dado algum puxão de orelha na amiga enquanto comiam o bolo. Quando a porta foi fechada, fui até a cozinha, seguida por Emily. Encostei na cadeira e, enquanto Bonnie retirava e limpava as coisas do lanche, a questioneei sobre o jantar e ela me respondeu com uma voz indiferente

— Joe recebeu um presente de um dos clientes da mercearia e-

— O que? Um presente? – interrompi – Mas por qual motivo? A senhora que me desculpe, mas o resquício que ele tem de simpatia é usado somente conosco.

Escutei uma risada abafada de Emily. Minha mãe olhou séria para a gente, como se estivesse repreendendo nossa atitude em relação ao Joe.

— Enfim, – ela continuou – não me importa o motivo, o que importa é que um pedaço de um presunto caro.

Arregalei meus olhos e não pude deixar de brincar

— Então o Joe está te “presenteando” com esse presunto caro?

Emily colocou a mão em frente da boca para tampar um riso, e, enquanto secava a mão em um pano de prato, Bonnie respondeu

— Me respeite, menina! Joe é um amigo da família agora. O convidei para jantar somente por agradecimento pelo presunto.

— Amigo... – impliquei com ela.

Bonnie jogou o pano de prato em mim e balançou negativamente a cabeça, passando pela gente para subir as escadas. Emily disse que eu não prestava e que precisava ir embora, e antes de ir, ela novamente disse para eu ter cuidado, concordei e a levei até a porta.

Quando restou somente eu naquela parte da casa, peguei uma taça e coloquei um pouco de vinho, sentei no sofá, não liguei a televisão e nem o rádio, apenas deixei meu pensamento ficar vagando no que aconteceu naquela tarde, meditei no que Emily disse para mim e no que decidi fazer, estranhei o jantar que iria acontecer no dia em que todos se preocuparam sobre a notícia que a imprensa deu, mas logo me convenci de que Bonnie quer normalidade, quer mostrar para nós que tudo vai se resolver e que não devemos nos preocupar. Eu queria muito acreditar nisso.

Mal terminei o vinho e ouvi batidas na porta, levantei e fui abrir já imaginando quem poderia ser, era mesmo Patty. Minha mãe desceu, talvez para abrir a porta, sem saber que eu estava perto. A professora de música me cumprimentou e foi direto para Bonnie

— Bonnie! Você viu o noticiário?

— Sim! Você acredita em uma coisa dessas? E se esse for esse tal Maníaco? A cidade vai estar perdida novamente!

— Imagino como deve estar quem encontrou o corpo. Eles não falaram quem foi.

— Ah, quem encontrou foi Sophie, você acredita? – Bonnie disse como se estivesse contando o maior segredo do mundo.

O que para aquela situação realmente era. Por mais que Patty tenha se aproximado de nossa família, não achei certo minha mãe falar tão facilmente uma coisa dessa. Seja por querer desabafar com alguém ou sei lá o que. Olhei como uma cara que dizia perfeitamente “*you só pode estar brincando comigo! Fale menos da próxima vez, bem menos!*”, sem me preocupar com Patty ver, porque até aquele momento ela estava de costas para mim, mas foi só escutar aquilo de Bonnie que a professora de música ficou estática e, após poucos segundos, voltou ao seu normal e olhou para mim, seus olhos transmitiam surpresa

— Foi você?

Respirei fundo e, sem conseguir achar um tom certo, respondi

— Foi.

Quando Patty se virou para mim, Bonnie revirou os olhos e fez uns gestos no ar enquanto dizia sem que som algum saísse “eu não vou espalhar para todos, apenas para quem é próximo da gente”. Até porque, *claro que sua filha encontrar um cadáver é algo que seus amigos devem saber*. Mas o fato é que eu não queria que isso se espalhasse, bom, nem a polícia também. Se ficar de *vou contar só pra esse*, vai saber onde que a notícia vai cair. Nos ouvidos do serial killer, talvez?

Droga, eu realmente estou tentando levar com naturalidade isso? Tentando disfarçar o pavor que estou sentindo por dentro?

— E como foi? Você encontrou algo? – Patty se mostrou muito curiosa com o assunto, olhei esquisito para ela e fui salva das perguntas pela minha irmã.

Chloe desceu as escadas e logo chegou com seu tom de gozo

— Eu acho que você deveria começar uma das suas manifestações, hein Patty.

Bonnie fez *shiu!* para Chloe e a menina fez sinal de como se estivesse fechando a boca. Patty tomou ar, mas não disse nada, apenas se virou para mim e falou

— É, se eu quiser fazer alguma manifestação, não posso ir como alguém que depende de noticiários.

Chloe começou a rir, nós três a olhamos sem entender o motivo da risada

— Sua camiseta está ao contrário, Patty. O que aconteceu? Estava tão ocupada assim que teve de sair correndo quando estava dando o horário para você vir?

Somente então é que vi a camiseta do avesso, pigarreei para evitar uma risada

— Sai correndo mesmo, você me ligou em cima da hora, nem tive tempo de me olhar no espelho.

Chloe não perdoava nada, Patty mal chegou e minha irmã já se divertiu duas vezes com algo em relação a ela, Bonnie deveria estar pagando muito bem para que a instrutora conseguisse lidar com a mais nova das Fields.

— Vamos subir, você arruma sua camiseta e a gente começa a aula.

Patty pediu licença para Bonnie e eu, e subiu logo atrás de Chloe.

— Me passa o purê, por favor – Bonnie pediu para Chloe.

Já estávamos na mesa jantando, Joe havia chegado com um pedaço de presunto, não havíamos conversado nada de relevante, quer dizer, nada sobre o noticiário. Até o momento.

— Fiquei preocupado hoje, Bonnie.

Minha mãe fingiu que não entendeu e perguntou o motivo. Ele um pouco sem-graça, disse

— Sobre essa história do assassinato, se for o que a repórter disse, suas filhas devem tomar cuidado. – Consegui ver que podia ter sinceridade no que ele dizia, mas definitivamente não havia tato na hora de falar.

Tanto que minha mãe ficou claramente desconfortável com o que ele disse, era óbvio que ela não queria pensar nisso. Antes de saber o que Bonnie Fields iria responder para ele, me levantei e disse que, como já havia terminado de jantar, iria começar a arrumar a cozinha. Retirei meu prato e o coloquei na pia, fiquei encostada lá pensando como minha mãe estaria com essa situação. Eu tinha certeza que, por dentro, estava tão mais apavorada do que eu. Escutei alguém parando na porta, olhei sobre o ombro e vi Chloe de braços cruzados, ela estava séria

— Você está com medo? – me perguntou com uma voz mista de tristeza e ansiedade.

— Não – olhei pra ela e respondi rápido demais, voltando minha atenção para a pia logo em seguida, estava tentando fazer com que ela ficasse mais tranquila, não sei se funcionou, provavelmente não, mas qualquer que tenha sido o resultado foi o que fez Chloe balançar a cabeça e sair dali.

Assim como sabia que estava certa sobre Bonnie, sabia que Chloe também estava com medo. Para ser bem sincera, acho que todo mundo estava com medo, todo mundo a nível cidade. Ninguém deseja que algo assim volte ou sequer comece. Era apavorante.

Passei como um furacão pela sala de jantar e fui até a poltrona da sala de estar, peguei meu celular e liguei pela terceira vez para Josh. E pela terceira vez foi a mesma coisa. Pela terceira vez ninguém atendeu. Mordisquei meu lábio inferior

Estou morrendo de medo, pensei.



Capítulo 9

Já se passaram dois dias desde a minha conversa com Emily que resultou nessa ideia de fazer por mim mesma uma investigação. Seria completamente amadora, mas era melhor gastar meu tempo livre com isso do que ficar pensando no que poderia acontecer e acabar paranoica com a história e tudo mais que surgir através da minha imaginação.

Eu segurava um papel que um policial entregou pela manhã. Nele estava escrito que eu deveria ir até o departamento, suspeitava que eles estivessem achando que eu era a culpada de sair espalhando sobre o assassinato. Mas também poderia ser sobre algum tipo de programa de proteção à testemunha, já que eu era a única pessoa que viu o corpo da garota. Fiquei de ir ao fim da tarde de hoje, estava um pouco apreensiva, mas, antes de qualquer coisa, iria começar essa minha investigação, então era melhor juntar tudo o que eu tinha antes de conversar com os detetives e policiais.

Talvez, também, eu conseguiria ver Josh.

Coloquei o papel em cima da cômoda, fui até a parede lateral e afastei a minha cama, retirei os quadros e fotos que conforme os anos iam passando, eu pendurava uma e outra ali. O que restou foi somente uma parede lilás lisa. Coloquei as mãos na minha cintura e comecei a pensar como iria fazer para organizar minha linha de raciocínio. Primeiro, com uma fita preta, dividi a parede em duas partes. Na primeira iria ficar tudo o que eu tinha e sabia sobre o Maníaco do Pântano e na segunda iria ficar tudo o que eu conseguisse descobrir sobre ele. Se tudo desse certo, iria cruzar informações e conseguir retirar algo, *apenas se* eu tivesse alguma sorte.

Decidi começar com o que estava fácil em minhas mãos: o que tenho atualmente sobre esse último assassinato. E eu tinha pouca coisa. Acessei o site da escola e imprimi a foto do anuário da menina assassinada, Katherine, colei na parte mais alta da parede que conseguia alcançar sem auxílio. Anotei no papel o dia e horário que encontrei o corpo. Além de detalhes de como ela estava – o que me causou um enjoo momentâneo. Lembrar da cena ainda me causava arrepios.

Fiquei sabendo que os detetives interrogaram um ex-namorado dela, para não ficar na dúvida peguei a foto dele em uma rede social e coloquei ao lado da foto dela, ligando-os com uma fita rosa que achei em uma de minhas gavetas. Anotei em um caderno que a cor rosa era para ser associada com algo incerto.

Infelizmente, era apenas isso que eu sabia até o momento sobre esse novo caso. Então mudei para o que não pode ser alterado: os assassinatos confirmados do Maníaco do Pântano de dois anos atrás. Nesse meio tempo, entre a conversa que tive com Emily e o dia de hoje, pesquisei na internet os jornais da época e, depois de virar uma noite, consegui uma boa quantidade de notícias. Como estava frequentando a universidade em Tallahassee naquele período, não tenho nada que possa ser de alguma relevância. Fiz os recortes para que somente a notícia ficasse em evidência, ainda imprimi fotos ampliadas dos corpos das vítimas, colei de cima para baixo na sequência que eles ocorreram.

Primeira vítima: Rebecca Collins, loira, 24 anos. Foi encontrada no dia 25 de fevereiro de 2013, embaixo de um banco que existia perto de uma das trilhas do pântano, seus tornozelos estavam amarrados, suas mãos em seu pescoço, um “x” feito com tinta em sua barriga, cortes e queimaduras por todo o corpo, sem pálpebras e nua, apenas faixas coloridas escondendo suas partes. A princípio a polícia pensou ser algum assassinato de ódio, até encontrar o segundo corpo um mês depois.

Segunda vítima: Jess Reynolds, loira, 21 anos. Encontrada dia 22 de março de 2013 em cima de seu carro que havia sido deixado na entrada do pântano. No corpo dela havia as mesmas coisas do que no de Rebecca. Um alerta começou a ser dado na polícia.

Terceira vítima: Dulce Díaz, loira, 28 anos. A única estrangeira, ela nasceu no México, mas antes do primeiro ano de vida sua família se mudou para cá. Encontrada no dia 31 de julho de 2013 encostada em uma árvore no pântano. Novamente os mesmos cortes e posições de membros. O departamento inteiro da polícia começou a investir mais nas buscas do culpado, pois, “na primeira vez é um assassinato “comum”, na segunda é uma coincidência, mas na terceira, há um padrão” foi uma das declarações não oficiais dada por um dos detetives.

Quarta vítima: Savi Morgan, loira, 29 anos. Quando foi encontrada, em 01 de setembro de 2013, uma parte de seu corpo já havia sido consumida por animais locais, mas a necropsia verificou que nele continha o mesmo padrão que nas três outras vítimas.

Quinta vítima: Henriquetta Jackson, loira, 26 anos. Encontrada em 14 de novembro de 2013. Mesmo padrão. Forest Hill já era assunto nacional, lembro que ficava colada na internet e na televisão antes e depois das aulas para saber de alguma notícia nova.

Sexta vítima: Samantha Moretti, loira, 25 anos. Encontrada em 25 de dezembro de 2013. Mesmo padrão, porém, algo a mais havia nela, em sua cabeça estava um gorro natalino. Foi considerado nosso “*presente de natal*”, visto que acabou sendo o último corpo de autoria do Maníaco do Pântano que foi encontrado.

Não havia como eu dar um passo para trás, então sentei na beira da cama e fiquei observando aquelas fotos e as legendas que fiz para cada uma delas. Não tinha como não ficar comovida com as vítimas. Eram todas mulheres com uma vida inteira pela frente, em seu ápice. Todas eram belas, dignas de ganhar coroações em concursos de beleza. Tinham famílias, sonhos e uma vida, uma poderia ser mais feliz do que a outra, claro, mas elas tinham uma vida, difícil ou fácil, mas todas tinham objetivos, todas queriam alcançar alguma coisa, ultrapassar alguma meta. Senti um bolo em minha garganta, levei uma das mãos até a minha boca para evitar qualquer reação indesejada do meu corpo em relação a esses pensamentos e fotos.

Respirei uma quantidade maior de ar e tentei encontrar algum outro padrão escondido. O que Sophie Fields iria encontrar que a polícia não havia encontrado? *Nada*, pensei com uma risada sarcástica. Mas deveria ter algo. Mínimo que seja. Algo que a polícia pensou não ter relevância ou ser coincidência. Levantei e coleí, ao lado de cada foto, foto dos respectivos locais de trabalho delas, elas se ligavam com uma fita branca. As vítimas tinham nada em comum, a não ser as características físicas.

Lia e relia tudo o que escrevi e recolhi da internet, até que percebi algo. Como não havia visto antes? O primeiro assassinato aconteceu no dia 25, e o último também no dia 25!

Não me importava no momento se a polícia tinha percebido ou não isso (apesar de a resposta ser afirmativa), o que importava é que eu havia dado meu primeiro passo como detetive amadora! Peguei um papel e uma caneta, anotei o número 25 nele e coleí na parede, com a fita branca, ligando a primeira e a última foto nele. Agora surgiam duas perguntas: qual o motivo do serial killer ter escolhido esse número? As outras quatro meninas também tinham algo relacionado?

Um estalo surgiu em minha cabeça. Se há a teoria de que o Maníaco matou a última jovem, então seria lógico que ele voltasse no dia 25. Corri até o calendário que ficava atrás da porta do meu quarto e fiz as contas, procurando saber o dia que encontrei, visto que sou péssima em gravar datas. O encontro que tinha marcado com Josh havia sido nesse último dia 26.

A possibilidade de a garota ter sido assassinada no dia 25 era grande.

Então peguei outro pedaço de papel e escrevi 25? nele, colando perto da foto de Katherine. Tratar vítima por nome realmente faz ficar mais pessoal a situação, tentei ignorar esse sentimento de medo e pena, ele apenas faria com que eu desviasse minha atenção. Teria que agir como uma detetive de verdade, então tratei logo de mentalizar como Josh se comportava e ainda tentei lembrar dos episódios das séries policiais que vez e outra eu assistia. A chamaria de *primeira vítima*, pois somente se houvesse uma segunda é que eu poderia me arriscar a chamá-la (infelizmente) de *sétima vítima*.

Havia outro jeito de eu conseguir ligar – ou não – esse assassinato com o do Maníaco, mas ele era muito mais difícil e, se eu realmente fizesse, abriria mão de um futuro com Artes Visuais e passaria a ganhar a vida ou como roteirista de alguma grande emissora ou trapaceando outras pessoas: precisaria comparar os relatórios da necropsia dessa última vítima com qualquer uma confirmada do Maníaco. Mas para isso teria que passar pela segurança que existe dentro de um Departamento de Polícia. Missão *quase* impossível.

Joguei o resto do meu corpo na cama e encarei o teto por alguns segundos, descansando minha mente de tudo o que havia considerado até agora. A tarde ia chegando e eu nem mesma havia percebido. Chloe estava trancada em seu quarto, mas agora isso não me incomodava mais, ela havia melhorado e voltamos a ser as amigas que éramos antes de eu embarcar para Tallahassee, aparentemente minha irmã superou a tristeza que Paul Withmore causou e seguiu com sua vida. Isso me trazia uma alegria imensa. Bonnie também estava trancada em seu quarto, mas seu motivo era diferente: ela iria viajar. Nos contou isso ontem, disse que recebeu a carta há uma semana e não falou nada para nós porque nossas vidas receberam um chacoalhão, era impensável nos deixar naquele momento. A carta era um convite para um curso realizado pelos melhores confeiteiros e panificadores do país, minha mãe ganhou após se inscrever para concorrer. Mulher de muita sorte.

Conseguia ver nos olhos dela o quanto estava dividida entre ir ou não. Seu lado materno implorava para ela ficar em Forest Hill e cuidar de suas filhas, enquanto seu lado empreendedora insistia que essa era uma oportunidade que nunca poderia ser perdida, afinal, dentre milhares de inscrições, somente dez foram sorteadas!

Claro que Chloe e eu insistimos para que Bonnie fosse, era algo ótimo que não poderia ser perdido. Mesmo contrariada, ela foi fazer as malas.

Escutei a porta do quarto dela bater. Juntei tudo o que havia espalhado na minha cama e guardei em uma caixa de sapato, coloquei a cama de volta no lugar, me ajeitei e estava descendo a escada quando escutei

— Eu ainda acho que eu devo ficar aqui – Bonnie disse, enquanto colocava suas malas no chão e procurava alguma coisa dentro de sua bolsa.

Revirei os olhos.

— Já conversamos sobre isso, Fields. – disse soando mais velha do que ela, mas, ao me apoiar no corrimão, tal ato desfez minha seriedade – Você vai e aproveita o curso, enquanto Chloe e eu ficamos aqui, cuidando uma da outra e enchendo seu dia com mensagens no celular.

Ela bufou.

— Mas e se alguma coisa acontecer com vocês? – aparentemente ela não achou o que procurava, já que permanecia com a mão vazia após retirá-la da bolsa.

— Se alguma coisa acontecer, vai acontecer você estando ou não aqui.

— Vai logo mãe, Sophie tem tudo sobre controle – assustei com a voz de Chloe atrás de mim. Eu não havia escutado ela se aproximar e parece que Bonnie percebeu isso.

— Tanto controle que nem sabia que você estava atrás dela!

Ri na tentativa de amenizar a preocupação dela.

Escutamos uma buzina.

— Seu táxi chegou – Chloe disse o óbvio.

Corri para a porta e a abri, como se mostrasse o caminho para ela

— Aposto que Margot vai estar te esperando na rodoviária – ouvi minha irmã falar, seguido de uma risada.

Bonnie aparentemente não achou graça, apenas balançou a cabeça e retirou suas malas de dentro de casa, sinalizando para que o taxista as fosse buscá-las

— Olha, qualquer coisa chame a Louise, tudo bem? Conversei com ela, tive a garantia de que poderia contar com a ajuda dela tanto na padaria como em ficar de olho em vocês.

Espremi os olhos, fingindo indignação por ela me tratar como uma criança

— Não se preocupe, quando o Sean voltar do lugar em que ninguém sabe onde, nós estaremos mais seguras.

Ela suspirou e respondeu

— Espero.

Bonnie foi até onde estávamos e beijou nossas testas

— Amo muito vocês duas. Por favor, eu imploro, tenham cuidado, ainda não se sabe o que se esconde em Forest Hill. Qualquer coisa, me ligue, darei um jeito de aparecer o mais rápido possível aqui.

— Amo você também – nós duas respondemos quase em uníssono.

A cada três passos em direção do carro, ela se virava para dar tchau. Chloe e eu ficamos até que o táxi virasse a esquina.

— Vou para o meu quarto e de lá sairei apenas para as aulas.

Ela mal disse e foi virando as costas e entrando na casa. Fiquei em silêncio, assentindo para o nada. Respirei longamente e entrei na casa, fechei a porta e sentei no sofá, planejava passar mais algum tempo encarando o painel improvisado que fiz para minha investigação, quem sabe algo não surgisse na minha frente. Encostei a porta do meu quarto e sentei no meio da cama e, com as pernas entrelaçadas, encarava a parede sem piscar. A pergunta que não saía da minha cabeça era: onde o número 25 se encaixava nas outras vítimas?

Entre uma ideia sem sentido e outra nada a ver, ouvi meu celular tocar. Era The Pretender do Foo Fighters, o toque para as chamadas que recebia do Josh, arrepiei ao ouvir a primeira estrofe, eu me sentia no escuro com esse distanciamento dele. Peguei o aparelho que estava embaixo da cama, não faço ideia de como foi parar lá. Sem mais demora e com um estômago totalmente congelado, atendi

— Josh?!

— Sophie!

Ah! Aquela voz! Senti tanta falta do meu nome nela...

— Josh! Josh! Por que você sumiu? – a minha saía uma mistura de ansiedade, felicidade, confusão e um pouquinho de tristeza.

— Sophie, me desculpe! As investigações têm consumido o meu tempo! Sempre quando acho que vou ter um tempo livre, aparece algo que me faz voltar a trabalhar. Eu estou exausto.

Sabia que podia acreditar no que ele falava, sua voz estava muito cansada e sua respiração pesada. Facilmente era notado que ele não havia dormido nem mesmo de ontem para hoje.

— Tem como a gente se ver? – perguntei com um pouco de esperança.

— Olha... – a pausa que ele deu fez ter com que eu tivesse vontade de chorar – Eu queria muito, mas...

— Tudo bem, trabalho vem em primeiro – o interrompi e tentei não mostrar o choro que estava travado em minha garganta.

— É verdade, Sophie, eu queria, mas no momento não vejo como, estou dependendo de cafeína para conseguir falar aqui com você.

Permaneci em silêncio no outro lado da linha.

— Sophie, você ainda está aí?

Não pude responder, escutei um barulho no local onde ele estava, alguém chegou e falou algo sobre profiler, não consegui entender muito bem.

— Ela trouxe apenas agora? – ele fez uma pausa, prestando atenção na resposta de quem quer que seja que estivesse falando com ele – Ok, estou indo. E olha, tenta não se

acostumar com esses seus atrasos, Thomas. – ele tentou mudar seu tom de voz para algum de brincadeira, mas estava cansado demais para isso – Ainda está na linha? – Josh voltou sua atenção para mim, a minha vontade era desligar o telefone e mostrar para ele a resposta se eu estava ou não, mas apenas respondi

— Estou.

— Fiquei sabendo que você vai vir hoje, espero que eu te veja.

— Também – não conseguia evitar minhas respostas secas.

Ele ficou em silêncio, até perceber que eu não falaria mais alguma coisa, então se despediu

— Preciso ir agora, estou com saudades.

— Até depois, Josh.

E desliguei o celular.

Respirei fundo uma vez... duas vezes... três vezes. Ainda estava digerindo a conversa e o motivo de eu ter passado de ansiosa para seca em pouco tempo. A verdade era que esse distanciamento de Josh me machucava, ele preferiu focar no trabalho e me deixar de lado, seja por me querer segura ou não, ele deveria entender que se afastar só piorava as coisas, pelo menos para mim...

Deixei de lado minha vontade de desbravar meu eu detetive e decidi chorar minhas mágoas. Fui até a cozinha e peguei o primeiro pote de Häagen-Dazs que vi na frente, procurei por um filme na televisão, um daqueles bem melosos, e coloquei para assistir. Em meio a choros, sorvete e muito romance, escutei baterem na porta.

Ignorei.

Segundos mais tarde, escutei novamente.

Ignorei.

As batidas ficaram mais fortes. Bufei. Tentei arrumar minha cara de choro e fui abrir a porta.

Não acreditei em quem era ali. Fechei com força.

Respirei e tentei me manter no controle. Abri novamente a porta

— O que você quer aqui? – não me importei nem um pouco de parecer ser grossa. Ele não merecia nada da minha simpatia.

Enquanto esperava a resposta, fiquei me perguntando de onde ele tirou a coragem de aparecer na porta da minha casa. Se eu pudesse, sumia com ele em um piscar de olhos!

— Quero falar com a Chloe – Paul me respondeu cheio de pose *bad boy* mimado.

— Não, o que você quer é dar o fora daqui agora!

Minha cabeça tinha tanto problema que eu realmente não precisava ver a cara desse garoto no momento.

— Me deixe falar com ela! – ele tentava procurar por ela olhando por cima do meu ombro

— Chloe! Chloe! – gritava.

— Cala a boca! Ela está muito bem sem você e aparentemente você também está muito bem sem ela!

— Chloe! Por favor, quero falar com você! – seu olhar ficou fixo, isso quer dizer que ela havia descido.

Olhei para trás e lá estava ela: parada no meio da escada, seus olhos vagos, mas com um toque de tristeza, seus lábios murchos e um suspirar de pesar.

— Deixe ele entrar – ela disse sem emoção alguma na voz.

— Ma-

Nem terminei de falar a palavra e Paul me empurrou para o lado e entrou em casa. Ele foi direto para ela, pegando em sua cintura, aquela cena me causou nojo.

— Sabia que você iria me querer ainda – ele estava cheio de si e isso transparecia até no tom de sua voz.

— Vamos subir.

— Vamos sim – ele me mandou um olhar de vitorioso e seguiu ela até o quarto.

Esbravejei em silêncio. Eu não conseguia acreditar que Chloe iria fazer a besteira de se reconciliar com Paul. Será que ela não percebeu o quanto ele a mudou? O quanto fez mal? Não aguentei ficar aqui embaixo apenas esperando, eu precisava saber o que estava acontecendo. Depois de relutar, subi até o quarto dela. Sem fazer barulho, escutei pela porta a conversa dos dois

— Você não sabe o que está falando!

— Sei muito bem! Não sou qualquer garota, Paul! – ela parecia bem decidida no que falava, um pequeno sorriso surgiu em meu rosto.

— Você é a minha garota!

— Não sou sua, não sou de alguém! Eu pertencço somente a mim!

— Mas eu voltei por você!

— Me solta! Você voltou pelo simples fato de que com certeza ninguém te deu atenção. Você sumiu! Eu fiquei perdida! Agora que estou ficando melhor você aparece? Some daqui, Paul! Some!

— Para de falar besteira! Eu posso ter qualquer garota naquele lixo de escola!

— Então vá fazer outras de idiota! Não eu! Some da minha vida!

Eles ficaram em silêncio, percebi que era melhor eu descer o mais rápido possível, então assim fiz. Em poucos segundos estava de braços cruzados, perto da porta que havia acabado de abrir. Não demorou muito até que Paul descesse correndo com uma feição carrancuda, ele me lançou um olhar cheio de raiva e eu não tentei disfarçar nem um pouco o meu sentimento de superioridade e de orgulho por Chloe. Mas meu ar pomposo não durou muito, ela estava descendo a escada aos prantos, sua manga longa constantemente tentava secar as lágrimas que caíam sem parar de seus olhos

— Terminou tudo. De vez.

Fui correndo até ela e a abracei, não disse nada. Sabia o quanto poderia estar doendo. Acho que ambas estávamos tendo ao mesmo tempo nossa primeira decepção amorosa. A conduzi de volta para seu quarto, sentando-a na cama retirei seu chinelo e a deitei, fiquei afagando sua cabeça tentando distraí-la com o que Bonnie, dentro daquele ônibus, poderia estar pensando no momento, até que Chloe pegou no sono. Fiquei por mais algum tempo, até o sol começar a se pôr. Com cuidado levantei da cama, escrevi um bilhete dizendo onde eu estaria e deixei perto de sua cama, para caso dela acordar e eu ainda não estivesse voltado.

Me arrumei e fui para o Departamento de Polícia.

Alguns policiais me cumprimentaram quando entrei, outros me olharam meio desconfiados, esses imaginei que sabiam sobre mim e pensavam que eu havia dito algo para a imprensa, mas não me importei, continuei o caminho até o balcão onde havia um policial

— Boa noite – cumprimentei e entreguei a carta que havia recebido.

— Boa noite – o policial me respondeu e pegou a carta, enquanto eu esperava ele falar algo, notei uma pilha de papéis perto dele. – Policial West, leve Sophie para a sala de interrogatório e depois deixe esses papéis na mesa do Sanders.

Fiquei atenta quando escutei isso, se esses papéis eram para ele, então devem ser algo sobre a investigação. Eu precisava ver o que havia neles. O policial me levou até a sala e pediu para que eu esperasse por Rickenter, assenti e sentei na cadeira. Eu tinha tanta coisa na minha cabeça que acabava não tendo foco em um pensamento. Uma hora eu pensava em Josh, na outra em Paul e Chloe, e ainda havia sobre o assassinato que eu tentava descobrir algo por mínimo que fosse. Coloquei minha cabeça entre minhas mãos, fechei os olhos e respirei fundo. Tinha que me manter tranquila.

— Sophie Fields, testemunha do assassinato de Katherine Rice e suspeita de vazar a informação para a imprensa – ouvi o barulho da porta abrir, Eve entrou e começou a falar sem cerimônia alguma.

— Só por que não sou policial?

— Cuidado com a maneira que diz as coisas. Mas sim, poucos policiais sabiam do que havia acontecido e você era a única civil, pode não ter sido diretamente por meio de você, mas deve ter contado para alguém e esse alguém vazou, inclusive sua mãe e irmã podem ter feito algo.

— Mas não fizeram! – toda a simpatia que comecei a sentir por Eve desde a morte de seu pai foi se desfazendo aos poucos ao vê-la com esse ar arrogante de quem sabe tudo – Eu não saí de casa desde quando tudo isso começou a acontecer, minha família não é fofoqueira, só comentou com amigos próximos depois que a mídia falou sobre, porque até então ninguém que não mora na minha casa sabia de algo. Existe a chance de ter sido algum de vocês.

— Estamos com uma investigação interna quanto a isso, nós estávamos em uma investigação sigilosa no caso, então quem for o culpado vai ter a consequência – ela era

bem enfática no que dizia.

— Mas quero saber mesmo se eu vou ter alguma proteção da polícia. – eu procurava ser tão consistente no meu tom de voz quanto ela estava sendo no dela – Se a informação vazou não é impossível que o tal assassino saiba que eu sou a pessoa que encontrou o corpo. Eu também corro riscos, detetive.

— Nós estamos cientes disso – Eve falava enquanto folheava uns papéis que trouxe consigo.

— Mais uma prova de que não tenho alguma coisa a ver com esse vazamento: eu, em sã consciência, nunca colocaria minha vida em risco para nada!

— Nós estamos cientes disso também. – ela parou de folhear e voltou a olhar para mim – Mas também consideramos a hipótese de você ter espalhado para que mais pessoas soubessem e tomassem cuidado, talvez não confie tanto assim na polícia.

Eu não pude evitar uma risada.

— Eu não confio na polícia? Onde o Josh está? Esqueceu que namoro – senti um aperto dentro de mim, apesar de ainda namorar, não estávamos em uma situação muito boa – um detetive daqui? Que é o seu parceiro?

— Para a investigação isso não é relevante – Eve disse sem emoção na voz, seu semblante era sério.

Passei as mãos em meu rosto e respirei fundo.

Isso era uma coisa que eu estava fazendo muito ultimamente: respirar fundo.

— Olha, apenas quero saber da minha proteção – disse com uma voz derrotada, não adiantava eu tentar levantar nenhum argumento contra Eve Rickenter.

— Estamos disponibilizando dois policiais para fazer ronda na sua casa, eles irão fazer trocas de horários, então sempre terá um de olho em você. Vamos te dar um celular também, ele deverá ser usado apenas em caso de emergência, nele há um rastreador, então te localizaremos em qualquer parte que estiver.

Fiquei um pouco mais tranquila com o que ela disse, não era uma perfeição capaz de fazer com que Bonnie ficasse em paz, mas era algo que ela iria se contentar.

— Está liberada – Eve disse enquanto juntava os papéis e se levantava.

A esperei sair da sala para poder sair. Fui para a recepção e liguei para minha mãe, enquanto ouvia os toques da chamada, pedi para Ryan ver se Josh estava por ali. Ele falou para um outro policial ver isso. Bonnie atendeu

— Oi mãe! Chegou bem de viagem? – eu soava normal, ela não conseguiria saber o quanto esse dia havia sido totalmente descartável e digno de esquecimento.

— Cheguei sim. Como vocês estão? Já foi na polícia?

— Estamos bem. Já sim, inclusive estou aqui, mas já conversei com eles e me garantiram que irão ter policiais fazendo ronda em nossa casa, ainda me deram um telefone.

— Fico mais tranquila com isso, mas qualquer coisa, não deixe de me avisar, por favor.

— Claro – afirmei para ela. O policial que havia ido procurar por Josh voltou – Preciso desligar agora, mãe.

— Mas já? – ela disse com uma voz surpresa.

— Sim, ainda estou na polícia, esqueceu?

— Ah sim, verdade. Tudo bem então, boa noite Sophie. Vou ligar para Chloe.

— Acho que ela está dormindo, liga amanhã. Boa noite, mãe.

Desliguei o celular e prestei atenção no policial, ele disse que Josh não estava por ali, mas que não demoraria a chegar. Agradei e perguntei se eu poderia esperar na mesa dele, ele me respondeu positivamente e me levou para o andar de cima, apontou para uma mesa e disse para eu sentar ali, agradei novamente e sentei no local que ele apontou. Quando o policial saiu de minha vista, me certifiquei que ninguém ali estivesse prestando atenção em mim, não era difícil de isso acontecer, muitos estavam preocupados com suas próprias investigações e não pensaram nada de mais sobre mim, visto que já era conhecida do departamento.

Notei que os papéis que estavam na recepção agora estavam na mesa de Josh, peguei eles e comecei a dar uma olhada, discretamente. Muitos eram correspondências e documentos não relacionados com o caso que eu queria, então os ignorei, mas havia dois em particular que era sobre o que procurava, um era uma cópia do relatório da necropsia e outro era um que não estava exatamente na pilha que havia visto antes, sabia disso porque sua folha era amarela, era um perfil psicológico. *Deve ter sido o que ele recebeu quando estava na ligação comigo*, pensei. Eu tinha que ler aqueles dois papéis de uma maneira rápida, fiz então uma leitura dinâmica.

No relatório da necropsia:

25 cortes. 25 queimaduras. Membros amarrados. Pálpebras retiradas. Causa da morte: estrangulamento.

Olhei em volta para ver se ninguém havia me notado bisbilhotando na mesa de Josh, aparentemente não, me senti a vontade para fazer uma leitura menos dinâmica no outro papel.

Perfil psicológico:

Como a vítima não sofreu abuso, o sexo do assassino ainda não pode ser definido.

Odeia mulheres que representam o estereótipo de queridinha da América: bonita, rosto angelical, bem quista e loira. Mas também tem um fascínio por elas, isso é explícito na pose e cuidado que tem com os corpos.

Cortes e machucados feitos representam uma grande raiva, a quantidade igual mostra que há um significado atrás do número. Nada é aleatório.

A retirada das pálpebras pode significar que ele deseja que o mundo veja que as pessoas não são como aparentam ser, ele quer que busquem as verdades, abram seus olhos.

O “X” na barriga pode significar que mais um alvo foi abatido.

A falta de roupa mostra como as pessoas são desprotegidas.

Não terminei de ler, escutei passos se aproximando, coloquei rapidamente de volta na mesa e fingi que prestava atenção no meu celular. O mesmo policial que me trouxe para cá é o que se aproximava

— Josh não vai voltar para cá tão cedo, ele está trabalhando em dois casos ao mesmo tempo.

Não evitei meu olhar triste, a situação estava ficando ruim.

— Tudo bem, talvez eu volte outra hora. Obrigada – disse ao levantar e fazer o caminho de volta.

Passando pela recepção, ouvi um policial conversando com o outro, sem querer escutei o que eles falavam

— McGranth, chegou uma intimação para Joe Sherman, o endereço dele é esse aqui – o policial entregou para o outro.

Uma intimação? Para Joe? Um alarme tocou em minha cabeça e eu quase gritei perguntando para o universo o que mais de errado poderia dar comigo e minha família. Minha mãe estava começando a se aproximar de Joe e de repente ele recebe uma intimação? Acho que as Fields não foram feitas para terem relacionamentos. Sempre alguma coisa dá errada.

Joe sempre foi um cara quieto, observador e com uma história que ninguém conhecia por completo. Será que essa intimação era relacionada com a vida que ele teve em Colorado? Ele nunca falava de seu passado, tanto que a única coisa que quem o conhecia sabia era que existia algo que o ligava até o estado. Abanei minha cabeça e tentei ignorar o assunto. No momento isso não era uma preocupação minha e somente iria alertar minha mãe se fosse algo sério, coisa que iria descobrir se minhas visitas aqui voltassem a ser frequentes. Estava começando a pensar que seriam mesmo, visto que, como aqueles papéis praticamente caíram no meu colo, comecei a pensar seriamente em tentar procurar pelos relatórios das vítimas do Maníaco.

Parei por um momento para pensar se perguntaria para Ryan quando Josh estaria aqui, isso seria uma boa desculpa para tentar encontrar o local que eles guardavam relatórios antigos. Devo ter parado de repente, visto que alguém esbarrou em mim, não liguei muito, balbuciei uma desculpa e decidi ir até Ryan para perguntar sobre Josh. Ao me aproximar, notei que ele não estava por ali, mas vi uma nova pilha de papéis, olhei rapidamente para ver se não teria algo de meu interesse e percebi que havia um papel solto entre os outros. O puxei para ver o que era, arqueei minhas sobrancelhas ao ver que tinha apenas uma palavra escrita com letras garrafais recortadas de revistas.

BOOMM!



Capítulo 10

Eu estava encarando o papel há vinte minutos. Ele já havia sido analisado para ver se havia marca de digital ou algum outro resquício que poderia nos levar até a pessoa que fez isso. Mas não encontramos nada que poderia responder nossa dúvida. Eu pensava em Sophie e no azar que a acompanhava nos últimos dias. Primeiro encontrou um corpo e agora uma pista, as duas coisas que nos faziam crer que era o Maníaco anunciando sua volta. Eu estava com um péssimo pressentimento a respeito de tudo isso. Desde o começo. Mas cada vez que Eve e eu nos envolvíamos mais na investigação do desaparecimento e morte de Katherine, mais crescia essa sensação de que algo ruim poderia acontecer. E eu não queria isso.

Peguei o papel e o levantei até a altura do meu olhar. “BOOMM!”. O coloquei de volta na mesa e peguei o diário de Katherine. Lá estava

Hoje aconteceu algo estranho. Estava com a sensação de que estava sendo seguida desde quando saí de casa pela manhã. Olhava para trás, perguntava para Amy e Pauline se elas estavam com a mesma sensação, mas... mas não estavam, isso tudo era somente comigo. Eu estou ficando louca?

Até o intervalo do almoço achei que sim, mas quando fui pegar o material para a quinta aula, vi em meu armário um bilhete escrito BOOMM! feito com recortes de revista. Fiquei extremamente brava e briguei com as meninas achando que era alguma piada de mau gosto feita por elas para me assustar, mas me disseram que não fizeram nada. Eu sabia quando elas mentiam e, naquele momento, elas não estavam.

Espero que isso passe rapidamente.

Terror psicológico antes do terror físico era coisa para quem era doente. Coisa de psicopata. Pedi para que os policiais que cuidam das ocorrências ficassem atentos para familiares que derem queixa de algum desaparecimento de garotas que tem as características do padrão do assassino, esses casos iríamos investigar com mais cautela, pois já era uma certeza minha de que o Maníaco decidiu voltar. Mas por quê? Depois de dois anos... Qual o motivo de ele voltar na mesma cidade que começou? Poderia ser pelo gosto do perigo, pela sensação de impunidade e que a qualquer momento poderia ser pego.

Dessa vez ele não iria escapar. Não mesmo.

Voltava a sentir minhas forças se esvaindo do meu corpo, era uma mistura de cansaço, preocupação e confusão. Afastei minha cadeira da mesa, inclinei para trás minha cabeça e, olhando para o teto, bufei. Pela minha experiência, esse emaranhado não iria ser desenrolado facilmente como normalmente são os outros casos que trabalho. Vi, de canto de olho, Eve se aproximar de minha mesa, voltei a sentar da maneira correta, ela mal se aproximou e já começou a falar

— Acabei de interrogar o carteiro que deixou as cartas que estavam junto com a pilha de papéis, eu não deveria te falar nada só de raiva por você não ter aparecido enquanto eu fazia as perguntas, mas enfim, ele disse que não tinha conhecimento de coisa alguma, apenas havia entregado as que mostrei para ele como favor para três policiais que tinham pedido para certas correspondências chegarem aqui e não na casa deles.

— E você falou com os policiais?

Eve me olhou como se fosse a pergunta mais idiota que alguém já havia feito para ela. Concordo que a pergunta era muito óbvia, mas ela deveria ser feita.

— Conversei. Eles disseram que estão com um empreendimento na Califórnia e que, no momento, não querem que suas esposas saibam. Corri atrás para ver se eles falavam a verdade e me confirmaram que sim. Uma dupla de policiais está atrás da pessoa encapuzada que a câmera flagrou deixando o prédio, mas você sabe quem deve ser questionada, não sabe?

Eu estava mexendo com uma caneta, fazendo-a passar entre meus dedos, mas quando Eve me fez a pergunta, parei imediatamente e voltei a olhar para ela

— Sophie Fields – disse sem emoção na voz.

— Ela mesma. A câmera também gravou o esbarrão que a pessoa encapuzada deu nela. Talvez a garota tenha visto o rosto.

Me causava desconforto escutar Eve chamar Sophie de garota, já havia pedido inúmeras vezes para ela não falar isso, mas parece que nunca me escutava, chega uma hora que simplesmente a melhor alternativa é escutar e deixar.

— Vou falar com ela, só vou terminar de fazer o relatório daquele homicídio do poço.

— Ouch! Esse estava feio... Mas não, é melhor você ir agora falar com a Sophie – Eve manteve seu tom decidido.

A encarei por alguns segundos, durante esses segundos parei para pensar em como ela era forte. Não força física, que também poderia ser incluída, mas a força interior que tem. Não deve ser fácil ser criada de uma maneira que não condiz com o que você é, passar a adolescência com terapeutas, ter o pai assassinado, a mãe levada para longe e ainda estar em pé todos os dias para seguir com sua vida, sem nunca deixar esse ar de “nada me afeta”. Eu a admirava demais. Por isso não discordei com ela, apenas balancei positivamente a cabeça, levantei e fui até a casa de Sophie, mas, antes de sair de sua vista, perguntei

— Você não vem comigo?

Ela arqueou suas sobrancelhas e disse

— Vou terminar o seu relatório. Definitivamente não quero assistir nenhuma cena desagradável – com seu humor camuflado.

Mas ela estava certa, eu não estava com boas esperanças. Não fazia ideia em que ponto Sophie e eu estávamos. Nós começamos esse relacionamento em uma hora muito errada. Se eu não a tivesse chamado para sair, nós não estaríamos namorando, se não estivéssemos namorando ela não encontraria o corpo, outra pessoa encontraria e eu investigaria somente com a preocupação de que não poderia haver mais vítimas, não com a preocupação de que ela estaria cada vez mais ligada aos acontecimentos e que eu deveria correr contra o tempo para que não houvesse a chance de Sophie ser um dos alvos. O Maníaco poderia muito bem já saber que Sophie existe e que encontrou o corpo de Katherine. Ele pode ter visto seu rosto quando esbarrou nela.

Cada vez que eu pensava nas possibilidades, mais a dor de cabeça me atingia.

Cheguei à casa de Sophie e hesitei em bater na porta. Quando decidi fazer isso nem precisei. Chloe abriu. Ela me olhou, percebi que algo estava errado, mas eu não estava aqui para assuntos pessoais

— Sophie! Josh está aqui! – ela gritou, mal olhou para mim e foi embora.

Pigarreei e assumi a pose profissional, o que confesso foi difícil manter ao vê-la tão preguiçosamente linda. Sua face estava cansada e ela usava pijamas, voltei minha atenção para ela

— Sophie, eu tenho que te fazer algumas perguntas.

Ela se aproximou na porta e escorou ali, comprimiu os lábios e eu fiquei apreensivo, esses sinais junto com o silêncio que ela fez não significavam boa coisa.

— Pode fazer então, detetive Sanders.

— Não precisa me chamar dessa maneira, Sophie.

Ela permanecia séria.

— De que maneira? Você é um detetive da polícia, correto? Nada mais normal do que eu te chamar dessa maneira.

— Sophie, sabe que não-

— Sei que não o quê? É só por causa de investigação que você aparece, que você me liga. Você é o detetive e eu sou a civil que infelizmente está envolvida com os dois mistérios que assombram a polícia de Forest Hill. É isso o que somos.

— Eu ia encontrar com você ontem, mas não deu – eu tentava diminuir a culpa que tinha na situação, minha vida estava um inferno de tão ocupada. Eu realmente queria ter encontrado com ela no DPFH.

— Isso mesmo! – ela disse apontando o dedo para mim e com uma voz diferente – Vamos falar sobre ontem. Se eu te contar que a polícia estava me considerando suspeita de ter vazado informação, você acreditaria? Espera, espera – fez sinal de *pare* com as mãos – se eu ainda acrescentar na história que eu namoro com um detetive DO CASO, aí ela se

tornaria um pouco surreal, não é mesmo? Meu namorado deixou que as suspeitas caíssem sobre mim. Chocante.

Não deixei de lado meu profissionalismo em nenhum momento, encarava-a seriamente, na pose de quem tem controle sobre tudo. Mas eu não estava no controle, eu o havia perdido por completo. Me sentia culpado, definitivamente arrependido. Mas ela não totalmente correta, eu havia tentado tirar a culpa dela, mas Eve, Thomas e outros insistiram em interrogá-la, disseram que se ela não tinha culpa, não teria problema em contar o lado dela. Eu deveria ter insistido mais, deveria ter criado tempo e ficado para fazer companhia pelo menos. Mas não, naturalmente segui o caminho da razão do que do coração, agora o erro já havia sido cometido e eu estava colhendo as consequências.

— Mas se você está querendo saber se eu vi quem era a pessoa que esbarrou em mim, não, eu não vi, o capuz cobria todo o rosto. Na verdade, nem sei como a pessoa conseguia enxergar algo. Só sei que aquele esbarrão me machucou, e-

Escutei um celular tocando, Sophie também, era o dela

— Espere um momento – ela se virou e foi atender. Escutei um pouco da conversa e pude perceber que era a mãe dela.

A conversa parecia que ia demorar, Sophie havia se distanciado da porta. Aproveitei e decidi ir embora, acenei um tchau para ela, recebendo com resposta apenas um balançar de cabeça. Entrei no carro e virei a esquina. Desliguei o motor. Não conseguia mais parar de pensar nela, não depois de ver o quanto eu havia magoado. Um filme começou a passar pela minha cabeça, normalmente as pessoas falam que acontece isso quando não há mais esperança em sobreviver quando estão à beira da morte. Será que isso aconteceu comigo devido ao nosso relacionamento estar passando por uma fase conturbada?

Não sei.

Só sei que eu reparei nela antes mesmo de ela descer daquele ônibus. Antes mesmo de ela me ver. Enquanto fazia perguntas para um homem sobre um caso da época, eu tentava fazer com que não parecesse o quanto havia ficado impressionado com aquela garota. Conhecia apenas por nome a Bonnie, não sabia que ela tinha outra filha, então não é surpresa se eu admitir que fui mesmo procurar saber quem era aquela mulher que desceu no ônibus e foi direto até elas. Quando escutei o grito de Bonnie, vi que era minha desculpa para olhar, foi quando nossos olhares cruzaram, ela sorriu espontaneamente para mim, o meu sorriso saiu sem que eu percebesse.

Facilmente fiquei encantando por ela. Depois de muito tempo de espera, finalmente tive a coragem e oportunidade de chamá-la para sair. E o encontro foi perfeito. Sophie mostrou ser alegre, inteligente, divertida e doce. Percebi que havia encontrado a pessoa certa e estava disposto a assumir um compromisso que durasse.

Assumi isso cedo demais, mas eu sabia o que sentia. Sabia muito bem.

— Frederick – disse em um sussurro, achando um pouco de graça ao lembrar do pinguim.

Senti um nó na garganta e me recusei a demonstrar qualquer emoção. Mesmo sozinho no carro. Eu ainda tinha o impulso de proteger e cuidar, ela era minha jóia. Estar apaixonado era ridiculamente maravilhoso. Esperava que não tivesse deixado de sentir o mesmo por

mim, ela poderia estar brava, tinha esse direito, mas o que eu mais desejava era que tudo fosse resolvido logo e que nós pudéssemos voltar ao normal.

Eu queria proporcionar para ela uma vida digna, cheia de felicidade e de total segurança.

Fechei os olhos e comecei a pensar em nossas conversas, nossos encontros... isso me trazia uma certa tranquilidade, mas ao mesmo tempo um desconforto, pois não estávamos assim ultimamente. Essa história de se afastar para proteger quem ama apenas funciona na ficção, porque em nossa realidade isso não é da mesma maneira. Mas foi a única forma que encontrei de acabar rapidamente com essa investigação. Livrar essa cidade dessa porcaria de Maníaco. É o que eu repetia inúmeras vezes para mim na tentativa de me focar.

Despertando de meus pensamentos, escutei o celular tocar. Imaginei que seria Eve para perguntar como que havia sido, não somente por causa da investigação, mas também para me provocar. Bufei. Não estava com humor para isso.

— Olha, se for para fazer alguma graça, não me perturbe. Daqui a pouco estou aí e repasso as informações do caso – disse sério e de modo firme, para cortar qualquer coisa que poderia vir dela.

— Que? Você está bem? – escutei Thomas perguntando sem entender o motivo de eu ter falado aquelas coisas para ele.

Eu deveria ter olhado quem estava ligando. Erro meu.

— Thomas? Cara, foi mal, pensei que era a Eve.

— As letras das palavras Thomas e Eve são um pouco diferentes. Mas só um pouco. Além do mais, ainda não entendo como Eve pode ter algum humor, aquela mulher vive parecendo que chupou uns dez limões.

Por mais que eu estivesse mal, não contive minha risada. Thomas tinha essa personalidade marcante.

— Se você a conhecer por uns vinte anos, talvez consiga enxergar.

— Não, obrigado, passo. Mas então, estou indo para o Yanknuts, vamos?

Parei para pensar, eu tinha uma lista enorme de coisas para fazer, mas... havia acabado de passar por uma demonstração do inferno e precisava da alegria de Thomas para me colocar para cima. Então resolvi chutar tudo

— Chego em cinco minutos.

Yanknuts se tornou nosso local preferido quando queremos dar uma pausa no trabalho, era uma cafeteria especializada em donuts. Tinha esse nome completamente estranho por causa do esporte preferido do proprietário, um nova-iorquino extremamente apaixonado pelos Yankees. Junta-se Yankees e donuts, o resultado se tornou Yanknuts. Prefiro manter em sigilo a minha opinião sobre o que esse empresário tem na cabeça.

Cheguei em cinco minutos, Thomas já estava no local, e pelo quanto o conhecia, sabia que no momento em que me ligou já estava nessa mesma mesa. Thomas usava uma camiseta social e um terno, não era do tipo de detetive que usa gravata e que anda para cima e para baixo em sua pose de autoridade. Apesar de ter esse ar descontraído, ele sabia separar

momento de trabalho e momento de descontração, inclusive, quando está interrogando suspeitos nós sempre procuramos deixar mais alguém dentro da sala, Thomas perde a cabeça quando não colaboram da maneira que deseja.

Me sentei ao lado dele e fizemos um cumprimento próprio com as mãos, ele já havia pedido um café para ele e também para mim

— Muito estresse com o possível caso do Maníaco?

— Possível? Thomas, definitivamente é o Maníaco. O capitão não está querendo confirmar, fala que deve aparecer outro corpo para dar certeza, mas... trabalhei com isso no passado, sempre senti uma sensação um tanto assustadora no caso. Eu sei que é.

— Cara, não acho que o capitão vai conseguir manter os grandões fora daqui se isso explodir e for para a imprensa nacional.

Encarei a xícara do meu café e concordei mentalmente com ele. O capitão odiava a interferência de outras polícias em seus casos, na época do Maníaco ele cobrou favores, tentou abafar e dar respostas para todos e, de uma maneira que eu até hoje não entendo, ele conseguiu. Por pouco tempo foi falado sobre o Maníaco do Pântano na rede nacional e o caso sumiu quando o serial killer desapareceu. Ninguém nunca mais cobrou alguma coisa da divisão de homicídios do DPFH.

— Não estou preocupado com o capitão – falei de maneira séria, mas ainda olhando fixamente para minha xícara.

Percebi de soslaio que Thomas fez uma careta e senti sua mão bater em minhas costas

— Problemas no paraíso?

O olhei seriamente, pedindo com meu semblante para que ele parasse de falar dessa maneira. Ele entendeu o recado e levantou uma das mãos na altura do ombro

— Não está mais aqui quem falou dessa maneira. Mas diga, bro, o que aconteceu?

Respirei fundo.

— Minha relação com Sophie esfriou. Me distanciei dela por causa da investigação e o pior é que essa decisão foi semi-consciente.

— Você sabe que vai ser difícil conseguir recuperar agora, né?

Entristeci.

— Mas calma, um dia vocês vão conseguir se resolver. Ambos estão estressados com isso.

— E desde quando você é expert em relacionamentos? – perguntei tentando colocar um humor em minha voz.

Thomas riu

— Depois que a gente passa a estar com alguém, aprendemos alguma coisa.

Arqueei uma das sobrancelhas, isso era uma novidade para mim, Thomas em um relacionamento sério?

— E quem foi a mulher que conseguiu conquistar esse seu coração até então indomável?

Espera... não vai me dizer que é a mesma do dia que me pediu para ficar até mais tarde fazendo suas coisas?

Ele não me respondeu com palavras, mas sim com sua reação, sua risada foi de felicidade, mas uma felicidade diferente de como quando o Miami Dolphins, um time de futebol americano aqui da Flórida, ganha alguma partida.

— Quem é ela?

— Não vou falar. Nós dois ainda preferimos manter a discrição.

Revirei os olhos e terminei o meu café.

— Bom, se você não vai falar, eu já vou ir. Tenho que voltar para o departamento, Eve deve ter me ligado milhares de vezes já – dizia enquanto pegava meu celular e o ligava.

Thomas pediu uma caixa com donuts variados para levar até a divisão. Uma caixa cheia de donuts é o melhor clichê na vida de um policial – e de um detetive.

Uma quadra de distância e eu já conseguia ver a multidão na frente do DPFH, fechei os olhos e tentei imaginar os motivos que poderiam existir que explicariam isso. Me aproximei e desci do carro, Thomas apareceu logo atrás de mim, trocamos olhares que significavam basicamente “o que foi dessa vez?”. Mas logo nos foi respondido quando Patty Williams tomou a frente da multidão. Escutei uma risada de Thomas

— Isso com certeza é assunto para você resolver.

Cruzei os braços e olhei sério para ele. Thomas riu mais uma vez e foi embora.

A multidão deveria ter entre 60 e 70 pessoas. Estavam com cartazes pedindo justiça e reclamando da falta de competência de quem deveria proteger todos os cidadãos. Me senti completamente ofendido, eles não tinham noção do quanto buscar pistas e procurar pelo assassino estavam me causando exaustão. Mas os entendia. Sabia o quanto essa situação era aterrorizante, eles tinham família e amigos que poderiam estar correndo perigo. Afinal, eu tinha Sophie, poderia ser muito bem qualquer um deles que estavam transformando seu medo em revolta.

A polícia cercou o grupo, não para acabar com a manifestação, mas assim como das outras vezes, apenas para evitar que saísse do controle. Entrei e Eve logo apareceu me pegando no braço e me levando até um canto

— Preciso que você me fale o que Sophie disse, cansei de ligar para você.

Ela estava habitualmente intimidadora.

— Espere, espere. Primeiro me explique o que está acontecendo aqui.

Ela revirou os olhos e me soltou

— Estão falando do assassinato de Katherine e pedindo agilidade. Como se nós estivéssemos parados o dia inteiro – percebi que havia raiva reprimida em sua voz.

— Eles só estão com medo, Eve.

— Medo? Precisa então sempre vir aqui encher o saco? Eles acham que fazer esse barulho todo vai fazer alguma pista aparecer magicamente? Ou que o assassino vai se sensibilizar

e se entregar?

— Eles estão no direito de se manifestarem, desde que não atrapalhem nosso serviço eles são livres para isso. Essa é a voz deles.

Ela abriu várias vezes a boca, eu tinha a certeza de que iria sair dali alguma palavra de baixo calão ou alguma ofensa, mas parece que desistiu

— Ok, tudo bem. Você está certo. — se virou para sair dali, mas parou no meio do caminho e disse — Não se esqueça de passar o que a Sophie disse ter visto.

— Já vou — respondi.

Olhava pela janela e via aquela multidão ainda formada na frente do DPFH, o número de pessoas diminuiu, mas não muito, eles eram persistentes. Alguns policiais começaram a ficar incomodados e outros, como eu, tentavam permanecer calmos. O tempo havia fechado com o cair da noite. Sophie não deu sequer um sinal de vida, mas, sendo bem sincero comigo mesmo, nem sei se existia algum motivo para ela dar, visto que estava muito chateada. Eve havia ficado louca quando eu disse que Sophie não havia visto algo que poderia ajudar na investigação.

A chuva que começou com finas gotas, de uma hora para outra se tornou forte com relâmpagos e trovões. As pessoas começaram a se movimentar e a se retirar do local, procurando por abrigo, provavelmente iriam voltar quando ela passasse. Voltei para o trabalho, Eve e eu desenvolvíamos teorias a partir das informações coletadas de amigos da vítima, mas nada que adiantasse, tínhamos pouco material. Quem quer que seja o assassino, sabia muito bem o que estava fazendo. Ainda mais se fosse o Maníaco.

Quando a chuva diminuiu, pude enfim ir para casa. Peguei minha jaqueta e me despedi de quem passava por mim em meu caminho até a porta. Parei na frente do DPFH para colocar minha peça de roupa, apesar da chuva ter diminuído, ela havia trazido um vento gelado. Um policial estava com uma lanterna no lado esquerdo do prédio, analisava a parede, achei estranho e fui até ele para perguntar se tinha algo de errado. Ainda a certa distância, o policial colocou a lanterna no meu rosto e disse para que eu me apressasse. Ele não disse mais alguma coisa, apenas apontou o dedo para a parede que ele tanto olhava.

Havia um “BOOOM!” garrafal. Dessa vez havia sido feito com recortes de cartolina colorida.

Corri de volta e emiti um alerta para os policiais ali presente. Aquilo não foi feito há muito tempo, então quem fez ainda poderia estar aqui nas redondezas. Chamei um policial que durante a manifestação estava conversando com os líderes dela e pedi para ele fazer uma lista com o nome de todos que estavam ali presentes. Eve se aproximou de mim, alarmada perguntou sobre o que era toda a movimentação que estava tendo e eu, em minha mistura de ansiedade e ânimo, respondi

— O Maníaco estava aqui entre eles, agora temos que descobrir quem era.



Capítulo 11

— **Muito bem Joe**, seu nome apareceu entre aqueles que estavam em meio a multidão – disse jogando a lista de nomes na frente dele, com seu nome circulado.

Ele olhou da ficha para mim e a afastou com a mão

— Eu estava aqui mesmo, havia sido intimado. Vi a multidão e fiquei por curiosidade – ele respondeu sem alterações faciais ou no tom da voz.

— Joe, nós sabemos muito bem o que você fez no Colorado. Sabe que em questão de segundos podemos o colocar sob custódia devido aos seus antecedentes criminais, certo?

Ele alterou a voz de maneira incisiva

— Olha aqui, detetive, cumpri minha pena, ok? Essa porcaria de intimação veio porque estou há dois meses sem pagar pensão, já expliquei milhares de vezes para a minha ex que estou com problemas na mercearia, mas que irei pagar certinho quando eu der a volta por cima. Não quero ver meu filho passando necessidade.

— Você sabe que bater na então esposa pode causar danos psicológicos no seu filho, não é mesmo? – Eve chegou e sem cerimônias e começou a falar, característica dela. Ela colocou fotos do corpo de delito da ex-esposa de Joe.

Ele suspirou profundamente.

— Eu não sou assim, me arrependo todos os dias de ter feito isso, mas é que na época eu estava sob influência do álcool. Agora já estou melhor, sei meu limite e consigo me controlar.

Eve se aproximou de Joe e olhou fixamente para ele

— Escute, não temos evidências contra você, mas não tolero violência, ainda mais contra mulher. Nós vamos te liberar, mas isso não quer dizer que estará livre de mim. Oficial Gardiner! – Eve chamou pelo policial que estava na porta da sala de interrogação – Leve-o para quem está cuidando dessa intimação – ela fez um sinal com as mãos para que se livrasse logo da visão de Joe na sua frente.

Ela se aproximou de mim e disse

— E agora, o que vamos fazer?

— Não temos mais com quem falar, não temos mais pistas para analisar e o corpo de Katherine já nos contou tudo o que tinha para contar. Estamos em um beco sem saída.

Eve passou a mão no rosto e seu olhar era impaciente, ela balançou a cabeça e saiu da sala.

Eu tomei um caminho diferente.

Bati na porta por duas vezes, não precisei da terceira

— Josh – foi o que ouvi quando a porta foi aberta, sua expressão era de surpresa, mas logo voltou a comum, com um pequeno sorriso.

Parece que não tenho aparecido o suficiente por aqui.

— Oi pai – respondi.

— Venha, entre – ele falou ao dar espaço para minha passagem.

Fui direto para a sala, o típico cheiro de madeira daquele ambiente me remetia a lembranças de quando eu era apenas uma criança que fingia investigar casos. Saudosismo.

— Mas então, o que tem para me contar? – Zachary perguntou naquele tom de velho cansado enquanto sentava na poltrona e colocava seu jornal no colo. Sentei no sofá que estava na frente e balancei negativamente a cabeça ao me encostar

— O caso de Katherine está completamente parado, não temos mais o que fazer até o surgimento de novas pistas. Não quero ver como a senhora Rice vai reagir quando falarmos que no momento não é possível descobrir quem é o assassino de sua filha – eu disse tudo de uma vez e de maneira desconfortável.

Meu pai levantou as sobrancelhas e seu semblante continuava calmo. Eu apenas fiquei encarando até ouvir alguma coisa dele.

— Você sabe que a vida de um detetive é dessa maneira. Não somos deuses, Josh, não temos a capacidade de descobrir e adivinhar tudo o que nos cerca. Enfrentamos batalhas e algumas vezes as perdemos. Durante minha carreira não consegui resolver alguns homicídios, os que mais me assombram são os dos últimos casos que peguei, o do Maníaco. Você acha que até hoje eu não penso no sofrimento da família daquelas garotas? Da sensação de injustiça que é enterrar um parente sem saber quem é que foi o causador do sofrimento? Você nunca deve se conformar com o fato de que as respostas nunca chegam ou que elas demoram a chegar, mas deve entender que isso é passível de ocorrer.

Comprimi meus lábios e o fiquei encarando, minha respiração começou a ficar mais curta e minha perna a balançar. Tudo o que ele havia dito era verdade, mas isso me deixava nervoso, não queria ser assombrado por casos não resolvidos. Não queria saber que algum assassino está andando por aí com o peito estufado de felicidade por causa da impunidade.

— Mas... É difícil... – disse com a voz um pouco mais baixa do que a usual.

Meu pai colocou o jornal, que estava em seu colo, na mesa de centro e, ainda sentando na poltrona, se aproximou

— Eu nunca disse que nossa profissão era algo fácil, mas você quis mesmo assim e isso é uma das coisas que mais faz com que eu te admire. Desafios não te abalam, mistérios não te deixam para baixo. Se for ou não o Maníaco, o futuro dirá. Se for um assassinato isolado de algum lunático, você conseguirá deduzir. O que não entendo é essa sua maneira de agir que não é típica. O que está acontecendo?

Pensei antes de falar. Qual seria a reação dele se eu simplesmente soltasse um “Ah, é por causa de uma garota. Uma não, ‘A’ garota. Então, ela não quer saber mais de mim porque fiquei loucamente fixado na investigação, pois meu medo pela segurança dela falou mais alto”.

Ótimo profissional eu mostraria ser.

— Você sabe que pode ser sincero comigo. — sua voz antiga e grossa interrompeu meus pensamentos e, como se estivesse lendo, ele continuou — É por causa daquela garota? Como é mesmo o nome...

— Sophie.

— Isso mesmo, Sophie. É por causa dela? Se for, fique tranquilo, você não é o primeiro profissional que tem a vida virada de cabeça para baixo por causa de uma mulher.

— Mas é que eu não consigo. Ela não quer saber mais de mim. Fiquei obcecado pela investigação, queria dar resposta para Annabeth, queria remover qualquer indício de perigo na vida de Sophie. Acabei estragando tudo.

Zachary deu aquela típica risada em que as pessoas de mais idade dão quando querem dizer algo como *pobre pessoa tola*. Me senti um pouco ofendido com isso.

— Vá falar com ela, Josh. Aproveita que você encontrou uma folga no caso da menina e vá tentar alguma conversa, alguma reconciliação.

Minhas pernas continuavam balançando e minhas mãos estavam entrelaçadas. Eu deveria mesmo fazer isso que ele estava falando?

— Escute quem já viveu muito nessa vida. Nunca deixe que as oportunidades passem, elas podem não encontrar o caminho de volta.

— Você acha mesmo?

— Com toda a certeza que existe nesse mundo.

Meu pai estava certo. Ele sempre está certo. Agradeço todos os dias por ele ser essa pessoa, por ter me criado dentro de seus padrões. Me levantei, o abracei e disse

— Obrigado.

Ele riu e se despediu de mim. Eu deveria mesmo encontrar com Sophie e nos resolver de uma vez por todas.

O batique constante e sem ritmo algum estava invadindo meu cérebro e não permitindo que eu me concentrasse no meu trabalho. Olhei pela terceira vez para a mesa de Eve, vi que seus olhos azuis estavam emanando raiva e o alvo era a pequena lata de lixo perto da mesa dela. Não a ouvi desde quando interrogamos Joe, ela se fechou completamente.

— Pressionar o lixo para que ele confesse algum crime não vai adiantar muita coisa — disse na tentativa de melhorar seu semblante.

O que ocorreu foi que agora eu era a vítima de seu olhar.

— Eu não estou legal, Josh. Me deixa.

— Eve, nós vamos solucionar. Paciência.

Ela se levantou e foi até a minha mesa, apoiando-se com uma das mãos nela

— Paciência? O corpo de Katherine está apodrecendo mais a cada dia. Não quero esperar ela estar em ossos para descobrir quem foi seu assassino!

Eu sabia que essa urgência que ela sentia para encontrar o assassino da garota não era somente pela dor da família da menina, mas sim que, ao encontrar o responsável, talvez ela possa descobrir também quem foi o de seu pai e qual o motivo que impulsionou o crime. O caso de Robert Rickenter não ficou conosco devido ao parentesco de Eve, mas os detetives responsáveis nos disseram que era mais um para a pilha de assassinatos não resolvidos, mesmo ele sendo um detetive aposentado. Algo me diz que essa pilha apenas tende a aumentar.

— Mas eu espero que quem quer que tenha feito isso, seja somente um fanático pelo Maníaco. Não quero ver novamente o caos instalado na cidade e a mídia em cima do nosso trabalho.

— Mas e as mensagens que recebemos? Até mesmo a que foi feita na parede no departamento?

Ela suspirou e foi até sua mesa, encostando-se nela, ainda em minha direção

— Pode ser somente um louco. Alguém que ficou envolvido na história e quer recriar com alguns detalhes para assustar a polícia. Lembra o que Mehra disse sobre serials killers?

— Raramente alteram seus padrões. – respondi exatamente com as mesmas palavras que a profiler disse – Ok, a polícia não recebeu esses avisos na outra vez, mas e se por algum motivo em especial ele passou a mandar essas mensagens das vítimas para nós?

Eve revirou os olhos e começou a ficar irritada

— Você quer que seja o Maníaco do Pântano, Sanders?

— Não, não quero, – disse olhando sério para ela – mas nem por isso vou descartar a possibilidade só porque o caso sem a chance de ser ele o responsável é melhor de ser analisado.

— *Grrr!* Odeio quando você está certo – ela disse cruzando os braços.

— Só assim para você saber como me sinto quando você está certa, Rickenter. – disse com um tom debochado, o que a fez franzir o cenho para mim – Mas agora é sério, aproveita que estamos com o ritmo menos acelerado e pede uns dias de folga para que você possa visitar a sua mãe.

— Uau, devo parabenizar sua incrível capacidade de mudar de assunto – ela disse destilando sarcasmo.

— Estou falando sério Eve, sei que você não era muito próxima dela, mas depois do que ambas passaram, ela precisa da sua companhia.

Ela ficou quieta, isso não era bom sinal

— E você deve ir ver Sophie.

Qual o motivo de todos tirarem o dia para me falar isso?, pensei.

— Não fique com essa sua cara estranha aí não. Eu disse para você se afastar dela somente enquanto estávamos na investigação, não queria que o seu foco fosse desviado. O que quase ocorreu – ela lançou um olhar me julgando, cerrei os olhos e balancei negativamente a cabeça.

— Vou se você for ver a sua mãe.

— Você tem consciência de que isso não irá alterar qualquer decisão minha, né?

— Tenho, mas não custa tentar.

Eve jogou a cabeça para trás e foi sentar na sua mesa. Eu sabia que as chances de ela ir visitar a mãe dela eram as mesmas de eu ir conversar com Sophie. Ou seja, 100%.



Se ele não se divorciou da esposa, quem era aquela moça loira que apareceu com Sean entrando na casa dele? Talvez ele tenha se divorciado mesmo... me flagrei pensando na vida alheia, posso parecer fofoqueira e curiosa demais, mas é que eu havia achado estranha a cena, era a primeira vez em semanas que eu o via, ninguém entrava ou saía daquela casa. O único movimento era do carteiro, então de repente ele aparece com uma mulher?

Sophie, pare de ficar cuidando da vida dos outros. Com quem Sean sai ou deixa de sair não é de sua conta, eu ficava repetindo para mim mesma, *Ou será que ele é daquele tipo de homem que mesmo casado sai com uma mulher? Ele não parece ser assim, mas...* o assunto voltava para meus pensamentos. Estava tão focada neles que nem percebi que estava escovando meus dentes no mesmo lugar há um bom tempo e nem quando Chloe apareceu na porta do banheiro

— Sophie! Corre AGORA para a janela do seu quarto!

— Que susto, menina! – falei naquele idioma que temos quando estamos com a boca cheia de espuma e de pasta de dente, quase impossível de se entender.

Chloe fez uma cara de quem não entendeu nada do que eu disse e continuou

— Enfim, enxágue logo essa boca, e venha ver! – e tão rápida como apareceu, Chloe sumiu da minha frente.

Fiquei extremamente curiosa com o que poderia ter feito com que ela ficasse dessa maneira, então não demorou nem mesmo dez segundos para eu enxaguar a boca e chegar até minha janela.

Se meu queixo pudesse alcançar o chão, tenho certeza que era lá onde ele estaria nesse exato momento. Não acreditei no que vi. Me aproximei da janela para ter uma melhor visão. Fiquei muda. Eu estava explodindo por dentro, mas estranhamente não conseguia repassar isso para meu lado exterior.

Josh estava em meu jardim.

Mas não era somente ele.

Era ele em volta de várias flores de diferentes tipos, em sua mão estava Frederick, o pinguim que havia ficado comigo no nosso primeiro encontro. *Chloe*, pensei quando me perguntei quem poderia ter sido o responsável por dar meu bichinho para ele.

Rapidamente senti meu corpo esquentar, a surpresa passou a ser raiva e, quando percebi, estava dando freneticamente respirações curtas, quase uma em cima da outra.

Virei as costas e vi Chloe parada na porta, com sua expectativa estampada em formato de sorriso, franzi o cenho e passei por ela, descendo rapidamente as escadas e em vinte segundos chegando perto dele. Mal dei oportunidade para ele dizer um “oi” sequer, cheguei na toda e o empurrei

— Você acha que isso vai resolver algo, Josh? Realmente acha que umas flores irão apagar o que aconteceu?

O sorriso doce que estava em seu rosto desapareceu por completo. Senti algo estranho dentro de mim, sabia que ele estava se esforçando, mas deixei minha raiva guardada ter a

voz mais alta entre todas as minhas emoções. Josh logo começou a falar, minha respiração era profunda e meu cenho ainda franzido.

— Eu não quero apagar, Sophie. Eu quero me desculpar, não tem como apagarmos algo que aconteceu, foi uma falha minha e eu aprendi com ela. Me desculpe por não atender suas ligações, por não responder quando me manda mensagem e principalmente por, sem querer, te colocar no meio disso tudo – minha expressão facial relaxou após ouvir o que ele disse, sim, ele me ignorou, de propósito ou não. Sim, o acaso fez com que eu me envolvesse nesse caso. Sim, eu ainda era apaixonada por aquele cara.

Droga, Sophie!

Mas não falei nada, apenas cruzei os braços e fiquei encarando. Sentia os olhos de Chloe em mim e de alguns vizinhos curiosos que saíram de suas casas para observar o movimento no meu quintal. Josh esperava alguma resposta minha, percebendo que não resultaria em coisa alguma, ele continuou

— Eu te entendo Sophie, não quero ser o cara que coloca a culpa nas circunstâncias, não, eu assumo que fiz escolhas desnecessárias e erradas, mas na hora me pareciam serem as melhores! Eu queria te proteger, simplesmente isso. Queria solucionar logo o caso para que minha mente se aquietasse, assim, a maior suspeita que havia, não tinha chance de virar realidade. – ele não precisava explicar qual era a suspeita, nessa altura dos acontecimentos a cidade inteira já tinha a mesma que eles tiveram logo no começo a investigação. A voz de Josh começava a ficar trêmula e eu já sentia um carço em minha garganta. Ambos estávamos prestes a chorar. Ele se aproximou de mim e tocou em meu rosto — Agora que as coisas começaram a se acalmar, vejo o quanto errei em não te explicar o que estava acontecendo comigo. Eu sabia separar trabalho com vida pessoal, mas então você chegou e bagunçou tudo. A melhor bagunça que poderia acontecer na minha vida.

Engoli seco. Ele me beijou. Um turbilhão de coisas passou dentro de mim. Josh havia pisado na bola, mas havia percebido o erro e veio se desculpar. Um pedido romântico de desculpas, diga-se de passagem. Ele parecia estar realmente arrependido. Uma parte de mim começava a entendê-lo, afinal, ele também mexeu comigo de uma maneira que ninguém havia antes. Mas ainda havia a outra parte que estava brava, a parte que era ligada ao meu orgulho. Essa parte me fez afastar dele e falar

— Você acha que um beijo ajuda em alguma coisa?

Ele estava sério e olhando fixamente para mim, eu não conseguia ler seus olhos, uma de suas mãos passava em meu rosto, ele não falou uma única palavra por alguns segundos. Bati em seu peito

— Hein?! – reforcei.

Ele suspirou e disse

— Eu não acho que o beijo vai fazer você me perdoar, mas ele mostrou que você ainda se importa. Sophie, eu não quero seu mal, eu não sou o tipo de cara que gosta de brincar com os sentimentos das pessoas. Se eu errei, foi porque no momento pensei estar fazendo o melhor para você. Não quero te colocar em perigo, mesmo de longe eu nunca te abandonei, você sabe o que pode estar em nossa volta e quero te manter longe disso. Eu...

— Você o quê? – perguntei segurando a mão dele, que estava em meu rosto, ao sentir sua hesitação.

— Eu te amo, Sophie.

Frase mágica. Não que eu tenha desculpado por completo as coisas que ele fez, mas com certeza foi mais uma razão para que eu repensasse em nós dois. Nesse momento percebi que eu o amava, porém, decidi não retribuir, sentia que não era a hora para isso.

— Me apaixonei por você enquanto ainda estava dentro daquele ônibus e fui me apaixonando cada vez mais a cada entrega que fazia no departamento. Mas foi quando nossos encontros passaram a ser mais longos e nossas conversas mais profundas, é que percebi o quanto precisava de você na minha vida e foi quando parecia que havia te perdido é que caiu a ficha de que te amo.

Mordi meus lábios e me contive para não chorar. Os olhos de Josh estavam marejados, mas as lágrimas não caíam, nem mesmo acho que ele as deixaria cair. O puxei para mais perto de mim e nos beijamos.

Já passou um mês desde quando Josh e eu decidimos tentar novamente. Dessa vez seria diferente, limitamos namoro e trabalho. Ele não iria continuar no sistema de me excluir para me proteger e eu saberia até onde ele estaria disponível para mim. Apesar da minha investigação, como a da polícia, ter parado, algumas coisas aconteceram nesses últimos trinta dias. Minha mãe voltou super animada para reinventar sua padaria, isso inclui a novidade de que meus serviços por lá foram dispensados, uma das coisas que ela fez foi comprar um carro exclusivamente para entregas e contratar um rapaz para fazê-las, não me incomodei, isso na verdade me impulsionou a investir na minha formação. Eu já havia mandado alguns currículos para museus e agências de publicidade, agora esperava pelas respostas.

Com a otimização, Bonnie viu seu lucro aumentar, isso a distraiu de seus pensamentos a respeito de Joe. Louise, com o aumento de salário e com o auxílio de um empréstimo, conseguiu adiantar seus planos de entrar na faculdade, ela agora era caloura de direito em uma universidade da cidade. No começo estranhei a decisão dela, Louise com roupa formal em um tribunal? Essa era uma cena que eu só iria acreditar se a presenciasse.

Chloe entrou em uma banda, ela queria mudar sua vida, por isso intensificou suas aulas de música com Patty. Era comum ver em nossa casa a professora por três, quatro vezes na semana. Emily começou a estudar para conseguir entrar em alguma universidade na próxima temporada. Estou torcendo muito por ela.

Interrompendo meus pensamentos, senti uma mão em minha cintura, olhei para trás e vi Josh. Eu estava esperando no balcão de recepção do DPFH, nós iríamos até uma lanchonete nos poucos minutos de folga dele.

— Apenas mais cinco minutos – ele sussurrou em meu ouvido. Assenti, um sorriso se formou em meu rosto.

— Josh, precisamos de Eve e de você! – um policial interrompeu nosso momento, meu sorriso se desfez e nós nos viramos para ele

— Acabaram de encontrar outro corpo no pântano.



Capítulo 12

Os sons das sirenes começaram a parar pouco tempo depois da minha chegada. Eram três viaturas. Uma para conter possíveis curiosos que acompanharam o som dos carros, uma para auxiliar a perícia do local e outra para recolher o depoimento de quem encontrou o corpo. Escutei uma risada debochada vindo de Eve quando notamos quem é que havia encontrado o corpo

— Só poderia ser! – ela disse diretamente para a pessoa. Eu segurei seu braço na tentativa de evitar qualquer ação indesejada da parte dela. Nós estávamos ali para trabalho.

— Eu não tenho nada a ver com isso, detetive! – Joe respondeu tentando manter a calma.

— Dizem os criminosos – Eve retrucou em um volume que somente eu escutei.

— Controle-se, Eve! Nós vamos por partes, ok?

Talvez a escolha das minhas palavras não foram tão sábias, mas ela entendeu o que eu quis dizer e deixou Joe terminar de conversar com o policial. Nós fomos até o corpo para obter a análise inicial.

— Impressionante... – escutei Archibald sussurrar de maneira deslumbrada um pouco antes de ele notar minha presença. Pigarreei e ele se levantou imediatamente e logo começou a falar — Detetive, eu sei que devemos levar a sério e não ter nada além da preocupação em descobrir o assassino, mas é que para legistas como eu, presenciar tais atos de psicopatas, seriais killers, é um marco na vida. Fazer necropsia em vítimas diferentes em várias maneiras da vida, mas que sofreram os mesmos métodos é algo intrigante e...

— Ok Archibald, entendemos, agora nos fale o que conseguiu ver aí.

O legista piscou duas vezes tentando voltar para a realidade onde ele tinha que deixar de lado seu fascínio e começou a falar

— Verificando o *algor mortis*, isto é, o esfriamento do cadáver-

— Sim, sim, nós sabemos o que é – Eve o apressou.

— Bom, verificando isso, pude perceber que o corpo ainda não está em temperatura ambiente, apesar de estar longe de ter a temperatura que nós temos, que é de 36,5°C, juntando com o fato de que no momento irá ser impossível retirar o corpo sem afetar possíveis evidências devido a sua rigidez estar quase no ponto máximo-

— *Rigor mortis* – sussurrei.

— Isso mesmo, – Archibald continuou – bom, a vítima morreu há 11 horas.

— Algo em torno dela que tem a chance de conter o DNA do assassino?

O legista suspirou e disse

— Não muita coisa, retiramos uma amostra que estava sob as unhas dela e apenas isso.

Não tem marca de agressão, a não ser a de tortura que existe também nas outras meninas. Coletamos as digitais para descobrir quem a moça era. Boa sorte no caso, detetives.

Archibald recolheu seus pertences e foi embora, havia coisas para analisar antes do corpo ser levado para seu ambiente de trabalho. Eve disse em uma altura que mal pude escutar, mas sabia que eram algumas palavras que eu não precisaria repetir, e saiu do meu lado.

De soslaio a vi se aproximar do policial que estava conversando com Joe, saindo logo em seguida. Pelo que conheço dela, é bem provável de que ele estaria na sala de interrogatório quando voltarmos para o departamento. Eu fiquei por alguns minutos analisando a mulher encontrada.

Aparentava ter entre 24 e 26 anos. Loira. Olhos tão azuis que parecia o céu em uma manhã sem nuvens. Quando viva, foi muito bonita. Estava sentada com as mãos em seu pescoço, um fio de nylon a amarrava na árvore, faixas verdes cobriam suas partes, o desenho na barriga e marcas no corpo eram como as da primeira vítima. Suas pálpebras também foram retiradas, por isso a minha facilidade em notar a cor dos olhos. Uma das pernas foi colocada por cima da outra, como uma mulher quando as cruzam, seus tornozelos estavam juntos devido a uma faixa verde de cetim que os unia.

Balancei negativamente a cabeça, teríamos que dar o alerta para os cidadãos. As chances de ser o Maníaco do Pântano somente aumentavam cada vez mais. Na verdade, era uma certeza que ainda relutávamos em aceitar.

— Josh, venha aqui! – Escutei Eve gritando perto de uma árvore que ficava cerca de dez metros de distância dali.

Me levantei e parei perto do policial que estava junto com ela, sua voz estava cheia de raiva

— É ele.

O que nós três estávamos vendo era algo que nunca desejaríamos ter visto. Um pedaço de papel com letras garrafais recortadas de revistas – assim como os outros recados –, nele estava escrito:

BOOOOMMM!

EU VOLTEI

— Se nós vasculharmos seu lixo será que vamos encontrar todas as revistas utilizadas para os avisos? – Eve pressionou Joe na sala de interrogatório. Eu conseguia ver a raiva em seus olhos e aquilo até mesmo me assustava.

— Pode procurar, detetive. Não vai encontrar nada já que eu não fiz isso!

— Você sabe que as evidências do seu envolvimento podem surgir a qualquer momento, certo?

Joe rolou os olhos e claramente tentava manter a calma para não ser acusado de desacato.

— Detetive, não é porque encontrei o corpo significa que eu seja o culpado! Você não gostar de mim não implica que eu seja o causador dos males dessa cidade!

O homem calmo e quieto da mercearia passou a mostrar seu lado instável e bravo.

— Ou talvez você mesmo quis “encontrar” – ela disse fazendo aspas com os dedos – o corpo para justamente as suspeitas não caírem em cima de você.

Joe fez uma careta e ficou em silêncio.

— O que você estava fazendo sozinho na trilha do pântano?

Antes do homem responder, uma mulher na faixa dos quarenta anos e com cabelos grisalhos entrou na sala e pegou Joe pelo braço

— Sou Sandy Hayes, advogada de Joe Sherman e como ele veio de vontade própria e não há evidências contra ele, somente a raiva de uma detetive, não existe necessidade dele ser tratado como culpado. Até encontrarem algo, ele permanecerá longe do quadro de suspeitos.

Ela não deu tempo para ninguém retrucar, tão rápido como apareceu, ela foi embora. Eve grunhiu e puxou a cadeira, jogando-a para longe

— Odeio advogados! Eles sempre entram assim e se acham os donos do pedaço!

Peguei no ombro dela e tentei acalmar. Somente consegui que ela ficasse mais tranquila quando a chamei para ir até o legista para ouvir o que ele tinha a dizer. Ao chegarmos na sala de necropsia, Archibald estava terminando de costurar o corpo, evitei não pensar nisso.

Enquanto andávamos até ele, ouvíamos o que o legista havia encontrado

— Mesmos cortes, queimaduras, mesma quantidade, 25 de cada. Machucados... tudo, tudo! Definitivamente a mesma pessoa que matou a primeira vítima foi a que matou essa.

— Identidade? – perguntei.

— Ahn... deixa eu ver. – ele foi até o balcão onde pegou uma pasta e de dentro dela retirou um papel – Daniella Enos, 26 anos. Aqui tem um registro policial do desaparecimento da vítima.

Peguei o papel do legista e li em voz alta

— Foi dada como desaparecida pela mãe há nove dias. Caso não resolvido.

— Quem estava cuidando? – Eve perguntou, se aproximando do papel que estava em minhas mãos.

— Thomas.

Ela revirou os olhos

— Acho que está na hora de passar para outro detetive os desaparecimentos das garotas com essas mesmas características.

Lancei um olhar para Eve que a fez dar de ombros. Nós teríamos que começar tudo novamente: conversar com os pais, amigos, vizinhos, parentes e qualquer outra pessoa que a tenha visto nos dias antes de desaparecer. Verificar se ela estava sendo *avisada* pelo assassino, assim como a vítima anterior (e a própria polícia) havia sido. Encontrar qualquer mínimo detalhe que possa conduzir para uma conclusão deste caso.

Ter esperança é uma coisa meio idiota, não é mesmo? Inclusive um detetive esperançoso.

Mas o que moveria um se ela não existisse? A esperança de encontrar quem comete barbáries, de fazer justiça e de ver a ordem?

Fiz Eve passar como um furacão até meu carro, evitando que ela soltasse alguma frase sarcástica para Thomas, mas realmente, nós teríamos que ficar de olho aberto para os casos que fossem repassados para ele – caso houvesse uma terceira vítima, o que todos não desejavam. O caminho até a casa dos pais da jovem assassinada foi em silêncio, Eve estava com sua típica cara fechada e mexendo sem parar em seu celular, eu esperava que estivesse verificando sua mãe, ela não falou muito sobre como havia sido sua breve visita.

Toquei a campainha, uma mulher de meia-idade, com o rosto inchado, borrado de maquiagem, e um lenço na mão nos atendeu

— Senhora Enos? – perguntei.

— Sim, sim – ela respondeu, quase não conseguindo conter uma nova onda de choro.

Eve e eu mostramos nossos distintivos

— Somos os detetives que estão cuidando do caso e gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas.

Ela limpou as lágrimas com o lenço e nos deu espaço para entrar.

Fomos guiados até a sala, sentamos em um sofá de couro e a mãe sentou-se em uma poltrona em nossa frente

— Eu não sei quem poderia fazer isso com a minha filha, detetives – ela começou a chorar, as palavras estavam quase impossíveis de entender.

— Ela não falou nada para a senhora? Alguma coisa a incomodava, alguma ameaça, pessoas que não gostavam dela? – Eve perguntava com toda a sua seriedade.

— Não, quer dizer, ela tinha algumas inimizades no trabalho, mas é que minha filha se destacava e isso atraía inveja, mas nada além disso. Daniella tinha seus defeitos, mas ela era uma boa pessoa, não acredito que alguém fosse capaz de matá-la... a não ser que... – o choro da mãe parou imediatamente e seus olhos se arregalaram – Vocês acham que foi a mesma pessoa que matou a outra garota? Quer dizer, a cidade está falando sobre isso, e...

— Calma, senhora Enos – a interrompi antes de que sua teoria fosse formulada em sua cabeça e o pânico se instalasse definitivamente na mulher – Nós estamos investigando e encontraremos o culpado.

— Como era a relação entre vocês duas? – Eve perguntou antes que a mulher falasse algo.

— Ah... Nós não nos víamos há algumas semanas, mas fiquei sabendo que ela estava saindo com um cara, não quis me dizer quem era, eu também não quis me aprofundar, ela era adulta, sabia que só faria isso quando percebesse que as coisas ficariam séria entre eles.

— Você não tem ideia de quem possa ser?

A senhora Enos fez uma careta, provavelmente tentando recordar algum detalhe que deixou passar despercebido, mas a tentativa foi em vão

— Não, não faço ideia. Mas talvez a amiga dela, Nina, saiba.

— E você sabe onde podemos encontrá-la?

— Ela está viajando a trabalho, mas conversei com ela hoje pelo telefone sobre o ocorrido e seu voo chegará amanhã pela manhã. Tem mais alguma coisa que posso ajudar?

Eve e eu nos entreolhamos, pensávamos a mesma coisa: a mãe não teria informações que poderiam nos ajudar no caso, ela estava totalmente desconectada da vida da filha. Uma pena ver isso acontecer.

— Só mais uma coisa, faça uma lista de amigos e de pessoas que conviviam com sua filha e, se possível, onde podemos encontrá-los também.

A mãe concordou e imediatamente pegou uma caneta, papel e começou a escrever. Entregou e nos despedimos, na porta da casa ela pediu para que nós déssemos o máximo para encontrar o culpado de ter tirado “*sua garotinha*”. Respondemos que faríamos o que estivesse em nosso alcance, ela agradeceu e fomos embora. Ainda tínhamos uma lista de pessoas para fazer perguntas.



Foi confirmado pela polícia de Forest Hill o aparecimento de mais um corpo no pântano da região. Ainda há poucos detalhes para a imprensa, mas já foi divulgado que a vítima se chamava Daniella Enos e tinha vinte e seis anos. Ela estava desaparecida há três semanas. O que mais intriga os que trabalham no caso é que a mulher tinha as mesmas características físicas da vítima anterior, encontrada mês passado no mesmo local por uma moradora da cidade. O que a polícia não está falando para nós? Isso é algo que o tempo poderá responder.

A qualquer momento que surgir mais alguma novidade, voltarei.

Rachel Rooney para o Forest Notícias.

Logo após a saída da repórter, uma foto, tirada em vida, da vítima foi colocada no ar pelo jornal e eu não acreditava no que via. Encolhi no sofá e sabia que conhecia a mulher. Me senti mal. Mesmo que eu nunca tenha falado com ela, já a havia visto sorrindo, conversando... respirando. Ainda não sabia lidar com a morte mesmo após ter encontrado um cadáver e estudado as seis vítimas do Maníaco do Pântano nesse último mês.

Sem acreditar no que havia visto, fui, sem fazer barulho algum, para fora de casa, mais precisamente para frente da casa de Sean, estava no automático, como se eu precisasse resolver isso de uma vez por todas. Observei se não havia ninguém ali dentro, olhei para um lado e para outro, quando tive a certeza que ninguém estaria de olho em mim, entrei no quintal do meu vizinho tão misterioso.

Fui até a porta que ficava atrás da casa e peguei a chave que os avós dele costumavam esconder. Apesar de ser reservado, o casal Hashimoto sempre recebia Chloe e eu de braços abertos quando éramos menores, não é de se espantar que crianças travessas descobriam rapidamente o esconderijo das coisas. Abri a porta e entrei nas pontas dos pés. Dei de cara com a cozinha. Organização impecável. Fui para a sala e para o escritório. Estranhei, não havia muitos pertences pessoais, apenas um e outro porta-retrato. Subi até os quartos, a mesma coisa. Muita organização e a falta de objetos pessoais. O banheiro cheirava lavanda. Sean era extremamente organizado e pouco ligado ao mundo que existia ao seu redor.

Será que...?

Balancei minha cabeça e corri para fora daquela casa. A ideia que passou por minha cabeça não era nada legal. A mulher que vi no noticiário é a mesma que vi entrar com Sean na casa dele há um mês.

Droga.

Eu deveria falar com Josh sobre isso.

Tranquei a porta e coloquei a chave no lugar. Corri para a minha casa.

Como se não bastasse minhas dúvidas a respeito de Sean, ao abrir a porta de casa, vi minha mãe parada, com o celular na mão e olhando fixamente para o chão

— O que foi? — me aproximei, preocupada.

Bonnie voltou a si e respondeu, tentando manter um ar leve

— Nada.

Cruzei os braços e a encarei, enganada ela estava se pensava que poderia mentir para mim e achar que eu acreditaria.

— Joe ligou – ela disse um pouco sem-graça.

Abri minha boca, decidi não falar o que veio inicialmente em minha cabeça, suspirei e perguntei

— Para falar o quê?

— Que não era para eu acreditar no que pudesse ouvir sobre ele.

— Fique longe desse cara, – falei quase na mesma hora que ela terminou sua frase – você está em uma ótima fase de sua vida e não precisa prestar atenção em alguém que parece só ter problemas.

— Mas ele era tão tranquilo no começo, ele é uma pessoa educada, reservada...

— Sim, sim, enquanto ninguém sabia o que ele fez no Colorado, era um cara reservado e tudo mais, mas agora está na hora de esquecer dele e cuidar da sua vida, ok? Pelo menos até toda essa história ficar esclarecida.

Um pouco relutante, Bonnie concordou com o que eu disse, a abracei e beijei o topo de sua cabeça. Ela disse que tinha que resolver uns problemas da padaria, então a soltei. Fiquei parada naquele lugar até ela ir embora, pensei em Joe, Josh, Sean, na vítima...

Tinha que falar com Josh urgentemente.

Meia hora depois eu já estava no departamento procurando por ele. Quanto antes souberem de Sean, antes poderão resolver o caso. Por favor, que esta não seja a oitava vítima do Maníaco do Pântano. Ri de maneira idiota quando me toquei que desejar internamente algo não resolvia muita coisa. Me aproximei do balcão e perguntei sobre Josh, a resposta foi a mesma de quase sempre: ele estava fora. Pelo menos não achei ruim. Perguntei se poderia ficar esperando na mesa dele, sempre perguntava por educação mesmo, pois sempre o esperava lá.

Sentei na cadeira e fiquei observando o movimento de detetives e alguns policiais, me acalmei um pouco e um pensamento aleatório veio, disfarcei uma risada. Pensei na conversa que tive com minha mãe há uns dias, ela me disse para não voltar a trabalhar na padaria, que era para eu procurar lugares em que eu exercesse minha profissão, relutei, pois não queria deixá-la “sozinha”, mas ela me fez entender que o melhor era eu trilhar meu próprio caminho. Ela, como sempre, estava certa, não passei anos em uma universidade sofrendo com provas e semestres para não trabalhar na área que dei duro para aprender.

O barulho de um grampeador caindo no chão me tirou dos meus pensamentos, olhei em volta e vi Thomas preocupado, discutindo com seu parceiro. Me encolhi na cadeira, o amigo de Josh é conhecido por ser intenso, então uma discussão comum não é a mesma coisa para ele do que é para outros. Voltei a olhar para a mesa do Josh, não estava interessada em saber o motivo da discussão, mesmo escutando um *você está sendo negligente* vindo de um dos dois.

Notei um envelope amarelo na mesa, certifiquei de que não estariam me notando e

aproximei para pegá-lo, era o relatório completo da necropsia da vítima que foi noticiada mais cedo na televisão, as coisas que ali estavam escritas eram idênticas a da primeira vítima. Senti meu coração palpitar, não da maneira que ele costumava quando eu estava perto de Josh, mas sim de uma maneira sombria, eu sentia medo, e muito.

Iria ser dado como certo? Dois assassinatos idênticos um ao outro e com os que ocorreram há dois anos indicam somente uma coisa, não é mesmo? Eu não queria acreditar no que estava lendo. Sei que estava fazendo uma investigação privada, mas nunca realmente quis que ela fosse para frente, era mais algo do tipo *“Hey, estou investigando, mas somente para constatar que não é nada do que suspeitamos, e... Olha que legal! Vocês pegaram esse cara louco que estava imitando o Maníaco do Pântano, agora podemos todos voltar para nossas vidas pacatas”*.

Se então eu iria desistir da investigação? Claro que não, se comecei algo, terminarei. Sempre fui assim.

Rapidamente guardei o papel no exato local que encontrei e voltei para a posição em que estava. Thomas já havia saído, pelo que parece foi sozinho, pois seu parceiro estava analisando alguns papéis em sua mesa. Uma mulher ruiva, nunca a tinha visto por aqui, se aproximou da mesa de Josh, ela vestia um terninho cinza e uma blusa branca por baixo, me senti um tanto intimidada, ela tinha uma forte presença, nenhuma palavra precisou sair de sua boca.

— Procurando por Josh? – perguntei, ela me olhou e em seguida movimentou seu olhar para a mesa de Josh e de Eve.

— Por Eve também.

— O que é isso? – perguntei sobre o papel que ela carregava.

Ela me olhou, como se me analisasse em cada mínimo detalhe e disse com um sotaque que imediatamente identifiquei como indiano

— Para você, nada.

E saiu andando, pisquei várias vezes seguidas, tentando entender o comportamento daquela mulher, acompanhei visualmente seus passos e vi se encontrando com Josh, ela entregou aquele papel para ele, falou alguma coisa que fez com que os dois olhassem para mim e foi embora. Josh coçou o topo da cabeça e veio até a mesa, ao chegar, deu um sorriso de lado do tipo fechado, agora meu coração palpitava pelos motivos que eu estava acostumada. Ele sentou-se na cadeira e eu comecei a falar

— Josh, vim aqui como uma provável testemunha – *novamente*, completei em pensamento – e não como sua namorada.

Ele arqueou as sobrancelhas e se aproximou da mesa, cruzando seus braços em cima dela

— Sobre o que? – perguntou ainda não entendendo muita coisa.

— Sobre a mulher que recentemente foi encontrada do pântano.

Que sina a minha!

Ele ficou em silêncio, esperando que eu continuasse, percebi isso e comecei a contar

— Eu já vi a vítima, foi um pouco antes de ela desaparecer. Posso ajudar no caso!

— Sim, me fale onde viu, com quem viu, que dia viu, todos os detalhes possíveis que tiver
— Josh disse de maneira bem sistemática.

— Não, Josh, eu posso *ajudar* no caso. — me aproximei e olhei fixamente em seus olhos na tentativa de fazê-lo entender minha vontade.

Ele olhou para mim e por poucos segundos fez um batuque na mesa com os dedos

— Você está querendo que eu te inclua como “investigadora”? — ele riu, seu tom de voz indicava total descrença no que eu havia acabado de dizer.

Me senti um pouco ofendida e franzi o cenho com a reação dele

— Sim!

— Sophie, isso aqui não é algum filme ou seriado de televisão que você pode se enfiar no meio de um caso policial e resolvê-lo magicamente. Você não é detetive e não tem preparo algum para isso. Estamos lidando com um serial killer, isso é algo muito sério.

— Mas... Mas você sabia que eu — interrompi minha frase, quase disse que estava fazendo minha própria investigação do caso e que somente queria cruzar informações, mas decidi não falar, sabia que era bem capaz de ele aparecer lá em casa e retirar todo meu painel.

— Você o que?

— Nada — disse com uma cara de emburrada.

— Sophie... — Josh disse na tentativa de fazer com que eu terminasse minha sentença.

Cogitei em não falar mais nada a respeito, mas então olhei para ele, respirei fundo e pensei melhor, se eu não conseguiria nada por aqui, teria que dar meu jeito. E esse meu jeito começava contando tudo sobre a mulher para Josh, assim ele pensaria que a ideia que eu havia tido de ajudá-lo na investigação era passageira.

— Eu a vi no dia que você apareceu lá em casa, foi uma ou duas horas antes. Estava na sentada na varanda conversando com Emily pelo telefone, vi Sean, aquele meu vizinho super reservado, chegar com uma mulher loira. Achei estranho, pois não o via há dias naquela casa e nunca havia visto ele com alguma companhia, principalmente porque ele é casado, ou era, não sei. — disse com um semblante confuso, mas sem me demorar naquele ponto — Não sei quanto tempo ela ficou ali dentro, porque logo depois entrei em casa, saí somente quando você chegou e, com aquele tanto de flores, esqueci completamente de Sean.

Josh comprimiu os lábios, evitando um sorriso, mas rapidamente voltou ao seu semblante sério

— Como é o comportamento de Sean? Essa foi a única vez que você o viu com ela?

— Foi sim. Ele é distante de todo mundo, minha mãe já o chamou algumas vezes para jantar lá em casa, ele aceitava os convites, porém não era do tipo de conversar, mal respondia as perguntas. Ele também fica alguns dias na casa e some por vários outros. Nunca havia achado isso estranho, pois o casal Hashimoto, os avós dele, também eram reservados, apesar de terem sido um reservado diferente... Não sei explicar bem essa

diferença, é algo mais de percepção, sabe?

Josh balançou positivamente a cabeça e pegou uma folha e caneta

— Preciso que você escreva tudo o que me disse, se possível com mais detalhes e assine logo embaixo, para que não fiquemos sempre atrás de você para que fale alguma sobre.

Fiz o que ele pediu e em dez minutos entreguei meu depoimento.

— Vou levar isso para o juiz e pedir um mandado para ver se existe alguma coisa que ligue Sean às vítimas.

Josh se levantou e pegou os papéis que estava em sua mesa, desde o envelope amarelo até o que a mulher lhe entregou

— Quer carona até sua casa? Se estiver indo para lá, claro.

Acenei que sim e me levantei. Tentando alcançar seus passos, perguntei tentando soar como alguém que não tem muito interesse

— Quem era aquela mulher?

— Elizabeth, ela é profiler do caso.

— Ah – senti uma pontada de ciúmes, mas preferi ignorar, Josh pareceu não se importar com minha pergunta, então por mim estava tudo bem.

Caminhamos até a saída sem trocar muitas palavras, um dos motivos é que ele decidiu ler durante o caminho o papel que havia recebido. Perto da porta vi que a repórter Rachel Rooney estava com seu cinegrafista esperando que qualquer pessoa que pudesse falar sobre o caso saísse por ali, também notei que alguns outros jornalistas estavam chegando. Cutuquei Josh e ele me olhou, apontei para o lado de fora, preocupada, e ao seguir o olhar na direção mostrada, o escutei respirar fundo, olhei e vi seu rosto fechar

— Vamos tentar passar reto, sem falar uma palavra.

Respondi um *ok* e continuamos a caminhar, ele abriu a porta e todos eles vieram para cima de Josh, consecutivamente de mim, visto que estava ao seu lado. Várias perguntas eram feitas ao mesmo tempo, eu não conseguia identificar todas elas, mas sabia que eram sobre a vítima e o Maníaco do Pântano. Sentia Josh tentando me puxar para ir embora dali, mas a cada passo que dávamos, os repórteres davam também, até que ele disse

— Não temos nada de concreto ainda!

Segurou firmemente minha mão e nos fez sair rapidamente da roda que havia começado a me sufocar

— Ande rápido e não olhe para trás – ele me disse mal abrindo a boca.

Entramos no carro e só me senti segura quando duas quadras nos separavam deles.

Tentava manter meus pensamentos os mais leves possíveis, então voltei a pensar sobre meu emprego, contei para Josh a conversa que tive com a minha mãe e ele apoiou totalmente a ideia. Evitei contar para ele que planejava mandar currículo para algumas galerias e museus que ficavam em outras cidades, queria trabalhar como curadora e aqui em Forest Hill não tem lugares que eu penso ser o ideal para mim.

Também comecei a pensar na minha especialização, ainda tinha que decidir se faria em História da Arte ou Estética. O carro parou, havíamos chegado em casa. Entrelacei meus dedos nos de Josh

— Vai dar tudo certo – me disse.

Ele sorriu e deu um beijo na minha testa, fechei meus olhos e suspirei. Nos despedimos e desci do carro, entrei em casa somente quando o vi virar a esquina. Mal entrei em casa e já escutei vozes em tons preocupados vindos da cozinha, fui até o local e vi minha mãe conversando com Patty em volta do balcão, a conversa estava acompanhada de bolo e café, elas não pararam o assunto quando perceberam que eu havia entrado. Me aproximei e cortei um pedaço de bolo, não me preocupei com prato como elas estavam usando. Escutei em silêncio a conversa

— Eu ainda acho um absurdo isso – Bonnie disse.

— Pois é! – Patty respondeu e olhou para mim – Ah, oi Sophie. Sua mãe e eu estamos conversando sobre essa vítima que encontraram, aposto que é esse Maníaco que conseguiu despistar a polícia anos atrás.

— Começo a achar isso também... – respondi pensativa.

— Está vindo de lá? – Minha mãe perguntou.

— Estou sim.

— E como está por lá? – Patty perguntou curiosa.

— Com vários repórteres na porta enchendo de pergunta qualquer um que passar por ali, ânimos exaltados... o clichê de uma história onde um serial killer está a solta... – tentei colocar algum humor na minha fala, mas logo que fechei a boca percebi que falhei miseravelmente.

— E você ouviu alguma coisa de lá? – ela insistiu.

— Eles não me deixam saber de nada, também pudera, mas isso não me impede, a investigação deles pode ser secreta, já que a minha é também – disse em um tom convencido.

As duas me olharam sem entender, dei um sorriso superior ao pensar em como Josh estava enganado sobre mim. Uma onda de querer ser reconhecida pelo que estava fazendo me abateu, ainda mais por ter sido colocada de lado, então precisava mostrar para alguém todo o meu trabalho. Me aproximei do balcão e disse quase em um sussurro, como se estivesse alguém em volta nos espionando e que eu não poderia deixar essa pessoa escutar

— Quero mostrar algo para vocês.

Elas trocaram um olhar desentendido e eu disse que não iria explicar antes delas verem. Pedi para me seguirem e, enquanto íamos até meu quarto, fiz com que elas prometessem não me julgar, não pedir para eu parar e, sobretudo, para nunca contar para ninguém. Sem ter ideia do que iriam ver e movidas pela curiosidade, responderam sem pestanejar todas as vezes: sim.

Meu estômago se contorcia de ansiedade conforme nos aproximávamos do meu quarto, em nenhum momento parei para pensar em como elas iriam reagir, para mim, se elas

prometeram que não iriam exagerar e nem mesmo reagir muito negativamente, então eu acreditava. Abri a porta do meu quarto e retirei o pano que havia improvisado para esconder o painel que tinha feito na minha parede. Olhava com um sorriso orgulhoso enquanto as duas ficavam de boca aberta tentando entender o que estavam vendo.

— Filha...

— Isso são coisas dos assassinatos? – Patty completou o que minha mãe começara a dizer.

— São sim, estou fazendo minha própria investigação secreta – tentei não demonstrar o orgulho que sentia, ainda mais com Bonnie totalmente incrédula com o que via.

— E descobriu alguma coisa? – a instrutora de música perguntou, ela andou até o lado da cama para ver melhor minhas anotações. Eram reações bem distintas que eu conseguia ver entre as duas.

Claro que preferi a da Patty e fiquei mal pela da minha mãe.

— Ainda não, – fiz um bico de tristeza, eu havia levantado algumas questões, mas como eram secretas, não diria o que eu já havia visto por ali – o assassino é mestre no que faz.

Patty concordou com a cabeça e minha mãe continuava a não falar nada. Droga! Será que eu deveria mesmo ter mostrado para ela? Bonnie é aquela mãe que protege de tudo.

Que pergunta idiota a minha. Claro que não deveria ter mostrado.

— Mãe... fica tranquila, não vou me colocar em perigo, isso que estou fazendo não vai sair desse quarto, não vou ficar me pendurando no pescoço do perigo para conseguir alguma coisa.

— Filha... – ela colocou uma mão na frente de sua boca, o painel que era a única coisa que ela aparentemente conseguia encarar, mas então ela olhou para mim – Não tenho mais autoridade para falar o que você pode ou não fazer, mas peço para contar ao Josh, por favor.

Balancei positivamente a cabeça mesmo sabendo que não iria dizer uma única palavra para ele. Ela se virou, saiu do quarto e Patty a acompanhou, apertando meu ombro quando passou por mim. Simplesmente isso. Revirei os olhos. É, talvez não tenha sido uma boa ideia mostrar para elas.

Olhei em volta e me vi sozinha no quarto, dei de ombros e fechei a porta. Parei na frente do painel e cruzei os braços, ainda tentava conectar as vítimas, porém, sem sucesso. Elas permaneciam com características de vida distintas, somente a aparência delas que as ligavam. Não me restava outra opção a não ser de pegar aqueles papéis de Josh e descobrir mais sobre a oitava vítima.



Capítulo 13

— **Hey Jude, don't make it bad**, take a sad song and make it better!

Senti um polegar colando algo bem no meio de minha testa e aos poucos fui notando que era a voz de Chloe que me acordava. Ainda muito sonolenta e sem saber direito o que estava acontecendo, retirei o papel que minha irmã pregou em meu rosto e murmurei um “sai daqui” que, apesar de ter sido ouvido, não foi obedecido.

— Anda! Acorda! Quero te pedir um favor.

Esfreguei os olhos e bocejei, sabia que se não escutasse de uma vez, a próxima música que ela iria cantar seria Yellow Submarine. Quando recostei na cama, retirei o papel que estava no meu rosto, era um panfleto de uma casa de show que iria abrir daqui uma semana e que daria oportunidade de bandas locais tocarem na inauguração, as inscrições eram para ser feitas até anteontem.

— E? – disse sem muita emoção, o sono ainda me controlava.

— E que minha banda foi uma das escolhidas! Nós vamos tocar! – ela ameaçou pular na cama de tanta alegria, mas eu a segurei e balancei negativamente minha cabeça – Enfim, – Chloe continuou – só nós temos um carro e mamãe disse que não vai dar para levar porque termina muito tarde e ela tem que acordar de madrugada para trabalhar-

— Isso quer dizer que ela não vai ver a apresentação também?

— Não, ela vai, mas vai só para me ver e vai embora logo em seguida. Enfim, precisamos de alguém que dirija para nos levar e trazer de volta. Quanto aos equipamentos, fique tranquila, são poucos e vamos alugar uma carrocinha para colocar as coisas e levar junto.

— Seus amigos não têm pais? Eles não têm carteira? Você já tem 16 anos, por que ainda não tem habilitação?

Chloe se fez de chocada e começou com seu drama comum

— Uau, Sophie! Não sabia que você tinha se tornado esse tipo de pessoa. A gente vem numa boa pedir favores e você se esquia. Uau. Eu estava disposta a retornar o favor algum dia, mas agora não irei mais...

Franzi o cenho e entortei os lábios enquanto assistia a cena que ela estava fazendo, não era muito boa atriz forçada, mas toda essa atuação me fez lembrar de que realmente ela estar me devendo favores era algo que calhava, afinal, eu ainda pretendia saber, de modo clandestino, o que a polícia sabia.

Abafei uma risada com a imagem de *mulher perigosa* que se formou em minha cabeça.

— Espere! – disse antes que ela se levantasse – O favor pode ser pago a qualquer momento?

— Pode.

— Então tudo bem, vou precisar desse seu favor ainda hoje.

Os olhos de Chloe quase saltaram de seu rosto quando me ouviu falar

— Como assim hoje? Minha apresentação é daqui sete dias ainda!

— Então fique como se eu devesse um favor e o pagarei quando for te levar para a apresentação.

— Tanto faz, – Chloe deu de ombros e se levantou – da próxima vez vou estabelecer um tempo mínimo, isso que você está fazendo é um abuso – finalizou revirando os olhos.

Esperei ela sair do quarto e pulei para fora da cama, meu estômago já começava a congelar, eu faria a coisa mais arriscada até então: invadiria os arquivos da polícia.

Já me sentia como em um filme.

Pensei em ligar para Emily, mas não estávamos nos falando muito ultimamente, ela estava no modo intensivo quanto aos estudos, a vontade de não dar brecha para sua família dar opinião era enorme, então não iria se distrair, eu a entendia e apoiava. Definitivamente não iria contar para minha mãe, Patty, Louise ou Josh, então percebi que seria apenas eu e meu nervosismo. Lavei meu rosto e troquei de roupa, a essa altura meu estômago já fazia barulho de tanta fome, desci até a cozinha e Chloe estava comendo cereal direito na caixa

— Hey! – gritei e peguei a caixa de sua mão, sentando em um dos bancos do balcão.

Chloe olhou assustada

– Não coma tudo sozinha – continuei a falar enquanto pegava um punhado com as mãos.

Chloe rolou os olhos e perguntou qual era o favor que eu pediria

— Então Chloe, eu quero que se lembre de todos os favores que eu já fiz para você, toda ajuda prestada e acrescente a ideia de ter adrenalina correndo pelo seu corpo.

— Tá, tá, pare de ficar dando voltas e diz logo o que é.

Curta como sempre. Essa era minha irmã mais nova.

— Preciso que você fique de vigia para mim lá na polícia.

— Como assim? – ela perguntou sem fazer ideia alguma do que eu estava falando e ainda pegou de volta a caixa de minhas mãos.

— Preciso ver uns documentos que estão na sala de arquivos e preciso não ser pega.

— Você enlouqueceu?! – Chloe perguntou se levantando imediatamente do banco, sua expressão era confusa e parecia que aguardava que uma dupla de homens aparecesse na entrada da cozinha e me levasse para fora de casa em uma camisa de força.

— Não, não. É melhor você não saber de detalhes, mas saiba que é muito importante para mim, ainda mais com tudo o que anda acontecendo em minha vida...

Confesso que joguei baixo, joguei sujo. Utilizei de acontecimentos recentes para ver se ela toparia me ajudar. Chloe colocou a caixa na mesa e voltou a sentar no banco. Ela parecia mesmo estar pensando no que eu disse, seu rosto estava sério e tentava manter seus olhos em mim, mas eles voltavam para o balcão. Será que ela estava lembrando dos problemas

que tive com Josh? Do Maníaco do Pântano? Dos conselhos que dei quanto ao Paul? Eu aceitaria qualquer uma dessas opções para que decidisse me ajudar. Ela cruzou os braços e finalmente falou alguma coisa

— Você definitivamente está louca, com certeza invadir dessa maneira o departamento de polícia caracteriza algum crime. Fuçar arquivos deles? Sophie, e se formos pegas?

— Por isso quero você lá, para não existir essa possibilidade. Sei que parece loucura, mas eu realmente preciso fazer isso, um dia você saberá o motivo, mas não agora.

— E Josh?

Suspirei e mordi meu lábio inferior, o que aconteceria se Josh descobrisse o que eu queria fazer? Do jeito que ele não quer um dedo meu nas investigações, é capaz de ele mandar Bonnie me trancar em uma casa cheia de fechaduras e cadeados, além de mandar metade dos oficiais do departamento para fazer turnos na frente da minha casa.

— Josh não sabe e nem poderá saber.

Os minutos que Chloe demorou para responder me deram a impressão de terem sido transformados em horas, até que ela se manifestou

— Ok, vou te ajudar, mas se alguém nos pegar, você me deverá favores durante o resto dessa sua adorável vida, estamos entendidas?

— Estamos! Agora deixa eu te contar o plano.

Chloe havia concordado com tudo o que eu havia proposto, disse que teria chance de ocorrer tudo bem e que viu vantagem ao saber que demonstraria para todos que estivesse perto dela o quanto poderia ser uma boa atriz, então esperamos o pôr-do-sol chegar para irmos até a polícia. Eu usava um vestido floral amarelo juntamente com um par de sandálias gladiadora, já Chloe optou pelo jeans com All Star.

— Um erro e você me deverá favores para sempre – ela lembrou novamente um pouco antes de entrarmos, revirei os olhos e concordei com a cabeça.

Acenei para Ryan e alguns outros policiais que passavam por nós, eu sentia a respiração pesada de Chloe, dessa maneira era difícil não ficar achando graça do medo que ela sentia no momento. Só esperava que ninguém dali percebesse isso também.

— Relaxa – eu disse entre os dentes, somente para ela escutar e entender.

— Só vou deixar algumas coisas para Josh na mesa dele e já vou embora, não precisa nem mesmo se preocupar – falei com Ryan quando percebi que ele provavelmente iria me falar que Josh não estava no prédio.

Em vez de seguirmos a direção que nos levaria até o lugar em que os detetives ficavam, conduzi Chloe para a sala de arquivos. Quem cuidava dali era um policial com cerca de 35 anos, o cabelo já era grisalho e parecia ser uma pessoa dedicada no que fazia. Antes de entrar, perguntei para ela se estava preparada e ela acenou positivamente com a cabeça. Chloe então respirou fundo e entrou com sua melhor expressão inocente

— Boa noite! Sou Chloe, e você?

O policial a olhou e respondeu

— Oficial Selleck, você precisa de alguma ajuda?

— Hm... Não, não, estou esperando minha irmã. – ela disse como se estivesse descompromissada com o tempo – Ok, estou indo, tchau.

No momento em que se virou para ir embora, seu teatro começou, Chloe começou a tossir e a gesticular com as mãos, debatia no ar em desespero, apontava seu dedo para a garganta. O policial perguntou o que estava acontecendo com ela, e com uma voz difícil de sair, ela respondeu que tinha asma, Chloe caiu de joelhos e fazia com que parecesse que ar nenhum estava passando.

Ele a sentou e retirou sua jaqueta, o policial procurava pela bombinha que, segundo Chloe, era para estar ali no bolso. A encenação da loira era tão boa que até mesmo seu rosto começava a ficar vermelho, Selleck pedia para que ela respirasse pelo nariz e expirasse pela boca e a inclinou para frente a fim de facilitar a entrada de ar nos pulmões.

Sem que ninguém percebesse, consegui entrar na sala de arquivos e me concentrei em achar o que procurava, deixei que do teatro somente minha irmã cuidasse. Procurei pelo ano de 2013 para conseguir encontrar a pasta com os assassinatos do Maníaco, demorei mais tempo do que imaginei, mas consegui achar.

Sentei no chão e comecei a folhear, havia vários detalhes da vida pessoal de cada uma das garotas que em jornal algum apareceu, isso com certeza poderia me ajudar, quer dizer, isso *tinha* que me ajudar. Tirei fotos do que achei necessário. Comecei a escutar a vinda de mais policiais para onde minha irmã estava, fiquei mal por tê-la colocado nisso, provavelmente Chloe estava desejando várias coisas ruins para mim no momento. Então, para a situação não piorar, guardei todos aqueles papéis. Minha saída foi mais fácil porque quando saí, não havia ninguém naquela área.



— Josh, Sophie apareceu aqui com a irmã dela, ainda devem estar por aí — Ryan falou quando me aproximei dele.

Agradei a informação e fui para minha mesa, elas deveriam estar por lá me esperando, mas antes de chegar até elas, percebi a movimentação do lado contrário, vi Selleck e mais dois policiais, não conseguia ver mais muita coisa, então fui até lá para ver o que estava acontecendo

— Josh, Josh! Ela está passando mal, precisa de um médico, ela esqueceu a bombinha! — Selleck disse enquanto ainda me aproximava.

Não acreditei no que vi. Era Chloe.

Se tem Chloe no departamento de polícia, tem Sophie aprontando em algum canto. Chloe não tinha asma. Então o que todo mundo estava assistindo ali era apenas uma grande encenação, ela estava inventando tudo isso. A grande pergunta era: qual o motivo?

Os olhos dela arregalaram quando me viu, pareciam os de criança quando é pega fazendo travessura, mas ele não veio acompanhado do sorriso falso e descarado, a menina continuou com o teatro.

— Vamos Chloe, vou te levar para o hospital, lá vai ter inúmeros inaladores para você. — falei tentando conter o deboche e fazendo com que um de seus braços passasse pelos meus ombros para que a ajudasse tanto a levantar como a andar, não fingi preocupação, mas também não acabei com a farsa, com certeza não era ideia da menina de fazer isso.

O caminho até meu carro foi silencioso, ela sabia que havia sido pega. A coloquei no banco de trás e sentei no do motorista, joguei minha cabeça para trás e expirei lentamente, o tempo todo Chloe manteve sua cabeça baixa. Escutei o celular dela tocar, era toque curto, toque de mensagem, ela pigarreou e eu entendi que era Sophie, só poderia ser.

— Fala para ela onde você está — chutei e comprei a ideia de que ela estaria perguntando o paradeiro da irmã.

Chloe não falou comigo e eu não falei com ela depois disso. Demorou cinco minutos até que Sophie aparecesse na porta do DPFH, talvez ela estivesse pensando se iria para casa ou falaria comigo. Ela definitivamente não escuta o que a gente fala. Essa vontade de fazer o que acredita é algo que eu admiro nela, mas que não me faz feliz quando é contra o que acredito ser mais seguro.

Pude vê-la endireitando a coluna e erguendo a cabeça, tentativa de mostrar orgulho mesmo sabendo que nada muito bom estava por vir. Ela caminhava lentamente até o carro, meu lado que estava irritado com as atitudes que ela pode tomar estava com uma briga intensa com o lado bobão-apaixonado-que-está-quase-babando-pela-namorada.

Destranquei a porta para que ela pudesse abrir.

— Josh — Sophie disse em um tom sem emoção e quase não olhando para mim.

— Você já sabe o que te espera — Chloe surgiu no meio de nós dois, mas estava completamente virada para a irmã.

Eu não entendi se ela falava entre as duas ou se previa algum discurso meu. Caso fosse a segunda opção, estava completamente certa. Viajamos completamente no silêncio,

somente o barulho dos dedos de Chloe encontrando com a tela touch do celular é que quebrava um pouco a tanta falta de som.

Eu estava inquieto, queria saber o motivo de Chloe ter feito aquela cena, o que Sophie precisava fazer a ponto de pedir isso para a irmã. Minha mão passava pelo meu cabelo mais vezes do que pode ser considerado normal, minha perna esquerda balançava toda vez que parávamos em um sinal vermelho. Recebi uma mensagem. Era Selleck perguntado se estava tudo bem com *a menina*. Olhei para trás e balancei negativamente a cabeça, respondi a mensagem com um “sim, ela está bem”. Comprimi os lábios e funguei.

Volta e meia o caso de Daniella invadia meus pensamentos, novamente, todos em sua volta estavam livres, a amiga havia confirmado que ela estava tendo um affair com Sean Lee, mas que terminaram dois dias antes.

Naquela tarde havia sido expedido o mandado de busca na casa dele, porém, nada fora encontrado, nada mesmo, mal havia pertences pessoais dele, porém, suas roupas ainda estavam ali indicando que tinha chances de Sean não ter fugido. Independentemente, foi encaminhada uma intimação. Uma hora Sean iria aparecer.

Minha cabeça estava a mil.

Estacionei o carro na frente da casa das Fields.

— Por favor, Chloe, desça – não precisei insistir, ela rapidamente desceu e entrou na casa, sem nem mesmo olhar para trás.

Silêncio. O silêncio era estressante.

— O que você foi fazer de tão importante que precisou pedir para sua irmã fazer esse papelão? – não consegui olhar para Sophie, segurei firmemente o volante, como se ele fosse cair caso eu soltasse.

Aquele silêncio continuava.

Olhei para ela, Sophie mordida o lábio inferior e olhava para suas mãos que não paravam de se mexer.

— Sophie, – peguei levemente seu queixo e a fiz olhar para mim – o que você foi fazer? – perguntei de modo mais calmo, para tentar mostrar para ela que estava tudo bem em conversar comigo.

Ela entortou os lábios e abriu a boca por duas vezes antes de começar de fato a responder

— Precisava entrar... eu...

— Precisava entrar onde, Sophie? – tentei soar compreensivo, apesar de deixar claro no tom de voz que estava chateado.

Por mais que estivesse bravo, eu também estava confuso, sabia que ela estava envergonhada e que se eu usasse algum tom agressivo, era bem capaz de Sophie abrir aquela porta e sair correndo, sem me explicar coisa alguma. Então seria pelo menos mais uma semana tentando falar com ela. Sim, ela é a que estava errada, mas eu é que teria que correr atrás.

— Precisava entrar na sala de arquivos.

Virei minha cabeça para o lado esquerdo, fechei os olhos e respirei fundo. Tentava de todas as maneiras deixá-la longe do perigo que existe na minha profissão, mas ela insistia e entrava no meio. Não precisava perguntar o que ela estava fazendo na sala de arquivos, ela já havia pedido para ser uma ajudante no caso de Daniella, ela queria se envolver no caso do Maníaco. Mais do que as próprias circunstâncias já a envolviam.

Olhei para ela, eu não sabia o que falar, mas sabia que não adiantaria falar algo, não a repreenderia porque isso faria mal tanto para ela quanto para mim, não pediria para que ela parasse porque ela não pararia. Eu a conhecia e já estava muito cansado de tentar manter Sophie longe de tudo isso. Já havia esgotado ideias e palavras.

— Enquanto você estiver obstinada com isso, não posso fazer nada por você – eu disse francamente, meus olhos fixos no dela.

— Eu sei – Sophie sussurrou.

Puxei a cabeça dela até a mim e beijei o topo, afagando-a ao mesmo tempo

— Acho que vai ser assim até que tudo se resolva, não?

Ela assentiu com a cabeça. Comecei a sentir um mal-estar, ninguém estava dizendo as exatas palavras ali, mas ambos entendíamos o que aquela situação significava.

— Adeus.

— Tchau.

Ela então se levantou, saindo do carro, deu quatro passos e olhou para mim, meu semblante estava neutro, por mais que por dentro eu ainda tentava entender para onde iríamos. Voltou a caminhar para dentro de sua casa. Fechou a porta.

Não fazia ideia de quando a veria novamente.



Fechei a porta e olhei pelo olho mágico para saber se ele ainda estava na frente de casa. Não estava, já havia partido. Tentei conter o choro que ficou travado na minha garganta por causa da conversa que tivemos. Eu não sabia o que havia acontecido, a maneira que ele falou comigo... Sabia que ele havia ficado chateado com o que fiz, seu tom de voz não deixava dúvida alguma. Encostei na porta e não deixei a minha tristeza tomar conta. Talvez nós tivéssemos dado um tempo ou sei lá, aceitaria qualquer coisa no momento, bom, apenas aquelas que indicassem que daqui a algum tempo ele voltaria a ficar normal.

Mas Josh tinha que entender, não vou parar de me meter na investigação do Maníaco, eu estava mais envolvida que qualquer outro policial que auxiliava no caso. Eu encontrei o primeiro corpo. Eu vi Sean com a segunda (oitava) vítima. Eu estava envolvida, não há como negar. As pessoas podem achar loucura, algo sem sentido, mas eu precisava saber também. Ainda sentia medo. Eu fazia o tipo do serial killer. Tinha que dar um jeito de descobrir quem ele era, não queria deixar somente nas mãos da polícia, ele já havia fugido deles uma vez, me sentia obrigada a não deixar que existisse uma segunda.

Ai meu Deus!

Será que estou mesmo ficando louca?

Não, não.

Não estou.

Não devo.

Ou estou?

Eu havia pedido para minha irmã fingir ter um ataque de asma em um departamento de polícia!

Passei minhas mãos pelo meu cabelo e senti vontade de gritar, olhei para elas e as duas tremiam. Desencostei da porta e comecei a inspirar e expirar profundamente por dez vezes seguidas. Encarei os fatos: poderia não conseguir lidar com a situação do Josh nesse momento, então lidaria com o que fez com que ela estivesse assim. Peguei meu celular e vi as fotos que tirei. Bom, pelo menos tenho algo com o que encher a cabeça.

Subi rapidamente para meu quarto, pensei em falar com Chloe antes, mas ela provavelmente não estava querendo me ver nem se eu estivesse com o melhor presente em mãos, quer dizer, ela abriria a porta, pegaria o presente e fecharia novamente. Com ela eu lidaria outra hora também. Fiz então o que deveria para manter minha cabeça longe dessas perguntas e suposições que eu não tinha controle. Peguei meu notebook e passei as fotos para ele, uma tela maior seria muito melhor para ver os detalhes. Estralei dedos e pescoço, estava pronta para ver tudo o que teria que ver.

Dei zoom, tirei zoom, li, reli, mas nada que eu entendia ou que achasse relevante, apesar de serem informações novas, a maioria era coisa da polícia mesmo. Eu precisava de informações sobre a vida das meninas, não somente laudos e observações. Observações. Isso! Precisava saber da vida pessoal, então a melhor coisa que deveria fazer era checar suas redes sociais.

Geralmente as redes sociais sabem falar muito mais sobre a pessoa do que seus pais.

Provavelmente a polícia já deve ter olhado, mas mesmo assim eu iria. Não custa nada tentar. Abri minha conta e procurei pela de Daniella Enos. Era privada. Pedi para uma amiga dela me adicionar, talvez eu encontrasse algo que ela decidiu compartilhar com amigos de amigos. Estranhei a família não ter pedido para que o perfil fosse deletado. Talvez não quisessem apagar a filha, talvez enxergassem ali como um pedaço dela que ainda existia. Senti um arrepio com esse pensamento.

Essa amiga de Daniella não puxou assunto comigo, perguntando de onde eu era ou algo parecido, não me importei, não saberia o que responder. Quando voltei para o perfil de Daniella algumas coisas a mais apareceram, como fotos em que ela fora marcada, alguns vídeos e publicações. Olhei e não havia muita coisa, o máximo que caberia na seção de “suspeita” era uma foto com Sean, mas era somente uma e ela estava acompanhada de outras pessoas também, foi tirada em um bar, a data era de três dias antes de eu os ver entrando na casa de Lee.

Foto com golfinho, foto com amigos da época de faculdade, com família, dela com um bebê fofo, tocando piano... Fotos de uma pessoa normal que vivia com pessoas normais. Apenas para não passar batido, anotei em alguns papéis adesivos fatos que eu pude observar nas fotos, coisas como: gosta de bebês, toca piano, vai sempre ao bar esportivo do centro da cidade e não tem tatuagens – pelo menos visíveis.

Pelo que andei lendo sobre seriais killers, qualquer tipo padrão pode ser usado por eles. Quer dizer, qualquer tipo para nós, porque para eles, o padrão é por causa de algum trauma de infância, humilhação ou gosto particular. Por isso que um profiler era importante, ele analisava o modo de agir do assassino e tendo isso como base, mostrava características e costumes dele, até mesmo o tipo de psicopatia. Já havia tentado fazer o mínimo que um profiler faz, para isso, li alguns artigos, assisti alguns documentários, mas saber como é uma pessoa é algo complicado. Espero que aquela Elizabeth consiga ajudar mais do que o outro profiler que trabalhou no caso em 2013.

Notei que já era tarde, possivelmente Bonnie já havia ido dormir e Chloe estaria com seu fone de ouvido. Eu realmente não estava bem, brigada com Josh e provavelmente com Chloe, minhas buscas não avançavam muito, teria que pensar em outras formas de melhorar pelo menos uma área da minha vida. De preferência não a que envolvesse pessoas... vivas.

Aparentemente com Daniella não havia mais o que descobrir através de redes sociais, então aproveitei para procurar sobre Katherine, porém, ao digitar seu nome nada apareceu, a família provavelmente havia pedido para o perfil ser deletado. Frustrada, tentei ver se encontrava algum parente, apaguei seu nome e pesquisei somente pelo sobrenome, abri os cinco primeiros resultados e vi que um deles, o de um homem chamado Ben, que tinha uns trinta anos, morava em Forest Hill. Não custava nada arriscar.

Pedi para adicionar, em menos de cinco minutos fui aceita. Na conversa utilizei toda a simpatia que existia em mim, cheguei a flertar em alguns momentos, eu precisava me aproximar dele, ainda mais quando descobri que ele era irmão de Katherine, fiquei surpresa, afinal, fisicamente ele não parecia nada com ela, Ben tinha a pele morena e o cabelo castanho, seus traços lembravam os indígenas. Combinamos de nos encontrar no bar no dia seguinte.

A realidade caiu em mim como uma bigorna caía em cima dos desenhos animados. Somente na manhã seguinte eu havia processado absolutamente todas as consequências possíveis dos meus atos do dia anterior. Era a minha versão sem álcool da ressaca. Não conseguia olhar para Chloe e ela não estava exatamente fazendo muita questão disso. Não conseguia também parar de encarar o número de Josh.

Tenho certeza que minha mãe percebeu o ar pesado instalado na casa, agradeceu internamente por ela ter preferido não perguntar nada sobre o que poderia ter acontecido. Não comentei sobre qualquer um desses assuntos com Louise e Emily, sabia que iria escutar palavras que não queria ouvir, até mesmo de Emily, a pessoa que deu a ideia de eu começar com isso. Acho que ela havia se esquecido do quão intensa posso ser.

O dia não foi de muito proveito, mesmo trabalhando na padaria durante as minhas férias, eu estava chateada e ansiosa, dois sentimentos que não fazem uma boa combinação. Cada hora dele me parecia ser mais quinze, foi sufocante e horrível.

Mas a noite finalmente chegou, eu poderia me ocupar novamente com essa minha *investigação*. Era a única coisa que me restava no momento. Coloquei um vestido azul-marinho, um pouco rodado e de manga curta, fiz uma trança lateral no cabelo e coloquei um salto doze. Isso tudo me distraía do que estava acontecendo na minha vida, era bom.

O bar era na verdade uma mistura de bar e restaurante, moderno e com um leve toque de elegância, todos que ali estavam pareciam ser personagens daquelas séries em que após um longo dia na advocacia, iam para lá por combinarem *happy hour*, tomavam margaritas e paqueravam com olhos e sorrisos. Me senti como uma estranha, como uma intrusa. Mas não por muito tempo, logo vi Ben sentado me esperando, como sempre eu estava atrasada, ele era mais alto do que parecia ser nas fotos, *pelo menos o salto foi uma boa escolha*, pensei. O cumprimentei e sentamos próximos ao balcão.

— Acho que não é sempre que conheço alguém pela internet em um dia e no dia seguinte já estou encontrando pessoalmente – falei, fazendo um sorriso e soando despreocupada.

— É, comigo geralmente também não acontece. Mas ultimamente tem acontecido tanta coisa que eu não imaginava, que decidi tomar decisões baseadas no *por que não?* – Ben riu, mas não foi aquele tipo de risada que acompanhamos, sim aquela que curvamos os lábios em um sorriso e sentimos que algo estava errado.

E por que não estaria? Ele perdeu a irmã!

Apesar de até o momento não ter comentado isso comigo. Quer dizer, ele não havia especificado, apenas disse que tinha uma irmã, depois ele não quis se aprofundar no assunto.

— É uma boa maneira de ver a vida – como é difícil fingir que não sabe de um assunto importante, meu Deus!

— É a que me resta – ele olhou para a mesa e dois segundos depois voltou a olhar para mim, seu rosto forçava uma normalidade que claramente não existia ali.

— Está tudo bem? Se não estiver se sentindo bem, ok, pode ir – soei preocupada, colocando minha mão em cima da dele para demonstrar proximidade.

Apesar de meu coração pesar ao flertar com alguém enquanto Josh estava em algum lugar

mal por mim.

Ben sorriu de maneira triste

— Estou passando por uma fase difícil, não sou a melhor companhia. Marquei esse encontro para ver se eu conseguia continuar a viver o normal, mas é complicado demais. Desculpa – ele disse, se levantando em seguida.

Segurei a mão dele

— Espera – ele olhou para mim – Não vim aqui somente para brilho e tutti-frutti – eu disse em um tom descontraído, mas logo voltando ao sério – eu disse que queria conhecer mais pessoas, se conhecer você significa escutar seus problemas, *por que não?* – finalizei imitando a maneira que ele disse um pouco antes.

Ele me encarou por uns cinco segundos antes de voltar a sentar na cadeira, fiquei apreensiva durante esse tempo, com medo de ele ir mesmo embora. Eu não estava com muitas ideias sobrando.

— Perdi minha irmã há pouco tempo, é difícil aceitar isso, principalmente sabendo o quanto ela sofreu antes de morrer. Quem fez isso com ela não tem escrúpulos. É revoltante.

Comprimi os lábios e apertei a mão dele, conversar com quem sofreu a perda era muito mais impactante. Uma coisa é ler declarações de parentes, outra totalmente diferente era ouvi-las.

— Não encontraram quem fez isso?

— Não e penso que não encontrarão. Não encontraram da primeira vez, não confio que a polícia vai encontrar agora.

Simulando hesitação e surpresa, perguntei

— Espera, você está falando que sua irmã é uma das vítimas desse cara que estão falando ser o Maníaco do Pântano?

Ele assentiu.

— Que história... – sussurrei.

— Por isso está sendo tão complicado, tenho que lidar com essa história do assassino, lidar com meu luto e ainda com o de minha mãe que está devastada. Desculpe por me abrir tão facilmente, deve ser estranho, deve não, definitivamente é.

— Tudo bem, às vezes é bom conversar com alguém fora do seu círculo de convivência. Acredite.

Quando se perde alguém, a dor é compartilhada com quem está a sua volta, mas nem sempre as pessoas precisam somente disso, pode ser que conversar com alguém que não tem absolutamente nada a ver com sua vida, ajude. Seus sentimentos podem ser muito mais sinceros e a dor sentida de maneira mais intensa.

Havia simpatizado por Ben, começava a não me sentir muito bem com o que estava fazendo ali com ele, a princípio o havia chamado apenas para descobrir mais sobre a irmã, agora estou mexida com sua história.

Definitivamente não nasci para ser da polícia.

— Daqui alguns dias uma casa de show vai ser inaugurada, eles escolheram tocar bandas locais. A banda de Katherine vai se apresentar, quer dizer, agora é uma banda formada pelas amigas dela. É bem promissora – Ben sorriu de canto, provavelmente lembrando-se de alguma apresentação delas que já havia assistido.

— Você vai? – fiquei surpresa com isso, era o mesmo local que Chloe disse que iria tocar e que eu já havia me comprometido a ir. Coincidência?

— Claro, é a primeira apresentação sem Katherine, fiquei sabendo que irão homenageá-la. Além do mais, quero ver se a baixista é tão boa como minha irmã era.

Poderia estar abusando da minha sensatez, mas definitivamente não iria perder a oportunidade de conhecer as amigas de Katherine. Começava a me sentir mal por estar usando Ben em uma hora tão frágil, mas era necessário, eu estava atrás de quem matou a irmã dele. Acho que ele iria entender se soubesse. Era o que eu tentava me convencer.

Fiz um sinal com o dedo indicador para que ele esperasse na cadeira, fui até o bar e pedi duas cervejas long neck, voltei e dei uma para ele. Levantei a minha garrafa e disse

— Que você consiga encontrar a paz antes do que imagina – sorri e dei um gole na bebida, ele sorriu de volta e fez o mesmo com a dele.

Mudei de assunto e passamos a falar sobre coisas aleatórias, e, quando digo aleatórias, é que foram realmente sem ligação. Falamos sobre viagens, teorias bizarras, universo e ursos polares. A noite foi bem agradável, devo admitir. Ben era uma pessoa extrovertida, parecia ser alguém correto.

Porém, percebi que as intenções começavam a mudar aos poucos, isso me fazia ver que já estava na hora de ir embora, era impensável a ideia de deixar levar. Ben era uma pessoa bacana, mas não era Josh. Inventei uma desculpa bem esfarrapada que envolvia lavanderia e me despedi dele.

Fui caminhando até certo ponto, as ruas não estavam vazias, vez e outra alguém passava por mim. Meu salto começava a incomodar, então encostei uma das mãos na parede de uma loja e desapertei a sandália. Era melhor pegar algum táxi, tinha que chegar logo em casa para anotar tudo o que achei importante na conversa, o que não foi muita coisa. Na verdade, ela foi mais algo instrumental, pois achava que ia descobrir algo somente ao conversar com as amigas de Katherine.

Enquanto pensava e mexia na minha sandália, alguém trombou em mim, foi tão forte que caí sentada no chão, olhei para trás querendo reclamar de maneira não bacana para a pessoa, mas não tinha mais ninguém. Bufei e me levantei, limpando minha roupa em seguida.

Odiava essas demonstrações gratuitas de falta de educação. Fui até o meio-fio e fiz sinal para um táxi parar, entrei e falei o endereço, meu corpo ainda estava doendo pelo tombo. O taxista não parava de me olhar, parecia que estava tentando enxergar algo, eu estava começando a ficar desconfortável quando passei a mão na região do meu ombro esquerdo, tinha um pequeno pedaço de papel grudado, ele estava dobrado. Foi a coisa mais esquisita que tinha acontecido até o momento. Até o momento.

Desdobrei o papel e não conseguia acreditar no que eu estava lendo, poucos minutos antes não tinha ideia de que minha vida poderia ficar pior do que já estava. Parece que eu estava errada. Mesmo após chegar em casa, ainda não conseguia desviar meus olhos daquele papel

BOOMM

Estava escrito.



Capítulo 14

Respire profundamente. Expire até o final. Respire profundamente. Expire até o final. Respire profundamente. Expire até o final.

Porcaria! Não estava funcionando!

Minhas mãos tremiam, eu sentia uma ânsia de vômito tremenda. Estava sentada em um lado da minha cama e o bilhete estava no outro lado. Não conseguia ficar perto dele. Eu tinha sido marcada. Isso quer dizer que o psicopata estava atrás de mim!

Coloquei uma de minhas mãos na minha boca, na tentativa de segurar o choro e não vomitar ali mesmo no carpete. Será que o Maníaco sabia que eu estava atrás dele? Ou ele percebeu que eu estava relacionada com o caso?

O medo quase tinha tomado forma física no meu quarto. Eu deveria parar? Continuar? Contar para minha mãe? Para Josh? Não, bem capaz de eles me colocarem dentro de uma sala trancada e cheia de policiais em volta. Mas se eu não aceitasse isso, significaria que eu não prezava pela minha vida?

Sorte Chloe e Bonnie já estarem dormindo, ou pelo menos em seus quartos, não saberia explicar esse meu semblante de quem viu a lenda do Cavaleiro Sem Cabeça se tornar realidade. Eu não iria conseguir dormir. E se o Maníaco estivesse me observando?

A ideia de abandonar essa investigação era forte demais. Mas então o pensamento de que havia conseguido chegar tão longe com ela me inundava e fazia com que eu esquecesse o de abandonar minhas pesquisas.

Meu Deus, estou mesmo ficando louca.

Tirei minha roupa e fui tomar banho na tentativa de esfriar a cabeça. Talvez isso me ajudaria a tomar a melhor decisão. Não queria passar a noite em claro, de jeito algum, então procurei no armário qualquer remédio que me fizesse dormir feito uma criança após um dia inteiro de brincadeiras. Tomei um pouco mais do que o necessário, somente para ter certeza de que ele faria efeito.



Capítulo 15

— **Sophie! Vamos!** Esqueceu que tenho horário?!

Escutava os gritos constantes de Chloe, ela estava no pé da escada desesperada para que eu terminasse logo de me arrumar. Na verdade, já tinha feito isso há muito tempo, mas não conseguia descer. Era como se estivesse presa na cadeira, encarava meu reflexo no espelho, porém não me enxergava, estava imersa em meus pensamentos. Essa era minha situação desde o dia que recebi o bilhete, não consegui falar com minha mãe, com Emily, Louise ou com Josh sobre o assunto, quanto mais eu pensava sobre, mais a sensação de irrealidade tomava conta.

Parecia tudo como um sonho, ou melhor, era um pesadelo que tomava forma. Agora eu tinha que escolher se continuava ou não com minhas perguntas para as pessoas. Só de pensar em largar isso, a palavra covarde se instalava em caps lock na minha cabeça.

Mas não seria muito pior se eu continuasse e algo acontecesse comigo? Não era egoísmo continuar com essa história? Eu poderia conviver com isso, mas definitivamente não toleraria a ideia de desistir e aparecer mais um corpo em seguida.

Mas e se esse corpo fosse o meu?

Será que o Doctor não poderia emprestar a TARDIS para que eu descobrisse logo como isso acaba?

Droga.

— Sophie!

Bufei e vi que não poderia mais enrolar. Decidi que continuaria com isso. Talvez tenha sido a pior decisão, mas eu não sabia sobre o futuro, então tinha que arriscar. Me senti uma daquelas heroínas burras que costumamos criticar.

Desci a escada, vi Chloe revirando os olhos e batendo, ironicamente, palmas para mim. Ela reclamou algo que eu não fiz questão de entender e fomos até o carro. Durante o caminho, Chloe repetia o setlist, minha mãe dirigia e eu mentalizava as perguntas que poderia fazer para as meninas da banda de Katherine. Esperava não encontrar Ben, não estava com humor suficiente e nem mesmo com vontade de fingir que estava com um humor suficiente.

Estacionamos o carro um pouco longe da casa de show, ela havia acabado de abrir as portas, mas um número grande de pessoas ainda estava esperando no lado de fora. Entramos pela porta ao lado, exclusiva para quem iria se apresentar, vários adolescentes estavam ali, todos ansiosos e a maioria tentando conter o nervosismo. Vi Ben com um grupo de garotas, cada uma delas o abraçava, logo me dei conta que eram da banda de Katherine. Esperei que ele saísse de perto delas, o que não demorou muito tempo.

— Vou ir para o outro lado agora – disse para Chloe e Bonnie, apenas não contei que antes de ir para as cadeiras, eu iria falar com aquelas garotas.

Me aproximei da que parecia ser a vocalista do grupo

— Oi, sou Sophie – me apresentei, puxando ela para um pouco longe das outras meninas.

— Theresa... – ela respondeu, claramente tentando entender o motivo para eu ter chamado ela.

— Conheci Katherine e-

— Ah – ela interrompeu, seus olhos foram para o chão e os lábios curvaram levemente para baixo.

— Era muito próxima dela?

— Nós éramos muito unidas – a menina disse ainda cabisbaixa.

— É mesmo?

— Sim, começamos do zero a banda, ela era a única que sabia tocar alguma coisa, então nos ajudava muito durante as aulas.

— Ela que ensinava para vocês?

— Não, Katherine era como um reforço, sabe? Nós tínhamos aulas particulares com uma mulher, não sei se já a viu na televisão, provavelmente já, a Patty Williams?

Arqueei minhas sobrancelhas, parece que Forest Hill não é tão grande como aparenta ser

— Claro, ela dá aula para minha irmã, ótima instrutora. – *ela só não comentou que conhecia Katherine*, pensei e, por um breve momento, fiquei brava com ela.

— Verdade. – Theresa sorriu de canto e escutou seu nome ser chamado – Bom, tenho que ir. Espero que goste de nosso som, Katherine queria muito uma apresentação nesse nível.

Acenei um tchau para ela e a vi caminhar um pouco mais feliz até seu grupo. Não consegui coisa alguma, o tempo havia sido curto demais. Decidi esperar a apresentação terminar para que novamente tentasse descobrir algo com Theresa, até mesmo com as outras meninas, mas enquanto isso não acontecia, fui para o bar pedir uma cerveja e, sentada, observei o lugar ficar cada vez mais cheio.

— Se começar a beber agora, não vai ter condição de levar sua irmã depois.

Assustei com a voz masculina atrás de mim, virei e vi Ben com seu sorriso no estilo “apareci aqui como quem não quer nada”

— Como você sabe que é minha irmã? – indaguei surpresa, tomando um pouco da minha bebida em seguida e ignorando o fato de que viemos com minha mãe, já que não vai ser ela quem iria nos levar de volta, mas sim eu mesma.

— Está literalmente na cara – ele respondeu, sentando-se ao meu lado – Te vi no camarim e fiquei um pouco sentido por (1) você ter virado o rosto no momento em que eu olhei para sua direção e (2) por não ter me falado que sua irmã também iria se apresentar hoje.

Dei um sorriso forçado, eu havia ficado sem-graça pelo que ele disse, não conseguia arrumar alguma desculpa boa o suficiente.

— Desculpa? – disse, entortando os lábios fazendo com que uma careta sem muito jeito

aparecesse em meu rosto.

Ele deu de ombros e terminou a bebida que estava em um copo na sua mão.

— Vou ir para frente, a banda da minha irmã vai ser a primeira a tocar, se quiser vir junto, fique a vontade, sem pressão – Ben tocou no meu ombro e sumiu na multidão, fiquei pensando e não vi mal algum em fazer companhia para ele, então o segui.

Um homem, na casa dos trinta anos, recepcionou o público, se apresentou como dono do lugar, fez o típico discurso de *sonho de empreendimento, planos futuros e agradecimentos*, chamando a primeira banda para tocar. Theresa chegou com um sorriso enorme no rosto, as meninas da banda entraram logo atrás, elas cumprimentaram a plateia e começaram a tocar.

A música delas era muito boa, Ben estava certo quando disse que era promissora. Tinha uma pegada Avril Lavigne no início da carreira. Comecei a pular e cantar os refrãos – eram fáceis de decorar –, Ben me acompanhava, estávamos nos divertindo, parecia que meus problemas tinham sumido, assim como os dele. Seis músicas depois, a banda disse que ia se despedir, mas que antes iria fazer uma homenagem para uma integrante-fundadora que havia falecido há pouco tempo.

Nesse momento, Ben ficou sério e seus olhos fixos no palco, minha atenção se dividia entre ele o que as meninas estavam fazendo. Um das meninas entrou no palco carregando uma faixa com o nome de Katherine, a data de nascimento e morte dela, as luzes do palco foram desligadas, quer dizer, não todas, somente ficou ligada a que iluminava Theresa e a da faixa. A garota começou a cantar, as pessoas ficavam emocionadas conforme a música era cantada *a cappella*.

*Prometi para mim mesma que seria forte,
Prometi para mim mesma que seguiria em frente.
Você sempre foi assim tão difícil,
Difícil de lidar,
Difícil de entender,
Difícil de ignorar,
Mais ainda difícil de esquecer.
Por que você se foi?
Por que me abandonou?
Sinto sua falta.*

A voz de Theresa começava a falhar, Ben havia cruzado os braços e seu maxilar havia trincado. Meu coração se contorcia dentro do peito, assim como meus lábios tentavam conter uma careta de choro.

*Ainda tenho medo
De você não aparecer em nossa porta
De você não voltar.*

Eu sinto medo.

A menina abaixou a cabeça e colocou uma mão no rosto se entregando ao choro, recebeu auxílio de uma das amigas da banda e as luzes do palco foram apagadas. Um pouco antes de isso acontecer, olhei para Ben, seu semblante estava indecifrável. Quando a luz voltou, o homem estava no palco novamente, porém, Ben havia sumido do meu lado, olhei em volta e não o encontrei. Fiquei com pena, mas não fui procurar por ele, talvez quisesse algum momento sozinho ou então foi até as meninas da banda para um abraço coletivo ou algo parecido.

Escutei chamarem pela banda da minha irmã, elas começaram um pouco tímidas, mas se soltaram a partir da segunda música, estavam muito melhores do que quando as escutava ensaiando, o clima delas fazia com que eu esquecesse por um pouco a triste cena que havia acabado de presenciar.

Quando Chloe me viu na platéia, acenou com a cabeça, ergui minha garrafa como resposta e dancei até elas saírem do palco. Cheguei a me perguntar onde estaria Bonnie, mas logo a imaginei a jovem senhora pulando, cantando e dançando ao lado palco, nos bastidores. Quem diria que minha irmã realmente se empenhou em algo e era boa nisso. Senti orgulho da pequena Fields.

Voltei para o bar, queria sentar um pouco para descansar. O *apresentador-proprietário-animador* disse que as apresentações fariam uma pausa, mas que logo retornariam. Balançava minha cabeça no ritmo da música eletrônica que o DJ tocava. Esperaria por Chloe ali, provavelmente ela demoraria mais do que as outras meninas, pois nossa mãe certamente a encheria de beijos, abraços e frases como “estou tão orgulhosa de você”. Terminei minha cerveja e vi um papel no balcão quando virei para pedir uma água, olhei em volta e ninguém mais parecia se importar com aquilo.

Estranhei, mas mesmo assim abri o papel.

BOOOMM



Capítulo 16

Andava de um lado para o outro nos bastidores daquele lugar. Já nem lembrava o nome de tão nervosa que estava. Bonnie havia ido embora de táxi, Chloe e suas amigas estavam assistindo o restante das apresentações e eu esperava por Emily. Por mais que o rostinho angelical se transformaria para algo de aparência assustadora quando eu contasse o que estava acontecendo, o pesadelo que vivia no momento era muito pior do que qualquer outra coisa.

Eu esbravejava e olhava feio para qualquer um que lançasse em minha direção qualquer tipo de olhar. Não encontrei mais o Ben e, sinceramente, não queria vê-lo. Decidi sentar em uma cadeira e afundei meu rosto em minhas mãos, eu sentia o caroço na garganta. A vontade de gritar. O desespero.

É, eu estava bem assustada.

Dei um pulo na cadeira quando senti uma mão em meu ombro. Era a segunda vez naquela mesma noite que isso acontecia, o nervosismo me atingia tanto que estava prestes a gritar com quem havia feito isso, mas quando percebi que era Emily, a minha reação foi levantar em um átimo e a abraçar. Fiz isso tão fortemente que consegui escutar sua dificuldade em respirar.

— Ok Sophie, – ela dizia tentando me afastar – eu entendi, – sua voz estava falha devido à falta de ar – agora por favor, Sophie.

Parei de abraçá-la, dei um passo para trás e cruzei meus braços. Eu estava inquieta e Emily percebeu que alguma coisa deu muito errado, ela pegou em meus braços e olhou nos meus olhos

— É o Josh? Você o encontrou aqui com alguém? Ele te encontrou aqui com alguém? Aquele moleque da sua irmã voltou? O que aconteceu?

Nada, três chutes e nenhum nem mesmo chegou perto. Não iria falar sobre o bilhete com ela ali naquele lugar cheio de gente. Já pensou se quem deixou para mim ainda está por aí me observando? Se aparentasse que contei para Emily, ele poderia, sei lá, mandar para ela também?

— Você veio de carro? – perguntei sem responder as perguntas que ela havia feito.

— Não, de ônibus. O que foi? – seu cenho estava franzido e o olhar preocupado, eu começava a me arrepender de ter decidido contar para ela, não consigo imaginar exatamente como Emily reagiria quando soubesse dos bilhetes.

Mas ela precisava saber. Alguém tinha que saber.

— Posso dormir na sua casa hoje?

As mãos de Emily que estavam em meus braços caíram e ela arqueou as sobrancelhas

— Pode – respondeu bem lentamente, como se estivesse desconfiando de algo.

Falei que só precisava deixar Chloe em casa e sai imediatamente para procurá-la. A verdade é que eu ainda estava tentando encontrar coragem para contar.

O que me fez sair desse meu oceano interno de preocupações, mesmo que por um curto período, foi Chloe, a menina estava tão feliz com sua apresentação e banda que não parava de falar. Sério. Dentro do carro ela deve ter contado e recontado todo o tempo entre o dia em que soube que iria se apresentar naquela casa de show e o momento em que ela desceu do palco. Emily e eu rimos nas vezes em que ela exagerava em gestos e palavras, e em quando ela descreveu como seria seu tratamento rockstar na escola. Coisa de adolescente sonhadora.

— Não vai descer? – ela perguntou quando reparou que eu não desci junto quando paramos em casa.

— Vou ficar na Emily – respondi com um pequeno sorriso no rosto para disfarçar como aquela pergunta simples desencadeou todo o grupo de pensamentos que eu havia conseguido bloquear até então.

— A mamãe não vai querer o carro?

— Só um dia não vai fazer muito mal. Agora vai – disse com minhas mãos mexendo no ar para que Chloe entrasse logo em casa.

— Nooossa, ok. Só não vou agradecer pela carona de hoje porque você sabe muito bem o que me fez passar, não é mesmo maninha? – Chloe disse bem provocativa e com um pingo de maldade.

Sorri falsamente enquanto fazia gestos com uma mão para que Emily ligasse logo o carro para que fossemos embora. Ela entendeu meu sinal e fez o que eu queria. Enquanto o carro afastava, conseguia ver pelo retrovisor Chloe balançando negativamente a cabeça e se virando para entrar em casa, isso fez com que eu finalmente recostasse no banco com um mínimo de conforto.

— Agora você pode falar? – Emily perguntou já impaciente. Era estranho ver aquela mulher com cara de menininha falando com você de maneira curta. Não ornava.

— Só quando estivermos sozinhas em seu quarto – afirmei sem espaço para que ela rebatesse.

O que restou para Moore foi apenas bufar e fazer em silêncio o trajeto até sua casa. Ela estacionou o carro na frente da garagem e pediu para que eu não fizesse barulho ao entrar, não sabia se seus pais já tinham ido dormir ou se estavam apenas assistindo televisão no quarto. Assenti e, com cuidado, andamos até o quarto dela. Quando vi a cama macia de Emily, não pude evitar e me joguei nela, já a minha amiga, pegou imediatamente meu braço e me puxou para sentar

— Agora vai, fala tudo.

Fiz uma careta que enrugou meu nariz enquanto Emily tinha uma que formava finas linhas ao lado de seus olhos. Respirei fundo e contei tudo desde o começo. Minha coleta de novas informações, minha ida até a polícia, inclusive contei também o motivo de Chloe ter agido daquela maneira quando nos despedimos. Falei sobre a profiler e meus desentendimentos com Josh. Hesitei na hora de contar sobre o encontro com Ben, porque

falar isso significaria falar sobre o bilhete também e Emily naquela altura já não estava acreditando no que eu havia feito até então. Mas sem muita alternativa, contei para ela sobre o primeiro bilhete e o segundo, que eu havia recebido há poucas horas.

Quando terminei de falar tudo, Emily não disse nada, apenas olhava pra mim de uma maneira incrédula, ela andava de um lado para o outro em seu quarto. Seus olhos estavam arregalados e os braços cruzados. Eu estava com medo do que poderia sair dela.

— Deixa eu ver esse bilhete – ela praticamente ordenou.

Retirei do meu bolso e estendi minha mão para ela pegar. Ela ficou encarando aquele pedaço de papel em que letras garrafais, retiradas de revistas, foram coladas. Emily me devolveu o bilhete como se um animal nojento estivesse nele, ela sentou na cama e colocou seu rosto entre as mãos, apesar de ela não chorar no momento, eu sabia que estava bem emocionada, passei meu braço nela, como se a estivesse envolvendo

— Você não vê que eu é que tenho que ficar te consolando, e não o contrário? – ela olhou para mim, seu rosto estava vermelho e sua voz embargada. Seu semblante transmitia o pavor que eu estava guardando para mim. Não soube o que responder para ela – Você sabe o que vou te falar, não é mesmo? – Emily perguntou quando percebeu que eu não falaria nada.

Ela estava me olhando fixamente, seu olhar parecia querer enxergar dentro de mim. Era como se aquilo não me deixasse fugir. Me senti intimidada.

— Eu devo mesmo contar para Josh?

— Se você deve? Sophie! Desde quando é idiota? Ele já deveria saber disso desde o momento que você recebeu o primeiro aviso! – sua voz estava completamente alterada, de choro passou para raiva e revolta.

Emily era muito sensível, isso a tornava volátil. Eu, por mais que também estivesse com medo, raiva e triste, não conseguia demonstrar isso. Era horrível.

— Mas e se não for o Maníaco? – tentei aliviar, mesmo sabendo que as chances disso se encontravam a zero.

Emily bufou e me fulminou com o olhar. Ela se levantou e olhou para a foto de sua família que estava na cômoda

— Obrigada por me fazer crescer em um lar onde a paciência é ensinada desde cedo. Onde o autodomínio é tido como uma das virtudes a ser cultivada. – ela voltou a olhar para mim – Maldita hora em que apoiei essa ideia de você investigar por conta própria, era para ser algo sem futuro, descompromissado! – Emily disse se sentindo muito culpada, se ajoelhou na minha frente e pegou uma das minhas mãos – E se algo realmente acontecer com você, Sophie? Eu não vou suportar a dor de ter sido sua *cúmplice* e não ter impedido logo no começo.

Comprimi os lábios e coloquei uma de minhas mãos em cima da dela, eu não tinha a mínima ideia do que falar, havia procurado ela porque não aguentava mais ter aquilo só para mim, precisa de alguém para dizer o que eu deveria fazer, mesmo estando tão claro.

— Calma, Ems. Não vai acontecer nada. Vou conversar com Josh, prometo.

Ela se levantou e me puxou junto

— Não acredito em você, vamos agora para a polícia, vou te levar para que realmente fale com ele.

Fiz uma careta que não alterou em nada os planos dela, tentei usar a desculpa dos pais dela, mas Emily permaneceu firme, dizendo que se eles derem falta dela, ela arranjará uma boa desculpa. Enquanto eu ouvia essas coisas, ela me puxava e me colocava dentro do carro. Não conversamos durante o trajeto, eu tentava formular maneiras de contar para Josh.

Ironia ele passar todo esse tempo tentando me proteger, fazendo com que nosso relacionamento quase desmoronasse, e mesmo assim comecei a receber os bilhetes por ter mexido com assunto que não era meu. Bom, cheguei a considerar que alguém da própria polícia deve ter deixado escapar meu nome, mas nem pensei por muito tempo essa ideia, eu estava absorta, imaginando como seria quando eu encontrasse com ele. Josh definitivamente não iria reagir bem, a ideia de que ele me colocaria em uma sala trancada com vários policiais cuidando parecia mais real a cada minuto que passava e mais próximas ficávamos do departamento de polícia.

Emily pigarreou alguma vez, certeza que ela queria saber no que tanto pensava, mas a ignorei. Não por maldade, mas é que eu realmente estava concentrada em meus pensamentos.

— Mesmo se achar que não irá conseguir hoje, pelo menos tente – ela parou o carro e segurou minha mão, parecia que estava lendo meus pensamentos.

Assenti com a cabeça e desci do carro. Andei sem-graça entre os policiais, alguns me cumprimentavam com um sorriso e eu apenas conseguia sorrir forçado de volta. Eu não estava me sentindo bem. Perguntei para um deles onde que Josh estava e ele se prontificou a chamar o Sanders para mim. Sentei em um banco, entre duas mulheres, uma delas mastigava chiclete de boca aberta, o que me fez fechar os olhos e respirar fundo, aquilo seria bem capaz de me fazer perder o equilíbrio que tanto estou me esforçando para manter.

Alguns minutos depois ele apareceu em minha frente, escutei meu nome e olhei para ele, não consegui fazer com que som algum saísse de minha boca. Josh estava com uma feição neutra, apenas com um leve ar interrogativo. Não é sempre que sua ex-namorada-na-verdade-estamos-dando-um-tempo aparece no meio da noite para falar com você, ainda mais com uma aparência tão destruída como a que eu não duvidava que estava.

— Josh – finalmente consegui falar, depois de ter passado um tempo apenas o encarando.

— Aconteceu alguma coisa?

Abri minha boca para falar, mas olhei para o lado, a mulher que marcava chiclete me olhou com cara de nojo. Me abracei e fiquei esfregando minhas mãos em meus braços, como se eu estivesse com frio, ele percebeu que eu estava desconfortável e perguntou se era melhor ir até a mesa dele, assenti e ele me ajudou a levantar, me amparado enquanto caminhávamos até o lugar. Tentei imaginar a impressão que estava passando para Josh no momento e não gostei do que visualizei. Eu não iria conseguir falar com ele, isso já estava certo. Sentei em uma cadeira e ele na dele

— Então? – me perguntou com preocupação, mas ao mesmo tempo analisava meu semblante em busca de alguma dica do que motivou para que eu estivesse ali.

Engoli seco. Pensei nele reagindo quando escutasse o que vim dizer, me olharia com indignação, mas também com medo e angústia. Por mais que não estejamos em um ótimo momento na nossa relação, sei que ele ainda gosta de mim tanto quanto ainda gosto dele. Ficava enjoada só de imaginar ele passando por más situações por causa de mim. Esse era o lado de negativo de se relacionar com alguém. Mas e se Josh já previa isso? Afinal, mesmo sem bancar a detetive, eu já estava estritamente ligada, tanto que me deram um telefone de emergência.

Não, não poderia arriscar.

Estava decidido: não contaria nada para ele.

Era isso.

Iria ver o que aconteceria mais para frente, se algo tornar sério demais, então Josh saberia o que eu estava passando.

— Já está melhor? – já que não iria contar nada para ele, deveria arranjar um assunto convincente para uma visita como essa.

E qual melhor assunto do que nossa última briga? A que fez com que nós déssemos um tempo na relação?

— Na medida do possível – ele respondeu sem emoção, mas consegui notar um resquício de mágoa em sua voz.

Seja por isso, seja por causa dos bilhetes, ou até mesmo tudo junto, senti uma lágrima surgir e logo descer, limpei-a rapidamente e balancei a cabeça, balbuciei um pedido de desculpas e levantei de supetão da cadeira. Josh não estava entendendo nada do que via e eu tampouco me dispus a explicar. Me despedi dele e saí correndo dali. Entrei quase como que um borrão no carro e comecei a chorar de verdade. Afundei meu rosto no ombro de Emily, que afagava minha cabeça enquanto dizia palavras para me confortar

— Eu não consegui, estava na frente dele e não consegui – minha voz estava falha e o rosto todo borrado e molhado, Emily me olhava com ternura e aquilo só fazia com que eu me odiasse mais ainda.

Não presto para nem mesmo contar a verdade para o Josh.

Estava completamente perdida.

Aqueles bilhetes mexeram com meu psicológico e a receita para isso era sair da cidade.

Isso, sair da cidade era a minha melhor decisão em dias.

Respirei fundo enquanto concentrava minhas forças na tarefa de conter o choro, me afastei de Emily e limpei o molhado do rosto com a barra da minha camisa

— Quero ir para casa – pedi entre uma fungada e outra.

Emily me olhou tristemente e ligou o carro enquanto assentia. Olhei para a porta do departamento no momento em que ela dava o balão para ir embora e vi Josh parado, olhando diretamente para o carro. Perguntei em pensamento se ele viu meu choro.

Esperava que não.

— Tem certeza que não quer que eu faça companhia?

— Eu estou melhor, pode ir, não quero arranjar problemas para você. Já bastam os que arranjo para mim – tentei rir, mas o falso humor não melhorou em nada o clima.

— Amanhã eu te ligo então – ela disse ao desligar o carro e abrir a porta para descer.

— Obrigada – agradei e passei para o lado do motorista.

Quando estava no meio do quintal, Emily se virou e mandou um beijo no ar para mim, fiz a mesma coisa e fiquei parada em frente sua casa até que a porta fosse fechada. Olhei para meu celular e vi o horário. Agora que eu havia melhorado, a ideia de voltar para casa me fazia ficar triste, não queria tão cedo encarar a parede com todas aquelas anotações e informações. Notei que tinha uma mensagem nele, provavelmente recebi enquanto estava no carro com Emily

*Foi parar em que lugar? Enfim, uma galera que foi
nas apresentações agora está no bar aqui perto.*

Te vejo lá?

Era Ben. Respirei fundo e por um breve segundo pensei sobre isso. Aconteceu tanta coisa que a apresentação das meninas parecia ser uma memória distante. Mas então decidi não usar outro segundo para pensar e fui para lá. Qual o melhor lugar para não se sentir sozinha com seus demônios atormentando, do que um bar com pessoas alegres e cheias de conversas? Em um pulo cheguei ao local. Mande uma mensagem perguntando em qual parte ele estava e facilmente o encontrei quando recebi a resposta.

— Voltei para onde estava com você e você não estava mais lá. Perguntei para algumas pessoas nos bastidores e elas me disseram que te viram ir embora com *mais duas outras garotas* – Ben disse, finalizando a frase com as exatas palavras que falaram para ele, pelo menos foi que entendi, segundo a mudança em sua voz que parecia imitar um segurança.

Sorri com a maneira que falou, se eu quis vir para o bar, iria fazer o máximo possível para aparentar que tudo estava bem.

— A banda da minha irmã se apresentou e eu fui embora com ela e uma amiga, só isso – respondi de uma maneira que ele entendesse que para a conversa fluir, esse era um assunto que não deveria ser tocado.

— Ela se apresentou logo após a de Katherine, né? Estava agradecendo minhas meninas enquanto a banda da sua irmã tocava. Dê meus parabéns para ela, são muito boas!

Chloe realmente era, as aulas com Patty a fez desenvolver muito bem.

Falando na professora...

— Ah, conversei com uma das meninas, não lembro o nome dela, mas me disse que Katherine as ajudou bastante nas aulas que tiveram com Patty. A professora de música é a mesma da minha irmã.

— Sério? Que coincidência! Não há como negar o dom daquela mulher. Consegue lapidar estrelas! – Ben disse, tomando um gole da cerveja em seguida.

— Vou pegar uma para mim. — levantei do banco alto e fui até o balcão — Uma cerveja — pedi.

— Olha, se não é a sumida Sophie Fields.

Arregalei meus olhos quando vi Louise com alguns copos de tequila vazios em sua frente.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei totalmente surpresa, ela estava totalmente imersa em seus estudos, tanto que fazia dias que não a via.

— Shhhhhh! — ela colocou seu dedo indicador em cima dos meus lábios — Hoje eu tive uma prova horrorosa e estou aqui para desestressar! De onde está vindo? — apontei para a mesa em que Ben estava — Uau! Que bonitão! Josh já é passado?

Puxei ar para negar o que ela estava achando, mas, quando percebi, Louise já havia pegado minha cerveja e me puxava até a mesa

— Olá sr. “amigo” — ela fez no ar o movimento de aspas — de Sophie. Prazer, sou Louise, o melhor tipo de amiga que a Fields aqui pode encontrar.

— Na verdade, a Emi-

— Shhhh! — Louise voltou a me interromper — Só me fale o nome dele.

— Ben — respondi com certa dificuldade devido ao dedo dela pressionar bastante meus lábios.

— Prazer, Louise — ele ergueu a garrafa em cumprimento.

Finalmente tirei o dedo dela de minha boca e disse

— Ele é meu amigo. Isso mesmo, sem aspas quando eu falo, viu? — eu falei gesticulando no ar com exagero.

Louise sentou no banco e sorriu

— Eu curso direito, entrei nesse semestre, e você? Faz o que?

Em poucos minutos me vi completamente excluída da conversa. Eles engataram uma sessão de perguntas e respostas onde em nenhum tópico Sophie Fields se encaixava como participante. Notei que não conseguiria interagir com nenhum dos dois e sai de fininho, apesar de que sei que nem mesmo se eu fizesse um alarde, os dois iriam prestar atenção.

Cheguei em casa e tomei um banho demorado, para lavar mesmo toda e qualquer sensação horrível que tive no dia. Enrolada na toalha e encarando a parede, coleí uma foto minha junto com as das vítimas, aquilo me deu um frio na espinha e uma falta de ar que nunca tinha sentido antes. Eu estava apavorada, mas não era certo negar o que estava diante de meus olhos. Colei também ao lado da foto os dois bilhetes que recebi, deitei em posição fetal na cama e fechei os olhos de maneira bem forte.

Queria contar até dez e não me ver junto com as vítimas, mas tudo o que consegui foi imaginar meu corpo sendo encontrado no pântano. Dei três socos na cama e decidi que era hora de me afastar de tudo isso. Quem sabe, se eu der um tempo, as coisas não se acalmam e magicamente eu não receba um terceiro bilhete do tipo “*desculpa, foi engano*”?

Mandei alguns e-mails e fui dormir, demorei muito, mas consegui.

Logo pela manhã arrastei Chloe de seu quarto até a cozinha, havia deixado um bilhete pedindo para que minha mãe desse uma passada em casa lá pelas oito horas da manhã e Bonnie havia aceito meu pedido, ela já estava na cozinha me esperando.

Chloe, que estava toda sonolenta e esfregando seus olhos com as costas das mãos, perguntou

— O que aconteceu pra você ter essa ousadia de me tirar do meu sono maravilhoso? Tem que ser tipo o maior anúncio do século.

— Não é o maior anúncio do século – *chegaria perto disso se eu fosse contar sobre os bilhetes*, pensei sarcástica. Assim que percebi o que passou pelo meu pensamento, sacudi a cabeça.

— Louca – Chloe sussurrou quase que de maneira inaudível.

— Escutei – reclamei.

— Parem vocês duas e fale logo Sophie, estou ficando nervosa – Bonnie disse com sua voz de mãe.

— Eu pensei muito bem e, devido a tudo o que está acontecendo comigo agora, – claro que omiti todo o drama do Maníaco – decidi passar uma semana em Tallahassee, onde vou encontrar com ex-colegas de sala, professores, enfim, ver o que posso fazer de útil.

— Já era tempo – Chloe murmurou, recebendo o apoio de nossa mãe.



Capítulo 17

A população novamente se une para cobrar da polícia investigações sobre o caso que está assustando a cidade. Corpos de duas jovens foram encontrados nessas últimas semanas e até o momento ninguém foi preso. Recebemos a notícia de que a DPFH se recusa a aceitar ajuda de outros departamentos, parece que eles insistem em deixar isso como algo local. Nós podemos ver, Liam, por favor, filme atrás de mim, então, nós podemos ver que há uma boa quantidade de pessoas protestando aqui em frente ao departamento. A polícia ainda não confirmou se esses dois casos estão ligados ao Maníaco do Pântano, mas segundo uma fonte interna, eles não descartam essa possibilidade, disse até que isso é com o que estão trabalhando. Se a câmera filmar ali na frente, é possível ver Patty Williams, a cidadã que é considerada uma das líderes do protesto.

Volto quando tiver mais notícias.

Rachel Rooney para o Forest Notícias.

— Cheguei! – escutei a televisão ser desligada bem no momento em que abri a porta.

Não avisei para minha mãe e irmã o horário que meu ônibus iria chegar, queria fazer essa surpresa de aparecer em casa. Essa última semana foi o que eu realmente estava precisando. Reencontrar amigos que ficaram na cidade e conversar com os professores que tanto me apoiaram foi a receita para que eu esquecesse, mesmo que por uma semana, o emaranhado que minha vida estava virando.

Acordar e saber que meu maior problema era decidir com quem iria tomar café da manhã não tinha preço. Mas um dia minha estadia em Tallahassee tinha que terminar, infelizmente. Não mantive muito contato com as pessoas de Forest Hill, tenho essa lei particular de que se estou em uma viagem de lazer, me desprendo de tudo o que me liga ao local que moro. Isso aconteceu muito na época da faculdade, não importava o lugar em que eu estava, o que era de Tallahassee ficava em Tallahassee. É uma ótima maneira de aproveitar por completo o descanso.

— Filha! – Bonnie veio me abraçar com uma força parecida com a que recebi quando terminei a faculdade e voltei para a cidade.

— Oi – Chloe disse, perto das escadas, segurando qualquer animação. Se estivesse sentindo alguma.

— Mas me conta, você deveria ter falado que horas ia chegar, a gente teria ido à rodoviária te pegar.

— E estragar a surpresa? – disse jocosa.

— Deixa disso, menina. Vamos, te ajudo com as malas.

O que Bonnie disse sobre me ajudar com as malas na realidade era algo mais próximo de pegar as duas malas para si e tentar subir as escadas sem ajuda alguma. Se tentasse

oferecer, ela começava a citar inúmeras coisas impossíveis que já fez na vida, nesses momentos ela nunca esquecia o quanto de escada já subiu e desceu enquanto carregava na barriga uma bebê de quatro quilos, atualmente mais conhecida como Chloe Fields.

Fomos até meu quarto e ela colocou em um canto minhas malas, logo pediu para que eu contasse tudo o que fiz nessa última semana, sorri, eu tinha algo muito importante para contar. Peguei na mão da minha mãe e disse que queria conversar com Chloe também, então em dois segundos estávamos as três na sala

— Ok, vocês devem saber que fui a museus, parques, bares, tudo o que já mandei fotos ao longo dos anos que estudei lá, então o que eu tenho a dizer é realmente importante.

— Conta logo, estou ansiosa aqui, você não pode fazer isso – Bonnie disse, fingindo chateação.

— Ok, ok. Então, conversei com alguns professores e um deles me disse que estão construindo um museu de arte, e isso melhora: ele disse que é um museu privado e que conhece a mulher que está organizando. Adivinha para quem foi oferecido um emprego?

Chloe disfarçou um sorriso e Bonnie arregalou os olhos, na verdade, foi mais do que isso, ela levantou do sofá e sentou ao meu lado, me abraçou e começou a encher meu rosto de beijos

— Mãe, – eu falava com um pouco de dificuldade – mãe, para – tentava afastar, mas era impossível, então comecei a rir, ainda mais quando escutei a gargalhada de Chloe.

— Estou tão orgulhosa – ela por fim parou e me abraçou.

— Ainda vai demorar algum tempo, – avisei – o prédio que vai ser o museu ainda está sendo construído, mas assim que estiver quase pronto, tenho que voltar para lá.

De repente, a felicidade que estampava o rosto de minha mãe se desfez e deu lugar a um semblante triste

— Ainda não tinha pensando nessa parte. Vou ter que ficar longe de você novamente, e dessa vez é em definitivo.

— Eu posso pegar um ônibus ou avião sempre que der – afirmei, tentando não deixar Bonnie naquele clima.

— Tallahassee fica longe, nós estamos quase no sul do estado, se na época de faculdade era difícil você vir, imagina quando trabalhar. Ficaria mais tranquila se fosse em Fort Myers, por exemplo.

— Então nós podemos nos encontrar no meio do caminho, fazendo sempre uma viagem em família pra Orlando, que tal?

— Escutei Disney? – Chloe surgiu de repente na conversa, ela estava tão quieta que até mesmo havia esquecido que estava por ali.

— Eu acho que falei parque da Universal. Não falei? – disse fingindo desentendimento e olhando de Chloe para Bonnie.

Como resposta, minha irmã jogou uma almofada em mim.

— Enfim, acho que isso é uma boa ideia – afirmei.

— É... Pode até ser. – minha mãe respondeu menos triste – Vou ao mercado agora, quer alguma coisa de lá?

— Eu vou – estranhamente Chloe respondeu antes mesmo da pergunta ser direcionada a ela, troquei olhares com minha mãe, que também percebeu isso, mas não falamos nada. Se Chloe queria ser social além de seu grupo de amigos, não iríamos questionar.

Esperei as duas saírem para subir correndo até meu quarto. Coloquei uma das malas em cima da cama e liguei o notebook. Enquanto ele não terminava o processo, comecei a retirar as roupas das malas e colocá-las em um canto da cama. Assim que escutei o barulho, minha atenção se voltou por completo para a tela. Abri o programa de vídeo e chamei por Emily, alguns toques depois e ela surgiu

— Sophie! Já está em casa? – ela disse empolgada.

Quis brincar com ela e olhei em volta, como se estivesse tentando reconhecer o local em que eu estava

— Acho que estou sim – o tom que utilizei era como se eu estivesse dizendo algo que acabara de descobrir.

— Idiota! – Emily disse no meio de uma risada – Mas me conta como foi!

— Foi bem legal, revi as pessoas que não mantive contato desde a formatura e recebi uma grande proposta de emprego...

— Como é? Que proposta? Vou ter que ver você voltar a ficar do outro lado do estado?

— Infelizmente sim, um museu de arte vai abrir daqui algum tempo e um dos meus professores me indicou para trabalhar lá.

— Ah que bacana! Estou muito feliz por você, Sophie – Emily disse com olhos de criança, o que fez com que eu quisesse imediatamente apertar aquelas bochechas.

— Obrigada, Ems! – agradei, mandando um beijo para ela – Só Chloe que fingiu não se importar.

— E ela, como está? Superou todo aquele drama com aquele menino? A banda recebeu alguma proposta de show?

— Parece que superou sim, nossas conversas infinitas deram resultados. Ela continua a típica adolescente, mas agora a gente vê que é fase dela mesmo e não alguma influência. Elas tocaram na escola semana passada.

— Agora que se desenvolveram, Chloe parou com as aulas?

— Parar com as aulas? Acho que isso não vai acontecer tão cedo. Ela viu que deu resultado e está mais empenhada que nunca!

Emily balançou a cabeça e ficou em silêncio por um tempo, a conhecia muito bem para saber que quando agia assim era porque tinha algo para falar e não sabia como. Rolei os olhos e suspirei

— Pode falar.

Ela arregalou os olhos

— Falar o que?

Dei um sorriso como se tivesse a pego no flagra

— Eu te conheço, Emily Moore, você quer perguntar algo.

Emily sorriu sem graça e perguntou

— Eu não queria entrar nesse assunto, já que parece fazer uma semana que você não pensa nisso, mas... você sabe por onde anda Sean?

Fiz um bico com aquela pergunta, eu realmente não pensava nisso há um bom tempo, muito menos em Sean, nem lembro quando foi a última vez que ouvi falar nele. Apenas lembro que a última vez que o vi ele estava acompanhado da última vítima. Como era mesmo o nome dela? Daniella. Isso mesmo, Daniella.

— Não faço ideia, não conversei sobre isso com a minha mãe, muito menos com Josh. Mas ouvi dizer que o intimaram, porém, não duvido nada que ele tenha voltado para o Japão ou para qualquer outra cidade que ele estava morando nesses últimos dois anos.

— Josh... – Emily disse pensativa.

— Josh – acompanhei sua maneira de falar.

— Ele conversou com você nessa semana em que esteve fora?

Mordisquei meu lábio inferior e suspirei

— Acho que ele nem sabe que viajei, foi bem de última hora minha decisão, você bem sabe. Quase não deixei meu celular ligado, sabe, aquilo de se desligar de tudo durante uma viagem.

— Aquilo de se desligar de tudo durante uma viagem – ela disse no mesmo tempo que eu. Escutei baterem na porta, rolei na cama e grunhi, não queria sair do quarto.

— Vai lá, preguiçosa. Depois eu passo aí na sua casa pra pegar minha lembrança de Tallahassee.

Ri com o que ela disse, já que não trouxe lembrança alguma de lá. Coisa que Emily iria descobrir somente quando chegasse aqui em casa. Desliguei a chamada e desci para atender a porta, mesmo que já não estivessem mais batendo nela. Olhei pelo olho mágico para ver quem era e vi Joe. Não somente ele, mas minha mãe havia chegado do mercado, Chloe não estava com ela. Mesmo sendo coisa de pessoa enxerida, também sou filha de Bonnie Fields, então fiquei escutando a conversa dos dois atrás da porta.

— Escuta, eu vim aqui me explicar – ele disse de maneira calma.

— Explicar o que? Você não tem que explicar nada para mim, apenas para a polícia e voltar para o Colorado – minha mãe falou em um tom como se não estivesse dando a mínima, mas eu sentia que ela estava incomodada com essa situação.

— Eu não nego que tenho um problema com minha ex-mulher, mas não sou o cara ruim que andam pintando por aí. Você sabe, você foi uma das poucas pessoas que me conheceram de verdade.

Minha mãe ficou em silêncio, eu estava morrendo de vontade de abrir aquela porta e

expulsar Joe da frente de casa, mas Bonnie era uma mulher bem crescida e sabia o que deveria fazer.

— Olha, Joe, está tudo muito conturbado na vida de todo mundo. Eu não quero mais problemas do que os que já estão sendo colocados na minha. Por favor, suma da minha vida e se resolva com a polícia.

Ele tentou convencer minha mãe do contrário, mas a matriarca Fields não o deixou falar mais uma única palavra

— Agora me deixe entrar na minha casa. E prefiro que você fique da calçada pra longe – Bonnie disse decidida e passando por Joe sem se deixar afetar.

Subi as escadas correndo e voltei a descer quando escutei a porta bater

— Mãe? – perguntei como se não soubesse que ela era quem entrou e muito menos que conversou com Joe.

Bonnie ficou em silêncio e foi direto para a cozinha, onde colocou as poucas compras no balcão e sentou no banco. Me aproximei, passei meu braço pelos seus ombros e beijei o topo de sua cabeça. Não perguntei e nem falei nada, muito menos ela. Se ela se perguntava se eu tinha ou não ouvido algo, não me importei, sabia o quanto Bonnie estava vulnerável nesse momento. Ela já estava considerando Joe como amigo da família, talvez até mesmo começando a sentir algo, daí emergiu da escuridão toda essa história dele com a família e sei lá mais o que a polícia tinha com ele.

Fui até a pia e fiz um chá para ela, revirei suas compras e vi um pacote de biscoito, abri e por um tempo nós duas tínhamos regredido nos meses e voltamos a ser apenas mãe e filha passando um tempo juntas, com Chloe na casa de alguma amiga que encontrou no caminho, sem nenhum outro problema maior.



— Aqui sua porção de frango frito – falei ao colocar a cesta no meio da mesa.

— Wow cara, valeu! – Thomas respondeu com olhos glutões em cima da carne cheia de molho apimentado, devorando não muito tempo depois de eu ter tirado minha mão dali – Mas continuando o que estávamos conversando, – ah, isso, Thomas e eu estávamos de folga e decidimos comer nessa lanchonete que é conhecida por seus frangos fritos. Um pouco antes de eu ir buscar a porção, começamos a conversar sobre o caso do Maníaco, acho que esse era basicamente o único assunto que pairava na polícia inteira – vocês não conseguiram fazer nenhuma outra ligação?

— Nenhuma, estamos presos – respondi passando minha mão nos cabelos, lembrar disso me deixa muito nervoso, é como se toda vez um grande letreiro em neon estivesse sendo jogado na minha cara. Doía muito.

— Sabe, eu que estou muito revoltado com isso tudo. Estive envolvido com a investigação do desaparecimento dessas duas meninas e não encontrei nada, daí as duas surgem da maneira que surgiram. Estou começando a duvidar do meu distintivo – Thomas já não mais olhava com gosto para aquela comida.

— Mas você nunca as encontraria, sabemos o quanto o Maníaco é metódico e cuidadoso, ele não deixa rastros, a partir do momento em que as meninas sumiram, era quase impossível encontrá-las.

— Mas era o meu trabalho, Josh, você sabe o quanto odeio quando essas porcarias saem do controle!

Thomas tinha um humor volátil, ele que há pouco tempo estava tão tranquilo, agora já era possível ver seu rosto ficar vermelho e uma veia saltar na lateral de sua testa. Foi então que lembrei o que meu pai disse há pouco tempo. Me ajeitei na cadeira e me posicionei de maneira que passasse confiança sobre o que estava prestes a falar

— Uma vez meu pai disse que isso acontece na vida de qualquer um que trabalha nesse ramo. Às vezes ganhamos, mas como também acontece de perder. Não temos controle de nada que está em nossa volta, o máximo que podemos fazer é evitar que algo aconteça e tentar remediar quando acontece.

— Zachary sempre foi tão inteligente, DPFH perdeu muito com a aposentadoria dele.

— Mas tem horas que até mesmo esqueço que ele não trabalha mais lá, do tanto que é chamado e que aparece por conta própria – falei tentando restabelecer o humor entre nós.

— Vamos deixar de lado essa angústia interna, – Thomas disse, voltando a comer o frango e falando como se até então ele não estivesse a ponto de explodir por causa de suas falhas – e Sophie? Falou com ela? É hoje que ela voltaria, não é?

Voltaria?

Arqueei uma das sobrancelhas, não havia entendido nada do que ele dissera

— Voltar de onde?

— Não estava sabendo? Ela passou a última semana em Tallahassee, foi aquela loira do cabelo curtinho que falou. Perguntei quando que Sophie iria voltar a fazer as entregas no departamento e ela me respondeu que não sabia, ainda mais com a menina viajando.

— Mas qual o motivo de você querer saber quando que Sophie iria voltar com as entregas?

— Para assistir de camarote e comendo alguns cookies quando vocês dois se esbarrarem. Um encontro desajeitado entre ex-namorados sempre é uma cena boa de assistir.

Eu não sabia exatamente como lidar com isso que acabei de escutar. Não sabia se começava a rir com a idiotice que Thomas acabara de falar ou se o corrigia, dizendo que ainda não éramos ex, apesar de não saber exatamente em que ponto estamos. Na dúvida, soltei um “*palhaço*” para ele e bebi o refrigerante.

Um homem, que aparentava estar na casa dos quarenta anos, estava passando no lado de fora da lanchonete quando nos viu pelo vidro e bateu nele. Thomas e eu olhamos na direção e acenamos com a cabeça, mas como não fosse suficiente, o homem entrou e foi até nossa mesa. Ele cheirava cerveja.

— Ei! Eu conheço você! – ele dizia de maneira embolada e apontava o dedo para mim – Você é aquele detetive que sempre está com a cara na televisão durante as filmagens do departamento feitas pelo jornal.

— Pois não? – perguntei atento a qualquer coisa que ele fizesse.

O homem riu a ponto de jogar sua cabeça para trás, isso atraiu alguns olhares para nós.

— Vocês são um bando de incompetentes! Querem fazer a cidade de boba, achando que conseguem esconder o quão incapazes são de protegê-la! – ele tomou um ar agressivo e de soslaio percebi Thomas pegar ar – Acho melhor vocês todos sumirem do mapa, não vão fazer uma maldita diferença!

— Escuta aqui, isso é desacato! Posso dar voz de prisão ao senhor! – Thomas se levantou e estufou o peito para cima do homem.

— Mas nem estão em serviço! Opa! Acho que não faz diferença, não é mesmo? – o homem riu sarcasticamente.

— Mas o desacato ocorreu em razão da função!

Levantei imediatamente e fiquei entre os dois. Olhei sério para o homem

— Se não quer ter um registro na polícia, é melhor o senhor voltar para casa e tomar um banho frio. Eu realmente não estou no ânimo de ter que repetir isso para o senhor.

O homem olhou com repulsa para nós dois e foi embora. Thomas me empurrou e socou a mesa da lanchonete

— Você é idiota ou se faz? Aquele homem acha que pode sair falando o que quiser para alguém da polícia?! – os olhos de Thomas estavam vorazes, ele havia saído do controle.

— Não vou discutir com você, mas aconselho também ir para casa e tomar um banho de água fria para se tranquilizar. Não faz sentido você descontar em um homem bêbado uma falha que é nossa.

Peguei minha carteira e joguei algumas cédulas em cima da mesa.

— Quando estiver mais tranquilo, volte a falar comigo.

Me virei para ir embora e, com os olhos, pedi desculpas para todos que estavam ali presentes que testemunharam o ocorrido. O máximo que eu poderia fazer para descarregar a tensão que se instalou em mim era me afundar no trabalho, pelo menos ali eu sentia que o alívio chegaria mais cedo ou mais tarde. Entrei no carro e telefonei para Eve

— Que – ela atendeu com uma voz arrastada, mas mesmo assim ríspida.

— Está fazendo o que na sua folga?

— Olhando para o teto – Eve respondeu categórica, sem espaço para rebater, então deixei comigo a opinião de que ela estava na realidade conversando ou pensando na mãe.

— Vamos para o departamento, precisamos recapitular tudo o que aconteceu até o momento para que algum detalhe que não prendeu nossa atenção, prenda agora.

— Você é bem inconveniente – afirmou.

— Como se eu fosse o único – retruquei.

Sentei em minha mesa e fiquei esperando por Eve durante mais quinze minutos. Até que a detetive apareceu, ela estava com terno e um coque na cabeça, seu andar duro mostrava o quanto não queria estar aqui.

— Eu trabalho igual uma condenada para cima e para baixo, e no meu dia de folga você me chama para cá?

— Não tente me enganar, Eve, sei que você está bem animada por rever o caso.

Ela ficou em silêncio, seus olhos me encaravam secamente. Eu tinha certeza de que ela estava pensando em maneiras de me matar – por saber muito bem que ela não achava de todo ruim estar aqui agora. Eve sentou na cadeira que ficava na frente da minha mesa e empilhou vários papéis em um canto dela, dando espaço para os do caso.

— Vamos fazer comigo conduzindo, então. – como de costume, ela estava sendo dominadora – Primeiro vamos falar das vítimas de agora.

Peguei um papel que estava na base da pilha e o puxei com cuidado, li e fiz um resumo em voz alta

— Katherine Rice, 18 anos. Estava terminando a escola e foi encontrada no pântano por Sophie Fields. – senti meu estômago embolar, em um segundo tudo o que havia acontecido naquela época passou na minha cabeça, mas mantive o profissionalismo e continuei – Tinha um diário com relatos de estar sendo perseguida e também falava sobre os bilhetes com BOOMM. Ela tinha um irmão mais velho e também participava de uma banda. Somente essas coisas que nós sabemos de relevante? – perguntei, colocando o papel separado na mesa.

— Ela tinha um ex-namorado, Jake Martin, mas o álibi do cara confere. E, se estamos procurando pelo Maníaco, ele definitivamente não é, já que estava viajando na época em que dois dos corpos foram encontrados. – Eve disse, se acomodando na cadeira e pegando o relatório da necropsia – Segundo Archibald, ela tinha umas marcas nos tornozelos, significando que a prenderam. Cortes e queimaduras feitos em vida, cada um totalizando vinte e cinco. *Causa mortis* foi asfixia e seu corpo foi posicionado para simular um autoestrangulamento, além de ter as fitas coloridas, o “x” na barriga e estar sem as

pálpebras. Exatamente o mesmo *modus operandi* do Maníaco do Pântano.

Arqueei as sobrancelhas e respirei fundo. Rever os casos trazia uma sensação tão ruim que eu poderia até mesmo apostar que Eve também sentia o mesmo. Pela maneira que estamos fazendo isso, não duvido que as outras seis vítimas sejam o assunto mais cedo ou mais tarde. Lidar com serial killer é uma prova de fogo para quem trabalha na polícia, trás um sentimento de incapacidade e miserabilidade que é impossível descrever. Os corpos vão aparecendo e a urgência de resolver o crime quase te enlouquece. Peguei outra folha, ela falava sobre a última vítima – até o momento.

— Daniella Enos, 26 anos, trabalhava na administração de uma logística. Tinha alguns desafetos, mas segundo nossas investigações, nenhum que seja culpado de sua morte. Passou exatamente pelo mesmo método de Katherine, inclusive com as mensagens BOOMM. Tinha uma melhor amiga, Nina, que estava viajando para se apresentar em um luau na época. Sophie Fields – e esse nome não para de aparecer – reconheceu a vítima, disse que poucos dias antes do corpo aparecer, ela a viu entrar na casa de Sean Lee.

— Não esqueça que a mensagem “BOOOOMMM! EU VOLTEI” estava próxima ao corpo quando foi encontrado – Eve disse.

— Nós temos dois suspeitos até o momento, correto? – assenti com a cabeça antes de fazer a pergunta.

— Sim, primeiro temos Joe Sherman, dono de mercearia e que recentemente a polícia do Colorado nos enviou informações sobre ele por causa de uma intimação. Tem um passado violento em que chegou a bater na então esposa devido ao abuso de bebidas alcoólicas. Foi ele que encontrou o corpo de Daniella. A minha teoria é de que ele matou essas meninas e “encontrou” – Eve fez aspas com os dedos – o corpo de uma delas para desviar nossa atenção dele. Mehra disse que serials killers recorrem muito ao álcool, então ele poderia já sentir essa vontade de matar desde o Colorado, por isso se embebedava, talvez não matou a esposa por (1) consideração pelo filho ou (2) ela não tem as mesmas características das outras meninas. Por isso foi embora do estado, para liberar essa vontade, matando aquelas meninas aqui na Flórida em 2013 e voltando a fazer isso agora.

Tinha muito sentido o que Eve dizia, Joe deveria mesmo permanecer na lista de suspeitos até que encontremos algo que o culpe ou comprove sua inocência, mas mesmo concordando, deveria falar algo para que nós tivéssemos a certeza de continuar considerando Joe como suspeito

— O nome dele não surgiu em 2013, não é?

— Não, assim como todos os outros nomes que chegamos a considerar.

Eve estava séria e muito atenta, ela não deixava a raiva transparecer, mas já tinha deixado claro para todo mundo que Joe não era alguém que caía no seu gosto.

— O outro suspeito que temos é Sean Lee, apesar de não encontrarmos nada que o incrimine em sua casa, ele não apareceu desde que o corpo de Daniella foi encontrado.

— Mas eles terminaram poucos dias antes, não?

— Terminaram, mas isso não o inocenta. Sean morava em Forest Hill na época do Massacre do Pântano, ele era casado e mudou-se um pouco antes do último corpo ser

encontrado, mas refizemos seus passos e descobrimos que ele estava na cidade por uma curta estadia para terminar de ver os detalhes das mudanças.

— Ele voltou um pouco antes de Katherine ser encontrada. Descobriram o paradeiro dele?

— Ainda não, ele é muito discreto e não gosta de usar cartão de crédito, coisas que o tornam bastante suspeito – esfreguei meus olhos e passei a mão na cabeça, procurar por pessoas e resolver quebra-cabeças eram as coisas que mais me atraíam no trabalho, mas tinha muita coisa passando pela minha cabeça, não conseguia manejar muito bem.

— Não Josh, não vamos por esse caminho de que ser discreto ou não é o que te torna um assassino. Os serials killers muitas vezes são pessoas agradáveis e que tem a capacidade de cativar outras. Lembra do caso de Ted Bundy? Ele era considerado uma pessoa sincera e comunicativa. Serials killers conseguem produzir essa máscara, não devemos nos deixar enganar – Eve afirmava com muita propriedade, me peguei olhando bobo pra ela, a Rickenter havia mesmo herdado a perspicácia de seus pais. Ao contrário de mim, que ainda me considerava um tolo se comparado com meu pai.

— Nós temos Sean e Joe, mas devemos procurar por mais pessoas, então. Onde está o documento que Mehra enviou?

— Aqui – após uma breve busca, Eve pegou o papel e me deu.

— Ela analisou bem o cenário e as condições em que as vítimas se encontravam. Ela é uma profiler melhor do que o que tivemos na época do Massacre do Pântano.

— Ela tem um jeito próprio, mas é muito competente. O que diz aí mesmo?

Olhei para Eve e sorri com o que ela disse. A detetive de comportamento estranho havia acabado de estranhar o comportamento de outra pessoa. Apesar de sentir vontade de rir, evitei, logo foquei naquela folha, não queria escutar alguma reclamação de Rickenter.

— O que mais poderia indicar o sexo do assassino seria o abuso nas vítimas, o que não encontramos em nenhuma das oito mulheres, apesar de que pela maneira raivosa em que elas foram tratadas, com os cortes e machucados, é possível afirmar que o Maníaco odeia o sexo feminino, mais especificamente o estereótipo de queridinha da América: bonita, rosto angelical, bem quista e loira. Devemos prestar atenção no número vinte e cinco, ele não é aleatório, representa algo. Bom, seguindo a linha “odeio estereótipo”, a retirada das pálpebras pode significar que ele deseja que o mundo veja que as pessoas não são como aparentam ser, ele quer que busquem as verdades, abram seus olhos e a falta de roupa mostra como as pessoas são desprotegidas. O “x” é usado comumente para indicar o alvo, pode-se aplicar nesse caso também, pois é como se mais um foi abatido. O Maníaco é alguém calmo, sagaz, que vê e dá importância nas significações das coisas.

— Que horror... – Eve sussurrou e eu não pude fazer nada além de concordar com a cabeça – E as mensagens para o departamento? – ela perguntou olhando para mim.

— Avisar que era ele mesmo quem causou a morte de Katherine e Daniella. Serials killers não gostam de ter seu trabalho creditado a outros.

— Realmente...

— Bom, temos que analisar as outras seis vítimas também, juntar todas e ver se elas têm

mais algo em comum do que apenas a aparência. Na idade, todas estão entre dezoito e vinte e nove anos, o Maníaco não vai fugir disso caso haja outra vítima – disse com uma voz pesadosa, mas nós tínhamos que encarar a verdade, enquanto não o encontrarmos, mais mulheres irão aparecer, um serial killer nunca para em definitivo por conta própria.

— Ele não vai parar até o pegarmos. – Eve disse em um tom mais baixo e olhando para o vazio, depois de alguns segundos sem falar mais nada, ela provavelmente deve ter percebido seu estado e voltou para o normal – Josh, você acha que foi o Maníaco o assassino do Robert?

Evitei fazer uma careta triste quando escutei a pergunta de Eve, ela ainda se recusava em chamá-lo de pai quando o nome dele aparece no caso. Eu tinha quase certeza de que Rickenter estava devastada com tudo isso, com essa história não esclarecida da morte de seu pai, mas turrone do jeito que era, não deixaria que outros enxergassem isso.

— Sinceridade? As chances são enormes. Mas o motivo ainda não é muito claro, talvez seja rancor pela investigação de 2013 – se fosse, eu teria que fazer Zachary viajar sem data de volta – ou então ele queria voltar a praticar suas atividades do pântano sem que houvesse alguém ali perto.

— Então devemos calcular um raio, o local em que o Maníaco se esconde não deve ficar muito longe.

Um oficial se aproximou da mesa e disse

— O capitão marcou de última hora uma coletiva, ainda bem que vocês estão aqui. Ela começa daqui duas horas.

Esfreguei minha testa e respirei fundo. Era só o que faltava. Vários jornalistas, um querendo fazer a melhor pergunta que o outro, mas todos querendo soltar o que acham e, de certa forma, diminuir a dedicação da polícia. Olhei para Eve e a vi aborrecida, tinha a sensação de que a qualquer hora ela iria se levantar e empurrar aquela cadeira para longe. O que acabamos fazendo, no final, não tinha qualquer ligação com isso, fomos até a sala do capitão, onde ele nos instruiu a como se comportar e o que deveríamos falar ou não.

Foi uma dura prova de paciência esperar pelo início da coletiva de imprensa. Ver os jornalistas chegando, procurando os melhores lugares para filmagens e fotografias faziam com que Eve e eu quiséssemos que o tempo passasse em um piscar de olhos. Apesar de estarmos preparados para que eles não nos massacrassem, se acontecesse isso nessa coletiva a população não se sentiria segura e entraria em alarde, podendo até mesmo querer fazer justiça com as próprias mãos. O que não era nem um pouco desejado por todos.

Quando todos já estavam em seus lugares, começaram a apresentação e agradecimento pela presença dos jornalistas. Em seguida, Eve, eu e o capitão entramos e sentamos na mesa especial para nós. Tinha microfones e copos de água. Senti minha mão suar de nervosismo, Eve estava comprimindo os lábios e evitando olhar para aquele grupo cheio de câmeras, gravadores, celulares e blocos de papel. Após a apresentação e uma fala do capitão, foi aberto para as perguntas dos jornalistas. Quem escolhia os participantes era o capitão.

— Você – ele disse, apontando para um homem de quarenta anos que usava um óculos

com armação grossa.

— Boa tarde, Travis McNeal e sou do canal 8. Gostaria de perguntar para os detetives do caso se a polícia já tem nomes de suspeitos.

— Em cima da minha mesa tem uma pilha cheia deles, – eu respondi – o que nós estamos fazendo agora é procurar qual é o certo.

— Você de terno branco – o capitão disse, interrompendo qualquer segunda pergunta que o repórter do canal 8 iria fazer.

— Rachel Rooney e sou do canal 4. Detetives, o nosso canal vem acompanhando essa investigação desde quando vazou a informação do primeiro corpo e, até o momento, não surgiu nem um nome forte. O que vocês têm a dizer sobre isso? É despreparo da polícia? Vai repetir agora o que aconteceu em 2013?

Olhei de soslaio para Eve e a vi fechar os punhos de tanta raiva que sentiu com essa tentativa de desmerecer o nosso trabalho. Puxei ela para perto de mim e sussurrei em seu ouvido

— Calma, o trabalho dela é esse. Deixa que eu falo.

Eve apenas olhou para mim e bebeu um gole enorme de água, tombou a cabeça para outro lado e entendi que era a minha deixa para falar, puxei minha cadeira mais para frente, a fim de me ajeitar e disse

— Rachel Rooney, certo? – ela assentiu com a cabeça – Em 2013 posso afirmar que houve mesmo certo despreparo da parte da polícia. Nunca antes na história da nossa cidade e na das vizinhas, aconteceu um caso de serial killer, tentar alcançar um exige muito e é isso que nós estamos fazendo agora. O DPFH está completamente focado em conseguir pegar o Maníaco antes que ele possa fazer mais outras seis vítimas. Estamos mais aptos hoje em dia, nossa visão mudou. Mas você também tem ideia de como estamos em situações totalmente diferentes? Quero dizer, a polícia e o Maníaco. Nós agimos sob pressão da mídia e da população, como por exemplo agora, em vez de caçarmos o criminoso, estamos gastando nosso tempo respondendo perguntas que vocês já têm a resposta. Sei que é um dever do jornalista e da população cobrar o que estamos fazendo, mas não posso negar o fato. Já o Maníaco, em sua cabeça pensa que não deve explicação a ninguém, por isso age da maneira que quer, no escuro, sozinho, ninguém sabe e ninguém vê. Isso torna nosso trabalho muito mais complicado.

O capitão olhou feio para mim, encolhi levemente os ombros, de uma maneira que somente ele entendesse meu pedido de desculpas por ter sido um pouco grosso com a repórter.

— A última pergunta, por favor. Você que está com essa caneta verde.

— Taissa Gardner, jornal Forest Time. Vocês poderiam dar mais algum detalhe do caso?

Dessa vez Eve tomou a frente e com seu jeito particular, respondeu

— Evitamos falar detalhes para evitar copiadores – balançou de cima para baixo a cabeça, se levantou e saiu.

Olhei para o capitão e ele acenou positivamente. Levantei para ir embora e aqueles

jornalistas começaram a falar um em cima do outro. Não conseguia entender nada, mas nem mesmo me esforcei. Tudo o que eu queria no momento era ficar no silêncio.



Capítulo 18

Emily terminou de comer o biscoito e se jogou na minha cama, fingi não perceber as desviadas de olhares que ela dava para a parede que estava cheia de informações do caso. Sentei em uma ponta e ela se esparramou, pegando um dos meus travesseiros para se abraçar

— Viu Josh na televisão? – Emily perguntou tentando soar despreocupada, mas a conhecia muito bem para saber que ela estava se corroendo por dentro, querendo saber o que eu pensava sobre o ocorrido.

— Vi sim – decidi ser curta para fazer com que ela deixasse mais aparente a curiosidade.

— E? – Emily correspondeu o que eu esperava.

Ela sentou e encostou as costas na cabeceira da cama, seus olhos estavam arregalados e fixos nos meus. Suspirei e coloquei minha cabeça apoiada em suas pernas, estiquei as minhas e senti o cafuné em minha cabeça, fechei os olhos

— Quando ele falou com aquela jornalista, Rooney, eu senti o quanto está sobrecarregado, exausto e decepcionado consigo mesmo.

— Você viu tudo isso? Só consegui perceber um detetive meio grosso.

— Eu conheço ele, né Emily. Sei que não agiu daquela maneira com a jornalista porque quis. Ele precisa de algo, alguma resolução na vida, não sei – involuntariamente defendi Josh enquanto ajeitava minha cabeça no colo de Emily.

— Hey, não dorme não! Nós estamos conversando! – Emily protestou quando percebeu minha intenção, a verdade é que me sentia mal quando conversava sobre esse assunto, então fazia o possível para não falar a respeito disso – Continuando, eu acho que você tem que falar com ele. Sabe-se lá o que pode acontecer com você. Estou falando sério, Sophie, você passou uma semana no outro lado do estado, mas agora você está aqui em Forest Hill, cidade em que recebeu dois malditos bilhetes. Se não falar com Josh, eu vou falar.

Levantei imediatamente e olhei para ela, um pouco assustada

— Você não ousaria!

— Isso aqui é sério, Sophie! – ela apontou para minha “investigação” – Você recebeu dois bilhetes, isso pode significar que o Maníaco-louco-pirado está atrás de você! Já viu alguma sobrevivente dele? Isso mesmo, não tem!

As palavras de Emily eram como patadas no meu rosto, elas doíam, mas se doíam era porque ela dizia a verdade. Uma verdade que eu teimava em não querer entender.

— Mas – tentei rebater, porém ela logo me cortou.

— Mas nada! Você viu ele falando que a polícia está mais preparada e, mesmo se não estivesse, eles são a polícia! É trabalho deles pelo menos tentar proteger! Além do mais, você entendeu tudo errado aquela minha história de pegar seu próprio cobertor.

Estreitei os olhos para o que Emily falou, mas não contradisse nada, pois lembro bem dela não ter aceitado a ideia no começo, mas agora era tarde demais para ficar falando de algo que já aconteceu. Me afastei dela e deitei na cama

— Ele vai enlouquecer. Isso era o que ele mais temia – virei para o lado dela e coloquei uma das minhas mãos em meu rosto, Emily a retirou e me fez olhar para ela

— Nem sempre temer algo significa que não vá acontecer em algum momento. Vocês dois tem que encarar isso. Ainda não está tão tarde, liga pra ele e combinem de se encontrar ainda hoje, não espere mais nada, eu te entendi quando não quis falar da última vez, ainda estava assustada, mas agora não há mais motivos para evitar falar – ela dizia com aquela voz que era impossível ignorar, coloquei minha cara no travesseiro e dei um grito abafado.

Mande uma mensagem para ele e, enquanto não era respondida, pensei em perguntar para Emily como estavam seus estudos, se estava confiante de que iria entrar em uma universidade no próximo semestre, mas parei para pensar e não iria ser um assunto muito apropriado depois de todo esse momento *você-foi-marcada-para-morrer*. Fechei os olhos e tentei cochilar, mas logo senti a mão de Emily em meu braço, ela dizia que ele respondeu a mensagem. Josh estava em sua casa, escreveu que estava livre e que poderíamos conversar, respondi que em alguns minutos chegaria lá.

— Você sabe que pode ficar o tempo que quiser por aqui – falei para Emily enquanto pegava uma jaqueta e os bilhetes.

— Vou sair junto com você, tenho que revisar uma matéria – ela levantou da cama e se despediu, reforçando que eu deveria falar mesmo com ele sobre os bilhetes.

Assenti e me despedi. Coloquei a jaqueta e passei no quarto de Chloe, ela estava escutando música e mexendo em seu celular, sei que mal ouviu o que falei sobre dar uma saída, mas concordou. Bonnie não estava em casa, provavelmente reuniu o *clubinho das mulheres* na casa de Margot para fofocar e falar sobre a coletiva de imprensa.

Assim como havia afirmado, em alguns minutos já estava batendo a porta de Josh. Ele atendeu meio sem jeito, estava com uma calça moletom e uma camiseta branca, uma mecha de cabelo caía entre seus olhos e essa visão fez meu mundo parar por um milésimo de segundo.

— Entre – ele disse, me fazendo voltar para a realidade.

— Licença – entrei e vi que continuava a mesma coisa desde a última vez que estive por ali.

A mesma coisa de verdade. Tenho certeza de que aquele casaco branco estava exatamente nessa poltrona e que o par de tênis estava no canto da sala, atrás do abajur. Organização da casa não era muito o forte de Josh, o que é um pouco estranho, visto o quanto é zeloso em seu trabalho. Ele me acompanhou até o sofá e perguntou se eu queria beber algo, recusei e agradei, Josh então foi até a cozinha e voltou com uma garrafa de cerveja para ele mesmo. Ele sentou na poltrona que ficava na frente do sofá e olhou para mim, esperando que eu comesse a falar o que tinha para dizer, mas ainda tentava encontrar a maneira certa de falar sobre isso.

— O que tenho para falar não é algo que deseja ouvir, – essa situação era muito estranha,

sabia o quanto ele estava chateado comigo, mas tudo o que eu queria era que voltássemos a ser o que éramos, mas também não seria possível, já que uma vez que algo foi quebrado, a marca sempre estará ali. Josh e eu não poderíamos voltar a ser aquele casal feliz que costumávamos ser. Tinha que aceitar que aquele em minha frente era Josh Sanders, detetive da DPFH, não o cara que eu namorava e que sem dúvidas ainda tinha sentimentos – mas sei que é o que devo fazer.

— Por favor, fale logo – seus olhos estavam inundados em preocupação, ele até mesmo havia esquecido de beber a cerveja, mil coisas devem passar pela cabeça dele no momento.

— Você sabe o quanto estou envolvida no caso, não é mesmo? Encontrei o primeiro corpo, vi a segunda vítima e tudo mais...

— Sim – o tom usado por ele era mais do tipo *fale logo, não sei mais o que de ruim posso imaginar*.

— Há algum tempo, deve ter umas duas ou três semanas, comecei a receber isso, – coloquei a mão no bolso de minha jaqueta, retirei os dois bilhetes e entreguei para Josh – na primeira vez alguém esbarrou em mim e deixou na minha roupa, já a segunda aconteceu na inauguração daquela casa de show, deixaram no balcão do bar, bem próximo de onde eu estava.

Josh colocou uma das mãos em frente a sua boca enquanto olhava os bilhetes, mas consegui ver seu maxilar trincar, ele não olhou em nenhum momento para mim. Me senti decepcionada comigo mesma, ainda não sabia se isso que estava acontecendo era minha culpa ou se eu já estava na lista do Maníaco.

— Foi por isso que decidi viajar para Tallahassee de última hora, queria saber se isso era alguém brincando comigo ou se eu estava imaginando demais. O Maníaco mandou bilhetes assim para as vítimas, não é? Ele mandou para o departamento também – lembrei da vez em que achei o papel com essa onomatopéia.

— Você deveria ter ido direto para a polícia, eu aqui em casa não posso fazer nada – Josh estava sério, mas eu sentia raiva e medo em sua voz.

O que ele estaria pensando nesse momento? Talvez estivesse me repreendendo, reclamando que havia pedido para eu ficar longe e na minha teimosia não o escutei. Talvez estivesse se repreendendo, praguejando que deveria ter solucionado esse mistério em 2013 ou então logo quando Katherine apareceu. Como também poderia ser os dois. Eu não fazia ideia.

— Mas confio em você, Josh. Eu queria que você soubesse primeiro – abaixei o olhar e encarei minhas mãos que não paravam de mexer.

— Mais alguém sabe sobre isso? – ele balançou os bilhetes no ar.

— Apenas Emily – decidi não dizer que foi ela quem praticamente havia me obrigado a falar com ele.

— Era isso o que você queria me contar quando foi ao departamento? – ele disse a frase em tom de pergunta, mas sabia que na realidade aquilo era uma afirmação, então não respondi.

Josh me devolveu os bilhetes e se levantou, andou de um lado para o outro e esfregou o rosto. Eu não sabia como ele ia agir, até agora estava errada em tudo o que pensei relacionado à sua reação. Ele não reclamou, não disse que havia pedido para eu ficar longe, nem nada. Josh estava se controlando perfeitamente bem, conseguiu esconder o que realmente estava querendo dizer. Isso me surpreendeu. Ele sentou ao meu lado e pegou minhas mãos

— Sophie, isso é muito sério. De verdade. Esses bilhetes vão além de qualquer aviso que eu já tenha dado para você. Quero que vá amanhã ao departamento e que procure por mim ou por Eve para que possamos tomar medidas para sua proteção e também para que tenhamos maiores informações de como você os recebeu, espero que consigamos encontrar quem está fazendo isso. – ele passou a mão no contorno no meu rosto e disse de maneira doce e protetora – Nós não vamos deixar que o terceiro bilhete te encontre.

Ouvindo isso, não me controlei e me joguei em seus braços, algumas lágrimas rolaram de meus olhos e o abracei fortemente

— Me desculpe, Josh. Eu não queria que nada disso estivesse acontecendo.

Ele me abraçou de volta e passou a mão em minha cabeça

— Eu também não, mas temos que nos focar em encontrar logo quem está fazendo isso.

Sem que eu pensasse, minha mão procurou a de Josh. Quando a entrelacei, senti seus músculos do braço se enrijecerem, foi então que percebi o que estava fazendo, rapidamente me afastei dele e sequei minhas lágrimas, murmurando mais um pedido de desculpas.

— Nós decidimos que seria melhor mantermos uma distância nesse sentido, lembra? – ele disse um pouco triste.

— Lembro, mas não foi por querer. – cocei minha cabeça e me levantei – Preciso ir agora – voltei a guardar os bilhetes no bolso e fechei mais a jaqueta, cruzando os braços em seguida.

— Mas você pode sempre vir falar comigo – ele se levantou também.

— Ok – disse baixinho e fui até a porta.

Abri e parei

— Amanhã eu apareço para fazer as coisas formalmente.

— Espero.

Olhei para ele por mais rápidos segundos e sai, fechando a porta. Parei por um instante e assustei quando escutei Josh socando a parede, levei minha mão até a boca para conter um choro e fui correndo até o carro. Não me ajeitei direito, apenas liguei o motor e fui correndo para casa.

Quando cheguei, já estava em meu normal. Bom, não completamente, minha cabeça pesava, mas nada que uma noite de descanso não melhorasse. Bonnie ainda não havia voltado e estava tudo escuro. Deixei as chaves em cima da mesa perto da porta e subi as escadas com cautela, estava estranhado tudo, Chloe deveria ter deixado acesa pelo menos as luzes da frente. Pela fresta da base da porta do quarto da minha irmã, pude ver que ela

estava trancada ali dentro. Alguma coisa havia acontecido, joguei minha cabeça para trás e estralei meu pescoço, era hora de esquecer tudo o que se passava comigo e dedicar minha atenção a ela. Me aproximei da porta e bati duas vezes

— Chloe? – perguntei com o rosto encostado na porta.

Sem resposta.

Bati mais duas vezes

— Chloe? Abra a porta, por favor.

Escutei ela destrancando e dei um curto passo para trás. Chloe me olhou, seu rosto estava inchado, olho vermelho e fungava muito. Fiquei preocupada e logo já estava dentro de seu quarto. Ela foi até a cama e abraçou um urso de pelúcia

— Não conte para mamãe – Chloe disse com a voz de choro.

Sentei ao seu lado e a abracei

— O que aconteceu?

Parece que hoje as filhas Fields tiraram a noite para se sentirem mal.

— Você promete? – ela insistiu.

— Prometo, claro – o que seria esse problema de Chloe em vista dos bilhetes que venho escondendo de Bonnie?

— Paul apareceu aqui, não deve nem ter cinco minutos que ele foi embora. – ela soluçava, fiquei aflita com o que aquele moleque poderia ter falado para ela. Apertei seu ombro no abraço, fazendo com que ela se sentisse segura para contar o que fosse preciso – Até hoje ele não aceita que eu o rejeitei. Na escola ele me deprecia na frente de seus amigos, veio aqui em casa dizendo que queria pedir desculpas. Deixei ele entrar e ficamos na sala conversando.

Percebendo que ela estava começando a controlar o choro, limpei as lágrimas que ainda estavam em sua bochecha.

— Ele falou um monte de coisa bonita, eu me esforçava para não ficar tentada em cair na lábia dele, mas Paul sabe como administrar as palavras. Ele se declarou pra mim, disse que eu não estava pensando direito quando terminei com ele, prometeu que ficaríamos juntos pra sempre. Daí sugeriu que nós fugíssemos. – Chloe olhou para mim, seus olhos estavam marejados, mas a menina não deixou que nenhuma outra lágrima caísse – Imediatamente recusei essa idiotice, lembrei de nosso pai e em como mamãe ficou arrasada quando ele foi embora com aquela outra mulher, não queria causar nela um sentimento parecido. Paul disse que não era para nunca mais eu olhar pra ele, gritou muita coisa que me machucou e saiu bravo.

Trouxe Chloe para mais perto de mim e beijei sua cabeça. As dores do primeiro amor sempre vêm e voltam, como que um sentimento tão bonito poderia fazer com que as pessoas se sintam tão infelizes?

— E o pior é que eu estava bem antes de hoje, sabe Sophie? Estava conseguindo seguir em frente, tinha conseguido encerrar esse assunto na minha vida. Daí ele aparece e faz

essa palhaçada!

— Garotos como Paul são dessa maneira, Chloe, infelizmente esse tipo de gente existe. O que você tem que fazer é se manter forte e firmar na decisão que tomou. Sabe muito bem que ele é uma péssima pessoa e que você mesma decidiu ficar longe dele, qualquer coisa que o garoto falar, apenas faça entrar em um ouvido e deixe que saia pelo outro. É difícil, eu sei, mas é necessário, você é muito incrível para deixar que alguém como ele te afete.

Chloe me abraçou e agradeceu por não a julgar e nem brigar por ter deixado Paul entrar. Pediu para que eu dormisse com ela naquela noite, já que se sentia muito sozinha. Claro que concordei. Mas antes, fui até meu quarto, coloquei os bilhetes no lugar em que estavam e troquei de roupa, voltei para o de Chloe e deitei na cama dela, a abracei e fiquei cantando até que ela pegasse no sono, como nos velhos tempos. O que ela não sabia é que esse nosso momento também estava me fazendo sentir melhor.

Quando acordei, Chloe já tinha se levantado, isso indicava que menos de oito da manhã não era. Esfreguei meus olhos e bocejei enquanto me espreguiçava, só de lembrar que deveria ir ao departamento falar sobre os bilhetes já me fazia rolar os olhos. Todo esse processo de sentar em uma cadeira e passar a hora – ou até mesmo horas – seguinte contando sobre algo já me fazia não querer sair da cama. Tomei banho e descii para comer algo. Fiquei pensando na minha irmã. Ela realmente precisava de alguma nova companhia. Pensei em todas as pessoas que conheço e somente uma ficava voltando todo momento em minha cabeça. Era a pessoa perfeita!

Louise Torv, a ex-nômade, a mulher que conseguiu superar seus demônios pessoais envolvendo drogas e bebidas e se tornou um ser humano melhor. Quem vê Louise dedicada na faculdade e dividindo tempo com o trabalho na padaria nem acreditaria na Louise das histórias da própria. Com certeza ela era a melhor companhia que Chloe poderia ter. Iria ser de grande ajuda, minha irmã conseguiria enxergar o potencial que tinha e assim evitar desperdiçá-lo com quem não merece. Liguei pra ela. Três toques e fui atendida

— Bom dia, Louise! Espero não atrapalhar seus estudos – na realidade, chutei isso. Não havia decorado o horário dela e nem sabia direito qual foi o acordo feito com minha mãe, então havia chances dela estar na padaria também.

— Bom dia, Sophie. Que isso, o professor não apareceu, então vim aqui na padaria ajudar Bonnie.

— Ah, que bom! – disse aliviada por não ter interrompido nada em relação aos estudos – Quero te pedir algo.

— Depois que conheci Ben através de você, a senhorita pode pedir tudo – ela disse e eu ri baixinho ao lembrar do dia do bar, quando Louise praticamente se apresentou sozinha para ele.

— Chloe não está passando por uma boa fase, ela precisa de amigos que possam ajudá-la e você é a melhor pessoa para isso.

— Fico agradecida por pensar dessa maneira, e claro que saio com ela. Sempre achei sua irmã fofinha demais, apesar de sempre andar com aquele rosto fechado – ela respondeu bem animada e isso me deixou contente.

— Obrigada, Louise! Vou passar o número dela para você, mas olha, ela não sabe que estou pedindo isso, ok? Marca alguma coisa como se tivesse partindo de você mesma.

— Tudo certo. Tenho que ir agora, beijos!

— Até depois! – me despedi, desliguei a chamada e logo mandei por mensagem o número de Chloe. Espero mesmo que isso dê certo.

Uma semana se passou e nada de relevante a polícia conseguiu com o que falei a respeito dos bilhetes. Aliás, eles ficaram com a polícia, disseram que agora faziam parte da investigação, de contra vontade tive que aceitar. Pedi para Josh me manter informada extraoficialmente, assim eu ficaria mais tranquila com tudo o que acontecia em minha volta, ele concordou, mas disse que me passaria somente o básico, nada muito profundo da investigação. Obviamente. Mas como não havia alternativas melhores, era sábio escolher ficar com essa.

As filmagens do dia em que recebi o primeiro bilhete não mostravam muita coisa, havia somente duas câmeras naquele ponto, então logo a polícia perdeu de vista a pessoa. As da casa de show não estavam funcionando no dia, parece que aconteceu um problema, não sei direito. Apenas sei que minhas descrições e as filmagens não ajudaram muito, Eve reforçou o uso do celular que havia me dado na outra vez, ela disse que basta estar ligado para que soubessem minha localização. Eu já andava com ele antes disso, mas agora com tudo o que andou acontecendo, se tornou um acessório indispensável.

Rolei na minha cama e encarei a parede com informações. Confesso que depois da viagem para Tallahassee não mexi muito com ela, eu estava com medo, não sei. Quer dizer, ainda tinha dúvidas se o Maníaco sabia que eu estava mais envolvida do que aparentava, andei lendo algumas histórias e percebi que na maioria delas o serial killer era alguém que tinha olhos e ouvidos em todos os lugares, só de lembrar isso uma onda fria passou por mim.

Estava começando a ser medrosa, mas quem que nessa situação não ficaria assim? Não suporto deixar algo inacabado, estava extremamente dividida entre largar tudo para me esconder nos cobertores, e continuar o que eu estava fazendo, afinal, não há como remediar quando o estrago já estava feito.

Fiquei de joelho na cama e me aproximei da parede, ali estava tudo o que havia conseguido até agora: o *modus operandi* do serial killer, o nome e resumo da vida das seis vítimas de 2013, minha dúvida em relação ao número vinte e cinco, as coisas que a profiler escreveu naquele relatório, tinha também informações sobre as duas últimas vítimas, delas eu sabia um pouco mais, Katherine estava terminando a escola, tinha um irmão mais velho e participava de uma banda, banda essa que continuou após sua morte e que lhe prestou uma linda homenagem na inauguração da casa de show. Daniella teve um *affair* com Sean, o vizinho que sumiu. Minha cabeça doía quando tentava ligar todas essas vítimas, além da aparência eu não conseguia encontrar o que elas tinham em comum. O que nós temos em comum. Às vezes a resposta está bem na sua frente, mas você simplesmente não consegue ver a tempo, só quando é tarde demais. E se tinha uma coisa que eu não queria, essa era descobrir quando não houvesse mais jeito.

Mas pelo menos algo deu certo nesses últimos dias, a amizade de Chloe e Louise parece que finalmente está engatinhando. Não vi mais minha irmã triste, aliás, ela anda até mesmo mais sorridente, isso foi o que fez com que meus pensamentos se tornassem um

tanto mais leve.

Prestes a me render a mais um dia sem a mínima ideia do que fazer com minha vida no momento, se eu abraçava o risco ou corria dele, escutei Chloe gritando para que eu abrisse a porta. Ela não poderia fazer isso, já que estava no meio de uma aula com Patty. Tenho que admitir que Chloe estava indo muito bem, sua evolução deve ser parabenizada. Desci a escada e abri a porta, era Louise. Mal me viu e já se jogou em cima de mim com um abraço, apesar de não entender o motivo, a abracei também, somente quando nos soltamos é que ela se explicou

— Isso é para te mostrar o quanto estou feliz! – ela dizia bem humorada.

— Sério? – fiz um gesto para que fossemos até a sala, sentamos no sofá.

— Sim! Sophie, vir para Forest Hill foi a melhor decisão que já tomei na minha vida! Estou limpa, sua mãe acreditou em mim quando me deu o emprego na padaria, tive a oportunidade de conhecer a família maravilhosa dela, entrei na faculdade de direito e, de quebra, tenho quase certeza de que Ben e eu estamos sérios – conforme ela relatava a mudança de vida, sua voz ia embargando e os olhos marejaram de felicidade, senti meu coração pular de alegria, sabia o quanto ela havia crescido como pessoa, mas escutar isso da própria Louise era outro sentimento, era uma alegria tremenda.

— Não tem ideia do quanto sinto orgulho de você, Louise. Você é uma pessoa muito especial.

— Ah Sophie, para! – ela não se aguentou e foi até mim para novamente dar um abraço.

Chloe interrompeu com um pigarro

— Não se preocupe, Chloe, se quiser tem abraço pra você também – Louise disse, fingindo que ia até ela para abraçá-la.

— O departamento de abraços e momentos melosos fica bem ali – Chloe disse apontando o dedo para minha direção.

Fingi que fiquei indignada com o que ela falou e me levantei do sofá, caminhei até a divisão da sala com o pequeno hall da entrada

— Com licença, então – disse soando afetada.

Mas não fui embora, fiquei espiando as três conversarem na sala. Chloe e Louise estavam se dando super bem, até Patty participava dos assuntos. Por um momento desejei que tudo fosse tão simples quanto isso que eu assistia. Seria tão melhor se a única preocupação fosse contar uma história interessante ou uma piada engraçada. Fechei os olhos e respirei fundo, eu ainda tinha que decidir o que faria com a investigação amadora.



Capítulo 19

BENRICE: Sophie?

FEE-FEE: Oi

BENRICE: O celular de Louise estragou?

FEE-FEE: Não sei, por quê?

BENRICE: Tem alguns dias que quero falar com ela, mas não atende. Fui até mesmo à padaria, mas sua mãe disse que ela pediu alguns dias de folga. Não faço ideia em que lugar ela pode estar.

FEE-FEE: Ah, verdade, minha mãe disse mesmo que ela pediu alguns dias de folga. Fica tranquilo, ela já deve voltar.

BENRICE: Sophie, eu fico inquieto quando penso onde que ela pode estar. Estou muito preocupado, ela não deu um sinal sequer. Você era mais amiga dela, sabe pra onde ela pode ter ido?

Roí minha unha quando li o que Ben havia escrito, ele queria mesmo saber onde que Louise estava e esse sumiço dela começava a me incomodar também.

FEE-FEE: Preciso ir agora, chegou visita em casa. Mas vou procurar saber e te falo assim que tiver algo.

BENRICE: Ok, irei esperar.

FEE-FEE se desconectou

Abaixei a tela do notebook e peguei meu celular. Realmente, Louise não estava atendendo, caiu na caixa-postal nas quatro vezes que tentei. E, parando para pensar agora, eu não tinha escutado nada sobre ela nessas duas últimas semanas. Nem mesmo Chloe comentou alguma coisa. Franzi o cenho e senti um tremelique passar pelo meu corpo.

Desci para a cozinha e vi que era Margot que havia chegado. Cumprimentei e fui até minha mãe perguntar sobre Louise

— Mãe, você sabe que dia Louise volta?

Ela parou e encostou na bancada, colocando o pano de prato em um dos ombros. Olhou para o nada por alguns instantes, deveria estar fazendo as contas.

— Olha, Sophie, ela me pediu dez dias de folga.

Passei uma mão pela cabeça em preocupação

— Ela não dá notícias há quinze dias – disse de maneira bem séria.

Margot, que até então estava com sua atenção em um punhado de amendoins, falou

— Vai ver ela quis alongar a estadia onde quer que esteja. Ou então quis voltar para

antigos hábitos.

Respirei profundamente quando escutei ela falar aquilo. Louise *não queria voltar para antigos hábitos*, na última conversa que tivemos, que foi aqui em casa, ela disse que estava muito feliz com o que conseguiu conquistar, ela não iria abandonar tudo e voltar a viver da maneira que antes. Minha mãe foi mais rápida que eu e rebateu o que Margot falou

— Claro que não, Margot! Aquela menina é ouro, fiz certo dando o voto de confiança. Ela é determinada e forte, alguma coisa aconteceu para ela não ter voltado até hoje, menos isso.

— Não está mais aqui quem falou – Margot levantou os braços, da maneira como se estivesse se livrando da culpa, quando percebeu que falou bobeira e voltou a prestar atenção nos amendoins.

— Você já ligou pra ela? – Bonnie se virou para mim.

— Já, quatro vezes. Até Ben ligou, mas não recebeu resposta. – escutamos batidas na porta e Chloe, que estava na sala, disse que atenderia – Chloe não falou nada?

— Nada.

Chloe entrou na cozinha, seguida por Patty.

— Hoje tem aula? – Margot perguntou.

— Oficialmente não, mas Patty não pôde dar no dia, então vamos repor. Afinal, com o quanto gasto com isso tenho que ter todas as aulas – o humor ácido de Chloe logo se mostrou presente, segurei uma risada com sua fala.

— Chloe – a chamei antes que sumisse para a aula.

— Que foi? – ela se virou para mim.

— Tem falado com Louise?

— Não, falei somente uns dois dias depois que ela pegou as folgas e depois nem mesmo deu tempo de eu conversar com ela. Época de provas, show com a banda, essas coisas. Por que quer saber?

Eu definitivamente não queria criar ideias na cabeça dos outros enquanto não soubesse o que realmente estava acontecendo, então me esforcei para soar despreocupada

— Nada não, Ben perguntou por ela, só isso.

— Ah – ela disse, se virando logo em seguida.

— Parabéns pelo protesto, ele fez com que a polícia chamasse os jornalistas para a coletiva – Margot gritou para Patty enquanto a instrutora saía atrás de Chloe.

— Também acho que eles deram aquela coletiva de imprensa por causa do protesto – minha mãe disse, voltando a ficar perto da bancada.

— Ok, vamos voltar a falar de Louise, – eu não estava no humor para ficar revendo Josh na minha cabeça – você sabe se alguém foi até o apartamento dela? – perguntei olhando para Bonnie, ela piscou duas vezes seguidas e puxou o pano de prato do ombro

— Não – respondeu.

Assenti com a cabeça e comecei a ficar preocupada, de verdade.

— Vou pra lá – avisei, indo direto para onde a chave do carro estava.

Ficava tensa a cada quadra que o carro passava, apertava minhas mãos no volante e, quando parava para pensar, não sabia ao certo o motivo de estar tão apreensiva. Louise estava cinco dias “atrasada”? Estava. Mas e o que isso tem de anormal? Ela poderia ter espichado sua estadia. Não atendia o celular? Bom, eu também não ficava grudada nele quando viajava. Meu medo poderia muito bem ter se misturado com essa situação, Sophie, vamos manter a calma.

Estacionei na frente do prédio e preendi meu cabelo em um coque, tentativa para enrolar o que quer que eu fosse descobrir quando batesse na porta de Louise. Subi até o terceiro andar e bati na porta. Ninguém atendeu.

— Louise? – chamei enquanto batia pela segunda vez. Ninguém atendeu.

Olhei para os lados e decidi perguntar para um vizinho. Bati na porta que ficava ao lado e um homem na casa dos cinquenta anos com uma xícara de chá na mão atendeu

— Que foi? – ele disse ríspido, coçando sua barba falha e por fazer.

— Olá, – ignorei a maneira com que ele falou comigo – você conhece a moça que mora aqui ao lado?

— A loirinha que estava deixando o cabelo crescer? Sei sim, moça simpática, mas quase não parava aí. – o homem olhou para fora, na direção da porta do apartamento de Louise – Parece que ela não parava em casa por ter que se dividir entre trabalho e faculdade, já que ela sempre estava com uns livros na mão e com um uniforme.

— Ela não apareceu nos últimos dias? – perguntei na esperança dele não falar nada de estranho.

— Olha... – ele deu uma longa pausa – Tem um tempo já que ela entrou aí e não saiu mais. Esses dias atrás escutei uns barulhos vindo do corredor, mas como era no meio da noite e eu não confio nesse bairro, nem me arrisquei pra saber o que era – o senhor tomou um gole do chá, seus olhos deixaram de ser desconfiados e passaram a não demonstrar emoção.

— Nem pelo olho mágico? – perguntei descrente.

— Minha filha, a senhorita acha mesmo que vou arriscar ficar perto da porta?

Esfreguei minha testa com a falta de atitude do homem e bufei

— E os outros vizinhos?

— Os outros dois apartamentos estão vazios, a situação está complicada aqui, o senhorio está pensando em vender o prédio.

Fiz um bico e agradei o homem, ele meneou a cabeça e se virou, fechando a porta. Comecei a andar pelo corredor, coloquei minhas mãos na cintura e andei de um lado para o outro. Ultrapassei qualquer limite de tensão e preocupação que eu tinha até então, eu deveria reportar para a polícia o desaparecimento de Louise. E torcer para que ela apareça

logo.

Fiz plantão em torno do meu celular durante esses últimos cinco dias. Quando fui ao departamento falar sobre o desaparecimento de Louise, encontrei Josh e expliquei a situação para ele, praticamente o obriguei a me ligar quando surgisse alguma notícia dela.

Durante esses dias foi impossível manter a naturalidade para Chloe. Logo quando cheguei em casa contei para minha mãe o que aquele senhor havia me dito e ela, assim como eu, ficou extremamente preocupada, Chloe percebeu nosso comportamento estranho e tivemos que contar para ela tudo o que sabíamos. Pior do que ter que aguentar minha própria tensão, tive que lidar com a tristeza de minha irmã. Essa incerteza do que aconteceu com Louise era agonizante.

Ela ia e voltava da escola em silêncio, mas nós sabíamos que era um silêncio diferente, não era o mesmo de quando estava mudando negativamente o comportamento, aquilo que Chloe estava passando era mais como um estado de preparação para qualquer notícia que venha.

Eu me esforçava demais para não pensar no pior, mas a cada dia que passava sem alguma notícia de Louise, era difícil não fazer isso. Bonnie contratou uma pessoa temporária para ficar no lugar de Torv, já que ainda tinha esperança dela voltar.

Finalmente o celular tocou com o nome de Josh no identificador. Peguei uma vez e o soltei como se estivesse recebido um choque. Peguei pela segunda vez e fiquei encarando a tela. Meu estômago estava revirando de nervosismo. Para não amarelar novamente, arrastei de uma vez o ícone que atendia chamada, levei até minha orelha

— Sophie? – Josh estava usando aquela voz costumeira de trabalho.

Engoli seco.

— O-Oi Josh – gaguejei um pouco, ele não soava nem um pouco animador, estava sério.

Ele demorou um pouco para me responder, escutei barulho de folhas, ele deveria estar andando. Automaticamente levei minha mão até a boca e senti que não sabia mais como respirar. Imediatamente soube de que lugar ele estava fazendo aquela ligação.

— Você pediu para que eu te repassasse informações extraoficiais, estou fazendo isso só porque é *você* – ele frisou bem a palavra – que me pediu. – acho que ele pausou para que eu falasse algo, mas eu sentia um bolo na minha garganta que evitava que qualquer palavra saísse, então continuou – Acabamos de receber uma chamada de um corpo encontrado no pântano. – eu estava mal, mas também conseguia sentir o quanto Josh estava se achando um fracasso – E é ela, Sophie, nós encontramos o corpo de Louise.

— Não, não, não! – comecei a chorar assim que Josh disse aquilo, era como se eu já estivesse chorando por dentro e apenas estava esperando as palavras certas para externalizar.

Encostei na parede e me deixei escorregar até o chão, escutei Josh me chamar algumas vezes, mas eu ainda não estava pronta para respondê-lo. Afundei meu rosto no meio das minhas pernas e chorei de soluçar. Em poucos minutos Chloe estava em minha frente, ela perguntava o que havia acontecido, mas eu não conseguia sair daquele estado para falar algo, então apenas mostrei o visor do celular e ela entendeu na hora.

Chloe colocou as costas da mão em seu nariz, como se estivesse impedindo de sentir aquela notícia, ela fechou os olhos fortemente e tentou em vão engolir o choro. Alguns segundos depois e minha irmã também estava chorando como eu.

— Desculpa Josh, não vou conseguir continuar a falar – desliguei o telefone e fui abraçar Chloe.



Se tem como alguém se sentir mais fracassado e inútil do que eu estou me sentindo no momento, eu afirmaria na cara dessa pessoa que ela estava muito enganada. Não conseguia acreditar que um terceiro corpo foi encontrado. Não conseguia acreditar que havia sido uma amiga de Sophie. Não conseguia acreditar no quanto eu estava com repulsa de mim mesmo.

Enfiei de qualquer jeito o celular no bolso da calça e voltei até o lugar em que Eve e alguns policiais forenses estavam. Eles tiravam fotos, Archibald analisava o corpo e nós, os detetives, encarávamos Louise como mais uma falha nossa.

O cabelo da vítima estava sujo, ele batia no meio das orelhas e era possível notar terra nele, provavelmente o Maníaco deixou cair o corpo enquanto o posicionava. Ela estava sentada em um toco de árvore, a mesma posição das mãos – agarradas ao pescoço –, fitas coloridas, falta das pálpebras, tudo como os outros oito corpos.

Agora eram nove.

Nove corpos.

Aquela porcaria de Maníaco iria sentir a justiça agindo sem nem mesmo ter tempo para perceber o que estava acontecendo com ele.

— Ela deve estar aqui há pelo menos dois dias. – Archibald disse ao se levantar e caminhar até Eve e eu – Não preciso repetir nada, não é mesmo?

— Não – Eve respondeu secamente e foi até o corpo.

— Detetive Sanders, não sei até quando o capitão vai negar ajuda, mas se não for resolvido logo, isso pode ser o fim para a carreira de todos vocês. Não quero parecer insensível, mas já são nove corpos – o tom de cansado era usado pelo legista, ele bateu duas vezes no meu ombro e se afastou.

Fiquei parado ali pensando no que ele disse. Archibald estava completamente certo. Não resolver o caso era um problema tanto para o meu psicológico como para minha carreira. Apesar de ter outros detetives e policiais trabalhando no caso, Eve e eu éramos os responsáveis por ele, eram nossas carreiras em jogo.

Me sentia como um apostador que estava entre a falência emocional e o orgulho de sua competência. Cruzei os braços e deixei que o mundo funcionasse em seu tempo, enquanto eu ficasse recluso no meu próprio, mesmo que se fosse por um pouco.

Eu estava em um dos piores momentos da minha carreira, mas também não conseguia parar de pensar em Sophie. Louise era amiga dela. Sophie recebeu dois avisos do Maníaco. Nesse momento estava desejando a possibilidade de colocá-la em um pote de vidro e carregar comigo durante todo momento, assim saberia que ela estava segura e que psicopata algum a colocaria em perigo.

— Josh? Josh? – Eve estalava os dedos na minha frente, fazendo com que eu voltasse a prestar atenção – Eles estão levando o corpo agora. Archibald vai fazer a necropsia e preciso que chame algum parente da vítima para fazer o reconhecimento.

Assenti e fiz o caminho até o carro, pedi para que Eve dirigisse, eu não conseguiria ficar focado na estrada.

— E eles não encontraram nada na área, assim como nos outros. — Eve falava, mas para mim era apenas um barulho, uma voz ao fundo, eu não estava prestando atenção — Nós vamos até a casa da vítima procurar por pistas e — eu deixei minha visão se perder na estrada — Josh? — Eve estava me chamando? Não consegui entender — Josh? — olhei para ela e a detetive estacionou o carro no acostamento.

Ela retirou o cinto de segurança e se virou para mim, moveu minha cabeça para que eu olhasse para ela

— Eu estava com você quando Sophie foi registrar o desaparecimento da vítima. Eu consegui perceber o quanto a garota se importava. E o mais importante: eu sei que Sophie recebeu os bilhetes do Maníaco. Eu posso ser essa pessoa dura e grossa, coisa que não me importo porcaria alguma, mas não sou tão fria ou insensível, eu *sei* o perigo que a Fields corre, eu *sei* que você está se sentindo em uma corrida contra o tempo. Eu tenho minhas ansiedades também, eu quero as respostas para minhas perguntas, mas enquanto não descobrimos, temos que encontrar nosso equilíbrio, Josh, ele é essencial para mantermos a sanidade.

Bufei e joguei por três vezes minha cabeça no encosto do banco. Passei as mãos em meu rosto e organizei meu pensamento.

— O Maníaco deve estar dando gargalhadas por aí, assistindo com pipoca a nossa incompetência, nossos caminhos que dão em becos sem saída. Essa pessoa é um gênio do mal. Um psicopata, insano. Onde que ele está nesse exato momento? Observando a próxima vítima? Sophie? Ou outra garota da cidade? Se vangloriando?

— Onde ele está não importa, já que não conseguimos adivinhar para evitar as tragédias. Onde nós estamos e onde nós queremos chegar é que conta, Josh — Eve estava muito segura no que dizia, era verdade o que saía dela.

— Você está certa, — abaixei a cabeça e a balancei levemente — tenho que voltar a ser o detetive centrado, algo que eu estava sendo até agora, mas isso que acabou de acontecer fez com que eu saísse do controle.

E não era exagero, enquanto trabalhava no caso, eu estava completamente mergulhado nele, nas vezes em que encontrei com Sophie, permaneci o mais longe possível de qualquer sentimento que pudesse interferir na investigação. Por mais que eu odiasse admitir, ela estava muito envolvida com o caso e também insistia em querer ficar mais no meio ainda, então manter essa distância me fazia sentir menos pressão. Se é que é possível sentir menos pressão no caso Massacre do Pântano.

— Vamos, temos um apartamento para vasculhar — falei para Eve, já sentindo o controle voltar.

Ela ficou me encarando por mais alguns segundos até ter a certeza do que eu havia dito, voltou a sentar direito no banco, colocou o cinto e ligou o carro. Mais um ciclo começou.



Capítulo 20

Olhei para o lado e Bonnie estava abraçando Chloe, minha irmã encostou a cabeça no ombro dela e fechou os olhos, já minha mãe passava sua mão no braço da filha de maneira delicada. O clima era pesado. Eu estava envolta em meus braços, esperávamos alguém nos chamar para reconhecer o corpo de Louise, tudo mera formalidade, visto que Josh a reconheceu no local em que fora encontrada. Ainda estávamos absorvendo a informação, tínhamos a sensação de que a realidade apenas irá nos afetar quando o corpo inerte e sem vida de Louise nos for mostrado.

Josh chegou e foi até a mim, fiquei surpresa com a presença dele, levantei e franzi o cenho quando o encarei

— Não vou ficar, apenas passei para ver como que vocês estão.

— Ainda não fui chamada e – escutei chamarem meu nome, interrompendo o que eu estava falando, dei um sorriso amarelo para Josh e disse “obrigada”, baixinho para ele.

Segui o homem até uma sala, paramos em frente a um vidro e ele começou a falar várias coisas sobre caso seja ou não quem eu estava procurando. Perguntou se eu já estava pronta e respondi que sim. Voltei a me abraçar e dei um passo para frente, a pedido do homem. Acenderam a luz. Pude ver um corpo deitado e coberto com um tecido parecendo lençol, uma mulher se aproximou dele. Comprimi os lábios. Não queria ver o que estava prestes a ser mostrado para mim.

Ela retirou o tecido e na mesma hora lágrimas inundaram meus olhos, toquei no vidro e tentei fazer com que nenhuma delas caísse. Olhei para o homem e acenei positivamente com a cabeça, a mulher voltou a cobrir Louise e o cara me acompanhou até a sala em que eu estava esperando antes.

Quando vi Bonnie e Chloe, imediatamente as abracei e comecei a chorar, afirmando que era mesmo Louise Torv. Elas choraram também, de minha mãe foi mais contido, já Chloe chorava doído. Josh não estava mais ali, supus que ele havia ido embora logo quando entrei para fazer o reconhecimento.

No caminho para casa e durante todos os acertos para o velório, foi como se eu estivesse sido transportada para outra realidade. A imagem de Louise sem vida estava impregnada na minha cabeça. Seu semblante tão pacífico não entregava as coisas que ela havia passado com o Maníaco. Eu não conseguia sequer imaginar o que sentiu. Como se uma luz estivesse caído sobre mim, lembrei dos bilhetes e em como fiquei assustada com eles.

E se Louise recebeu os três e ficou tão assustada como eu? Se ela não fazia ideia do que estava acontecendo e decidiu manter para si? Se ela pensou que era alguém de seu passado que a estava ameaçando? Isso tudo fazia muito sentido. Por isso que ela deve ter pedido os dias de folga para minha mãe, vai ver pensou que se sumisse de vista por um tempo, as coisas iriam acalmar. Como eu fiz.

“Tem um tempo já que ela entrou aí e não saiu mais. Esses dias atrás escutei uns barulhos

vindo do corredor”, lembrei das palavras do vizinho dela. E se Louise nunca estivesse saído por conta própria de seu apartamento? O Maníaco então deve ter ido até ela para buscá-la, por isso o barulho no corredor. Essas ideias que surgiam faziam com que eu ficasse animada. Não animada de feliz, eu ainda estava em choque, mas sim uma animação para voltar às minhas investigações.

Isso foi o que me deu forças para chegar até o velório de Louise. Ela não tinha parentes na cidade e, por mais que procuramos fora dela, não conseguimos encontrar nenhum, apesar dela ter dito que quando chegaram da Inglaterra, no começo de sua adolescência, seus pais e ela foram morar em Tallahassee. Se bem que nesses últimos treze anos os pais de Louise podem ter mudado de cidade, talvez até mesmo voltado para a Inglaterra.

Havia mais pessoas do que eu imaginava, tinha amigos em comum, clientes da padaria, alunos e professores da universidade. Cheguei com minha mãe e irmã logo quando começou, passaríamos a noite inteira. Nós, principalmente eu, tínhamos esse senso de que era o mínimo que poderíamos fazer por ela já que, mesmo ao nosso lado, ela foi uma vítima.

Fomos até o corpo de Louise, metade do caixão estava fechado, suas mãos foram posicionadas uma em cima da outra. Pedimos para que a maquiagem fosse a mesma que ela usava em seu tempo de folga, um batom vermelho e um delineador nos olhos. Seja lá o que a funerária fez para que aquela parte desse a impressão exata de pálpebras. Deixei que Bonnie e Chloe se despedissem primeiro, não fiquei perto para escutar o que elas disseram, esse momento era somente delas.

Quando chegou a minha vez, não pude conter uma lágrima ao passar a mão em sua cabeça, eu tentava sorrir porque não queria que aquilo fosse somente algo negativo. Louise foi uma grata surpresa em nossa família, nós a ajudamos a crescer e ela nos mostrou um pouco o que é o espírito livre, nos ensinando a mudar também. Sempre seremos gratas a ela assim como ela já havia deixado claro que era pela gente.

— Muito obrigada e me perdoe – eu disse ao me abaixar e ficar próxima dela.

Olhei para trás e só então notei que era Ben quem aguardava para se despedir também. Me virei e o abracei fortemente, ele havia perdido a irmã para o Maníaco e agora perdeu a namorada. Parece que a vida das pessoas em Forest Hill não está em seu melhor momento. Lentamente me desfiz do abraço e sentei até onde minha família estava, demos as mãos e ficamos em silêncio. Observamos todo mundo passar pelo caixão, alguns choravam, outros estavam emocionados, não havia uma pessoa sequer que estava indiferente, Louise era realmente muito querida. Margot chegou e foi diretamente abraçar cada uma de nós, ela conhecia pouco Louise, mas mesmo assim veio prestar condolência. Eu, naquela altura, já não tinha mais lágrimas para chorar, apenas o que restava em mim era um pesar, como se alguém tivesse colocado algo bem pesado em cima do meu coração.

Margot sentou ao lado de Chloe e ficou abraçada com a minha irmã. Eu me perguntava como que ela iria agir daqui para frente. Pedi para Louise ser amiga dela a fim de que Chloe não se sentisse sozinha, mas agora era o momento em que ela mais se sentia assim. Mesmo com minha mãe e eu ao seu lado dando apoio. É estranho isso, você está com o seu pesar e tem que ajudar o próximo a lidar com o dele. Muito pior do que quando eu tive que lidar somente com a tristeza.

Passada algumas horas, Patty chegou, ela nos confortou e disse que, apesar ter conversado pouco com Louise, conseguiu ver que ela era uma boa menina. Pediu licença e foi até o caixão. Levantei do banco e segui para o púlpito, deveria falar algumas coisas sobre Louise para abrir espaço a fim de que outros pudessem falar também. Patty terminou de se despedir e ficou encarando o grande quadro que tinha uma foto de Louise.

— Sophie – ela me chamou.

Desviei um pouco do meu caminho e fui até a Williams, notei que seu rosto estava torto, como em uma surpresa. Ela perguntou

— De quando essa foto é?

Olhei para o quadro e Louise estava linda, era cômico o quanto ela conseguia ficar assim não importando o visual. Nessa foto ela estava com seu típico batom vermelho, delineador nos olhos e um chapéu preto que cobria uma parte de sua cabeça, seu longo cabelo castanho e ondulado caía com graça pelos seus ombros e braços. O olhar que ela estava fazendo mostrava a segurança que era uma das características mais marcantes de Louise.

— Tem um tempo já, mas era uma das preferidas de Louise. Isso claramente foi antes de ela decidir mudar radicalmente, cortando joãozinho e pintando de loiro. – olhei para o caixão – Parece que agora ela estava querendo voltar a adotar o cabelo longo – apesar de que ainda estava muito curto para ser considerado pelo menos tamanho médio.

— Ah sim, – Patty disse e começou a tossir – desculpe. – ela disse desconcertada, provavelmente porque estava atraindo olhares – Não posso ficar muito, tenho outras coisas para fazer.

Curvei meus lábios para baixo sem entender direito, mas assenti e dei tchau para Patty. Voltei para o púlpito e chamei a atenção de todos pedindo para se que sentassem

— Boa noite, – cumprimentei ao começar – todos os que estão aqui presentes conheciam a pessoa maravilhosa que Louise era. Sejam os amigos próximos, os clientes de seu trabalho ou os professores e colegas do curso que ela fazia. Todos sabem que uma pessoa muito querida e valente se foi e não estará mais presente nos nossos dias daqui pra frente. Louise era uma das pessoas que eu mais admirava, ela me contou sua história e, quem escutasse, poderia ter a certeza de que a personagem principal nesse momento estaria em algum beco e sem perspectiva de futuro, ao contrário do que conhecemos de Louise. Ela conseguiu vencer seus problemas com drogas e bebidas que começaram na adolescência. Decidiu que aqui, em Forest Hill, iria começar uma vida nova. E nós sabemos que ela foi bem sucedida nisso. Louise estava empregada, conseguiu ter vários amigos e – eu que estava me esforçando tanto para não chorar, senti minha voz ficar embargada – começou a cursar direito na universidade. Nunca deixou aparentar sua luta para permanecer dessa maneira, sempre deixou transparecer que viver era fácil e é isso que vamos carregar para sempre. – Vi Josh entrando na sala da funerária e sentando ao lado de minha mãe, que era o lugar em que eu estava – É importante se sentir segura para que possamos ver a leveza da vida, mesmo que no momento passemos por alguma dificuldade. Na última conversa que tivemos, ela me agradeceu por minha família a ter acolhido sem nem mesmo conhecê-la, mas nós é que temos de encher Louise de agradecimento por ela ter nos dado a oportunidade de fazer isso e de ter tido a honra de ser amigas dela.

Ainda com a voz emocionada, disse que o púlpito estava a disposição de quem mais quisesse falar sobre ela. Desci e fui até onde estava antes, Josh passou para o lado e eu fiquei entre ele e Bonnie. Ele balançou positivamente a cabeça, mostrando que estava ali por mim, passou o braço pelos meus ombros e eu encostei a cabeça no seu, enquanto dava uma das mãos para minha mãe.

Me surpreendeu quem foi o primeiro a ir falar sobre Louise, o sr. McBrian com todo seu jeitinho Carl Fredericksen de ser. Às avessas, começou a falar sobre “a moça simpática da padaria”, em como ela sorria todos os dias para ele e que, inclusive, o incentivou a falar com a mulher que ele gostava, nesse momento olhei para a direção do olhar dele e vi a sr^a. Martinez com um lenço nas mãos. Louise o ajudou a finalmente falar com a Martinez? Como que ela não me disse antes? De qualquer modo, fiquei muito feliz com isso, sorri ao imaginar McBrian puxando assunto pela primeira vez com Martinez, com Louise ao fundo não o deixando desistir.

Depois do sr. McBrian, algumas outras pessoas falaram, quanto mais eu escutava o depoimento delas sobre Louise, menos vontade de chorar eu sentia. Era como se fosse errado eu ficar triste em um dia que todos revelavam o quão especial ela havia sido. Olhei para Chloe e minha irmã estava com o olhar vago, mas não havia sinal de choro em seu rosto, suspirei e sussurrei para que minha mãe a abraçasse. A essa altura Margot já havia ido embora.

— Vou ter que ir agora, – Josh disse de maneira que somente eu escutasse – mas te encontrarei no enterro amanhã de manhã – ele retirou uma mecha de cabelo do meu rosto, a colocando atrás da orelha e beijou minha testa.

Me afastei para que ele se levantasse e murmurei um *até depois*. Procurei não pensar no quanto nossa relação era estranha, nós não estávamos juntos, mas havia esses momentos em que eu tinha a sensação de que ainda namorávamos.

Algum tempo depois levantei e fui até as garrafas térmicas para pegar um pouco de café, de soslaio percebi que alguém me acompanhou.

— Eu não sei se vou conseguir ir ao enterro – Ben disse quando me alcançou.

— Por quê? – perguntei enquanto pegava um copo e o enchia de café.

Ele suspirou

— Ainda sinto muito a morte da minha irmã, não conseguirei lidar com outro enterro. Só consegui vir no velório porque Louise estava mesmo me ajudando a pensar em outras coisas além da perda de Katherine.

Era possível ver a tristeza nos olhos de Ben, ainda mais quando falava da irmã.

— Você é bem diferente dela, não é?

Ele sorriu discretamente e passou as mãos no cabelo

— Questões genéticas.

— Pais diferentes? – perguntei o que eu já havia encarado como uma causa provável, nunca havia perguntado o motivo da diferença, achava que era um assunto pessoal demais.

— Nesse caso os dois são diferentes. Os Rice me adotaram e um par de anos depois

Katherine nasceu. Crescemos com tratamento igual, por isso nunca toquei nesse assunto, para mim, ter o sangue diferente nunca me fez ser diferente na família.

Sorri e apertei o braço dele enquanto terminava o café. Não havia pensado nisso de adoção e, pra ser bem sincera, mal parei para pensar no motivo deles serem diferentes, pareciam terem sido tão ligados que nada me incomodou.

— Se não vai se sentir bem, então está tudo bem – falei para que ele ficasse mais tranquilo quanto a não ir ao enterro.

Ben me abraçou por um bom tempo e foi embora. Caminhei até o lugar em que estava sentada e olhei em volta. Essa seria uma longa noite.

Durante a madrugada, Chloe não conseguiu segurar o sono e deitou em um dos bancos que ficava no fundo, minha mãe e eu conversamos com algumas pessoas que estavam presentes, elas chegavam e iam embora, no final, somente nós três não saímos nem por um minuto. A manhã finalmente chegou e aos poucos o lugar se enchia novamente, era hora de levar o corpo para o cemitério.

A realidade atingiu em cheio quando fecharam o caixão, foi como se ali caísse de verdade a ficha de que Louise tinha ido embora para sempre. Nos abraçamos e andamos grudadas até o carro. Chegamos no cemitério junto com as outras pessoas, Josh e Eve já estavam esperando, como a detetive estava ali, imaginei que Josh interrompeu seu horário de serviço para vir até aqui, fazendo com que ela o acompanhasse.

Ficamos em volta da cova e Josh foi até mim, Eve ficou ao fundo e não interagiu com ninguém, como ela usava óculos escuro eu não fazia ideia o que o seu rosto transmitia. Minha mãe, Chloe e eu demos as mãos enquanto desciam o caixão, Josh ficou atrás de mim, não invadindo o “espaço” que nossa família criou. As lágrimas que pensei terem acabado na noite anterior voltaram com tudo, agora era pra valer: Louise se foi.

Jogamos rosas brancas em cima do caixão e nos afastamos, não queríamos ficar até o final, não queríamos ver Louise ser enterrada por completo. Alguns metros depois, nós três paramos e nos abraçamos, lágrimas e fungadas se confundiam naquele momento único que compartilhávamos. Pedi para que minha mãe e irmã me esperassem no carro, eu iria conversar um pouco com Josh. Elas iam caminhando em direção ao automóvel enquanto eu fazia o trajeto contrário.

Josh estava escorado em uma árvore e com as mãos no bolso, olhei para trás e Eve estava sentada no capô do carro deles, mexendo no celular. Eu ainda estava limpando minhas lágrimas quando me aproximei de Josh, ele colocou as duas mãos em minha cabeça e a levantou suavemente para que eu olhasse para ele

— Me desculpe, Sophie – ele estava amargurado e eu não sabia o que fazer, então o abracei fortemente.

— Não se desculpe por nada, Josh, apenas não falhe nessa investigação, por favor. – agora eu temia muito por mim – Encontrou algo no apartamento de Louise? – perguntei, saindo do abraço e voltando a olhar para ele.

Josh olhou para a direção de Eve e depois novamente para mim

— O celular dela estava descarregado e encontramos os três bilhetes. Dois deles estavam

rasgados no lixo e o outro guardado em uma gaveta do quarto dela.

— Eu deveria ter prestado atenção quando ela pediu a folga, eu deveria ter ficado colada nela – quanto mais palavras saíam da minha boca, mais culpa sentia.

— Hey, você não teve responsabilidade pelo que aconteceu com ela – ele tentou fazer com que eu não permanecesse com esse pensamento, mas era impossível.

— E se o Maníaco foi atrás dela por minha causa?

Josh olhou para mim e respirou fundo, me colocando de volta em seus braços. Eu não ia deixar o Maníaco sair de vencedor nisso, anteriormente poderia até estar na dúvida se continuaria ou não com a minha investigação, mas agora estava muito claro o que eu deveria fazer: era minha obrigação caçar o maldito. E eu ia encontrá-lo. Nem que se eu precisasse receber um terceiro bilhete.



Capítulo 21

Há dois dias estou trancada no meu quarto, Chloe está tentando manter a normalidade, assim como Bonnie. Eu não. Já deveria ter voltado a frequentar a padaria, mas disse que não iria. Mesmo sabendo que minha mãe precisava de ajuda, eu sentia que minha determinação em descobrir alguma coisa era maior do que minha vontade de ajudar. Estou sem emprego e ficando louca dentro do meu próprio quarto. Que belo cenário.

Até hoje Emily me manda mensagens pedindo perdão por não ter comparecido ao velório e enterro. Ela viajou com os pais alguns dias antes de encontrarem o corpo de Louise e estava mal não só por ter ficado longe de mim durante esse momento delicado, mas sim também porque elas se conheciam, quer dizer, não eram amigas, mas já conversamos juntas muitas vezes. Tentei fazer com que ela não ficasse daquela maneira, às vezes conseguia, às vezes não.

Liguei o ar condicionado e prendi meu cabelo, me recusava a abrir porta e janela, eu estava determinada a ficar dentro do quarto até encontrar algo que faça a diferença. Fiquei em pé na minha cama para conseguir ver melhor a parede com as anotações, a sexta vítima é a que mais me chamava atenção por causa da condição em que foi encontrada. O Maníaco havia colocado um gorro de natal, ele a considerou como um presente! Isso me causava repulsa.

Com certeza ele havia planejado matar apenas seis garotas em 2013, visto que a primeira e última vítima daquele ano foram encontradas quando o dia do mês era vinte e cinco. Essa sexta vítima se chamava Samantha Moretti, tinha vinte e cinco anos, tenho para mim que um dos motivos que ela fora escolhida era por causa da idade também, e trabalhava como cantora em um bar karaokê.

Coloquei as mãos na cintura e fiquei movendo meu corpo de um lado para o outro, “O que estou deixando passar?” era a pergunta que não saía da minha cabeça. Tinha algo que eu não conseguia ver, algo que estava tão evidente que não conseguia perceber.

Fui até o notebook e decidi tentar vasculhar mais a vida de Daniella, apesar de não ter encontrado muita coisa da primeira vez, agora eu estava com uma visão diferente para fazer a busca. Se elas em si não tinham nada que as ligasse, alguma coisa em volta delas tinha. Revi todas as fotos e publicações que eram disponíveis para mim, percebi que uma mulher em especial aparecia com frequência, o nome dela é Nina. Entrei no perfil e todas suas coisas eram públicas, o que foi bom, pois poupou o tempo que eu usaria para solicitar a amizade e esperar ela aceitar – ou não. Ela tinha publicações de vários assuntos, umas eram de animais, outras de conscientização sobre o aquecimento global, ainda havia alguns vídeos de violão. Fui para suas fotos e entre os tantos álbuns, tinha um somente de vídeos, entrei e vi que todos eram caseiros dela mesmo tocando violão. Nina tocava violão.

Parei e pensei.

Katherine tinha uma banda. Samantha era cantora. A melhor amiga de Daniella tocava

violão.

Ainda não fazia muito sentido para mim, mas era o máximo de ligação que consegui fazer até agora. Isso já era algo muito importante. Agora eu tinha que descobrir se as outras vítimas também tinham algum envolvimento musical ou se conheciam alguém que tinha. Procurei por Rebecca Collins, li todas as notas que saíram sobre ela quando encontraram o cadáver, não tinha muitas, como havia sido o primeiro corpo, ele foi tratado como um assassinato de ódio. Não encontrei nada que casasse com o que eu estava procurando e nem mesmo perfis de parentes e amigos.

Fui para a próxima vítima, Jess Reynolds, se não contasse Katherine, entre todas as mulheres ela era a mais nova, tinha apenas vinte e um anos. Bem mais fácil encontrar informações sobre ela, apesar de não existir mais seu perfil na rede social, o que eu estava priorizando, com as habilidades de *stalker* que aprendi com Emily, descobri duas outras redes sociais em que ela participava.

Arrepiei. Entrar ali sabendo que a usuária faleceu há dois anos era muito estranho. Tinha poucas fotos, mas notei que em duas delas Jess usava um uniforme, ampliei a foto e li o nome da empresa “Phillis”. Joguei a palavra no site de busca e um dos primeiros resultados foi uma loja de instrumentos musicais. Não acreditei no que vi. Sem hesitar, peguei meu celular pessoal e liguei para a loja

— Phillis Instrumentos Musicais, no que posso ajudar? – uma voz feminina atendeu.

— Éhr, oi, eu fui aí na loja há um tempo atrás – menti – e uma menina muito simpática me atendeu, gostaria de saber se ela ainda trabalha aí para que me atendesse novamente – e que mentira horrorosa!

— Qual o nome?

— Deixa eu pegar o cartão. – fingi que mexia em algo para enfim falar – Jess Reynolds.

— Desculpe, mas não temos nenhuma vendedora com esse nome.

— Tem como você ver quando que ela saiu? Eu tenho certeza que ela trabalhava aí – desconfiei que a atendente era alguma pessoa contratada após a morte de Jess.

— Espere um momentinho. – escutei não muito do que ela falava fora do telefone, parece que ela chamou o gerente e eles conversaram um pouco, mas não fui deixada sozinha por muito tempo.

— Olá, sou Tony Scarsi, gerente da loja. A senhora está procurando por Jess Reynolds?

— Estou sim – confirmei.

— Lamento informar, mas ela não está conosco há dois anos. Jess faleceu, a loja perdeu uma ótima funcionária.

— Ah, oh, desculpa, – fiz uma voz assustada, se bem que, nas minhas condições, nem precisei fingir muito – eu não fazia ideia. Meus pêsames.

— Agradecemos. Mas saiba que sempre que vier será bem atendida.

— Obrigada – desliguei.

Peguei uma folha e a dividi em quatro partes. Escrevi em cada uma delas:

Katherine tinha uma banda.

Samantha era cantora.

A melhor amiga de Daniella tocava violão.

Jess trabalhava em uma loja de instrumentos musicais.

Notei que o quarto ficava escuro, olhei pela janela e vi que o dia já estava terminando e, como eu estava longe de fazer isso, acendi a luz e continuei na minha busca. Era ótima essa sensação de saber exatamente o que está procurando, sem ficar rodando por aí com nenhuma ideia. Manter minha cabeça ocupada com isso estava sendo a melhor saída para não pensar em todas as outras coisas que aconteciam.

Dulce e Savi, terceira e quarta vítima respectivamente, foram também as que sumiram, não tanto quanto Rebecca, pois a mídia já começava a correr atrás sobre a vida dessas duas mulheres, mas também nada que procurei deu algum resultado, nenhum amigo que encontrei tinha relação com a música. Isso me frustrou muito.

Antes de ir para a quinta vítima, Henriquetta Jackson, decidi colar aqueles pedaços de papéis na parede, cada um em seu lugar. Depois de colar, sentei na cama e olhei para a foto de Henriquetta, a que saiu no jornal. Ela estava sorrindo, tinha somente o braço de alguém apoiado em seu ombro. Fiquei encarando a foto, imaginando como ela estaria hoje em dia se essa tragédia não tivesse acontecido. Quando percebi que já estava saindo do foco e que tinha que começar a procurar sobre ela, vi algo interessante na foto.

Me aproximei e notei que, além de outras coisas, um violão estava apoiado na parede. Então comecei a analisar o lugar em que havia sido tirada. Pela parede e cômoda, era o no quarto de alguém, parecia ser de um menino já que tinha outros objetos que remetiam ao universo masculino. E se o dono desse quarto for o que liga Henriquetta com as outras vítimas? Como que eu vou descobrir quem é o dono desse quarto?

Ligaria para a família perguntando? Eu seria sincera?

Pelo menos essas eram as únicas coisas que passavam pela minha cabeça. Falando nela, já a sentia pesada. Decidi tomar um banho para relaxar por alguns minutos.

— Trouxe comida – escutei minha mãe chegar e já gritar pela casa, eu havia acabado de sair do banho e não estava querendo comer nada.

Gritei de volta um “não, obrigada” e voltei a me trancar no quarto.

Tinha decidido que iria ligar para a família e ser sincera no meu pedido. A pior coisa que eles poderiam fazer é não querer falar nada. Pensando bem, se eles negassem, isso seria mesmo muito ruim para mim.

Tentei um número fixo que eles divulgaram quando Henriquetta desapareceu. Dificilmente as pessoas mudam o número fixo, eu estava torcendo para que o deles permanecesse o mesmo.

— Alô? – uma mulher que a voz parecia ter no mínimo quarenta anos, atendeu.

— Olá, sou Sophie Fields e gostaria de falar com algum parente de Henriquetta Jackson – não tinha como negar que eu estava nervosa.

— Sou a mãe dela – a mulher parecia muito desconfiada.

— Ah, oi. Eu não sei como começar esse assunto. – eu me enrolava nas palavras, estava com medo dela não acreditar em mim, achar que era uma brincadeira ou algo do tipo – Bom, perdi há pouco tempo uma amiga próxima, saiu nos jornais. Ela se chamava Louise Torv.

— E o que você quer? – senti uma urgência no tom utilizado por ela, tinha certeza de que ela imaginava sobre o que eu iria conversar a respeito de sua filha.

— Eu estou querendo descobrir quem fez isso. – admiti – E para isso, preciso muito da sua ajuda.

— Olha menina, eu já disse tudo para os policiais quando a minha filha foi encontrada. Não tem nada que você queira saber que eles já não sabem – agora ela estava brava e eu aflita.

— Na verdade tem sim – eu não conseguia parar de estralar os dedos por causa da ansiedade.

— E o que seria?

— A foto que foi publicada nos jornais, noticiando que encontraram o corpo, onde foi tirada?

— No quarto do meu menino mais novo – havia tantas mudanças na voz da mulher que eu mal conseguia acompanhar, agora ela parecia desentendida.

— Ele toca violão?

— Toca sim.

— Na época ele tinha acabado de comprar o instrumento? – eu me perguntava se a loja de instrumentos estava envolvida, alguém que trabalhava lá ou algo do tipo.

— Não, era do meu marido, ele deu para meu filho e isso que fez ele querer aprender a tocar – pode-se dizer que minha teoria estava afundando.

Não sabendo pelo que mais esperar, perguntei

— Fazia aulas onde?

— Não lembro. É importante isso? – a mãe de Henriquetta perguntou curiosa.

— Acredito que qualquer informação seja importante – respondi de uma vez.

— Vou ver com meu filho quando ele chegar e te ligo amanhã, pode ser?

— Por favor, não esqueça – supliquei e passei para ela o número do meu celular.

— Não vou esquecer – e ela desligou a chamada.

Fiquei encarando o celular por algum tempo. A mãe de Henriquetta realmente colaborou. Não sabia o que se passava na cabeça dela, mas esperava que isso significasse que ela tinha me dado um voto de confiança. Bom, Henriquetta tinha a ligação semelhante de outras vítimas. Anotei em um papel que o irmão dela fazia aulas de música e coleí perto de sua foto.

Enquanto a mãe de Henriquetta não me retornasse, não iria ficar parada. Se a ligação é musical, iria conversar com quem entendia do assunto: Patty Williams. Ela já sabia o que eu estava fazendo, então entenderia meu ponto. Sai do meu quarto e fui até o de Chloe, a porta estava encostada, dei uma batida e abri vagarosamente

— Chloe? – ela estava estudando, interrompeu o que lia e me olhou – Quando vai ser sua próxima aula com Patty?

— Amanhã de manhã, por quê?

— Queria falar com ela. Já vai voltar para a aula? – perguntei preocupada em como ela poderia estar se sentindo.

— Vida que segue – me respondeu sem muita emoção na voz.

— Sabe que eu estou aqui, não é mesmo?

Ela assentiu e voltou a ler, percebi que ela não falaria mais nada, então encostei a porta e desci até onde Bonnie estava. Agora eu aceitaria a comida que ela trouxe. Estava faminta.

— Vai ficar trancada no seu quarto até quando? – minha mãe perguntou sem rodeio enquanto guardava as compras que havia feito.

— Até descobrir alguma coisa. – disse enquanto atacava a lasanha feita no microondas – Ouch! – reclamei quando queimei a boca.

— Cuidado, está quente.

— Uau, obrigada por me avisar antes que eu colocasse na boca sem cuidado algum – respondi com uma voz robotizada, mas dando uma risada em seguida.

Aos poucos, bem aos poucos, nós estávamos voltando ao temperamento normal, os ânimos já estavam controlados. Apesar de que era quase possível ver materializado ao nosso lado o pesar por Louise.

— Filha, eu não quero que você fique mexendo muito afundo com isso não, por favor. Não aguento nem mesmo a ideia de você estar na mira desse louco. – Bonnie se aproximou de mim e colocou sua mão sobre a minha, olhei para baixo e fiquei quieta, não tinha coragem de falar coisa alguma para ela, ainda mais com os dois bilhetes que havia recebido – Vê se Emily já voltou de viagem, saia com ela, já que não quer mais trabalhar na padaria, vá se preparar para aquele emprego em Tallahassee.

Não queria mentir para ela, mas também não cogitava falar a verdade. Acabei fazendo uma careta para que ela ficasse distraída e mudasse o assunto. Deu certo. Na realidade, apenas a parte de que ela não continuou o assunto, porque em seguida Bonnie disse que iria subir por estar muito cansada. Dei boa noite para ela e terminei de comer a lasanha. A casa ficou em total silêncio. Entre uma garfada e outra, olhei para os lados e percebi o quanto me sentia sozinha.

Foi complicado dormir a noite.

Na manhã seguinte, peguei meu celular para saber que horas eram e vi uma mensagem de Josh. Ele era um dos que estavam me monitorando, não tinha certeza se fazia isso por motivos pessoais ou somente profissionais, tenho andado muito confusa quando o assunto se trata de nós dois. A mensagem foi enviada na noite anterior, mas eu já tinha ido dormir,

ele perguntou se estava tudo certo comigo. Meu olhar foi diretamente para o pinguim e todas as memórias relacionadas a ele vieram à mente. O dia do parque de diversão e o dia em que ele fez uma surpresa pra mim no quintal. Não, eu não estava bem. Eu queria algo estável nessa bagunça, mas não consegui manter isso com Josh.

Obviamente menti na minha resposta. Escrevi que estava tudo bem e que as coisas estavam voltando ao normal. Dei uma risada debochada, sem humor algum e coloquei meu celular na cômoda quando levantei. Tomei uma ducha e desci para o café da manhã. Chloe estava entretida assistindo televisão com seu cereal e eu procurava alguma coisa que não fosse isso para comer. Encontrei uns biscoitos e comi com um copo de leite acompanhando, me senti com quinze anos novamente.

Não conversamos, Chloe parecia que estava querendo reencontrar sua normalidade sozinha. Não forcei também. Ela terminou de comer e subiu para se arrumar, Patty iria vir agora pela manhã. Fiquei arrumando a casa e nem vi o tempo passar, limpei sala, cozinha e quintal, nesse meio tempo, Patty chegou e deu aula para Chloe. Eu estava terminando a varanda quando ela saiu para ir embora

— Patty, espera só um pouquinho. — chamei sua atenção e ela parou, fui até o corrimão da escadinha, colocando minhas luvas de limpeza ali — Lembra que eu estava juntando as informações sobre o Maníaco?

— Lembro sim, você ainda está fazendo isso?

— Eu tinha parado, mas a morte de Louise me fez querer voltar.

— Louise — Patty repetiu aparentando estar incomodada, talvez ela não tenha conhecido tantas pessoas que morreram, apesar de já ter mais de quarenta anos.

— Então, eu queria que você me ajudasse com uma coisa, notei que as vítimas tinham ligação com a música, pelo menos as que consegui descobrir algo. Você como é instrutora, deve conhecer outras pessoas que ensinam também, não é? Escolas, lojas, coisas do tipo. Você já tinha visto alguma das vítimas? — perguntei, encostando no pilar da varanda.

Patty olhou para um lado e pensou por pouco tempo

— Não que eu lembre, quer dizer, conhecia Louise apenas.

— Tem certeza? — ela realmente não poderia forçar mais a memória?

— Tenho sim. — Patty respondeu de maneira firme — Mas olha, Sophie, quer meu conselho? Eu faço manifestação, mas não fico querendo fazer o trabalho da polícia e acho bom você também não se intrometer. Não se preocupe com isso, deixe que eles se esforcem em pegar a pessoa culpada.

Se eu não segui o que Emily disse, imagina se irei seguir o que Patty dizia. Não respondi nada relacionado a isso, apenas agradei a ajuda que ela deu. Ela se despediu e eu juntei os produtos de limpeza para guardar.

Somente uma coisa me incomodava: Ben disse que Katherine e Patty se conheciam.

Me joguei no sofá da sala e esperei pela ligação da mãe de Henriquetta, além de descansar um pouco. Provavelmente ela não demoraria, já que estávamos quase no final da manhã. Parei para pensar no que Joe e Sean estariam fazendo agora. Joe com certeza estava em

sua mercearia, lendo uma revista sobre carros e tentando superar o fora de minha mãe enquanto resolve suas pendências judiciais. Até porque, em minha cabeça, se alguém está gostando da minha mãe, está gostando de verdade, se tornando algo difícil de superar. Bom, quem é que consegue superar Bonnie Fields?

Já Sean era mais difícil de imaginar, eu acho que ele se divorciou mesmo da esposa. Para ter sumido assim era porque já resolvera a história da herança. Apesar de que ele, para mim, era bem suspeito, quer dizer, antes de eu descobrir essa ligação musical, depois disso descartei completamente. Não lembro de ter visto nenhum instrumento ou até mesmo cartão de loja quando entrei na casa dele. Então eu já o havia descartado. Espero que a polícia faça o mesmo.

Mordisquei meu lábio quando lembrei que deveria avisar Josh sobre essa descoberta. Mas não agora. Não, deveria primeiro ter certeza do caminho que estava seguindo. Não que eu não tivesse certa de que estava na direção correta, mas deveria ter provas concretas. Quem sabe achar um nome. Aí então falaria para ele. Já pensou se, por uma reviravolta da história, eu esteja completamente errada? Minha credibilidade seria destruída. Não queria isso para mim.

Escutei meu celular tocar e bufei quando lembrei que o havia deixado no quarto. Levantei rapidamente do sofá e fui até ele. Era um número desconhecido, queria muito que fosse o da mãe de Henriquetta.

— Oi – atendi um pouco apreensiva.

— Sophie Fields? – reconheci a voz da mulher, era a mãe de Henriquetta, isso fez com que eu voltasse ao normal.

— É ela.

— Aqui é a mãe de Henriquetta. Então, conversei com o meu filho, ele demorou um pouco para lembrar o nome, mas lembrou.

— E qual é?

Ela disse e eu pedi para que repetisse, porque não sabia se havia escutado direito. Ela repetiu e eu soube que entendi corretamente desde a primeira vez que ela falou. Balbuciei um obrigada e joguei meu celular na cama, não acreditava no que tinha escutado. Sério. Não podia ser real. É impossível. Mas então uma voz dentro de mim começou a falar o quanto eu estava cega, que era para eu pesquisar direito para ver que era isso mesmo.

Encarei a parede e senti uma ânsia de vômito. Na realidade, não foi somente a ânsia, comecei a pensar nas vítimas sendo atacadas e mortas tendo esse nome como culpado, isso me fez correr para o banheiro onde vomitei mesmo. Chloe veio correndo até a mim, perguntou se eu estava bem, olhei para ela e senti um turbilhão, levantei do chão e enxaguei minha boca, escovei os dentes em seguida, ela permaneceu na porta, me olhando preocupada. Abracei ela e murmurei que estava tudo bem.

Era mentira.

Antes de entrar mais em pânico do que eu já estava, tentei me concentrar e focar em pesquisar a relação de tudo. Peguei os papéis das vítimas que consegui relacionar

Katherine tinha uma banda.

Samantha era cantora.

A melhor amiga de Daniella tocava violão.

Jess trabalhava em uma loja de instrumentos musicais.

O irmão de Henriquetta tocava violão.

Entrei em contato com a amiga de Daniella, Nina, na internet e perguntei sobre o violão dela, essa conversa levou a outra, que levou a outra, que levou ao nome que mais aparecia até o momento. Liguei para o bar de karaokê, fingi que era uma parente desesperada e perguntei se a pessoa frequentava muito aquele local. Depois de muito insistir, me responderam que sim. Não consegui ligar o nome de Jess, mas a essa altura, se encaixa perfeitamente ela ser uma vítima.

Tranquei a porta do quarto e encarei a parede com todas as informações. Eu estava mesmo aterrorizada. Nunca iria imaginar. Nunca. Samantha, Henriquetta, Katherine, Daniella, Louise e eu. Todas nós tínhamos o mesmo nome em comum: Patty Williams.



Capítulo 22

Fiquei em um estado semelhante ao catatônico por alguns minutos, não contei quantos. Eu não queria acreditar nisso. É surreal. Patty estava sempre aqui em casa, não só para dar aulas para Chloe, mas também ela virou como que uma amiga de minha mãe. É, acho que Bonnie tem certo problema em arranjar amizades. Joe, Sean e agora Patty.

Meus olhos estavam vidrados na parede, porém, eu não estava ali, meu corpo sim, mas minha atenção não.

Era muito difícil aceitar que Patty estava por trás disso tudo. Aquela mulher fazia manifestações para a polícia prender o serial killer! Como que ela queria que eles fizessem isso se a própria *era* ele? Nas minhas leituras aprendi que eles são manipuladores, mas a esse ponto? Só sendo psicopata mesmo.

Ela dava aulas para Chloe, conhecia Emily e eu, conheceu Louise... Essa casa era como um mar de tentação para ela então? Por isso que se fez de amiga? Pensar nisso fazia minha cabeça doer, e era um doer diferente de quando eu ainda tentava descobrir, era um doer de arrependimento, de me achar burra o suficiente para não ter desconfiado de nada. Mesmo sendo eles os perfeitos mentirosos, eu deveria saber. Deveria. Se eu tivesse um mínimo de desconfiança, poderia ter ajudado Louise.

Era por isso que vez e outra Patty não podia dar aulas para Chloe? Quando ela faltava, significava que estava com sua vítima? Meu estômago embrulhou quando lembrei do dia em que Patty cancelou a aula e não muito tempo depois o corpo de Louise apareceu. Naquele dia Chloe e eu saímos, fomos ao shopping. Enquanto tomávamos sorvete, paquerávamos as vitrines das lojas e fazíamos piadas sobre as outras pessoas que ali frequentavam, Louise estava sofrendo e em um de seus últimos momentos em vida. Fechei os olhos com o máximo de força que eu conseguia. Sentia uma raiva enorme crescendo dentro de mim, apenas não sabia quem tinha a maior culpa nela: se era eu ou Patty.

Me joguei para trás na cama, ficando deitada, e esfreguei meu rosto sem parar. Quis gritar, mas não queria chamar a atenção de Chloe.

Me pergunto se ela já planejava matar Louise antes do dia em que minha irmã e as duas ficaram conversando aqui em casa. Antes disso, Patty havia interagido pouco com ela, será que a conversa que elas tiveram despertou o desejo? Se sim, eu me culpava por isso também. Se eu tivesse enrolado Louise até que Patty fosse embora, talvez a instrutora não teria se importado muito com ela. Eu era inútil, não era?

Mas pelo menos agora entendia o motivo de Patty ter ficado estranha no velório e quando toquei no nome de Louise hoje, será que isso a desestabilizou? No fim das contas, ela não era loira, não se encaixava no padrão que *a Maníaca* procurava. Se sim, então era questão de tempo até ela cometesse um erro, certo? Era o que eu esperava. Apesar de saber que o jeito meticuloso de Patty nunca deixaria nada que a entregasse.

A conversa que tive com ela mais cedo. Minha respiração ficou curta, sentia que não

estava ventilando direito meu quarto. Fui até a janela e a abri, ficando com metade do meu corpo para fora. Que estúpida!

Eu havia mostrado para ela minha investigação e perguntei se conhecia as vítimas! Patty sabia praticamente tudo o que eu tinha descoberto. E o que ela não sabia, provavelmente desconfiava. Os bilhetes. Como que não liguei isso? Os recebi logo depois dela ter conhecimento da minha investigação!

Mas eles foram para me amedrontar e fazer com que eu parasse de dar atenção para o assunto ou ela realmente pretendia fazer com que eu fosse uma vítima também?

Lembrei de Samantha. Ela foi a última vítima, foi encontrada no dia vinte e cinco. Tinha vinte e cinco anos. Não iria demorar para que eu fizesse vinte e cinco anos.

Será?

Ou eu já estava pirando? Acreditando em qualquer coisa que passasse pela minha mente?

Ainda não tinha algo concreto para entregar à Josh. Mas mais concreto do que a relação que todas as vítimas (e eu) têm?

Tinha medo de chegar mostrando todas essas ideias e passar como obcecada e neurótica. E se eles não acreditassem?

Respirei fundo e me virei na cama, ficando de barriga para baixo, coloquei minhas mãos em meu rosto e tentei raciocinar como uma pessoa normal. Eu deveria falar com a polícia, quem sabe eles conseguem juntar as vítimas que não consegui e então terem algo concreto. Voltei para como estava antes e fiquei encarando o teto. Respirei longamente e expirei vagarosamente por dez vezes, até me sentir menos agitada.

Eu iria ligar para o Josh, falaria para ele o que eu havia descoberto. Ainda não planejei o que faria em seguida. Contaria para Chloe? Iria até a padaria falar com minha mãe? Não, não. Minha vontade de ir atrás das coisas, minha maldita curiosidade, tudo isso estava me fazendo querer ir até o apartamento de Patty. Acho que estou perdendo a cabeça. Qual é! Não posso ser somente uma garota comum com problemas comuns? Não, claro que não, tenho que ter por perto uma serial killer que fez minha amiga uma de suas vítimas. Óbvio.

Levantei e andei de um lado para o outro, tentava encontrar a melhor maneira de falar isso tudo para Josh.

— Oi Josh, então, sei que você não queria que eu me envolvesse mais do que as circunstâncias fizeram, mas olha – não, não queria ficar me desculpando.

— Oi Josh, então, eu descobri quem é o Maníaco – não, assim era direto demais.

— Josh, espero que não tenha levado as manifestações a sério demais e que também não tenha tido aulas de música – fazer graça? Absolutamente não!

Coloquei um travesseiro no rosto para abafar meu grunhido. Eu não fazia ideia de como iria falar isso para ele, mas como sabia que ele tinha que saber tudo, peguei o celular que Eve deu e liguei para ele. Ao ver que eu estava usando o que me deram e não o meu pessoal, Josh poderia entender que era algo importante, não uma ligação do tipo que fazia, que era basicamente para pedir atualização do caso de Louise – e do meu também.

Chamou até cair nas quatro vezes que liguei. O celular de Josh sempre estava desligado ou

com a bateria descarregada nas vezes que era importante o assunto que eu tinha para tratar. Era inacreditável. Na quinta vez deixei um recado no correio de voz “Josh, por favor, me retorne. Descobri um nome forte.”, roía minhas unhas sem parar. Eu não queria permanecer nesse quarto sem fazer alguma coisa.

Não iria mesmo me segurar aqui. Eu tinha que ir até o apartamento de Patty ver se encontrava alguma coisa que provasse fisicamente que ela era a Maníaca, que era ela a responsável pelo Massacre do Pântano. Eu precisava ver. Ela tinha o costume de almoçar em um restaurante que ficava no centro da cidade, então eu não correria perigo se fosse agora para lá. Era isso. Tomei minha decisão. Mas antes de ir, coloquei no bolso o celular que me deram e passei no quarto de Chloe

— Vai ficar o dia inteiro em casa?

— Não, vou para aula depois do almoço – ela respondeu enquanto folheava um livro, não consegui identificar se era didático ou literário.

— Vou sair agora, almoçar fora. Tudo bem para você? Consegue se virar? – não vou negar que estava desesperada para alertar Chloe.

— Tudo certo. – finalmente levantou seus olhos para mim, certamente meu semblante não estava muito normal, pois perguntou – Você está bem? Não sai mais daquele quarto e está com uma cara horrorosa. Ainda pensa em Louise? – ela olhou para baixo ao falar o nome, havia ficado triste.

Engoli seco.

— Tudo isso é muito recente, é normal ficar mal – tentei parecer segura e acolhedora.

— Enfim – Chloe voltou sua atenção para o livro, essa atitude de querer seguir em frente me incomodava, não que deveríamos ficar em luto para sempre, mas enterramos Louise há poucos dias, tudo bem demonstrar descontentamento e tristeza.

Fechei a porta de seu quarto e encostei na parede, me perguntando pela milésima vez como tudo isso iria acabar. Balancei a cabeça, afastando qualquer pensamento que me fizesse desistir. Queria muito conversar com alguém sobre isso. Deveria contar para Emily onde que eu estava indo? Melhor não. Se não encontrasse nada, quando voltasse para casa encontraria uma Bonnie furiosa e uma Emily indignada. Além de que, Patty iria ficar sabendo através de minha mão o que eu havia feito.

O carro não estava em casa, o jeito foi ir de ônibus até o prédio. Estralei meus dedos e balancei minha perna a viagem inteira, alguns passageiros olhavam para mim devido ao meu comportamento, mas não me importei nem um pouco. Não eram eles que estavam indo bisbilhotar o apartamento da suposta Maníaca do Pântano. Em minha cabeça, uma hora falo de Patty como se tivesse certeza, em outra parece que penso nela como suspeita. Eu realmente estava atordoada.

O ponto era a uma quadra do prédio, andei até ele e parei na porta. Pensei mais uma vez se eu deveria fazer isso. Ah, deveria sim!

Sabia onde ela morava porque uma vez pediu para que a deixássemos aqui na frente. Agora eu somente precisava encontrar o apartamento dela. Olhei para cima e vi que não seria problema, não era tão grande, tinha três andares, sem contar o térreo. Entrei e vi que

cada andar acomodava quatro apartamentos, espero que esse número pequeno signifique que todos se conhecem. Bati na primeira porta e uma menina na casa dos vinte anos atendeu

— Olá, estou procurando o apartamento de Patty Williams, você sabe qual é? – se alguns desses vizinhos decidirem contar para Patty que alguém estava procurando pelo apartamento dela, espero que eu tenha conseguido encontrar alguma coisa e que nada mais ela poderia fazer.

— Nunca ouvi falar – a menina disse com total desinteresse.

— Você conhece todos esses três vizinhos? – perguntei para que me poupasse tempo, assim não precisaria bater nessas portas.

— Não de nome, mas sei que um apartamento está vazio, em um mora uma mulher com uma criança insuportável que não para de falar alto o dia inteiro e no outro é um cara sozinho.

Patty não tinha filhos, então certamente não era ali que ela morava.

— Obrigada – agradei e já me virei, subindo para o primeiro andar.

Ninguém atendeu em dois dos apartamentos, talvez estejam em seus trabalhos ou um desses era o de Patty. Uma mulher com seus trinta e cinco anos abriu quando bati na terceira porta

— Olá, estou procurando o apartamento de Patty Williams, você sabe qual é? – repeti a pergunta que havia feito para a menina.

— É uma mulher de cabelo preto que aparece na televisão?

Fiquei animada quando percebi que ela sabia quem era

— Ela mesma!

— Mora no andar de cima, no número doze.

— Muito obrigada! – agradei, aliviada por não ter demorado em descobrir qual era.

Subi para o segundo andar e procurei pelo apartamento doze. Bati na porta para me certificar de que não tinha ninguém. Girei a maçaneta, apesar de ter certeza de que estava trancada. Droga. Tirei o tapete do lugar, mexi em um vaso e coloquei a mão dentro de uma luminária procurando por chave extra, não tinha. Tinha que pensar no que faria, confesso que em nenhum momento passou pela minha cabeça como que eu entraria no apartamento de Patty.

Já assisti muitos vídeos que ensinavam a arrombar portas com grampos, cliques e cartões bancários, mas tinha certeza de que nunca iria conseguir fazer isso, além de chamar desnecessariamente a atenção dos vizinhos – caso algum deles esteja em casa. Não conhecia o horário de Patty, mas definitivamente não iria perder viagem. Desci e fui até a calçada, atravessei a rua e procurei um lugar para vigiar a entrada do prédio, sem que pudesse ser vista.

Fiquei quarenta minutos esperando. Quarenta minutos sozinha, pensando no que poderia encontrar lá dentro. Talvez seja um apartamento normal. Talvez seja um todo macabro. Vi

Patty se aproximar e entrar no prédio, esperei dois minutos, atravesssei novamente a rua e subi para o andar correto. Meu plano era entrar, me esconder e esperar que ela saísse para que eu vasculhasse em busca de algo. Coloquei o celular no silencioso e encostei minha cabeça na porta, tentando escutar algum barulho que indicasse onde que ela estava. A televisão não estava ligada, então ela provavelmente não estava na sala. Quando chegamos em casa horas após de ter saído, geralmente vamos diretamente para o banheiro ou quarto então, supondo que Patty fazia o mesmo, girei lentamente a maçaneta e abri uma fresta. Não tinha ninguém.

Entrei no apartamento e estava tudo tão quieto que consegui escutar o barulho do chuveiro. Aproveitaria esse tempo para procurar alguma coisa e, assim que ele fosse desligado, procuraria um lugar para me esconder. Andei até o rack para ver o que tinha em suas gavetas.

Me senti desconfortável naquela casa, ela conseguia ser mais vazia do que a de Sean. Havia móveis, mas apenas isso. Patty não tinha fotografias ou objetos de decoração. Era tudo muito simples. O que é bem estranho para quem afirmava gostar de arte. Abri a primeira gaveta e não encontrei nada além de uma chave de fenda. A segunda gaveta tinha dois pedaços de papel em branco. Tudo bem aleatório.

Parece que vai ser bem difícil encontrar algo que seja do meu interesse.

Caminhei até a estante, nela havia livros e enciclopédias. Novamente, nada que a compromettesse. Que tola eu estava sendo! Até parece que Patty ia deixar em seu apartamento alguma pista. Eu tinha que sair dali rapidamente, antes que ela terminasse o banho. E torcia pra que nenhum vizinho falasse demais para ela.

Minha única saída era procurar outra maneira de comprovar o envolvimento da “instrutora de música”. Andei até a porta.



Capítulo 23

Minha cabeça doía demais, por isso demorei a abrir os olhos. Meu corpo que se encontrava em um estado de dormência, aos poucos foi voltando para mim. Senti meus pés formigarem. Murmurei grunhidos, só então senti que dentro de minha boca estava uma grande bola de tecido que impedia movimentos da língua e a fala, fazendo com que ela ficasse levemente aberta. Senti o ar úmido e abafado em minha volta, tinha que forçar mais para conseguir respirar. Foi então que abri os olhos.

A visão foi desembacando aos poucos, o teto era de madeira, tentei virar minha cabeça, mas algo estava em minha testa que impedia até mesmo minha cabeça se levantar. Meu coração bateu mais rápido e a respiração ficou curta. Tentei mexer minhas mãos e pés, mas estavam amarrados. Eu não conseguia ver muita coisa, estava completamente imobilizada.

Tentei lembrar o que aconteceu, mas minha cabeça doía demais. A última coisa que lembro foi de que estava para ir embora do apartamento de Patty, então acordei aqui.

Senti a realidade batendo em mim como um soco no estômago. Patty havia me enganado? Fingiu que estava no banho só para me surpreender?

Senti lágrimas rolarem de meus olhos, elas passavam pela minha bochecha, orelha e paravam no cabelo. Eu tentava me debater, mas era inútil.

— A morte perfeita foi arruinada. — senti uma mão gelada em minha canela, que subia enquanto a frase era proferida, parando em meu joelho — Eu estava com uma sequência maravilhosa de garotas perfeitas. Até que aquela defeituosa teve a capacidade de me enganar, mostrando cabelos loiros perfeitos quando na realidade era dona de um castanho banal. — Patty andava lentamente até a altura no meu pescoço, passando suas mãos por ele, simulando uma esganadura, mas retirando-as logo em seguida — Você é uma das perfeitas. Estive de olho em você desde quando voltou para a cidade. Foi sua pele, seu cabelo, sua juventude, todas essas virtudes que despertaram novamente esse desejo em mim. Você é igual Samantha, idade perfeita, aparência perfeita e, assim como ela, seria meu final perfeito. Outro presente meu para Forest Hill. — Patty mexeu no meu cabelo, meu olhar a acompanhou até onde era possível, a única maneira de mostrar o quanto estava apavorada era arregalando meus olhos e eu não sabia como aumentá-los ainda mais.

Eu nunca havia me sentido assim antes. Lembro das vezes em que fiquei assustada, com medo e até mesmo em pânico, e nenhuma delas se comparava ao que sentia agora. Tudo aquilo parecia bobagem quando vista minha situação atual. Não conhecia o real significado até isso acontecer.

Senti sua mão em minha barriga, só então percebi que não estava com minhas roupas.

— Calma, shhh... — a voz de Patty beirava o doentio — as roupas confeccionadas pela indústria são muito grosseiras. Não combinam com a arte e a delicadeza de bonecas americanas. Fitas coloridas remetem a inocência e ao valor, são dignas. Escolhi o turquesa

para você, o que falta em seus olhos, a fita supre. – minha barriga congelou quando ela falou sobre meus olhos – Mas não se preocupe, em breve o mundo verá a beleza, a verdadeira e passageira beleza. – sua mão passou em meu rosto e seu dedo indicador acariciou um dos meus olhos, tentei me soltar, queria aquelas mãos asquerosas longe de mim. Queria essa mulher longe de mim! – Infelizmente tive que adiantar os planos, queria esperar mais algumas semanas para que você completasse vinte e cinco anos. – por incrível, ou estranho, que pareça, sua voz que estava algo parecido como um doentio carinhoso, ficou cheia de raiva ao falar minha idade. É, vinte e cinco tinha um significado grande – Sua irmã é perfeita também, sabia? Mas não era a hora dela, talvez no meu próximo lote de arte – senti repulsa quando ela comparou pessoas reais com *um lote de arte* – ela esteja presente. Aquela sua amiga, Emily, ela é quase perfeita, maculou a perfeição ao pintar de castanho a parte debaixo do cabelo. Mesmo que ela já esteja em seu natural agora, a perfeição nunca é restabelecida, ela nunca alcançará esse nível novamente. Entende o motivo de ser tão grave o que aquela Louise me fez fazer? Eu perdi a linha da perfeição. Contaminei meu histórico. Apesar de não conseguir voltar no tempo, você vale a pena. Por isso que desde quando voltei com meus trabalhos, você foi destinada a ser o *grand finale*. Assim como Samantha. – ela começou a se repetir e eu ficava cada vez mais nervosa. Patty era louca, era insana – Tive que te acertar com um bastão, o sangue sujou seu cabelo, não o quero deixar sujo, como tive que deixar o de Louise. Por isso que preciso que você volte a dormir. Tenho que limpar seu cabelo.

Patty se afastou e quando voltou ao meu campo de visão, estava com um vidro marrom e um pano, ela chegava mais próxima de mim e eu tentava gritar, me livrar daquilo tudo. O que ela iria fazer comigo?! Me debatia, mas sem efeito, ela havia me prendido muito bem, quanto mais tentava me soltar, mais sentia a corda apertando meus pulsos e tornozelos.

Ela embebedou o pano com o que quer que tivesse naquele frasco e em seguida o colocou em meu rosto, mais precisamente em meu nariz enquanto tampava minha boca com o resto do pano. Tentava mexer minha cabeça para tirar aquela mão imunda do meu rosto. Demorou para que eu comesse a me sentir fraca e como se tudo estivesse apagando, mas após algum tempo finalmente me entreguei para a escuridão.



Capítulo 24

Novamente acordei, a princípio parecia que não havia nada de incomum nisso, mas logo a dor de cabeça, junto com a realidade, me atingiu e me ambientei. Não sentia nada mais limitando o movimento de minha cabeça, então a virei para o lado. Aos poucos fui retomando a consciência do resto de meu corpo e isso veio acompanhado de dores nas minhas coxas, como se fossem pontadas, mas mais doloridas.

Minha boca estava seca demais para falar algo, Patty havia retirado aquela bola, mas eu continuava impedida de falar. Queria muito o copo d'água.

Tentei olhar para trás, mas minha cabeça não conseguiu virar muito, o machucado era um dos culpados nisso. Já era possível sentir meu cabelo grudando em meu corpo. Tentei ignorar a dor, mas fui vencida por ela, levantei um pouco a cabeça na intenção de descobrir qual a razão para isso, mas não consegui enxergar muita coisa, apenas sangue, o suficiente para me assustar e começar a chorar por causa do pavor.

Eu não tinha ideia de onde Patty estava, visto o silêncio que imperava no local, mas bastou que eu comesse com o choro que ela apareceu ao meu lado. Colocou sua mão em meu antebraço e fez um sorriso odioso

— Sophie, minha bonequinha, isso é apenas o começo – e saiu dali.

Agora que eu não tinha mais aquele negócio super incomodo em minha boca, me sentia na obrigação de fazer algum esforço para saber qual a verdadeira razão de Patty realizar tudo isso. Além de, é claro, sua insanidade.

— Por quê? – saiu quase sem som e arranhando por completo minha garganta, mas sei que ela escutou, visto que parou enquanto eu perguntava.

Ela se virou e aquele sorriso abominável tinha desaparecido de seu rosto, agora seu semblante estava furioso

— Você não prestou atenção em porcarias nenhuma que eu falei? O único trabalho que você está tendo é de ficar parada escutando e mesmo assim não consegue fazer isso direito? – eu a olhava assustada enquanto Patty fechava os olhos e esfregava as têmporas com as pontas dos dedos, ela saiu do meu campo de visão e voltou com uma faca, fez um corte no meu braço enquanto falava – Eu quero a perfeição, Sophie. – aquilo doeu muito, eu não conseguia gritar, guardar aquela dor, não conseguir extravasá-la era agonizante. Ela cortou mais uma vez – Eu quero que o mundo veja a perfeição que eu vejo em garotas como você. Sei que a melhor maneira de fazer isso é interrompendo esse processo que irá te fazer rugas e marcas do tempo no rosto, quero deixá-las no auge. Serem perfeitas para sempre.

A dor latejante da minha coxa e a recente do meu braço não me fazia escutar direito e me deixava tremendamente impaciente. Perfeição? Que loucura é essa que ela está falando? Suas palavras me colocaram em pânico. Temia que a qualquer momento ela me finalizasse, fazendo com que daqui algumas horas eu me tornasse a próxima estátua

humana de sua coleção. Não me importava com as lágrimas rolando no meu rosto, elas eram as únicas coisas que deixavam explícito o que eu sentia no momento.

Ela deu a volta e encostou o corpo no local em que eu estava deitada, cruzando os braços, continuou a falar

— Tudo estava me conduzindo até você, Sophie. Saiba que não foi de minha intenção deixá-la tão envolvida com o caso, engraçado, não é mesmo? Eu sabia que você e Josh estavam com seus encontrinhos perto do pântano, mas saber que seria você quem encontraria Katherine? – Patty deu de ombros – Pode ser que isso tenha passado pela minha cabeça, confesso. Mas saber que você tinha visto Daniella me surpreendeu e bom, foi uma ótima oportunidade para a polícia gastar tempo atrás daquele seu vizinho esquisito, Sean é o nome dele, né? Saber que você conhecia aquele velho? Não sabia, mas te afetou muito? Não, né? Se até mesmo a filha dele mal se mostrou afetada, mas é, aquela detetive é fechada, nem mesmo eu consigo descobrir o que passa naquela cabeça. Ok, o que fiz com Louise era impossível não se relacionar com você, mas enfim, se eu acreditasse em tal coisa como destino, diria que esse realmente era o seu. – como se um raio de felicidade a tivesse atingido, Patty animou sua voz e continuou com sua fala podre – Lembra de quando falei sobre Louise? Ah, fiquei muito brava. Ela não merecia morrer. Não era digna. A perfeição que mostrava era fabricada. Algo fabricado é tão sem valor! Não chega aos pés do natural, esse sim mostra o quanto existe excelência na natureza. – ela passou a mão em meu rosto – Mas pelo menos você me fará diminuir esse erro. Adiantei meu plano em semanas? Adiantei. Não poderia deixar você solta por aí, não depois de todas aquelas perguntas e investigações, você não será mais meu segundo presente de natal e ainda poupou a vida de pelo menos mais duas garotas. Tudo bem, já estou procurando meu próximo *grand finale* para o terceiro lote, esse tomarei o cuidado para que siga meu plano. Talvez seja sua irmã. – ela riu de uma forma que me fez querer vomitar e se abaixou, ficando com seu rosto a um palmo do meu, perguntando curiosa – Mas me diga, aqueles policiais tolos estão há dois anos me procurando e não conseguiram nem mesmo chegar perto. O que me entregou para você?

Se eu tivesse saliva suficiente, certamente teria aproveitado essa oportunidade para demonstrar todo meu nojo e raiva através de um cuspe, mas eu mal tinha para mim mesma, imagina se gastaria à toa. *Uma questão de sorte*, pensei respondendo o que ela havia me perguntado. Mas havia sido mesmo sorte, se eu não tivesse conhecido Ben como pessoa e entrado pelo menos um pouco em sua vida pessoal, eu nunca iria entender que estava tudo relacionado com a música, muito menos saber que Patty era a envolvida.

Percebendo que eu não iria falar nada, seu rosto fechou, ela passou mais uma vez em mim a lâmina da faca, se levantou e afastou. Me esforcei para erguer a cabeça para ver onde que a maldita estava indo, mas minha perna ficava em meu campo de visão, não importando o quando tentava ignorar e eu não queria ver algo tão parecido como o que via quando apenas virava a cabeça para meus braços. Se sentir impotente e sentir a dor que aquilo causava não era algo muito tranquilo.

Voltei a deitar minha cabeça e esperei para que Patty dissesse qualquer outra coisa. Até que ela voltou com o meu celular em sua mão. Quer dizer, o celular que Eve tinha me dado, já que era ele que eu carregava quando fui ao apartamento de Patty.

— Sabe de uma coisa que eu gosto? Não que ela esteja ligada ao meu desejo de ver a perfeição, mas sim por ser algo que me dá um prazer inexplicável. – seu tom era sádico e logo a vi balançando no ar o aparelho – Gosto de ver o desespero e choro das minhas bonequinhas quando escutam as mensagens de voz desesperadas de seus relativos e depois as chamadas que nunca são atendidas. – Ela suspirou, olhando para o teto e abraçando o celular, isso me lembrou muito as poses de uma pessoa apaixonada, o que me fez sentir ânsia – Vamos ver o que você tem por aqui? – Patty sentou ao meu lado e colocou no alto-falante

Sophie?

Era a voz de Josh, aquilo me revirou o estômago.

Forte nome? Do que está falando? Me retorne.

A mensagem foi finalizada.

— Oh, chegou mais uma! – Patty disse como se descobrisse um presente escondido.

Sophie, você não me retornou ontem

Josh acabou de falar a palavra “ontem”?! Eu estava há quanto tempo aqui? Não tinha noção de horário, para mim havia passado algumas horas, mas não o suficiente para a troca de dia.

*e fiquei preocupado. Espero que não tenha feito
nenhuma besteira. Se der, passe no departamento hoje,
tenho algo para te perguntar.*

A mensagem foi finalizada. Patty colocou ao meu lado o celular e, cínica, perguntou

— O que será que o ex-pombinho quer te perguntar? Ele sabe daquela sua parede cheia de coisa? Você tem consciência de que farei qualquer coisa para não descobrirem sobre mim, não é mesmo? Inclusive, acho que vou visitar sua mãe. Imagine só, você acredita que a filha mais velha dela não passou a noite em casa? – ela fingiu um tom de voz surpreso e alarmado, franzi o cenho, meus lábios tremiam de desespero e raiva – Bom, vou deixar o celular em cima dessa mesa para que você escute quando ele tocar, fique se retorcendo para sair aqui e depois se afogue em lágrimas por não conseguir contar para ninguém qual o lugar que te prenderam. – Patty colocou o celular onde disse que deixaria e deu uma risada que me fez sentir um bolo na garganta. Eu não queria desistir, mas parece que não há outra saída – Eu irei ficar algumas horas fora, afinal, tenho uma vida de mentira para sustentar. Sabe como é horrível ver todos aqueles defeituosos em sua volta, querendo ser seu amigo, te tocando e tudo mais? – ela se tremeu de nojo – Ainda tenho que aturar um namorado idiota, mas muito útil, e fazer manifestações estúpidas.

Patty revirou os olhos e a próxima coisa que escutei foi a porta abrindo e em seguida fechando. Assim que pude, pela centésima vez tentei tirar meu pulso das amarras, mas era impossível. Lembrei daqueles filmes em que os protagonistas ficam igualmente presos com cordas e dão um jeito de sair, seja deslocando ossos ou sei lá o que. Dei uma risada que se transformou em choro, eu nunca iria conseguir sair daqui.

Chloe veio em minha cabeça. Se eu morresse nessa situação, haveria um terceiro lote,

falando exatamente como Patty disse, se ela decidisse esperar mais dois anos, Chloe teria a idade que Katherine tinha. Ou seja: ela poderia ser mesmo uma escolha daquela psicopata. Patty já pensava nisso. Só não pegou minha irmã por ser nova demais. Não cabia em mim a ideia dela passar pelo mesmo que eu passava agora. Alguma coisa tinha que acontecer para deter essa maníaca.

Senti algo em minhas coxas endurecer e pinicar, acho que era o sangue que secava. Para isso acontecer nesse lugar úmido, era porque eu estava há um bom tempo aqui. Ainda sentia escorrer o do meu braço. Eu espero, por tudo que acredito, que minha mãe não comece a mexer no meu quarto, ela veria todas as minhas anotações. E se comentasse algo com Patty? “Você tem consciência de que farei qualquer coisa para não descobrirem sobre mim, não é mesmo?” ela disse e a ideia de minha mãe se enquadrar nisso me fazia querer sair correndo daqui e salvar todo mundo.

Fechei os olhos e tentei dormir.

Mas eu não conseguia.

Ao fechar os olhos, vários “e se” começavam a rondar minha cabeça.

E se eu não estivesse entrado nessa de descobrir quem era o Maníaco? Bom, eu estaria com Josh, não sei se Patty teria passado algum tempo com Louise, então não faço ideia se ela estaria viva ou morta. De qualquer jeito eu estaria nessa situação. A única diferença é que seria daqui dois meses.

E se na minha chamada para Josh, eu tivesse falado o nome de Patty em vez de apenas dizer que tinha um nome forte?

Esse pensamento foi o que me fez ficar amargamente arrependida.

Era Patty chegar na cidade que Josh teria colocado-a sob custódia até conseguir juntar as peças, e a essa altura ele estaria em seu caminho para me resgatar. Ou então, no pior cenário, ele teria dito algo “Patty? Como assim ela é o Maníaco? Você precisar vir ao departamento para se explicar” e quando ela escutasse isso nas mensagens de voz, as chances de eu já estar morta no momento eram enormes.

Nada que passava pela minha cabeça era algo para dar esperança ou tranquilidade. Tudo era propício para que eu enlouquecesse e temesse mais pela vida das pessoas próximas a mim do que pela minha. Afinal, eu já havia sido pega, era questão de mais algum tempo para Patty fazer o que queria fazer, mas eles não, eles não faziam ideia do que estava acontecendo, ainda continuavam normalmente com suas vidas. Será que foram esses os últimos pensamentos de Louise? No quanto nós estávamos em perigo ao ter Patty ao nosso lado?

Fechei os olhos com força e quis muito gritar, mas minha garganta incomodava só de engolir ar, não queria pensar o que aconteceria com ela se eu realmente gritasse.

O telefone começou a tocar. Nesse momento, desejei muito que fosse meu celular, assim, pelo toque utilizado, eu saberia quem estava ligando. Provavelmente tocou até cair. A pessoa tentou mais duas vezes. Acho que era Josh.

Eu queria tanto atender!

Olhei para um lado e para o outro, não me importava em fazer movimentos bruscos, meu pânico era correspondente. Precisava entender qual a minha localização e, pela primeira vez, eu estava consciente e sozinha, então poderia fazer isso sem me preocupar com a louca em minha volta. As paredes eram de madeira, as frestas existentes mostravam que eram antigas, não conseguia enxergar por elas, mas era suficiente para que luz passasse. Acho que ela usou esse lugar em todas as outras vezes, inclusive em 2013, pois pelo que conhecia do pântano, nunca havia visto nenhuma cabana e nem mesmo ouvido falar.

Olhei para o outro lado e vi uma porta, julguei ser ali um banheiro, visto que não existia qualquer outra. Já também na única janela era impossível ver algo, Patty pregou algumas madeiras. Não havia muitos móveis no lugar, pelo que conseguia ver, tinha uma cadeira, mesa e uma bancada, todos com uma aparência de muito antigo. Voltei a olhar para o teto e suspirei longamente. Era isso. Era assim que eu iria acabar. Fechei os olhos e comecei a chorar. Em todos os cenários de como iria morrer, que um dia imaginei, ser vítima de uma serial killer nunca estave entre eles.

Queria ver minha família e Josh mais uma vez.

Só isso.



Capítulo 25

— Oh, Josh! Ainda bem que você chegou!

Bonnie me atendeu logo quando bati na porta, ela estava com uma aparência cansada, seu rosto estava pálido e parece que nem mesmo se importou em arrumar o cabelo. Havia ficado muito surpreso com a ligação dela e mais surpreso por vê-la com esse ar de preocupação. Ela andou rapidamente até a sala, eu não entendia muito bem o que estava acontecendo, então fechei a porta e a segui. Parei abruptamente quando vi que ali estava também Chloe, Margot e Emily. Todas tinham semblantes sérios e preocupados. O nome Sophie me veio à mente. Andei até o sofá e, ainda com a expressão de desentendimento, perguntei

— O que aconteceu?

Bonnie mordia as pontas dos dedos enquanto andava de um lado para o outro com a outra mão na cintura, ela não parecia apta para explicar a situação. Margot então se levantou e encostou uma das mãos no meu ombro, me levando até a janela mais próxima

— Sabemos que devemos registrar o desaparecimento de alguém somente após vinte e quatro horas, ainda mais sendo Sophie já adulta, fica mais complicado para registrar que foi um desaparecimento e não que ela sumiu porque quis e-

— Margot, me diga o que aconteceu direito – fiquei impaciente no momento em que ela citou desaparecimento, senti um mal estar, mas permaneci firme, me virando completamente para ela e colocando minhas mãos em seus ombros.

Ela abriu a boca algumas vezes, parecia tentar encontrar a maneira certa de contar a situação, até que enfim descobriu

— Ontem, quase nesse mesmo horário, Sophie disse para Chloe que iria almoçar fora, depois disso não apareceu mais. Você conhece a Sophie, não é mesmo? Sabe que ela não é do tipo de pessoa que foge ou que nunca avisa onde está. Ela desapareceu de verdade. – Margot estava mesmo abalada, mas pelo que pude observar por cima de seu ombro, Chloe e Bonnie estava em uma situação pior – Você pode fazer alguma coisa com isso?

Cocei a cabeça e tentei me concentrar em ser o mais racional possível.

— Vou conversar com as duas e pedir para que elas registrem o desaparecimento.

Margot, que estava com os braços cruzados meio encolhida, assentiu e deu um passo para o lado, dando espaço para que eu fosse até as Fields. Assim eu fiz. Primeiro fui até Chloe, que estava como que paralisada com um olhar perdido.

— Chloe, Chloe – a chamei, balançando de leve seu ombro.

Ela fechou os olhos e meneou a cabeça, olhando para mim e tentando focar no que via.

— Oi – ela disse sem emoção.

Pigarreei e continuei

— Preciso que me diga, em detalhes, o que aconteceu na última vez que viu Sophie.

— Ela estava no quarto dela e eu no meu, eu estava lendo um livro que havia ganhado, de repente ela entrou e perguntou o que eu iria fazer no resto do dia, eu percebi que ela estava estranha. Bom, ela *realmente* – Chloe frisou – estava estranha. Desde o funeral de Louise, ela saía daquele quarto apenas para a cozinha e banheiro, mas ontem ela havia superado, senti sua voz esquisita e percebi que ela não estava normal. Perguntei se era Louise que a deixava assim, daí ela ia começar com aquela conversa sentimental de apoio que ama fazer, então parei de prestar atenção nela. Então Sophie foi embora. – Chloe olhou para baixo e ficou em silêncio por alguns segundos, ela queria falar mais alguma coisa, por isso esperei – Josh, – levantou seus olhos até a mim – se eu tivesse parado para escutar ela, Sophie não teria sumido?

Comprimi os lábios e não soube o que responder. Se fosse premeditado, ela iria sumir de qualquer jeito, mas se fosse o contrário, havia sim chance de nada acontecer com ela. Mas obviamente não falaria isso para Chloe, se houvesse um cenário em que seria possível o não desaparecimento de Sophie, a mais nova das Fields iria lamentar mais ainda. Em vez de responder a pergunta feita, apenas disse que era impossível saber de algo. Me levantei e fui até Bonnie que encarava o celular como se uma ligação fosse surgir a qualquer momento.

— Bonnie, – me aproximei com todo o cuidado – você tem certeza que Sophie desapareceu? Ela não fez alguma viagem de última hora para Tallahassee? O celular dela está desligado?

— Josh, o celular dela está aqui em casa, minha Sophie não é assim. Sempre quando vai para longe, ela avisa. Nunca me deixou sem saber o paradeiro dela, até mesmo quando estava na universidade, se decidisse ficar fora da cidade por alguns dias, ela me ligava para avisar. – seus olhos clamavam por querer saber de alguma ideia de onde sua filha estaria – Emily também não sabe onde Sophie está, ela chegou de viagem nessa madrugada.

Olhei para trás e vi Emily sentada na poltrona e se abraçando, ela parecia que estava com o pensamento bem distante, assim como Chloe. Fui até ela e me agachei

— Emily? – ela respondeu mais rápido ao meu chamado e olhou para mim quase no mesmo instante em que disse seu nome – Você sabe de alguma coisa que pode ajudar a encontrar Sophie? – Ela mordeu o lábio inferior e olhou para baixo – Pode confiar em mim – coloquei uma das mãos em suas costas para lhe garantir segurança.

— Você sabe que ela estava super interessada no caso e que recebeu aqueles bilhetes medonhos, não é? – Emily disse de maneira que somente eu escutasse, assenti e ela continuou – Ela tem uma parede cheia de informações sobre o caso, – seus olhos marejaram e eu comecei a ficar ansioso, sentia que não gostaria de escutar nada daquilo que ela estava prestes a dizer – é sério Josh, ela tem muita coisa. Sophie não estava em uma de suas melhores fases. Chloe me disse que ela se trancou no quarto depois do funeral de Louise, eu achei que era minha culpa por eu não estar com ela na hora, então a fiquei enchendo de mensagem. Mas esse desaparecimento... Eu tenho certeza que foi ele. Foi ele, Josh – ela apertou minha mão que estava apoiada no braço da poltrona e eu ainda estava na parte em que ela falou sobre Sophie ter uma parede cheia de informações sobre

o caso.

Me aproximei de Emily e disse quase que em um sussurro

— O que ela sabia sobre isso? – nunca tinha parado para pensar o que Sophie realmente fazia quando corria atrás das informações sobre o caso, sempre pensei que era algo amador, que não teria futuro. Claro que após o papelão que ela fez Chloe passar e os bilhetes, me preocupei mais com o que ela estava procurando do que com o que estava mexendo.

Mas uma parede cheia de informações? Isso era obsessivo.

Foi então que lembrei da mensagem de voz. Ela tinha um nome importante para o caso. Será que essa pessoa é a responsável pelo seu desaparecimento?

Emily se levantou e me puxou pela mão, passamos por Chloe que voltara a seu estado desconectado e por Margot, que estava ao lado de uma Bonnie de olhos fixos no celular. Perto da escada, ela soltou minha mão e subiu ao meu lado, em nenhum momento deixando de falar baixinho

— Eu era contra isso que ela fazia, mas você sabe como ela é. Se coloca algo na cabeça, nada tira. Ai que raiva!

Era possível sentir as mudanças em seu tom de voz, como se fosse uma dura batalha se manter da maneira que ela se apresentava. Sempre soube que Emily era mais sensível do que o comum, nem imagino as coisas que ela estaria pensando no momento. Talvez assim como Chloe, ela pensava que tinha uma parcela de culpa. Chegamos na porta do quarto de Sophie, Emily se virou antes de girar a maçaneta e disse

— Não demonstre nenhuma reação extrema – e abriu a porta.

A princípio me pareceu um quarto comum, nada que chamasse a atenção. Então Moore foi até a cama e eu pude ver aqueles papéis brancos e linhas coloridas, a primeira vista, parecia uma escolha duvidosa de decoração, mas então Emily pediu para que eu ajudasse a afastar a cama até que um vão onde cabíamos fosse aberto. Entramos ali

— Ela sempre vira essas coisas para que ninguém “não autorizado” veja o que estava fazendo – enquanto falava, Emily ia virando todos aqueles papéis e a ajudei para que terminasse logo.

Não acreditei quando vi. Cheguei até mesmo a sentar na cama para observar melhor. Ela tinha tudo ali. Tudo o que saiu na imprensa e que ela foi atrás. Eu estava extremamente dividido entre praguejar e sentir orgulho dela, tudo isso era ou muita inteligência ou muita burrice. Uma situação de ou oito ou oitenta.

— Quem sabe sobre isso? – perguntei alarmado.

— Não sei direito, acho que Bonnie sabe, mas pelo que conheço Sophie, a mãe dela já acha que ela parou com isso.

— Mas Sophie nunca para – murmurei ainda surpreso com o que estava em minha frente.

— Sophie nunca para. – escutei Emily repetir, ela sentou ao meu lado e praticamente implorou – Agora você tem noção do motivo para achá-la logo? Ela me contou que vocês dois se separaram por causa desse caso. E agora, por causa desse caso, ela pode estar em

perigo.

Esfreguei meu rosto com a palma da mão e respirei fundo. Eu estava conseguindo deixar que meu lado racional e profissional prevalecesse, e planejava continuar dessa maneira. Já havia visto o quanto considerar o emocional ou então misturá-lo com o racional é prejudicial ao meu trabalho, então dessa vez eu estava focado em não deixar essa notícia me pegar como havia pegado todas elas. Era o que precisava ser feito. Levantei da cama e caminhei até a porta

— Você não vai deixar ninguém entrar nesse quarto. Ninguém. Nem mesmo Chloe e Bonnie. Vou levar a mãe de Sophie para registrar o desaparecimento. Isso daqui – aponte para a parede – é nosso segredo até eu voltar como detetive Sanders, junto com Eve, para começarmos a investigar. Para ver se há mesmo relação com o Maníaco do Pântano.

Emily, com seus olhos arregalados, apenas concordou com a cabeça. Sai do quarto e ela veio em seguida. Escutei mais vozes do que tinha antes, ao descer as escadas vi Patty Williams na porta, ela parecia preocupada com Bonnie. Só faltava ela descobrir sobre o desaparecimento de Sophie e voltar a fazer seus típicos estardalhaços, isso não nos ajudaria em absolutamente nada. Me aproximei das duas e pedi no ouvido de Bonnie

— Senhora Fields, vamos comigo até o departamento para que faça o registro do desaparecimento.

— Ah sim, vamos sim – ela parecia um pouco mais tranquila, sentido que finalmente algo estava sendo feito para encontrar sua filha.

— Depois nós nos falamos, tenho que ir. Mas por favor, me avise qualquer coisa – Patty disse com um tom de preocupação, ela me olhou e acenou com a cabeça.

— Senhora Williams – respondi o cumprimento.

Nós três saímos da casa, nos dividindo ao chegar na calçada, Patty indo para seu carro e Bonnie e eu indo para o meu. Entramos, dei partida no carro e fizemos o caminho para o departamento. Queria saber como puxaria o assunto da parede com Bonnie, procurava pelas palavras corretas, mas como sabia que pensar demais não iria funcionar, decidir falar da maneira que vinha na mente

— O que a senhora sabe sobre a parede no quarto de Sophie?

Bonnie começou a mexer com o tecido de sua roupa, ela havia ficado nervosa e logo desatou em um choro

— Ela havia me mostrado, para Patty também. Não gostei nada do que havia feito, sabe, deixa com a polícia o trabalho da polícia. Mas Sophie é uma mulher já, não posso falar o que ela deve ou não fazer, o máximo em meu alcance é aconselhar. Depois daquele dia, ela não falou mais nada, achei que tinha deixado de lado essa ideia maluca, mas não foi isso que Emily quis te mostrar lá em cima, não é?

— Não – respondi de maneira curta, Bonnie tinha essa sagacidade que fazia ser impossível não dizer nada mais do que palavras simples.

Fizemos em silêncio o resto do trajeto, a levei para o lugar onde os registros eram feitos e fui até a mesa de Eve procurar por ela. Eu sentia que estava começando a encostar no meu

limite. Rickenter não estava em sua mesa, então fui para a minha e tentei me concentrar. Sophie estava em algum lugar, talvez amarrada, talvez inconsciente. Sofrendo? Bom, se o Maníaco realmente a levou, a essa altura já deve ter começado seu *ritual*, eu estava mesmo em uma corrida contra o tempo. Era minha obrigação pessoal e profissional resgatá-la. Ela não deve ser o próximo corpo a ser encontrado, se isso acontecer, acho que nunca irei me perdoar.

Já começava a sentir meus batimentos mais acelerados, o suor se formando na testa. O barulho em minha volta virou zumbido e todo mundo me parecia irritante. Balançava minha perna direita sem parar, isso chamou a atenção de alguns colegas de trabalho, olhei para eles e tentei disfarçar, me remexendo um pouco na cadeira. Minha vontade era de levantar e jogar no chão, com as mãos, tudo o que estava em cima da minha mesa. Mas não, eu tinha que me manter no controle. Vi Elizabeth chegando com seu andar sério, já fechei os olhos e respirei longamente, ela já havia nos dado interpretações e traços de personalidade muito importantes, mas que eram quase inúteis sem que tivéssemos algum suspeito para comparar.

Ela passou direto. Não sabia se ficava aliviado ou não. Elizabeth poderia ter dado mais alguma coisa para auxiliar a investigação, mas eu tinha certeza de que falaria com ela de um modo curto. Thomas veio logo atrás dela, ele estava com um sorriso no rosto. Como que alguém consegue dar um sorriso sequer quando nós estamos passando por uma crise como essa?

— Fala, Josh! – ele sentou na ponta da minha mesa e começou a brincar com uma caneta – Vou almoçar agora, estou um pouco atrasado, mas tinha que vir aqui dar uma declaração oficial: eu estou amarrado na minha garota! – sua alegria fazia minha cabeça ferver.

— Isso, Thomas, vai almoçar, vai ficar *amarrado na sua garota* – o remendei – enquanto o departamento inteiro está atrás do serial killer, – levantei da cadeira e bati duas vezes meu dedo indicador na mesa enquanto meus olhos estavam fixos nos dele – enquanto eu estou atrás de Sophie. Que aliás, desapareceu! – quando prestei atenção em seu semblante, vi que ele havia arregalado os olhos, eu o havia assustado.

Thomas balançou levemente a cabeça e respondeu retribuindo a grosseria

— Ainda bem que não fiquei com o caso dela então.

Soquei a mesa com a lateral das mãos e retruquei

— Ainda bem!

Eve chegou e interrompeu nosso embate

— Thomas é melhor ir embora, – ela dizia como se não tivesse notado nossos ânimos – Josh vem aqui. – Eve sentou em sua cadeira e colocou um pedaço de papel ao lado do telefone, notando que nós dois permanecíamos encarando um ao outro, ela insistiu – Vocês dois, façam agora o que eu mandei – seu modo ranzinza fez com que a obedecêssemos.

Fui até sua mesa e sentei na cadeira em frente a ela, Eve pegou o papel e mostrou para mim

— Ontem a mãe de Henriquetta nos ligou, ela disse que Sophie havia ligado para ela e-

— E qual o motivo para que saibamos disso somente hoje? – a interrompi indignado.

— Nós não estávamos aqui no departamento quando isso aconteceu, nesse meio tempo houve uma confusão de papéis com os oficiais, esse estava no meio, o encontraram hoje e me deram assim que entrei aqui. – uma confusão? Ainda não sabia o que Sophie perguntou para a senhora Jackson, mas sabia que qualquer que tenha sido a informação, poderia muito bem ter feito com que nós impedíssemos o sumiço de Sophie – Soube também que a senhora Fields veio com você registrar o desaparecimento de Sophie.

— Sim, ela me chamou hoje de manhã na casa dela, queria que eu ajudasse como Josh, não somente como detetive Sanders.

Eve assentiu um pouco pensativa e voltou a falar

— Qualquer coisa que Sophie tenha perguntado para a senhora Jackson, pode ser que nos ajude a saber onde que ela está agora e o que aconteceu com ela. Por isso peço para que você se mantenha concentrado. Não quero atritos ou que isso se torne algo pessoal demais – Eve falava de modo cuidadoso, uma maneira que raramente era possível ver.

A olhei com cara de quem não acredita que ela estava falando aqui. Eve revirou os olhos e teclou o número do papel em seu telefone, alguns segundos chamando até que ela foi atendida

— É a senhora Jackson? – cruzei os braços, eu estava ansioso para saber o que Sophie havia perguntado para ela – Aqui é a detetive Rickenter. – pausa para a senhora Jackson falar – Sim, sim – queria saber o que elas conversavam, então falei, sem deixar que som algum saísse, para ela colocar no viva-voz e assim Eve fez.

— Vocês demoraram para ligar, achei que não se importaram – a senhora Jackson disse com um tom aliviado.

— Pedimos desculpas por isso, mas o que exatamente aconteceu? – Eve trocava a direção dos olhares entre mim e o telefone.

— Ah, a menina ligou há duas noites, disse que uma amiga dela, é... – ela parecia tentar lembrar o nome de Louise – Não lembro o nome da amiga, então, ela disse que a amiga dela havia falecido e que queria descobrir quem fez isso.

— E então? – Rickenter queria logo que a mãe de Henriquetta concluísse a fala.

— Ela perguntou de quem era o quarto que minha filha estava quando a foto dela foi tirada, aquela que apareceu nos jornais. Era do meu filho mais novo. Então a menina começou a fazer umas perguntas sobre o violão da foto e por fim perguntou quem dava aulas para ele. Eu não sabia quem era e fiquei de perguntar para ele, depois ligaria para ela. Fiquei com isso na cabeça e decidi que era bom a polícia saber, não sei se vai ajudar em algo, mas se a moça disse que era super importante, então deve ter alguma importância pra vocês também.

Eve e eu nos olhamos exatamente na mesma hora. O que Sophie havia descoberto? O que ela estava pensando que a fez querer tanto saber sobre um violão?

— E quem dava a aula, senhora Jackson? – Eve perguntou já pronta para agir.

— O nome da instrutora é Patty Williams, detetive.

Patty Williams? O que ela tem a ver com tudo isso?

— Muito obrigada, senhora Jackson.

— Detetive, antes de desligar. Por favor, encontre quem está fazendo isso. Estou sofrendo há dois anos pela morte da minha filha, sei que essa ferida nunca vai cicatrizar, mas saber que quem fez isso está solto por aí, faz com que ela fique muito mais dolorida.

— Estamos fazendo o nosso melhor, garanto para a senhora que essa monstruosidade não vai ficar livre por muito mais tempo.

— Assim espero – com uma voz triste a senhora Jackson desligou a chamada.

— Patty Williams? – Eve perguntou desentendida para mim – O que ela tem a ver com isso?

Permaneci em silêncio e continuei pensando. Foi então que percebi que, além de ficar organizando essas manifestações, ela também dava aulas para Chloe. Precisamos entender o que estava acontecendo. Eu precisava mostrar para Eve aquela parede.

— Tenho que te mostrar algo – eu disse, levantando subitamente da mesa.

Eve me olhou desentendida, eu apenas balancei a cabeça e pedi para que ela me seguisse. Já no carro, continuei a falar

— Como eu já havia te falado, Sophie estava querendo saber muito da investigação, mas eu não tinha ideia do quão obcecada estava. Eve, – desviei rapidamente a atenção do trânsito, mas logo voltei para ele – ela reuniu muita coisa!

— Que?! Como assim?

— Você vai ver – não disse mais nada depois, queria que ela descobrisse tudo aquilo com os próprios olhos.

Chegamos na casa das Fields e Bonnie, ainda abatida, nos atendeu. Todas ainda estavam lá, apreensivas, querendo que algo fosse descoberto o mais rápido possível.

Cumprimentamos todas e pedi permissão para que subíssemos até o quarto de Sophie. Bonnie permitiu e nos seguiu até lá. Eve foi na frente, ela queria ver logo o que eu tanto havia falado. Ela entrou no quarto e parou imediatamente quando viu a parede, olhou para trás e me viu curvando a boca para baixo, queria que Eve chegasse mais perto da parede e lesse as coisas que Sophie havia escrito sobre as vítimas. Assim foi feito. Incrédula, Rickenter tocava nos papéis e lia cada um deles, novamente olhou para mim

— Isso foi tudo o que ela conseguiu reunir?

— Foi sim, você percebe alguma relação com o que a senhora Jackson falou?

— Percebo – Eve respondeu com olhos vazios, ela estava tão confusa quanto eu.

Escutamos o choro de Bonnie vindo do corredor, fui até ela e a abracei, a senhora Fields me abraçou de volta com força, ela parecia não querer parar de chorar. Passei minha mão em seus cabelos e tentei confortá-la

— Nós vamos encontrar Sophie, eu prometo.

— E quem garante que quando a encontrar, ela não vai ser o próximo corpo?

— Eu lhe dou a minha palavra. Não vou deixar que isso aconteça com nossa Sophie.

Bonnie olhou para mim, seu rosto estava todo molhado pelas lágrimas

— Você ainda gosta dela?

Soltei uma risada curta e triste

— Não imagino um dia em que não gostarei.

— Por favor, encontre-a – ela implorou.

— Encontrarei.

Eve apareceu na porta e chamou para ir embora. Precisávamos voltar para o departamento imediatamente.

— Tirei fotos daquelas anotações, nós podemos comparar o que já temos e descobrir mais alguma coisa – Eve dizia enquanto nos aproximávamos do departamento.

Nossos passos eram acelerados até a mesa de Eve, chegando lá colocamos em mesa tudo o que podíamos. Deixamos o capitão de sobreaviso que conseguimos pistas importantes e ele nos garantiu que liberaria toda a força necessária quando descobríssemos algo. Isso deixou Eve e eu mais confiantes e seguros.

— Como não vimos isso antes? Elas tem sim algo em comum, mas não necessariamente é relacionado a todas elas! – Eve disse abismada enquanto olhava para todos aqueles papéis e descarregava as fotos em seu computador para imprimi-las.

— Esse deve ter sido o grande ponto, Eve, nós estávamos olhando de maneira errada o caso. Procurávamos algo sobre elas, quando aparentemente era algo de amigos e parentes.

Ela colocou na mesa as fotos impressas.

— Olha o que Sophie escreveu sobre as vítimas: Katherine tinha uma banda, Samantha era cantora, a melhor amiga de Daniella tocava violão, Jess trabalhava em uma loja de instrumentos musicais e o irmão de Henriquetta tocava violão. Sabemos que a instrutora do irmão de Henriquetta era Patty, falta descobrir a relação das outras vítimas e encaixar também Rebecca Collins, Dulce Díaz e Savi Morgan – eu apontava para as pastas de cada uma das vítimas quando as citava, isso era como uma injeção de adrenalina, eu estava empolgado e ansioso com tudo isso que acontecia. Sentia que algo estava mesmo mudando.

— Eu fico com as vítimas das anotações de Sophie e você descobre algo das três que ela não conseguiu – Eve disse categórica.

Fui para minha mesa e reli o arquivo com todas as informações sobre Rebecca. Fiz minha rota para conversar com os familiares das três mulheres. Iria seguir a ordem em que foram encontradas. Então minha primeira parada era a casa dos Collins. Pedi para que o detetive O’Neal me acompanhasse, ele era um dos que auxiliavam Eve e eu no caso, então estava a par do que acontecia. O’Neal está há seis anos no cargo de detetive, é responsável e diligente, sua pele não entregava a idade, porém, seus anos de vida são aparentes pelos cabelos brancos que começavam a crescer, tomando o espaço que os fios pretos ocupavam.

Ele bateu na porta e um senhor robusto atendeu, ele arqueou uma das sobrancelhas quando perguntou quem éramos

— Somos detetives – O’Neal e eu mostramos nossos distintivos na mesma hora – e estamos novamente investigando a morte de sua filha.

O rosto do senhor Collins era um daqueles difíceis de esquecer. Não são todos os dias que presenciamos um homem do porte que ele tinha, sentar no chão e começar a chorar desconsoladamente. É, eu estava perto quando contaram para ele que encontraram a filha e um tempo depois quando ele fez o reconhecimento do corpo. Vê-lo destruído por causa da morte de sua filha foi algo marcante para todos que viram, se tornou uma espécie de símbolo da dor desse caso do Massacre do Pântano.

— Entre – o senhor Collins foi para o lado, a fim de que entrássemos.

— Vamos ser breves. Surgiram pistas importantes para o caso, acreditamos que quem quer que tenha feito isso, está relacionado ao mundo musical. Por isso queremos saber se Rebecca em algum momento comprou um instrumento, cantava em algum lugar, teve aula de música ou se algum amigo ou parente teve.

O senhor Collins olhou para o chão e voltou a olhar para nós

— Rebecca nunca teve instrumentos musicais, muito menos fez aula. Nossos parentes também não mexem com isso. E quanto a amigos, eu também acho que não, mas é melhor vocês mesmo confirmarem isso. Vou dar o nome da melhor amiga dela, espera aí.

Ele se virou e entrou em alguma parte da casa, O’Neal e eu nos entreolhamos e sabíamos que pensávamos a mesma coisa: tinha que ser isso. O senhor Collins voltou com um papel na mão

— Aqui o nome dela, só não sei onde mora. Mas espero mesmo que ajude vocês.

— Nós agradecemos – O’Neal respondeu.

Assim que entramos no carro, o detetive comunicou com a central, pedindo para descobrirem o endereço de Amanda Hogan. Estacionei o carro a duas quadras da casa do senhor Collins e esperamos a resposta com o endereço. Cinco minutos depois e já estávamos seguindo o caminho. Paramos em frente a uma casa relativamente simples e de quintal pequeno. Batemos na porta e uma mulher negra de cabelo solto, todo cacheado, nos atendeu

— Amanda Hogan? – perguntei.

— É ela.

— Somos detetives – novamente levantamento e mostramos nossos distintivos – e voltamos a investigar o caso de Rebecca Collins.

Amanda respirou fundo e perguntou o que queríamos, pude notar um pesar em sua voz.

— Você ou algum outro amigo de Rebecca em algum momento antes do desaparecimento dela fizeram aulas de música, cantaram em algum lugar ou compraram instrumentos musicais?

Ela não entendeu o que pretendíamos com tudo aquilo. Desencostou da porta e cruzou os

braços

— Não, nunca me interessei por essas coisas, nem nossos amigos. Gostamos de músicas, claro, mas nada que nos fez comprar algo ou querer aprender.

Então Rebecca Collins não tinha nada a ver com isso? Eu rogava em pensamento para que essa informação não quebrasse a linha de raciocínio que havia sido criada. Agradecemos Amanda e pedimos para que ela nos ligasse caso lembrasse de algo sobre o assunto. Ela concordou.

— Tem que ter alguma coisa aí – disse para O’Neal enquanto dirigia até a casa dos Díaz.

— E tem sim, Sanders, mais cedo ou mais tarde isso vai aparecer – ele garantiu.

A casa dos Díaz era grande, lembro de ver muitas pessoas da família durante as investigações, eles pareciam ser pessoas bem ligadas umas as outras. Um rapaz nos atendeu

— Olá, nós gostaríamos de falar com o senhor ou senhora Díaz – O’Neal disse para ele.

O rapaz, por sua vez, se virou e começou a gritar por “tia”. Logo a senhora Díaz apareceu na porta.

— *Hola!* – ela nos cumprimentou em espanhol enquanto secava a mão em um pano de prato, só então senti o cheiro de comida vindo de dentro da casa.

Pela terceira vez informamos que éramos detetives, mostramos os distintivos e falamos sobre o caso, perguntando sobre Dulce fazer ou conhecer alguém que faça uma das alternativas.

— Hmm, acho que não, detetives. – ela tinha um forte sotaque – *Permítame* perguntar ao meu marido.

Ela entrou na casa e voltou com um senhor que aparentava ser pelo menos dez anos mais velho que ela. Repetimos a pergunta e ele nos respondeu

— Dulce nunca fez aula alguma, mas gostava muito de música, – o senhor Díaz não tinha sotaque, pelo que me recordo da história deles, ele foi ao México a trabalho, conheceu a esposa e depois vieram morar aqui, fazendo com que aos poucos o resto da família viesse também – tanto que às vezes ia até a casa de Gloria, sobrinha de minha esposa, para ouvi-la tocar flauta.

Isso despertou nossa atenção.

— Ela sempre tocou flauta?

— *No, no, ela tenía aula, no me acuerdo mucho* de quem ensinava ela, *pero era muy amable*.

Eu apenas entendia levemente o que ela dizia por causa de Thomas, ele às vezes me ensinava palavras em espanhol, olhei para o lado e vi pelo semblante de O’Neal que ele não entendia nada do que a senhora falava.

— Desculpem, detetives, mas quando minha esposa fica muito nervosa ou ansiosa, ela começa com o espanhol e se torna muito difícil pra ela separar os dois idiomas. Ela disse que Gloria tinha aula, não lembra quem era, apenas lembra que a pessoa era muito

agradável.

— Onde Gloria mora? – O’Neal perguntou e o senhor Díaz nos passou o endereço. Não era muito longe daqui.

Novamente entramos no carro, fizemos o percurso e chegamos na casa de Gloria. Ela nos atendeu e sua aparência era o oposto de Dulce, a vítima havia puxado a família do pai, enquanto Gloria permaneceu com os traços mexicanos que a tia tinha.

— Fiz por um tempo aula sim, mas não sei se vou lembrar o nome de todos os professores que tive – ela disse com uma medida de humor, mas sem conseguir rir devido ao assunto que trouxemos para ela.

— Quantos teve na época em que Dulce desapareceu?

— Se eu me lembro bem, estava em transição. Infelizmente não faço ideia do nome do instrutor que foi trocado, mas o da instrutora não tem como eu esquecer, porque vez e outra ela aparece na televisão. Vocês provavelmente a devem conhecer, é a Patty das manifestações – seu sotaque não era tão acentuado quanto o de sua tia.

— Patty Williams? – perguntei confirmando.

— Essa mesma – ela confirmou.

— Obrigado senhorita – O’Neal agradeceu a colaboração antes de ir embora.

Dei partida no carro, absorto no caso. A ideia de ter sido Patty Williams era impossível. Aquela mulher era quem nos pressionava para encontrar o Maníaco. Não fazia sentido.

— Já é a segunda vez que o nome de Williams surge – murmurei.

— Parece que é assim mesmo, não temos nada em vista no momento, mas assim que algo surge, parece que deslancha tudo – o detetive disse e eu tive que concordar.

Agora tínhamos que ir até a casa da família Morgan, eu me perguntava se ouviria novamente o nome de Patty. Refiz toda a apresentação quando a amiga que Savi dividia a casa nos atendeu, Laura Joss, ela era ruiva e provavelmente nasceu na mesma época que Savi.

— Savi era muito ativa, – ela lembrou saudosa – era aquele tipo de pessoa que quando se encantava por algo, se jogava naquilo, mas também não durava muito, ela logo queria outra coisa. Se não me engano, ela teve sim um interesse por música durante pouco tempo. Até briguei com ela quando decidiu parar com a aula de violão, Savi havia pagado caro nele, achava loucura ela deixá-lo encostado. Eu estava insistindo para vender o violão, mas ela sumiu antes que a fizesse mudar de ideia.

— Você lembra quem deu essa única aula para ela? – perguntei.

— Desculpa, a pessoa veio aqui umas quatro vezes apenas, para mim é pouco tempo para decorar nome, ainda mais de dois anos atrás.

— Você poderia descrever? Caso se lembre da aparência dela.

— Claro. – Laura fez uma expressão que mostrava o quanto estava se esforçando para lembrar, então começou a falar – Ela tinha um rosto muito marcante, cabelos pretos, não lembro o comprimento e uma pele muito branca, não lembro a cor dos olhos nem o

formato do rosto.

Peguei meu celular e procurei por uma foto de Patty na internet, facilmente encontrei em uma matéria de um site local falando sobre as manifestações. Mostrei para Laura

— Saberia dizer se é essa mulher?

Ela olhou bem para a tela e disse

— Não posso afirmar com total certeza, mas ela parece muito.

Agradecemos a cooperação dela e a lembramos de ligar para a polícia caso se lembrasse de algo. Voltamos para o departamento, já estava anoitecendo. Tinha certeza de que iríamos passar a noite em claro. Enquanto fazia o caminho até a mesa de Eve, um policial chamou O’Neal para resolver um problema, o qual não prestei atenção. Mal parei em frente da mesa e Eve olhou para mim incrédula

— Sabe o que todas as vítimas têm em comum?

— Patty Williams – falamos em uníssono.

— Falei com todos e o nome dela sempre aparecia! Mas assim como Sophie, não consegui ligar Jess, mas como ela trabalhava em uma loja de instrumento musical e foi uma das primeiras vítimas, acredito que Patty a conheceu quando foi comprar algo lá. Pagou em dinheiro vivo e ainda por cima levou em algum momento a vendedora.

— Não consegui nada relacionado com Rebecca, mas encontrei essa mesma relação com Dulce e Savi. Dulce tinha uma prima que fazia aula com Patty e Savi fez somente uma aula com ela, mas parece que se viram mais umas três ou quatro vezes.

— Isso pode ter despertado a atenção de Patty – Eve disse pensativa.

— Alguém já sabe dessa nossa suspeita?

— Além do capitão e de O’Neal? Não. Se for ela mesma, não queremos que a notícia vaze e dê a chance dela escapar.

Nós ficamos poucos minutos encarando um ao outro. Estávamos perplexos. Patty sempre esteve na nossa frente, puxava as manifestações. Isso tudo foi arquitetado por ela? Ela tinha uma mente diabólica. Patty frequentava a casa de Sophie! Ela tinha ido hoje pela manhã para lá! Foi consolar uma mãe que estava desesperada por causa da filha que ela raptou? Precisávamos pegá-la para que Williams coloque todos os pingos nos i’s. Isso ainda não parecia real.

— Todos os livros e especialistas estavam certos, um serial killer tem a capacidade de se comportar de maneira que não levante suspeita alguma e que, se o nome surgir em investigação, se torne algo tão inacreditável que é logo descartado.

— Um lobo em pele de cordeiro.

— Exatamente. – Eve olhou para a mesa de Thomas e o chamou. Ele estava no celular e veio até a gente sem desligar o aparelho, apenas o afastou da orelha – Preciso que você junte a força policial, peça para que eles estejam preparados porque a qualquer momento vamos atrás do Maníaco.

— Ok. – ele disse para Eve, mal olhando para mim, se virou e eu ainda pude escutar sua

conversa – *Baby*, preciso desligar. Parece que a cidade finalmente vai tirar o peso do Maníaco das costas e você também.

Um oficial se aproximou e falou com a detetive

— Conseguimos localizar o local em que o celular está e pelo que vimos, Sophie está no pântano, aqui as coordenadas exatas – ele deu um papel para ela.

O sentido de urgência cresceu em todos nós. Sophie foi rastreada! Era isso. Agora era possível salvá-la e, de quebra, encontrar o, ou melhor, a Maníaca. Nos levantamos imediatamente da cadeira e pedimos para que detetives e policiais fossem até a sala de reunião, atualizamos o capitão e, vinte minutos depois, ele começou a falar com todos naquela sala

— A mulher desaparecida, Sophie Fields, de vinte e quatro anos, foi localizada pelo rastreador do celular dado pelos detetives. Ela está no meio do pântano. Nós estamos em uma operação arriscada, essa é a nossa maior chance desde a primeira vez que o serial killer atacou, há dois anos. Por isso peço para que todos façam o seu melhor. O grupo 1 vai acompanhar Sanders e Rickenter no resgate, metade do grupo 2 irá junto com os detetives O’Neal e Edge até o apartamento da suspeita Patty Williams. A outra metade vai se dividir entre o terminal rodoviário e o aeroporto. Já pedi para que as saídas da cidade sejam fechadas. Nós estamos nos minutos finais dessa história. É dever dos senhores terminar de escrevê-la.

A sala inteira bateu palmas, todos estavam sérios, mas era possível ver um ar de alívio e determinação em seus rostos. Não dei atenção para fato de que Thomas não estava mais na sala, eu estava ansioso demais para encontrar Sophie viva. Só desejava que ainda desse tempo.



Capítulo 26

Eve conduziu o carro que liderava o grupo de policiais. A noite já havia começado há algum tempo. Fiquei no banco do passageiro me comunicando com os outros grupos que foram espalhados pelo capitão. Queria acompanhar todos os detalhes da operação. Precisava que Patty fosse presa e Sophie encontrada. Com sorte, a Maníaca seria pega de surpresa. O local rastreado era longe de onde o corpo de Katherine fora encontrado, por isso os policiais não conseguiram encontrar nada quando subiram o rio. Na realidade, durante o trajeto, havia pego um mapa e marcado um “x” em todos os pontos que as vítimas foram encontradas. Até mesmo onde ficava a casa dos Rickenter.

As marcações não estavam na mesma distância uma da outra e muito menos fazia alguma espécie de símbolo ou forma. Eram aleatórias. O ponto mais distante era o local onde Sophie estava. Nunca encontramos marcas de pneus, isso indica que Patty sempre deixava na estrada e carregava o corpo daquelas mulheres. Apesar de todas terem o mesmo tipo físico, ainda sim precisaria de força para que Williams conseguisse carregar. Ou então Patty tinha mais do que aparentava.

Fomos de carro até o ponto mais próximo possível. Teríamos que fazer a pé o resto do caminho. O cuidado no momento é essencial. O silêncio deveria ser preservado. Ainda mais porque já chamávamos atenção com nossas lanternas. Após cinco minutos de caminhada, avistamos uma cabana antiga, meu coração acelerou, olhei para Eve e ela assentiu, também sabia que era ali que Sophie estava.

Chegamos até ela por um caminho feito com velhas tábuas de madeira. Olhei para trás e fiz um sinal com o dedo, dividindo o reforço policial em dois, cada um indo de um lado da cabana para cercá-la. Eve, eu e mais um policial fomos até a porta. Bati três vezes

— DPFH! Abra a porta!

Esperamos alguns segundos e nada aconteceu. Somente movendo os lábios Eve disse “vá” e eu me joguei duas vezes contra a porta para conseguir abri-la

— Ande! Ande! Ande! – ordenei para que os policiais entrassem logo atrás de mim.

Assim que abri a porta já foi possível ver Sophie deitada em uma espécie de mesa. Corri até ela enquanto um dos policiais abriu a única porta que tinha ali dentro, pelo que olhei de relance, era um banheiro não utilizável. Olhei para o corpo de Sophie e senti como se estivesse sido acertado por um peso enorme, seus braços e coxas estavam com marcas, assim como os das outras vítimas. Passei minha mão em seu rosto, a respiração dela estava muito fraca. Eu estava apavorado, com muito medo de perdê-la a qualquer momento.

Seus olhos abriram bem pouco, mas o suficiente para eu perceber que lutava contra isso que estava acontecendo com ela. Senti um nó na garganta e tentei conter um choro, mas algumas lágrimas foram mais ágeis e desceram pelo meu rosto.

— Sophie – eu disse.

Seus lábios extremamente ressecados tentavam falar meu nome, mas eles não conseguiam.

— Não há ninguém aqui e nem na região. Já liguei para a emergência – Eve sussurrou para mim.

Olhei para ela

— Peça para colocarem de cabeça para baixo esse lugar. Chame a equipe forense e retire digital de cada centímetro dessa cabana – praticamente ordenei.

Peguei um pedaço de pano e tentei limpar o sangue em seu corpo, mas ele já havia secado. Então o coloquei sobre ela e peguei uma faca para cortar as cordas de seus tornozelos e pulsos. Eu ainda estava em choque, tentando processar tudo o que via e também evitar pensamentos horrorosos.

A enrolei naquele pano e chamei um policial para me guiar até o carro. Esperaríamos a ambulância lá. A volta foi mais demorada, como eu carregava Sophie em meus braços o cuidado que eu tinha era redobrado. Chegamos ao carro e eu sentei, ainda com ela no colo. Notei que os movimentos do meu andar fizeram alguns dos machucados dela voltarem a sangrar, eles eram profundos. A ajeitei no meu colo e Sophie voltou a abrir os olhos, com certa dificuldade colocou um braço em volta do meu pescoço, percebi que ela queria que eu abaixasse um pouco a cabeça, talvez quisesse falar alguma coisa, apesar de aparentemente conseguir apenas sussurrar. Porém, senti apenas seus lábios em minha bochecha, seguido do seu braço voltando para onde estava. Ela estava me agradecendo? Olhei em seus olhos e sorri emocionado, passei a mão em seu rosto e esperamos a chegada da ambulância.

Escutei o som e mesmo que ainda estivesse muito longe, já fiquei alerta. Chamei o policial que havia me acompanhado e pedi para que avisasse Eve que eu iria para o hospital com Sophie. Logo em seguida a ambulância estacionou e os paramédicos desceram correndo até mim. A colocaram na maca e fizeram os primeiros socorros. Logo disse que iria acompanhar Sophie até o hospital. Entrei na ambulância e somente quando um dos paramédicos disse que dali para frente somente no hospital que fariam mais alguma coisa por ela, é que consegui reparar em tudo a minha volta. Vi que havia pingado um pouco de sangue em minha calça, mas não me importei.

O cheiro da ambulância era estranho e o barulho que os instrumentos faziam em suas caixas transmitiam certa agonia. Voltei a olhar para Sophie. Tão frágil. Ainda mais assim, desacordada. A ideia de um cenário em que eu não conseguia ter encontrado ela a tempo me assustava. Não sei se conseguiria lidar com um quadro em que Patty finalizasse seu ato. Eu quase perdi. Fechei os olhos e joguei minha cabeça para baixo.

Depois de dois anos e dez vítimas, finalmente o Maníaco foi desmascarado. Tenho consciência de que a única coisa que me resta é esperar pela notícia de captura e pelo que o médico falará sobre o estado clínico de Sophie. Eu não queria me afastar dela.

Voltei a olhar para ela. Seu rosto tinha uma expressão serena, mas entregava que o que ela passou nessas últimas quarenta horas não foi algo fácil. Senti culpa, pena e raiva. De soslaio percebi que o paramédico estranhava meu comportamento perto dela, então tentei me controlar. Mas era difícil.



Capítulo 27

De braços cruzados eu olhava atentamente do lado de fora do quarto. Pelo vidro conseguia ver Bonnie e Chloe chorando de felicidade por ver Sophie se recuperando. Eu ainda não tive a oportunidade de falar com o médico, ele estava tão ocupado indo de um lado para o outro e não deixando que burburinhos surgissem sobre quem era *a moça que chegou*, que mal pude conversar.

Ainda tem o fato de que Patty não foi encontrada até agora. Thomas nesse momento deve estar sendo interrogado por Eve, rastreamos o telefone de Williams e descobrimos as inúmeras chamadas entre eles. Mas não queria pensar nele ou no que a detetive estaria descobrindo sobre ele. Eu tinha que focar em um problema só e escolhi Sophie.

Puxei o médico quando vi ele se aproximar, não deixaria passar a oportunidade de saber como que ela realmente estava

— Qual o estado de Sophie? – perguntei soando um pouco mais preocupado do que pensei que pareceria.

— Ela ficou muitas horas sem água e comida, precisa ficar por mais um tempo aqui no hospital de repouso para se recuperar e também em observação. Suturamos todos os cortes. Quando a liberarmos, ela precisará usar cadeira de rodas para não estourar os pontos. Usará somente até a retirada deles. Mas não há nada de muito grave com a paciente, vocês chegaram na hora certa.

O médico deu leves tapas em meu ombro e entrou no quarto, Bonnie e Chloe se afastaram um pouco da cama para que ele conversasse com Sophie, fez algumas anotações em sua prancheta e saiu da sala. Chloe olhou para a direção em que eu estava e fez um sinal para que eu entrasse, havia evitado fazer isso porque não queria interromper o momento em que as Fields estavam, mas com o pedido, entrei. Bonnie limpou as lágrimas de seu rosto, se levantou da cadeira e foi até a mim, ela não disse nada, somente me abraçou fortemente e, mais do que gratidão, senti naquele abraço o amor de mãe. Amor que não sentia desde quando a minha falecera, isso me emocionou e tive que me esforçar muito para que nenhuma lágrima caísse.

— Vamos. – Bonnie estendeu a mão para Chloe – Não comemos nada desde quando chegamos.

Eu estava a cerca de três passos de distância da cama que Sophie estava. Sorri de canto enquanto ela me encarava de modo envergonhado e feliz. Me aproximei dela e sentei na beirada da cama, peguei sua mão e suspirei. Eu estava sem acreditar que ela havia sido pega por Patty, que a consegui salvar e que agora estava bem. Sophie olhou para seus braços

— Acho que agora dá para ser cosplay de Sally, a garota do O Estranho Mundo de Jack. – sua voz ainda não havia voltado ao normal, mas isso não a impediu de tentar amenizar a tensão. Demos risadas, mas elas foram curtas, logo o silêncio voltou a nos rodear – Me

desculpa – Sophie disse, começando a chorar em seguida.

Eu sempre havia sido contra ela se intrometer do caso do pântano, era muito perigoso, como se comprovou ser. Mas nessas últimas horas andei pensando muito sobre isso. Se Sophie não estivesse fazendo o que fez, ela nunca teria encontrado a relação entre as vítimas e nós da polícia certamente teríamos demorado um pouco mais para solucionar o caso. Pensei muito e a pergunta que mais me afligia era: e se eu não estivesse ocupado na hora em que Sophie ligou?

Teria atendido sua ligação, ela teria me contado, não teria se exposto e sofrido. Eu tentava não me culpar, afinal, estava trabalhando na hora, de qualquer maneira não teria como atender qualquer ligação. Mas mesmo assim não conseguia parar de pensar nessa possibilidade.

— Não tenho o que te desculpar, Sophie. Sua teimosia nos ajudou, e muito. Não foi certo o que fez, mas acabou sendo indispensável. – acariciei sua mão enquanto falava – Agora pode ficar tranquila, a polícia inteira está atrás de Patty, vamos capturá-la e ela ficará nas mãos da justiça. Prometo que Patty nunca mais vai fazer nenhuma outra vítima.

— Ela me disse que eu seria a última de seu *lote*, mas ao descobrir que eu estava indo atrás da pessoa que estava cometendo essa monstruosidade, decidi adiantar seus planos – seus olhos começaram a transmitir pavor e Sophie se remexia na cama, sua agitação piorava.

Comecei a gritar por ajuda e algumas enfermeiras apareceram, me afastei para que elas conseguissem acalmar Sophie. Não aguentei ver aquilo, coloquei meu braço em meu rosto e me virei, meu coração acelerou e perguntei para mim mesmo se ela conseguiria superar isso. Queria que sim. Ela era forte. Eu confiava em Sophie.

De longe a vi fechando os olhos, uma das enfermeiras se aproximou de mim e disse

— Nós a sedamos para que tranquilizasse. Cuidamos da saúde física dela, mas infelizmente não está em nossas mãos cuidar da mental, recomendo que a família procure ajuda para auxiliar a paciente nesse sentido.

Assenti ao que ela dizia. Sophie precisaria de um profissional para conversar e conseguir passar por isso. Não faço ideia do que Patty disse para ela e qual era o teor do terror psicológico aplicado pela psicopata. Passei incessantemente a mão em minha cabeça enquanto ia até a sala de espera, onde Bonnie e Chloe estavam, mas Eve interrompeu meu caminho, pegando em meu ombro para que eu parasse de andar, e assim fiz. Virei e por mais que pareça estranho, consegui ver um alívio e alegria em seus olhos quando me disse

— Vamos voltar, conseguiram pegar Patty Williams.

Antes de ir embora, expliquei o que fizeram com Sophie, sua família ficou preocupada e decidiu ficar ao lado dela até que acordasse. Eve foi dirigindo enquanto eu a enchia de perguntas, a felicidade que sentia por finalmente Patty ter sido capturada era uma das maiores que já senti na minha vida. Era o mais importante passo para deixar Forest Hill tranquila, levar ela para julgamento era questão de mera formalidade, em seu rosto estava estampada a culpa, não havia como negar a forte relação que ela tinha com as vítimas. Essa tentativa de fuga? Apenas reforçava tudo isso.

— Onde que encontraram ela? – perguntei para Eve.

— Patty estava escondida em seu prédio, em um dos apartamentos vazios – ela me respondeu sem tirar a atenção que estava tendo no trânsito.

— Ela nem mesmo chegou a sair do local?

— Não teve tempo, assim que descobrimos sobre ela, foi pedido que saídas da cidade ficassem vigilantes e no aeroporto e rodoviária reforçamos o patrulhamento. Para onde mais iria?

— Como ela sabia que iríamos atrás dela?

— Isso quem nos contou foi Thomas, lembra da ligação que ele estava logo depois que pedimos para ele deixar de prontidão os policiais? Era Patty, ele contou que estava ocupado porque o caso do Maníaco tinha dado importantes avanços.

Senti repulsa quando Eve falou isso, como ela poderia estar em seu normal quando nosso amigo, quando *meu* amigo de anos ajudou a Maníaca? Eu estava irado.

— Ele foi mesmo cúmplice? – cuspi com nojo essas palavras, não estava pronto para saber o quanto ele havia sido desumano.

Chegamos ao departamento quando fiz a pergunta, Eve olhou por alguns segundos para mim, fazendo uma careta séria enquanto puxava o freio de mão do carro. Voltou a recostar no banco

— Ele diz que não, mas sabe que não podemos ter certeza de nada até que tudo se comprove.

Engoli seco e balancei positivamente a cabeça, sai do carro e bati com força a porta. Não esperei por Eve, segui de maneira séria para nossas mesas, ignorando todo e qualquer cumprimento contente pela prisão de Patty. Passei pela mesa de Thomas e parei, ela estava inteiramente revirada, me aproximei e vi que as gavetas estavam escancaradas e tudo havia sido colocado para fora. Me perguntei se aquilo havia sido obra dele, dos policiais ou de ambos. Rickenter me alcançou e disse que já terminaram de interrogar Thomas, ele estava sob custódia até sua inocência ou culpa forem comprovadas.

— Como que ele se relacionou com alguém que comete essas atrocidades?

Era difícil eu acreditar que a tal namorada secreta dele era a Williams. As vezes que cobri seu serviço para que ele saísse com ela, que o incentivei para que se permanecesse nessa fase... Eu estava querendo que ele permanecesse com a culpada pela grande desgraça da cidade! Tudo o que aconteceu nesses últimos dias eram coisas quase impossíveis de digerir.

— O tempo todo ele disse que não fazia ideia de quem Patty realmente era. Thomas falou que a conheceu em uma das manifestações, ela se aproximou dele, aconteceu *a química* e eles começaram a sair juntos. Ele repetia toda hora que ela nunca deu motivos para que ele desconfiasse de nada.

— Ela o usou... – pensei em voz alta.

— Isso nós podemos descobrir agora – Eve disse, pegou no meu braço e me direcionou para a sala em que Patty estava.

Vários policiais estavam na sala de observação e alguns na porta da que eram feitas as interrogações. Meu pai estava na de observação, entrei para dar um abraço nele, somente depois vi Thomas em um canto, ao seu lado estavam dois policiais cuidando dele, um dos detetives disse que ele havia implorado para assistir o interrogatório. Santiago olhou para mim como se tentasse dizer que era inocente, não tive qualquer reação, apenas me virei e fui para onde Patty estava. Não sabia como lidar com ele.

Eve já estava sentada na cadeira quando entrei e fechei a porta. A câmera estava ligada e Patty Williams mostrava um sorriso de superioridade. Lembrei do bastão encontrado na caçamba de lixo ao lado do prédio dela, o exame forense mostrou que havia resquício de sangue nele, sangue de Sophie, com certeza foi usado para desacordá-la e levá-la inconsciente até o casebre. Eu precisava manter o autocontrole. Mas ver o rosto daquela mulher era tão humilhante. Ela nos fez de tolos por dois anos, movimentava protestos para que prendessemos o Maníaco quando na realidade ela era a Maníaca, nos culpava e guiava a opinião da população para ser contra a maneira em que agíamos. Ela estava em um nível muito alto da manipulação. O cinismo era seu companheiro.

— Finalmente – eu disse de maneira firme ao sentar perto de Eve.

Patty cruzou os braços e os apoiou na mesa

— Demorou, – ela arqueou uma das sobrancelhas – mas parece que finalmente vocês conseguiram. Pensei em enrolar mais um pouco, mas então percebi que outro poderia ficar com a glória. Não queremos isso, não é mesmo? Ainda mais após o trabalho que tive, apesar de não ter achado nem um pouco pesado. Bom, já falei para a rabugenta aqui que não precisarei de advogado, as pessoas são muito incompetentes. – Patty sorriu e acenou para o vidro – Não consigo ver nada que há depois desse vidro, mas aposto que tenho uma platéia e que meu *amor* está ali também – ela disse, mandando um beijo no ar.

— Você acha que Thomas Santiago está observando essa sua encenação? – Eve perguntou taxativa – Que tal você prestar atenção em nós dois aqui?

Patty rolou os olhos e respirou fundo, eu fiquei observando sua insensibilidade, parecia que nada do que dissemos faria com que ela se sentisse afetada. Decidi começar perguntando pelo mais simples para ela

— O que Thomas tem a ver com tudo isso?

Patty moveu seu maxilar como se não estivesse dando a mínima para o assunto

— Ele foi um bônus para mim. Coração apaixonado é idiota, foi fácil ficar sabendo o andamento das investigações dessa vez. Precisei de menos esforços do que da primeira.

— Como assim? – Eve perguntou com voracidade.

Sinalizei para ela amenizar a reação e Patty respondeu ainda no mesmo tom que estava utilizando até então

— Calma, detetive. Vocês querem que eu fale tudo, não é mesmo? Que graça teria se não contasse de uma maneira que os fizesse ficar atentos a mim? De maneira em que ninguém reparasse na minha astúcia? Meu trabalho foi digno, detetives, quero todo o mérito por ele.

Essa mulher era doente. Isso. Era totalmente doente. Ficava explícito mais e mais a cada

momento. Mas devíamos nos manter com o comportamento inalterado, ela não deveria ter a certeza de que estava tomando o controle da situação. Deveríamos exterminar toda e qualquer oportunidade para que ela fizesse algum jogo mental.

— Você pode ficar segura de que todos os holofotes estarão em você. Tudo o que fez será creditado somente a você. Seus... *lotes*? Bom, seus lotes são inteiramente de sua autoria. Mas somente se contar para nós exatamente tudo.

— Ugh! – ela fez cara de nojo – Vocês e essa necessidade de detalhes, mas contarei sim. Quero que saibam o quanto me dediquei a esse trabalho.

— Então nos fale sobre Thomas – Rickenter praticamente mandou.

Patty rolou os olhos

— Ele tem toda essa volatilidade no comportamento, mas é totalmente maleável, claro que teve coisas que eu nunca consegui descobrir, mas várias outras soube por ele. Pareciam comentários sem importância de como havia sido o dia de trabalho, mas para mim eram informações necessárias para que eu soubesse como agir.

Me aproximei e perguntei

— Você sabotou as investigações dele?

Essa pergunta veio quando lembrei que Thomas não havia conseguido solucionar todos os casos de mulheres desaparecidas que mais tarde descobrimos serem vítimas de Patty Williams. Ela caiu na risada, tampando a boca, abafou e respondeu

— Será que sabotei as investigações? O que você acha? Vou deixar esse seu cérebro descobrir sozinho.

Esfreguei minhas têmporas e olhei para o relógio em meu pulso. Ficaríamos por muito mais tempo aqui nessa sala. Patty queria brincar conosco. Ela não se importava com o que aconteceria a seguir com ela. Isso me fazia ter asco.

— Por que produziu todas aquelas manifestações?

Patty olhou e sorriu de modo debochado, ela estava totalmente segura nessa situação

— Eu sou o gato, vocês são os ratos. Brinquei, e muito, com vocês, – ela deu de ombros – conquistar as pessoas patéticas foi um ganho durante o caminho. Aposto que tem um grupo na frente desse prédio fazendo protestos sobre eu ser inocente e a polícia que está inventando desculpas para prender a *mulher que apenas sempre quis que os oficiais fizessem direito o trabalho deles* – ela fez um semblante de pena e logo mudou para um sorriso cínico, aquilo me fez estreitar os olhos e imaginar o quanto queria colocá-la em uma solitária o mais depressa possível.

Mas ela tinha razão, o policial que estava cuidando da porta assentiu, afirmando que o que Patty disse estava certo. Seu nome havia sido vazado e parece que um grupo de moradores está na frente do DPFH indignados por Patty ser suspeita pelas mortes das mulheres. A hora seguinte passou lentamente, Patty contava sobre o sentimento que tinha quando percebia o quanto a multidão acreditava nela, era impossível não deixar no rosto pelo menos um traço de raiva, a maneira como ela dizia tudo isso era como se nada a afetasse, a falta de empatia era notada tão facilmente que custava acreditar que Patty era um ser

humano. E ela conseguiu esconder todo esse seu lado por tanto tempo!

Eu me sentia um tolo derrotado.

— Ver o pavor das meninas quando recebiam meus recados, ahhh, era muito bom. — ela dizia saudosista — “Oh, quem é o louco que está me seguindo?”, “Será que conto para alguém?”, “Vou pedir uma ordem de restrição para meu ex, só pode ser ele”. — Patty imitava as vítimas, Eve e eu trocamos olhares, nós dois queríamos que ela calasse logo a boca e confessasse os crimes — Sabe qual foi um dos maiores erros de vocês e de todas as outras vítimas? — ela se aproximou da mesa, jogando toda a parte superior do corpo ali em cima e batendo continuamente seu dedo no móvel — Pensar que quem estava por trás disso tudo era um homem. Vamos lá, por que nunca passou na cabeça de ninguém que poderia ser uma mulher? Ops, quase ninguém! — Williams deu uma risada como se estivesse escondendo um segredo, a deixaria terminar seu discurso e voltaria para esse ponto do “quase ninguém” — O Maníaco pra lá, o serial killer pra cá, o ex-namorado, o conhecido e blábláblá. Mas essa estupidez de vocês me deu mais algum tempo pelo menos.

— Espere um pouco. — comecei a falar antes que Patty se vangloriasse em mais alguma outra coisa — O que você quis dizer com *quase ninguém*?

Patty soltou uma risada e ficou encarando Eve de uma maneira muito esquisita.

— Nós temos as mesmas características. — ela começou a falar — Pele branca, cabelo preto e olhos claros, a não ser o formato do rosto, o meu é mais fino enquanto o seu é redondo.

— O que isso tem a ver com o que o Josh perguntou? — Eve disse em sua maneira dura.

— Nada. — ela deu de ombros — Você não se parece muito com o pai, mas sim com a mãe. Na aparência, claro. Eles se gostavam muito, não é mesmo?

Eu definitivamente não estava gostando nada do rumo que essa conversa tomava.

Impressão minha ou Patty iria a qualquer momento confessar que matou o pai de Eve? Senti todo o meu corpo tensionar, não conseguia ter ideia de qual reação a detetive teria. Ela era um enigma, poderia fazer os dois extremos: tanto jogar a cadeira longe e avançar em Patty ou fingir que nada do que foi dito a afetou.

— Fala logo o que quer — Eve cuspiu cheia de raiva essas palavras, ela não era boba, o que passava em sua cabeça certamente era o que passava pela minha.

— Você sabia que ele implorou para deixar a esposa dele viva porque nunca havia contado nada para ela?

Engoli seco.

— Robert Rickenter sabia que você era a pessoa por trás de tudo isso? — perguntei antes que Eve fizesse.

— Até eu aparecer na casa dele, não. Quer dizer, foi por pouco. Vocês acreditam que por isso daqui — ela fez um gesto com os dedos que expressava quantidade pequena — ele não chegou ao meu nome? Ele notou que três vítimas tinham a música em comum e chegou a conversar com um conhecido meu que também leciona. Claro que não poderia deixar ele seguir esse caminho, então fiz com que um cliente do bar de karaokê de Samantha parecesse suspeito, vocês foram atrás dele, mas algum tempo depois pararam de

investigar. Como eu queria voltar, obviamente não deixaria que seu pai lembrasse da relação que havia feito. Então removi o problema – Patty relatou sem sensibilidade alguma, deu a impressão de que o Rickenter era apenas uma pedra em seu caminho e que chutando-a liberava a passagem.

Olhei para Eve e consegui ver ódio em seus olhos. Ela fechou o punho e eu já direcionei meu olhar para o policial da porta, a fim de que ele também ficasse atento a qualquer movimento da detetive. Eve, por sua vez, levantou abruptamente, fazendo com que o policial desse um passo para frente, ela olhou para ele e levantou sua mão em um sinal de pare, depois olhou para mim e falou

— Pode continuar – e saiu da sala.

Patty riu e balançou a cabeça. Cruzei meus braços e recostei na cadeira. Agora eu estava só. Isso era muito exaustivo, já havia duas horas que estávamos aqui e até o momento não começamos a falar das vítimas. Um oficial entrou e me entregou algumas folhas, o agradei e comecei a ler. Desde o momento em que descobrimos que Patty Williams era o nome da Maníaca, começamos a investigar sua vida. Quem ficou encarregado disso não parou por um segundo e agora em minhas mãos estava a vida inteira de

— Selena Moriarty. É esse seu verdadeiro nome, não?

Perguntei como se tivesse um trunfo em minhas mãos, apesar da reação de Patty, ou melhor, Selena, ter sido bem diferente do que eu desejava que fosse.

— Imagino o que vocês tiveram que fazer para descobrir isso. Mas me fala detetive, o que mais encontraram?

— Você nunca morou em Tallahassee, apesar de ter nascido mesmo aqui na Flórida, isso aconteceu na cidade de Clermont. Cresceu em um lar dividido, vizinhos sempre denunciavam para a polícia discussões fortíssimas que seus pais tinham entre eles. Seu pai era um homem agressivo, não é? Você vivia nesse inferno até que a assistência social apareceu na sua casa e te tirou dali. Devia ter o que, doze, treze anos? Infelizmente a taxa de adoção de crianças dessa idade é muito pequena, por isso permaneceu sob tutela do Estado até ficar maior de idade. Pelo seu perfil você não deve ter tido muita sorte na escola, não é mesmo? – eu usava um tom para que atingisse alguma coisa nela, mas não a abalava com nada.

— No fim do dia, quando me colocava na cama, após as brigas que teve, aquela mulher descontava sua frustração em mim, perguntava qual era o motivo para que eu não fosse loira, dizia que era essa a beleza ideal, assim ela me colocaria em concursos de beleza pelo país e viveria longe de meu pai. Ela tentava colocar alguma culpa em mim. Quando pensei que tudo aquilo tinha acabado, a escola me mostrou que não. Sabe o que é ser forçada a ficar com a cabeça embaixo de uma torneira por vinte e cinco segundos todo o dia, todo mês? Ser humilhada pelas perfeitas e populares da escola? – Patty olhava para mim, mas seus olhos estavam distantes, provavelmente ela revivia em sua cabeça alguma cena de quando era criança – Por anos fiquei escutando qual era a beleza máxima, no quanto ela deveria ser eternizada e em como as mulheres deveriam ser feitas de bonecas pela perfeição. Pessoas assim realmente tem tudo na vida. Tudo o que faltou para mim. Eu vi aquelas meninas crescerem e se tornarem velhas, plástica alguma consegue retomar a pureza de quando se é nova. Então é isso que estou fazendo, detetive. As mulheres ideais

estão paradas no tempo. Estou eternizando a perfeição. A beleza se perde com os anos, mas há uma maneira de fazê-la permanecer para sempre. Estou dando para elas algo que eu não tive e algo que foi tirado de quem era assim no passado.

— Como que você as escolhia?

— Elas vinham até a mim. — Selenia riu — Sério, nem mesmo a primeira tive que ir atrás.

Eu estava muito intrigado com a pessoa que Patty/Selenia se mostrava ser. Certamente muitos psiquiatras gostariam de estar no meu lugar nesse exato momento.

— Como que tudo aconteceu?

— Eu frequentava o bar de karaokê, estava querendo um emprego que tivesse horários flexíveis e sentia um desconforto enorme dentro de mim, eu não sabia o que era na época, mas ele existia e não me deixava viver como as outras pessoas. Então Rebecca se aproximou e começamos a conversar, em algum ponto do assunto ela deu a ideia para que eu desse aulas de música. Vou confessar para você que não prestei atenção na maior parte da conversa, ela era exatamente a beleza que eu ansiava. Comecei a sentir um negócio dentro de mim que me fazia ficar desesperada. Então certa noite me deixei levar e ela se tornou minha primeira *eternizada*. Depois veio Jess que trabalhava na loja em que comprei os instrumentos para lecionar e o resto você já pode deduzir. — ela dizia com uma voz de vitória e orgulho. Inacreditável — As nove meninas me deram a melhor sensação que eu poderia sentir, fizeram esse desconforto interior se dissipar e ainda se tornaram eternizadas. Tive muito trabalho, quero meu nome em todas as capas. Todos vão se lembrar de mim. Eu sou especial.

Não aguentei mais escutar nenhuma outra palavra dessa mulher. Levantei e fui até o policial

— Prenda-a. Já temos o que precisamos, vamos indiciá-la.

E saí da sala sentindo o maior alívio da minha vida.



Capítulo 28

Duas semanas se passaram, ainda não acredito nisso. As memórias permanecem vivas em meu pensamento e acredito que continuarão por muito mais tempo. Comecei a fazer terapia, com a intenção de que meu trauma diminuísse, provavelmente deve já estar funcionando, visto que meus pesadelos, ainda que frequentes, começaram a ser menos impactantes. O terapeuta ainda tem muito trabalho. Até hoje não consigo dormir no meu quarto, Chloe tem deixado um colchão no seu para que eu durma com ela. Saio na rua, quando consigo sair, com o coração na boca, tenho medo de ser reconhecida como a sobrevivente e ter que reviver aqueles momentos na minha cabeça quando alguém me para a fim de sentir pena de mim. Tenho medo de que alguém esteja me observando.

Emily não sai da minha casa, fez da minha sala sua moradia e também a de seus livros. Em breve saberá se entrará ou não em alguma universidade. Acredito que sim, ela tem se esforçado bastante. Retirei os pontos há alguns dias, mas ainda preciso tomar muito cuidado para não forçar coxas e braços, até cicatrizar completamente o médico disse que ainda tem risco dos machucados abrirem novamente, apesar de baixo. E eu não estava com ânimo de ver mais algum médico ou enfermeira na minha frente. Por isso estou tomando todos os cuidados possíveis, passo pomada todos os dias, evito ficar andando e quando preciso subir alguma escada, alguém sempre me auxilia

— Aqui — Josh disse, reforçando meu braço em sua nuca, eram poucos degraus, mas era uma escada.

Caminhava mais lento que o normal, ainda mais sendo necessária ajuda de outra pessoa, mas pelo menos consegui ficar livre da cadeira de rodas que me colocaram logo quando meus machucados foram suturados e fui liberada do hospital. Ainda não acredito que estamos indo para o julgamento de Patty. Quer dizer, Selena. Depois de tanto tempo em que eu achava que a conhecia, era difícil chamar por outro nome.

Josh me disse que esse não vai ser um julgamento comum, devido a periculosidade de Selena e a cobertura em massa da mídia, o judiciário decidiu processar mais rapidamente o caso. E ela está sendo a própria advogada, espero que facilite a decisão óbvia que eles tinham que tomar.

Mesmo sendo pessoas estranhas, fico contente que Sean e Joe não eram os culpados. Sean mais por causa da consideração que tinha pelos seus avós, porque ele como pessoa não tenho como acusar ou defender em algum assunto, Sean Lee foi e continua sendo um grande mistério. Não sei qual foi seu final, nunca mais o vi e nem mesmo ouvi falarem dele, com tudo o que aconteceu recentemente nem tive cabeça para pensar nele. Talvez quando tudo se acalmar, eu pergunte para Josh.

Já faz uma semana desde que Joe voltou para o Colorado, pelo que escutei Margot falar parece que finalmente foi resolver as pendências que tinha com a ex-mulher e também visitar seu filho. Por mais que Stone chegasse cheia de notícias sobre ele, minha mãe nunca mais falou sobre Joe, ela apenas fingia escutar a tagarelice da amiga. Quero que um

dia minha mãe encontre alguém, mas fico bem mais tranquila com ela tendo somente a gente, isso significa que homens como Joe e meu pai não estão em sua vida. Quem sabe um dia isso, de ela encontrar alguém bacana, aconteça.

Chloe interrompeu meus pensamentos, ela pediu para esperar por ela, disse que como não fazia ideia de qual seria a duração do julgamento, não arriscaria sentir vontade de ir ao banheiro na hora. Sinto um orgulho que não tem como descrever com palavras, ela virou definitivamente a página de Paul, ele mudou de escola e não procurou mais por ela, isso me deixou satisfeita. Consegui uma nova instrutora de música, dessa vez conferimos o passado inteiro dela e nos certificamos de que Caroline não era alguma outra psicopata camuflada.

A banda de Chloe conseguiu seu nome definitivo, As (Im)Perfeitas. De início achei de mau gosto, mas então elas me explicaram que essa foi a forma que arranjaram para homenagear todas as mulheres que foram vítimas de Patty, ainda mais sendo elas também do “meio musical”. Demorou alguns dias, mas acho que agora estou entendendo e aceitando essa decisão que tomaram. Ano que vem ela termina a escola, mas já pude presenciar as primeiras discussões de Bonnie e Chloe sobre ela fazer faculdade ou continuar com a banda. Pelo que conheço sua teimosia, Chloe acabará fazendo Música, o que contentará minha mãe, mas a deixará suspirando de tristeza por minha irmã não ter escolhido um curso que garantirá “uma profissão que tenha um futuro confiável”, palavras da própria Bonnie Fields.

Às vezes Ben e eu conversamos, nossa amizade baqueou após a morte de Louise, mas quando ficou sabendo o que havia acontecido comigo, ele foi ao hospital me visitar e passou em casa duas vezes nessa última semana. Temos muito em comum, essa tragédia que invadiu nossas vidas fez com que compartilhássemos um pouco mais da vida um do outro, sou grata por ter um amigo como ele.

Olhei para Josh e tantas coisas passaram pela minha cabeça. Primeiro me veio Thomas, a amizade entre os dois foi outra que estremeceu, Josh está magoado com Santiago. Thomas ficou livre, a polícia não encontrou nada que o incriminasse, então o capitão decidiu deixá-lo de fora de quaisquer acusações. Pelo que Josh disse, Santiago vai trocar de seção, o clima não ficou agradável mesmo ele sendo considerado inocente, o ar de traição continuava pairando por ali, em breve começará na Roubo e Furtos.

Eve tem conseguido minha simpatia, ela foi uma das que me visitou tanto no hospital como em casa, e não somente para recolher depoimento e avisar que iriam pedir para eu testemunhar contra Selenia no julgamento de hoje, mas sim também para conferir minha melhora. Foi uma visita meio *Eve de ser*, mas gostei dela ter feito isso. Não consigo imaginar qual sua sensação ao descobrir quem matou seu pai, já que ela demonstrou ter sentimentos negativos a respeito dele. Mas acho que ninguém nunca vai saber o que de fato acontece na cabeça de Eve Rickenter...

Encostei minha cabeça no ombro de Josh, sentir o cheiro dele me apertou o coração, eu não sabia para onde nossa relação iria, apenas que estávamos vivendo o presente

— *Em poucas semanas vou me mudar para Tallahassee, para meu novo emprego – eu disse no segundo em que nossas gargalhadas cessaram.*

Não sabia se esse era o momento certo, mas havia cansado de esperar.

— Já é certeza? – ele perguntou tentando disfarçar sua entonação triste.

— Já sim – respondi mordiscando meu lábio.

— O que você quer fazer? – claramente ele se referia a nós.

Eu pensei muito sobre isso. Agora que toda essa confusão e terror acabou, Josh e eu finalmente poderíamos ser namorados “normais”. Apesar de saber que o termo normal nunca iria se aplicar em nós, passamos por coisas em que a maioria dos casais “normais” nunca passariam. Entrelacei minha mão na dele

— Se tem uma coisa que eu só penso no momento, é de querer saber o que estou fazendo agora. – tentei rir para amenizar o clima, Josh tentou soltar alguma risada também – A gente pode passar essas semanas tentando descobrir o que faremos depois delas ou passarmos sem pensar nisso e descobrir somente no futuro o que fazer nele.

— Você é muito sábia, Sophie Fields – Josh disse pronto para começar a fazer cócegas em mim.

— Os pontos! – gritei antes que começasse.

Ele ficou frustrado e disse que por um segundo esqueceu, estreitei meus olhos para ele e olhei para onde eu estava sentada.

— Desculpa? – Josh disse meio risonho, meio sem-graça e puxou a cadeira de rodas para mais perto dele.

Tremi quando lembrei da cadeira de rodas, Josh perguntou o que foi e eu balancei negativamente a cabeça, ele passou a mão nela e escutamos a voz de Chloe dizendo para entrarmos logo. Fizemos o trajeto em silêncio, eu estava muito nervosa, além de ver novamente a Maníaca, eu iria depor, ou seja, reviver em voz alta tudo o que aconteceu comigo. Isso fazia com que meu coração saltasse pela boca.

Chegamos e paramos na frente da porta que dava para a sala de julgamento, senti minha mãe entrelaçando sua mão na minha, isso me deu um pouco de confiança. Ter uma família que estava ao meu lado em tudo era o que me ajudava. Josh abriu a porta, algumas pessoas já estavam ali, vi os pais de Emily, que assentiram para mim, vi alguns clientes da padaria e colegas da escola. O pessoal da faculdade não fazia ideia da minha situação até que meu nome circulou como a única sobrevivente da Maníaca do Pântano, desde então meu celular não parava de receber mensagens e ligações. Engraçado como conhecemos tantas pessoas e nem nos damos conta disso até que algo aconteça conosco.

Sentamos bem na frente, no lado da promotoria, olhei para o promotor e ele me olhou de volta cheio de confiança. Me virei para Bonnie e Chloe e sussurrei que as amava, olhei para trás e Emily fazia sinal de positivo com seus dedões das mãos. Mesmo nesse momento de tensão ela conseguia transmitir certa leveza. Era uma garota de ouro. A juíza entrou, não havia como negar sua imponência. Era negra, mulher e juíza, isso já me acalentou, ela deveria ser uma mulher de muita garra e que não desiste até conseguir o que quer e o que acha que é o correto, Selena não teria chances. Olhei para o júri e alguns deles me olhavam com pena, me sentia mal com esse tipo de reação, mas eu tinha que me acostumar com isso. Todos eles passaram pelo *voir dire*, o processo em que quem irá fazer parte do júri é escolhido, a origem, gostos pessoais, medos e ambições fazem parte disso.

— O povo contra Selena Moriarty. Mande a réu entrar – a juíza Dorsey disse.

Todos ficaram apreensivos quando a porta foi aberta. Engoli seco ao ver Selena. Comecei a entrar em pânico e tentei me controlar. Minhas mãos suavam e tremiam. Sentia meu coração mais rápido de que qualquer outra coisa. Era a primeira vez que a via pessoalmente desde a cabana abandonada. Queria vomitar enquanto nosso último encontro rodava em minha cabeça como um filme sem fim. O sorriso em seu rosto era insano e seu olhar orgulhoso era nojento.

Mesmo com suas mãos e tornozelos algemados, ainda sentia muito medo dela, era mais do que medo, era como se fosse pavor. Nem mesmo eu conseguia entender direito o que estava acontecendo comigo. Acho que meus sentimentos estavam muito transparentes, visto que senti a mão de Josh e de minha mãe segurando as minhas. Comprimi os lábios. Selena chegou até a mesa da defesa e se virou para a juíza, sem sentar, foi perguntada

— Selena Moriarty, sob as acusações de sequestro, tortura e assassinato, como a senhora se declara?

Bonnie e Josh seguraram minhas mãos de uma maneira mais firme, como se sentissem o quão nervosa eu estava naquele momento. Acho que para perceber isso nem mesmo precisa me conhecer, qualquer um que estava dentro daquela sala sentia isso. Selena olhou para mim e disse, apenas com os lábios, a palavra “Cuidado”, logo em seguida voltou seu corpo para a direção da juíza. Senti o vômito em minha garganta e uma vontade de chorar. Ela balançou seus ombros e finalmente disse

— Culpada.



O Final

Quando acordei nessa manhã, pensei que iria ser um dia comum de trabalho. Quer dizer, ainda estávamos no frenesi de ter capturado a serial killer que foi a causa de dor na cidade e por ela ter sido levada à justiça, então nosso significado da palavra *comum* não era bem o usual nesse momento. Eu tentava colocar minha vida nos trilhos, as turbulências na minha vida pessoal e profissional me fizeram perder um pouco de mim mesma e agora lutava para me recompor. Aprendi a lidar sozinha com meus próprios problemas, não sentia a necessidade de recorrer a outras pessoas, mas mesmo que eu nunca admitisse isso em voz alta, estar cercada por gente que conheço há muito tempo me trazia um pouco da estabilidade que eu tanto procurava restabelecer.

— Eve? – Josh me tirou do devaneio.

Olhei para ele e arqueei uma das sobrancelhas. Durante esses últimos dias só o via focado no trabalho, não o ouvi em momento algum contar de sua vida pessoal. Não que eu ansiasse por saber, mas esse era o jeito dele, Josh era muito transparente, eu o lia facilmente. Mas ultimamente não conseguia mais fazer isso.

— Recebi uma mensagem de Archibald, ele está nos chamando imediatamente.

Estranhei isso, o velho legista não costumava a fazer esse tipo de chamada. Assenti para Josh e coloquei no meu bolso o distintivo enquanto levantava e seguia Sanders. Dentro de poucos minutos chegamos na porta da sala de necropsia. Entramos e conseguimos ver o legista de costas, mexendo em algum corpo

— Nos chamou? – Escutei Josh perguntar.

Assim que ouviu, Archibald se afastou do corpo e se virou para nós. Não acreditei no que vi. Assim como Josh, que me olhou tão surpreso quanto. Apressamos o passo e paramos ao lado do corpo.

— Selenia – falei em um sussurro.

— Ela foi encontrada hoje pela manhã pela agente penitenciária. Acabei de receber o corpo. Não houve alarde algum, a penitenciária quer sigilo absoluto. Todos querem. Ainda não posso afirmar se foi suicídio ou se alguém lá de dentro fez isso com ela.

— Selenia estava sozinha em uma cela, a entrada e saída de agentes era controlada e há câmeras. Seja qualquer uma das opções, houve planejamento.

Ainda escutando a conversa dos dois, fui andando até a mesa em que os pertences encontrados com as vítimas eram colocados. Vi que um papel estava dentro de um saco plástico. Peguei-o e tanto meu nome como o de Josh estavam escritos à mão. Me virei para Archibald

— O que é isso? – perguntei.

— Foi encontrado com ela. Parece uma carta de suicídio, mas como vocês sabem, nunca

dá para confirmar nada antes que as provas apontem. Pode abrir, ela é para vocês dois, ninguém leu ainda.

Josh foi ao meu lado e pediu para que eu lesse em voz alta. Então comecei

Saudações meus detetives prediletos!

Nosso tempo juntos foi muito bom enquanto durou. Pude prolongar a beleza no mundo enquanto os mantinha ocupados. Que belo tempo gasto. Mas pessoas como eu tem um prazo de validade, não é mesmo? Seja por nossa própria decisão ou de outrem. Ainda estou surpresa que Sophie conseguiu falar tão bem no tribunal. Mas devo confessar que durante o depoimento dela inteiro passei lamentando pelo trabalho não finalizado. Vocês sabem que o tempo não perdoa nem mesmo as mais perfeitas, né?

Não fiquei surpresa com o que a tal justiça fez comigo. Vocês não me compreendem, apesar de que nunca esperei que compreendessem. Mas sabe o que esses dias aqui na cela me ensinaram? Que talvez haja mesmo uma esperança. Vocês não fazem ideia de quantas cartas e visitas recebi. Claro que muitas foram retidas pelas pessoas que trabalham nesse sistema de mau funcionamento, mas já pude perceber que o mundo enxerga muito mais arte do que eu imaginava.

Como me disseram um dia: Patty Williams sempre consegue estremecer Forest Hill.

Sabiam que há por aí mais pessoas como eu? Pessoas que através da minha visão tiveram seus sentidos de arte e excelência despertados. Pude ficar mais tranquila ao saber que meu trabalho perdurará. Não haverá um novo lote, mas não estranharia se em mais dias ou menos dias, uma nova coleção surgisse.

Descobri que na morte somos todos imortalizados. Então corri até ela. Assim como todas minhas bonecas, fui gravada na memória do tempo.

*Me despeço magistralmente e com a sensação de
dever cumprido,
Selena Moriarty*

Carta da autora

Olá leitores e leitoras!

Quero agradecer por confiarem em mim. Afinal, tirar um tempo para ler um livro desse tamanho exige confiança. Espero que tenha gostado, (Im)Perfeição além de ser meu primeiro livro, é sobre um dos meus assuntos favoritos, saibam que fiquei muito apreensiva e ansiosa enquanto o escrevia. Minhas palavras aqui serão breves, sei que há outros livros para serem lidos por vocês. Além de agradecer a confiança, preciso dizer que assim como eu, vocês precisam acreditar no que desejam. E correr atrás.

Sempre quis escrever um livro, apesar de várias tentativas anteriores, foi somente com Sophie e Josh que isso finalmente aconteceu. Vocês podem encontrar algumas pedras no caminho (e como!), mas por favor, sempre deem um jeito de chutá-las para longe!

Sem mais, convido para conhecerem outros textos meus e acompanhar novas histórias – planejar livros é algo constante.

Novamente, obrigada!

Helena Souza

www.helenasouza.com

Helena Souza

Sempre reclusa devido a sua timidez, desde criança é um poço de histórias, seja brincando com bonecas ou sozinha imaginando situações. Quando se trata de contar histórias e inventar momentos, é com ela que você deve falar. No fundamental, enquanto todos faziam cara torta quando os professores pediam uma redação, ela abria o sorriso e fazia com gosto, então descobriu sua habilidade: a escrita. Desde os 12 anos se considerava uma escritora de gaveta, teve vários cadernos com textos, poemas e histórias. Aos 15 anos decidiu escrever seu primeiro livro, mas um tempo depois, tudo começou ficar corrido, então ela desistiu. Mas aos 17 engatou outra história e desde então sua mente não para de pensar em novas coisas.

www.helenasouza.com

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[O Final](#)

[Carta da autora](#)

[Autora](#)